

J. M. DE MACEDO

ROSA

II



LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

ROSA

ROMANCE BRASILEIRO

PELO

D^f JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

TOMO SEGUNDO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

ROSA

XXI

Faustino em campo.

Os antigos erão homens de muito juizo : quando mais nada o provasse, bastavão para demonstra-ló os seus adagios, que assellados pela experiencia nos estão servindo de conselho e de aviso todos os dias.

Diz um daquelles rifões, que o *melhor da festa é esperar por ella*. Ora este que serve para ser applicado a respeito de muita cousa que se passa no mundo, assenta mesmo como chapéo em cabeça nas taes festas, de que falla, e particularmente nos saráos, em que o esperar sabe como gaitas, o gozar passa como um vôo, e o recordar punge como ortiga.

Os poetas (que aqui para nós é gente capaz de dizer que o preto é branco e o branco preto) têm feito por vezes a descripção de uma moça de volta de um baile, pintando-a defronte de seu toucador arfando de saudade e fadiga, e despojando com bellas e preguiçosas mãosinhas os cabellos de suas flôres, as orelhas de seus brincos de brilhantes, o collo de seu precioso adereço; ás vezes, parando como esquecida de si mesma, vertendo suspiros amiuda-

dos ; ás vezes, faceira ainda na solidão brincando com os aneis de madeixa, que rolão desinquietos por suas faces ; e emfim depois de muitas outras cousas que elles lá sabem, ainda lhe vão embellezar o somno com ternos e amorosos sonhos, de modo que por fim de contas fica um homem que não é poeta, sem saber o que é melhor, se ver uma moça ir ou voltar de um baile.

Os poetas são homens perigosos, que nos enganão nisto como em tudo mais : não ha nada mais triste do que a vida que muitos vivem nos primeiros dias que seguem a noite de um saráo.

Ha segredos, ha mysterios, que se passam naquelles passeios, naquellas contradansas e walsas, e que se trazem depois para casa no coração, e que durante muito tempo são causa pelo menos de terribes amargores.

Quinze dias já havião corrido depois do anniversario natalicio de Laura, e o saráo, que então tivera lugar, ainda estava produzindo suas consequencias.

Laura ficára arrufada com a filha de Mauricio e não tornára mais á casa della de sua parte Rosa não queria ouvir o nome de sua antiga camarada. O Juca tinha perdido as boas graças da primeira, e era muito friamente recebido pela segunda ; em compensação porém ganhára as sympathias do velho Anastacio, com quem fazia causa commum para trazer em continuos tormentos o commendador Sancho. Quanto a este, bem que o fatal episodio do sapato lhe devesse ter suggerido algumas duvidas a respeito de seu dominio sobre o coração de Rosa, comtudo bastaram alguns momentos passados em extase defronte de um espelho para convencer ao pretencioso velho, que nada havia mais positivo e mais facil de explicar-se do que o amor que tinha sabido inspirar ; e se alguma sombra de resentimento

obscrecia ainda seu coração, essa desapareceu subitamente á primeira phrase linsongeira e doce, que a interessante moça julgou a proposito conceder-lhe.

O campo de batalha continuava a ser a casa de Mauricio. Laura se achava fóra de combate ; a lucta porém não era menos travada ; a predilecção de Rosa pelo commendador se tinha feito tão notavel e decidida, que o pai da interessante moça já pensava no caso muito seriamente ; por outro lado a affeição que se mostravão um ao outro a velha Irene e o Juca saltava aos olhos de todos, e entristecia grandemente a Anastacio, que não concebia como era possivel dar-se em materias de amor aquella nova especie de anachronismo.

No meio de tudo isto duas cousas se fazião dignas de constante observação : uma e bem divertida era a eloquencia amorosa, a paixão ardente que por mil modos demonstravão a seus competentes objectos o commendador e a viuva, que trazendo o coração lá do seculo passado de balde os querião fazer passar por fructas novas no meado do presente seculo ; a outra era a indifferença com que o Juca tratava a Rosa, e a repugnancia ou mesmo o aborrecimento, que a filha de Mauricio dava em troco ao estudante.

As consequencias do sarão de Laura não paravão nisto. O impagavel filho da velha Basilia não estava tão satisfeito, como desejava ; tinha na verdade conseguido desacreditar o estudante na opinião das duas bellas rivaes ; talvez mesmo que houvesse chegado a pôl-o para sempre fóra daquelles dous jovens corações ; que lucrára porém com isso?... para si cousa nenhuma : Rosa et Laura erão duas moças espirituosas e dotadas de ardente imaginação e co-nhecção muito bem a Faustino para nunca tomarem

para objecto de seus cuidados um homem frio e pro-saico como um usurario velho.

E no entretanto para maior pena do pobre representante da época, o Juca sem querer e sem pensar, tinha-se cruelmente vingado fingindo-se apaixonado, ou apaixonando-se pela velha Irene.

Faustino no dia que seguio a noite do sarão de Laura deixou-se ficar na cama até horas de jantar, posto que se tivesse acordado ás oito da manhã.

Durante todo esse tempo de vigilia e de recolhimento o publicista meditou sobre o presente e sobre o futuro... já se sabe delle mesmo.

O presente era facil de ser comprehendido. Uma só palavra o resumia todo: *sem vintem* !... — o presente era por consequencia o vacuo.

O futuro era cheio de duvidas entremeadas de raras esperanças : no futuro pois e exclusivamente no futuro pensava elle. Faustino procurava um meio de escapar daquelle abominavel — *sem vintem* — e lançar-se no seio de uma inspirada riqueza.

Queria trocar um vacuo por um fiat.

E meditou conversando muito tempo comsigo mesmo, a ver se as lições do passado lhe davão o condão para chegar a um bello futuro.

— Fui estudante e não estudei, dizia elle com os seus botões ; em vez de letras adquiri tretas ; até aqui não fui mal ; pelo contrario muita gente boa tem ido assim excellentemente. Oh ! mas a maldita politica estragou-me ! um rapaz de esperanças como eu esbarrou-se logo aos primeiros passos dados na grande estrada !... é inconcebivel !... No entretanto ninguem dirá, que não estreei como homem de tino : principiei na época das eleições depondo na urna uma chapa da opposição envolvida na capa de uma chapa ministerial ; ninguem deu pelo caso, e passei ás mil maravilhas ; mas ah ! quiz de um salto che-

gar á méta, quiz ser um Hercules fóra de tempo, e tiveram medo, tremeram diante de mim, e cortaram-me as azas : sim ! quando descobriram que escrevia tres jornaes por semana sustentando tres principios radicalmente oppostos... assustaram-se... viram bem, que eu era um Sansão politico, e receiosos de minha habilidade expelliram-me, bateram-me com a porta na cara. Pois bem : mudarei de vida ; nada mais de politica.

E o misero publicista suspirou tristemente ; mas passados alguns momentos proseguio reanimando-se.

— Nada mais de politica ?!!! oh ! quem, quem é que póde abandonar o theatro, depois de ter feito uma só vez na vida mesmo o triste papel de comparsa nessa grande comedia da vida da humanidade?... Não : deixar a politica, nunca ! seria suicidar-me : ella é o meu elemento, o *meu ego*. O meu ego?... sim, porque não?... toda a politica se resume no *ego* para muita gente ; não retiro pois a expressão.

E depois de suspirar outra vez, continuou ainda :

— Deixar a politica para sempre fóra uma loucura rematada. Recolher-me aos bastidores por um pouco, afastar-me da scena com ares de descontente, dizendo que mais nada espero, que tudo vai mal, que os homens perderam o juizo, que um cataclisma formidavel nos ameaça ; e depois de algum tempo reaparecer opportunamente é o que me cumpre, e o que não posso deixar de fazer. O que poderão dizer de mim então?... que houve época em que escrevi tres jornaes de côres diversas por semana?... que importa?... sustentarei, que ainda assim era um dos politicos mais firmes e constantes ; porque mudava sómente tres vezes por semana. Está decidido ; recolho-me aos bastidores, como disse. No entretanto

apromptarei a rêde, porque as aguas turvas virão. Mas emquanto ellas não chegam?... emquanto não brilha o meu querido futuro, como me hei de eu escapar deste endemoninhado presente?... a minha actualidade é uma especie de esqueleto... eu estou no inferno; sinto-me doente e muito doente... não tenho dinheiro. Ah!... esta cabeça fertil e admiravel, que tantas e tão boas mentiras engenhou, quando eu escrevia os meus periodicos, que tão brilhantes idéas concebia, hoje se tornou em uma pobre e miseravel cabeça de maniaco que não tem senão um pensamento, unico, exclusivo, e irresistivel — o casamento — isto é o dote da noiva: uma noiva com pingue dote! oh! sim! a sorte grande da loteria d'Austria!... isto brilha na minh'alma, como os sonhos de um mundo novo na alma de Colombo.

E o illustre publicista deu um salto fóra da cama; e abrindo a gaveta da mesa tirou della a folha de papel, que continha a *relação das vinte cinco noivas documentadas*, e deitando-se de novo começou a ler pela millesima vez aquelle bello fragmento do grande poema da miseria humana.

Faustino leu rapidamente os primeiros artigos da relação até que chegou ao que dizia respeito á velha Irene; então a sua voz tornou-se doce e terna, e foi repetindo pausadamente e como se quizesse saborear as palavras de que se compunha aquelle eloquente periodo, que já uma vez fizera ouvir ao Jucá:

« D. Irene, viuva; idade cincoenta e cinco annos; dentadura postica; tinge os cabellos; é um pouco corcovada; horrivelmente feia; genio de mil diabos, namoradeira e presumpçosa; que adiantou a morte do marido; tem quatrocentas apolices de conto de réis, e não deve nada a ninguem: é um anjo!...

— Ah! disse então Faustino; depois de se ler o

nome de D. Irene é um crime procurar ainda outro.

E dobrando o papel continuou theatralmente :

— Bella, interessante e inimitavel viuva, se eu fosse poeta, havia de fazer-te um poema ; se eu fosse musico, te escreveria uma ópera ; se eu fosse pintor, não tiraria o teu retrato ; e se eu fosse teu marido... ah ! sim ! empregaria muito bem o teu dinheiro.

O publicista depois de fazer exclamação tão conscienciosa guardou o seu papel, e começando a passear a largos passos pelo quarto, proseguio fallando com os seus botões :

— Aquelle Juca appareceu aqui em hora de maldição para mim ! ... é uma especie de Pão de Assucar que se levanta diante do meu futuro ; se não fôra esse maldito estudante, a boa da velha não se teria mostrado tão cruel e insensivel aos meus obsequios. Elle não ama ; juro, que a não ama ; conheço bem aquella cabeça de vento, que accredita ainda que se pôde ser alguma cousa neste mundo sem ter dinheiro ; mas que !... um simples estudante, uma triste cousa nenhuma na ordem das cousas ha de levar-me as lampas em um negocio de semelhante importancia ? não ! Quem o indispôz com as moças, pôde bem ou melhor indispol-o com a velha : hei de empregar todos os meios ; hei de queimar até o ultimo cartucho. Está dito.

Nestas e em outras que taes reflexões gastou Faustino toda a manhã, e os dias seguintes empregou elle em estudar o terreno em que devia combater.

O Juca parecia seriamente enamorado da viuva, posto que de vez em quando deixasse elle proprio cahir um sarcasmo a respeito de sua nova paixão, dizendo que D. Irene era o retrato vivo de sua querida Bonifacia : de balde a velha Basilia e a joven Clarinha zombavão de seus amores ; o estudante

jurava que nunca na sua vida se achára mais apaixonado.

O publicista sentia-se vivamente contrariado pelas disposições que observava no animo do Juca. o qual tendo descoberto isso mesmo em algumas palavras escapadas ao pobre rival, dobrava-lhe os tormentos, fallando-lhe a todos os instantes da velha Irene, do seu riquissimo dote e das lisongeiras esperanças que tinha.

No fim de quinze dias Faustino não pôde mais esperar, e determinou-se a dar batalha. O seu projecto estava maduramente reflectido. Vestio-se pois com todo o cuidado de um joven conquistador, e dirigio-se á casa da velha Irene.

Infeliz publicista ! a que porta foi elle bater ?... podião ter resuscitado Demosthenes e Cicero, podia vir com elles o mais habil dos oradores do seculo, que todostres juntos perderião completamente o seu tempo, se quizessem convencer a uma velha que o seu fingido namorado a illudia.

Em materia de amor nada ha que iguale a constancia, e a credulidade de uma mulher de mais de cincoenta annos, que ainda nutre desejos e esperanças de se casar. Se lhe apontão os defeitos e os vicios do seu pretendente, ella responde que é inveja e calumnia, e que não conhece no mundo quem lhe chegue aos pés. Se lhe dizem que o noivo tem mais amor ao dote que á noiva, ella jura que o pobre innocente é o desinteresse personalisado ; que nunca lhe fallou em dinheiro, e que até ignora se ella é rica ou pobre. Se finalmente algum imprudente ousa insinuar que seus annos já não são poucos, e que tendo dobrado meio seculo ella já não tem forças para carregar com o peso do casamento, ah ! então a velha bate com o pé, brada que se não troca pelas mocinhas d'agora, e agradecendo conselhos, que

não pede, declara que não tinha fortes desejos de se casar ; mas que desde esse momento se resolve definitivamente a isso, só para *quebrar a castanha na boca de seus inimigos*.

Foi isto mesmo pouco mais ou menos o que aconteceu com Faustino na visita, que fez á viuva das quatrocentas apolices : pobre publicista ! Bateu-se como qualquer dos grandes heroes de Ariosto. Foi uma discussão de mais de tres horas, onde pôde o talentoso rapaz provar, que estava em dia com todas as regras, e com todos os recursos parlamentares. Nada pórem lhe valeu : a velha tinha cabeça de ferro, e não houve força de logica, nem figura de rhetorica, que a fizesse crer que o Juca ou estava zombando della, ou não passava de vil interesseiro, como lhe affirmava Faustino.

Emfim necessario foi que o terrivel combate se terminasse. O publicista ergueu-se cansado de uma lucta infructuosa, tomou o chapéo, e despedio-se dizendo :

— Minha senhora, eu lhe deixo uma palavra terrivel, sim, mas que a amizade que lhe tributo me ordena, que a profira :

E com tom ridiculamente prophetico exclamou :

— Minha senhora ! trema do futuro !...

Irene em resposta desatou uma risada, e disse :

— Meu caro, quem lhe encommendou o sermão que lh'o pague.

Uma batalha nem sempre vale uma campanha, e aquelle que desanima com os primeiros revezes pôde ficar certo de que não nasceu para grande cousa. Faustino que não era homem de pouco mais ou menos não perdeu as esperanças de succeder ao Juca na posse do coração quinquagenario com o máo successo d'aquella entrevista : deixou pois a casa

da velha Irene, e tratou de proseguir no desenvolvimento de seu plano.

Como quem já de antemão se houvesse preparado para tudo, apenas sahio da sua infeliz visita, dirigio-se a uma das mais tristes e menos claras ruas da cidade do Rio de Janeiro, e foi bater na rotula velha de uma casa de desagradavel e repulsiva apparencia.

Era a casa do procurador da viuva.

Depois de esperar algum tempo, entrou enfim, e appareceu diante do homem que procurava.

Era um velho de setenta annos de idade, cuja cabeça branca escondia-se dentro de um barrete de sarja preta rudemente feito. Tinha o rosto redondo e pallido, os olhos tão pequenos como vivos, a barba desigual e muito falhada; a boca por demais rasgada, e os dentes, que lhe restavão, compridos e amarelados; suas mãos erão enormes, e as unhas crescidas e torpes. De baixa estatura, e apezar disso já um pouco dobrado pelo peso dos annos, tinha além disto grande barriga, pernas finas, e pés longos e achatados. Vestia uma jaqueta de lila preta toda marcada de nodoas roxas, calça de ganga azul, e calçava grossos sapatos de cordovão repousado. Este velho rabujento chamava-se André.

Elle estava sentado em uma cadeira de páo por traz de uma grossa mesa de jacarandá trabalhada ao gosto antigo. O lugar onde se achava, e onde acabava de receber a Faustino era um gabinete pequeno e escuro, que tinha sido pintado pela ultima vez ha vinte annos passados, e que por unica mobilia mostrava além da mesa e da cadeira do velho, um tamborete collocado a alguma distancia.

André levantou a cabeça ao sentir que Faustino entrava no gabinete, e fazendo um simples movimento como para saudá-lo apontou-lhe com o dedo para o tamborete, e disse:

— Póde abancar-se.

O publicista olhou admirado ao redor de si, e depois para o velho : estava na casa e na presença de um homem, que o povo marcava como millionario. Desua parte André com um olhar cuidadoso observava o mancebo ao mesmo tempo, que tambem a miudo se voltava para uma porta que se abria para um outro gabinete que lhe ficava á mão direita. Depois de alguns momentos rompeu elle o silencio, perguntando muito simplesmente.

— A que vem o Sr. ?..

Faustino respirou meio anciado uma porção do ar pesado e pestifero daquella atmospha de usurario, e respondeu :

— Traz-me aqui um negocio de grande ponderação.

— Vamos lá, disse André sorvendo uma enorme pitada de tabaco, que fez o pobre publicista espirrar tres ou quatro vezes.

— É um negocio de muito interesse para nós ambos ; mas que só se deve tratar quando se tiver certeza de que o seu segredo não passará além deste gabinete.

— Nelle ficará, como os outros têm ficado.

— O Sr. o promette debaixo de sua palavra de honra ?..

O velho assoou-se com um lenço immundo para encobrir uma risada, que lhe ia escapando, e respondeu

— Palavra de honra.

Faustino começou :

— O Sr. André é o procurador e o encarregado de todos os negocios da Sra. D. Irene?..

Os pequenos olhos do usurario brilharam como dous pirilampos.

— Tal e qual ; disse elle : sou primo dessa respeitavel Sra.

— Pois Sr., trata-se de um casamento...

— De um casamento!!! bradou o velho pulando na cadeira; de um casamento!!!

— Um estudante atrevido e interesseiro tem desinquietado essa respeitavel Sra., e eu receiando muito que a consequencia provavel das relações desse moço e da nobre viuva seja um casamento, vinha...

— Casar-se... exclamou André; pois se ella quer absolutamente casar-se, não me achava eu prompto para offerecer-lhe a minha mão?...

O publicista olhou espantado para o velho.

— Pois o que olha?... o que pensa o Sr.?... disse André erguendo-se, e deixando ver completamente sua hedionda figura; julga que sou tão velho, que me não possa casar?...

— Mas ella... balbuciou Faustino.

— Ella é uma mulher douda, que gasta rios de dinheiro; que despender cincoenta vezes mais do que deveria despender!. esgota juros, e, se eu não fosse, esgotaria o capital! a mim me deve tudo... tudo... e o Sr. me vem aqui dizer, que agora pretende tirar-me tudo: veremos isso!

O velho torcia as mãos com violencia, e seus olhos brilharam com o mais ardente fogo da colera; depois de algum tempo passado em silencio, perguntou asperamente:

— É o que faz o outro?... talvez sejam conselhos d'elle?...

— O outro quem, Sr. ?...

— Pois o Sr não sabe que ella tem outro primo?... disse o velho com desespero, e olhando desconfiado para Faustino: não conhece esse miseravel, que se diz meu irmão?...

O publicista ignorava completamente a historia das misérias e vilezas daquelle rico velho. Elle

tinha um irmão pobre, mas honrado, que velando pela fortuna de Irene, e tomando a seu cargo as contas e despeza da viuva, impedia que André se fizesse senhor de um grande capital, que ella confiára em apolices e dinheiro aos cuidados do usurario.

Faustino não tinha respondido ao velho, que de novo lhe fez a pergunta.

— Pois o Sr. não o conhece ?...

— Não ; nem com elle me importa

André tomou tres pitadas de tabaco seguidas, bateu com o pé, arrancou o barrete da cabeça, coçou com força a fronte que lhe ardia, e tornou dirigindo-se a Faustino :

— Mas a que vem o Sr. então ?...

— A dar-lhe parte do que se passa.

— Já sei ; póde-se retirar.

— Falta-me ainda alguma cousa.

— O que ?

— Propor-lhe um negocio de interesse para nós ambos.

— Diga.

— Sr. André...

— Depressa.

— O negocio é grave.

— E eu tenho que fazer.

— Quer então que venha amanhã ?

— Não, já ; mas o Sr. toma-me o dobro do tempo necessario para se tratar e decidir a questão financeira mais intrincada deste mundo.

— Pois bem, lá vai em duas palavras

— Emfim !

— Tenho feito os meus calculos, digo-o com franqueza ; e me fazia conta casar.

— Com quem ?...

— Com a Sra sua prima.

— Também o Sr. !... rosnou o velho que mal se podia conter.

— Vim por isso propor-lhe um negocio.

— Qual ?...

— O Sr. André arranjar-me-ha este casamento e eu lhe offereço dez por cento do dote da noiva. O usurario soltou uma gargalhada medonha.

— Quinze por cento...

— Devéras ?... não dá mais ?...

— Vinte por cento em uma palavra.

— E o Sr. sabe a quanto monta esse dote ?...

— Pouco mais ou menos.

— Excellentemente !... e fallão em honra ! e chamão-me usurário ! no entretanto rebellão-se contra mim todos elles, querem-me roubar... e reduzir-me a ir de porta em porta pedir esmolas !

O velho estava furioso.

— Então o senhor não responde ?...

André cahio na cadeira e meditou cinco minutos : quando ergueu a cabeça tinha o rosto horrivelmente contrahido. Encarou Faustino com um olhar de tigre, e murmurou surdamente :

— Venha daqui a oito dias.

— Então !...

— Preciso meditar ; quero dormir no caso.

— E se antes desse tempo o estudante casar-se !...

— Não tenha medo.

— Bem ; ás suas ordens.

— André fez apenas um movimento de cabeça. e logo que se vio livre de Faustino exclamou furioso :

— A minha herança !... a minha herança !... um testamento arrancado á força de astucia e de lagrimas vai pois ser destruido pela ambição de um estudante !... não : não ha de sê-lo ! juro que não : antes morte !...

E em pé, firme, direito como um mancebo de vinte

annos, o velho septuagenario andava de um para outro lado do gabinete acceso de colera; no fim de uma hora, tirou um chapéo velho, que estava em baixo da mesa, e sahio.

Faustino não tinha julgado completa a sua obra naquelle dia: deixando a casa de André correu á sua, e fechando-se no seu quarto, escreveu uma longa carta de quatro paginas toda cheia de verdades e calumnias; era a historia das extravagancias e das loucuras do Juca pintadas com as mais negras côres.

Cobarde como o é sempre o denunciante e o calumniador, Faustino não se animou a assignar a carta, ao contrario procurou desfigurar a letra. Depois de terminada a carta, dobrou-a, e escreveu no sobrescripto o nome do pai do Juca, pôz-lhe a competente direcção, e sahindo outra vez de casa dirigio-se ao correio, onde deixou a fatal missiva.

No fim de tantas horas de trabalho lembrou-se o publicista, de que o estomago é quem governa o mundo, e que elle se sentia com um appetite devorador; correu á casa e ahi achou o Juca jantando alegremente ao lado de sua mãe e irmã.

— Faustino, exclamou a velha Basilia; onde foste, que vens tão cansado assim!... que tens feito hoje?...

— Ah! Sra. D. Basilia, disse o Juca; nos olhos do publicista está-se lendo, que elle acabou de fazer alguma das suas costumadas!

XXII

Rosa e o Juca.

Toda a moça solteira é mais ou menos chorona. Aquella com quem a natureza foi madrasta cruel, aquella que por feia ou desengraçada não é, como as outras mais felizes, objecto de doces e constantes attentões dos admiradores da bellaza, chora quando está só, e declara á vista de gente que é a mais infeliz das creaturas ; mas sem dizer pelo que. Aquella que, pelo contrario, sendo bonita e vaidosa, devendo porém muito pouco ou nada á fortuna, vê irem correndo seus annos e murchando suas graças sem achar entre tantos que a requestão um só que se anime a prender ao della o seu destino, faz o mesmo que a primeira, chora na solidão lagrimas amargas, vem rir-se docemente ao depois no meio das assembléas, cahe porém ás vezes em longas horas de melancolia ; e se alguém lhe pergunta a razão disso, responde : — *não sei : pensava sem saber em que* : — ninguém pense que a moça loureira soffre menos que as outras : o segredo de seu leite abafa gemidos e angustias ; e a mesma joven bella, rica, querida, e requestada chora mil vezes, porque emfim chega um dia, em que ella começa a amar, e desde que começa a amar principia a soffrer, ora porque o objecto de seus pensamentos de outra mais se agradou, ora porque sua inconstancia a faz receiar pelo futuro, ora finalmente porque o ciúme, ou a intriga, ou o resentimento põe em torturas o seu amor delicado e bello.

No entanto ha um momento em todos os dias em que seccão todas as lagrimas. Desde a feia e desengraçada até a formosa e rica, a primeira como a segunda, e esta como a ultima esquecem soffrimentos, lagrimas, e futuro, e cuidão só no presente, na hora feliz, em que ellas correm ao toilette : porque a mulher em geral, e particularmente a moça solteira, ama seus olhos, suas mãos, sua cintura, seu collo, seus cabellos, como um poeta ama seu livro, e um pintor o seu quadro mais completo.

Isto que se vê repetidas vezes, se estava então passando com a filha de Mauricio em toda a extensão da regra acima apresentada.

Rosa não era mais aquella mocinha naturalmente viva e graciosa, que vimos outr'ora interromper a forte questão travada entre o commendador Sancho e o velho Anastacio, para pedir a seu pai flôres para um baile que ia ter lugar. Agora a sua viveza era calculada, sua alegria toda artificial ; por baixo de seus bellos olhos negros e brilhantes desenhavam-se olheiras roxas que denunciavão suas vigílias e tormentos ; os longes de rubor que davão indizível encanto a seu rosto branco e formoso haviam desaparecido, e sua cintura tinha mesmo uma pollegada de menos. No entretanto quem a achava ao lado de seu pai ou no meio de uma assembléa, vê-la-hia contente, feliz, risonha, e não comprehenderia por certo, que uma dôr profunda estava então abafada em sua alma.

Mas se a alguém fosse dado penetrar em seu quarto, e escondido atraz das cortinas de seu leito, ou tendo no dedo algum daquelles aneis encantados que tornavão invisivel a quem o trazia, observava sem ser visto a vida de solidão que aquella moça vivia, então sim teria piedade della, e chegaria a comprehender o que são os tormentos de moça escondidos pela

vaidade, ou por qualquer outro sentimento mais nobre, como o pudor, e a generosidade, que tanto nellas póde.

Com effeito Rosa soffria muito : apezar seu e apezar de tudo ella amava cada vez mais a esse ligeiro e tyranno estudante, que todos os dias com golpes novos a feria no coração. Quanto mais offendida, mais apaixonada ; quanto mais apaixonada tanto mais resentida, a filha de Mauricio desejava vingar-se do Juca, mas de um modo digno della ; queria uma vingança elevada, sublime, capaz de fazer conhecer ao cruel mancebo que mulher havia illudido, que thesouro tinha desprezado.

Essa vingança que uma intelligencia e uma imaginação de fogo havião concebido deveria ser fatal para a mesma pessoa que se vingava : embora !

Essa vingança era o proprio martyrio.

— Oh !... dizia ella muitas vezes consigo : o primeiro amor é a sempre-viva do coração ; é a flôr que não morre nunca ; é o sentimento eterno que resiste a todas as provas, ao tempo, á ingratidão, á miseria, a tudo, e mesmo a qualquer desses acontecimentos, factos, ou acasos que a fraqueza dos homens costuma chamar um *impossivel* ; — pelo menos o meu amor é assim. Eu amei aquelle moço quasi ao sahir do berço : acostumei-me a pensar nelle, e a julgar que a providencia nos tinha destinado um para o outro. Agora, abandonar estas idéas, matar este amor, é o que é verdadeiramente um — *impossivel* ; — troca-lo por outro — oh ! — então isso fôra mais alguma cousa... fôra um sacrilegio !... E todavia elle não me ama ! illudio-me, zombou de mim !... elle não ama a ninguem, e ri de todas, como ri de mim ! é muito !.. e é mais do que tudo estar provavelmente esse homem convencido, de que no dia em que se lembrar ou tiver tempo de voltar os olhos

para mim, me achará com os olhos voltados para elle; de que eu me exaspero quando o vejo comprimentando as outras senhoras; de que emfim eu não tenho outro pensamento, outro desejo, outra ambição, que não seja de ser por elle amada!... oh! mas tudo isso é verdade, porque me mata a todos os instantes. Porque é máo, porque é indigno de um coração como o meu; sim... é justo, não me merece; mas eu tambem não mereço a ninguem e por tanto... e por tanto eu estou perdida e devo acabar de sofrer, morrendo.

A infeliz moça não parava ahi, e dizia ainda falando com sua dôr:

— Sim... cumpre-me morrer; mas morrer diante d'elle, ir morrendo pouco a pouco com os olhos seccos e um sorriso nos labios; porém um desses sorrisos que sabe resumir annos inteiros de lagrimas; sim... ir definhando... definhando sempre sem nunca gemer até o dia ultimo, e então chama-lo, trazê-lo com o ouvido para junto de meus labios, dizer-lhe baixinho: — *tu me mataste... eu te perdôo*, e morrer depois.

E proseguia ainda:

— Levante-se no entretanto uma barreira eterna, que nos separe, e que torne impossivel a mim o abandonar o sacrificio, e a elle o remediar o mal que me tem feito. Devo casar-me; casar-me com um homem, a quem não hei de amar, mas a quem saberei respeitar, e que servindo a minha vingança receba em paga disso a viuvez e o meu dote. Escolhi: vai cair sobre mim o ridiculo; serei mulher do commendador; zombarão e rir-se-hão de mim... que me importa?!?! que tenho eu com o mundo, com o juizo dos homens, e com a maledicencia e a mordacidade daquellas que já hoje me detestão?... Serei mulher do commendador. É o homem que mais

me pôde convir. Fátuo, ignorante, vaidoso, interesseiro e máo, tendo escapado de não chegar a ser homem, porque escapou de não ter alma, o commendador me prepara uma vida de martyrio e de pequenas miserias, que servirão para abreviar meus dias. Tanto melhor : está visto que o commendador me convém ; eu não acharia outro igual.

Eis-aqui como pensava a filha de Mauricio, e como preparava uma vingança, de que ella deveria ser a primeira victima. Suas noites são consagradas a estas tristes idéas, e apenas cortava o fio de suas meditações, quando cedendo aos impetos da dôr desatava a chorar. De dia escapando-se da companhia de seu pai e do velho Anastacio, seu tio, vinha esconder-se no fundo de seu quarto, e dar livre campo a seus pensamentos.

Mas quando outra vez se aproximava a noite, quando vinha já perto a hora em que duas ou tres vezes por semana apresentava-se o amado estudante entre outros amigos na casa de Mauricio, Rosa esquecia-se de sua desgraça, enxugava as lagrimas e disfarçava os seus padecimentos, como o fazem todas as moças ; e correndo para seu toucador punha em tributo toda sua habilidade no empenho de se tornar mais bella e seductora. Então não se lembrava mais de que era infeliz, recordava-se sómente de que devia parecer bonita.

A dôr profunda e silenciosa, que ia aos poucos fazendo definhar a interessante moça, não tinha escapado aos olhos de um pai extremoso ; mas desconhecendo a causa da afflicção de sua filha, não podendo comprehender que Rosa, com tanto espirito, descesse até o ponto de apaixonar-se por um homem como o commendador Sancho, Mauricio fraco e indulgente, em lugar de armar-se de sua autoridade de pai para tomar contas ao coração de

sua filha e aconselha-la ou reprehendê-la, conforme o caso o pedisse, calava-se, e contentando-se com uma observação inerte e infructuosa deixava que Rosa se avizinhasse cada vez mais do abysmo fatal, a que pretendia loucamente arrojarse. Debalde o velho Anastacio bradava contra a cegueira do irmão e o pouco juizo da sobrinha; ninguem o attendia, nem valia a pena de attendê-lo, pois Anastacio tambem se enganava suppondo real a paixão de que era objecto o commendador. Todos se illudião: havia um jogo de illusões naquella casa, e delle erão victimas Sancho e Irene, a mesma Rosa, e finalmente o proprio Juca.

Sim, o estudante, como os velhos e a moça, vivia completamente enganado: rindo e brincando ainda como d'antes, mas ás vezes já atacado de terriveis horas de melancolia quando se achava a sós, sempre abatido e triste, o Juca soffria os mesmos tormentos que trazião em torturas o coração de Rosa. O pobre rapaz estava cheio de amores pela filha de Mauricio; reconhecia que nunca na sua vida havia amado, ou que só verdadeiramente sentira amor, quando outr'ora se encontrára com aquella formosa menina, que então já moça e mais formosa ainda o estava fazendo arder em dobrado fogo de paixão e de ciume. Desesperado de ter por seu rival o commendador Sancho, velho, ridiculo e sem merito algum, perdia de todo a cabeça, sendo obrigado a reconhecer que Rosa lhe prestava mais attenção do que a elle, moço, vivo, engraçado e feliz até poucos dias, como Cesar ou Alexandre. Em uma palavra, e para explicar bem o estado a que havia chegado a cabeça e o coração do infeliz rapaz, depois de ter feito quanta extravagancia é possivel imaginar em cinco annos de vida de estudante, o Juca acabava de rematar a obra dando em poeta.

O mais interessante porém em toda esta miscelanea era que os dous amantes pensavão ambos pelo mesmo teor e fórma. O estudante não tratava mais de empregar contra Rosa a receita que ella lhe ensinára no baile para triumphar da indifferença ou dos desprezos das senhoras ; o que elle estava praticando era sem mais nem menos movido pelas mesmas razões por que procedia a filha de Mauricio. Esta fingia-se apaixonada do commendador, e com elle se dispunha a casar para vingar-se da inconstancia e do orgulho do Juca. Este mostrava-se enternecido e amoroso junto da velha Irene para tomar assim uma vingança da volubilidade e do orgulho de Rosa. De modo que por fim de contas os dous resentidós jovens bebião os ares um pelo outro ; mas a respeito de juizo... (o velho roceiro tinha razão) nenhum dos dous podia gabar-se de o ter de sobra.

Vinha ainda o espirito da contradicção embaraçar ainda mais esta meada ; porque em casa da velha Basilia, Faustino exasperava-se contra o Juca por causa de seus suppostos amores com a noiva das quatrocentas apolices, e o estudante para atormentar o publicista cada vez mais extremoso se demonstrava pela viuva ; e em casa de Mauricio Anastacio atacava tanto na presença como na ausencia o commendador, e todo se desfazia já em elogios ao Juca ; e Rosa para não dar o seu braço a torcer, dizia improperios contra o querido de seu tio, e tratava nas palmas das mãos o venturoso Sancho.

Ninguém pois se poderia entender no meio de semelhante intriga ; não se achava fio de Ariadna para desencadear este labyrintho arranjado pelas travesuras do amor ; e achavão-se as cousas, neste ponto, quando, cerca de um mez depois do fatal sarão dos annos de Laura, chegou uma das noites de volta-

rete e de reunião de amigos em casa de Mauricio.

Irene e o commendador madrugaram, como era de seu costume : ás sete horas da noite já se achavão presentes, e tiverão de esperar na sala uma boa meia hora antes que Rosa descesse para recebe-los.

Um pouco depois do interessante par de namorados chegou um amigo de Mauricio e constante parceiro do voltarete, trazendo consigo uma irmã mais velha do que elle, solteira ainda e já sem esperanças de casar : chamava-se Fabricia, e poucas vezes sahia de casa.

Acabavão de entrar estes dous irmãos, quando começa a desabar uma tormenta, que parecia que vinha o mundo abaixo. Era preciso que Mauricio se contentasse nessa noite com os poucos amigos que se havião apresentado antes da tempestade : o voltarete não podia ter lugar.

A sensível e amorosa Irene suspirava e maldizia a chuva e o vento, o commendador Sancho os abençoava. Anastacio zombava dos dous namorados, e Rosa estava de máo humor, e apenas á força de grandes victorias alcançadas sobre si mesma fazia as honras da conversação.

— Eu abomino a chuva ! exclamou em um momento de desespero a viuva.

— E eu o sol, disse o commendador rindo-se.

— Todavia, observou Anastacio, ninguem dirá que o Sr. commendador pertença á familia das corujas.

— Máo ! disse Mauricio ; já principião ?...

— Pois o que eu aborreço é o vento, balbuciou Rosa, querendo tambem dizer alguma cousa.

— Tem razão, minha sobrinha; o vento é o inimigo das moças... nos passeios pelo menos.

— E eu, tornou Mauricio, aborreço a chuva, o sol e o vento, quando qualquer delles me priva de

duas horas de voltarete : está visto, hoje não jogamos.

— Paciencia!... disse o parceiro, que era mesmo a paciencia personalisada.

— Se ao menos apparecesse o nosso estudante!... mas qual! não vem; e sobretudo é um cabeça de vento, que em vendo senhoras, não tolera as cartas.

— Bom! exclamou Anastacio ; por tanto a noite de hoje pertence-me.

— Ao menos isso, meu tio.

— Então o que temos ? perguntou Mauricio.

— Nada com os senhores do voltarete.

— Paciencia ! repetio o irmão de D. Fabricia.

— Então é comnosco, Sr. Anastacio ?...

— 'É verdade, Sra. D. Irene ; jogaremos o embarque.

— Vamos a isso.

— Isto cá é jogo de velhos, e portanto a senhora minha sobrinha ha de ter a bondade de ficar de fóra.

Quando Anastacio fallou em jogo de velhos, Irene fez-se côr de rosa, Sancho côr de açafão, e D. Fabricia olhou para o irmão, como quem perguntava o que devia fazer ou dizer; mas o pobre homem, que comprehendeu o olhar da irmã, apenas deixou-lhe ouvir a palavra costumada :

— Paciencia !

— Nada de ceremonias, vamos a isto ; o Sr. commendador é parceiro alli daquella senhora, e eu joguei com a Sra. D. Irene.

Sancho não queria jogar o embarque; a viuva estava resentida por ter Anastacio dito que era jogo de velhos, e D. Fabricia hesitava; mas emfim Rosa appareceu como mediadora, e depois de alguns pequenos esforços empregados por ella o *embarque* teve começo.

A chuva fazia nessa occasião uma estiada, e passado um quarto de hora bateram palmas na escada.

— Quem será?..

— Com tal tempo, meu irmão, disse Anastacio ; ou é jogador, ou namorado, ou ladrão.

Appareceu o Juca.

— F simplesmente um amigo, disse elle entrando.

— Perdôa, meu Juca, exclamou o velho roceiro ; mas o diabo me leve, se o teu unico defeito não é o **teres muita queda para isso que por aqui chamão** — conquistador.

O commendador quiz entregar as cartas ao estudante, que as rejeitou declarando que tinha feito um tratado de alliança offensiva e defensiva com o seu amigo Anastacio, e que por consequencia não podia jogar contra elle.

Irene fez um momo muito mal arranjado, suppondo que nas palavras do Juca vinha-lhe um comprimento lisongeiro... O estudante sentou-se ao lado do velho roceiro, e ficou assim defronte de Rosa, que occupava uma cadeira entre a viuva e Fabricia.

Mauricio e o seu parceiro conversavão no sofá a respeito das proximas eleições ; e quando o primeiro mostrava seus receios de perder a campanha, o amigo respondia-lhe simplesmente :

— Paciencia !

O máo tempo tinha de todo passado ; desfeitas as nuvens negras da tempestade, a lua brilhava com todo seu resplandor, entornando seus raios na sala da casa de Mauricio pelas janellas que se acabavão de abrir.

O Juca se conservára por algum tempo triste e meditabundo, prestando pouca ou nenhuma attenção ao jogo, com o que muito se incommodava Irene. Rosa no fim de alguns minutos se esquecêra

tambem do commendador que lhe ficava fronteiro, e com o olhar fito no estudante, como que curiosa pretendia descobrir a causa daquella tristeza, que era verdadeiramente extraordinaria no travesso mancebo; mas uma vez elle ergueu a cabeça, e seus olhos se encontraram com os da filha de Mauricio, que suppòz ver brilhar um raio de orgulho em seu semblante até esse momento melancolico e doce. Rosa resente-se e volta-se para o commendador, sobre quem derrama olhares, cuidados, lisonjas, e até ás vezes suspiros; o estudante dá o cavaco, e lança-se furioso a render cultos a Irene; chovem os elogios, cada palavra é um juramento de amor, e cada sorriso um discurso do mesmo genero; Sancho e a viuva atrapalhão o jogo; Anastacio começa a impacientar-se, e, adeos minhas encommendas, os dous jovens sentem-se abrazados de ciume, mostrão desprezar-se mutuamente, e Rosa não podendo mais conter-se, levanta-se e vai recostar-se á janella.

A tormenta não pára aqui. Irene em consequencia de uma de suas distracções entrega uma mão miseravelmente; o velho roceiro vai ás nuvens, e não tendo mais ceremonias, volta-se para o Juca e diz-lhe:

— O senhor é um caipóra da primeira ordem!

— Pelo contrario; creio que lhe tenho dado felicidade.

— Mas perturba diabolicamente a attenção da minha parceira.

— Ora!...

— Alli está na janella uma senhora sem ter quem com ella converse...

— Está talvez meditando..., disse sorrindo-se o Juca.

Não é de cavalheiro deixa-la assim, meu caro

estudante; vá conversar com minha sobrinha, porque aliás não consigo hoje dar um capote no nosso illustre commendador.

O Juca julgou não devia insistir; e ao menos para salvar as apparencias dirigio-se para a janella onde se achava Rosa.

A filha de Mauricio não tinha perdido uma só palavra das que acabavão de dizer-se na mesa do jogo; quando vio o Juca levantar-se, enxugou de pressa duas lagrimas de despeito que pelas faces lhe rolavão, e recebendo o estudante com um sorrir de ironia, disse-lhe:

— Pois deveras prestou-se a esse sacrificio?...

— Sacrificio?... seja pois, minha senhora: quiz ver a graça que têm dous sacrificios juntos debruçados a uma janella.

— Não comprehendo o que quer dizer!

— No entretanto tenho receio de me explicar melhor, porque sinto-me fulminado pelos olhos do Exm. Sr. commendador Sancho.

— Ou talvez receia causar alguma desconfiança áquella velha que joga com meu tio.

— Minha senhora, creio que D. Irene e o Exm. Sr. commendador são jovens da mesma idade, pouco mais ou menos; dizem até que andam juntos na escola.

— Póde ser, mais que lhe importa isso?... um amor de cabellos brancos talvez seja ainda assim bem ardente.

— Receio muito que em breve se faça alguma experiencia.

— Fallemos francamente, disse Rosa cravando no estudante dous olhos que radiavão; fallemos com toda franqueza, o senhor dirige-se a mim?...

— Sim, minha senhora.

— Franqueza ainda; franqueza até o fim; franqueza pela primeira e ultima vez, senhor!

A voz de Rosa estava alterada, e em seu rosto via-se de mistura orgulho, amor, ciume, resentimento, paixões emfim encontradas e vehementes. O Juca pelo contrario estava frio e calmo; mas essa calma e frieza erão artificiaes e proprias de um homem, que já tinha vivido cinco annos de vida de desordem e de loucuras, e aprendido no mundo das mentiras a abafar em certas circumstancias no fundo do coração os mais fortes sentimentos.

— Franqueza até quando quizer, minha senhora, disse elle com desespero concentrado.

— Bem, tornou Rosa; diga-me pois: estava a ironia nos seus labios ainda ha pouco !...

— Estava.

A filha de Mauricio cerrou os dentes com força para não dar passagem a um gemido, que lhe ia escapando.

— Então acredita o senhor talvez que eu vivo enganando o mundo, que eu finjo amar o commendador Sancho com algum fim particular ?....

O estudante sorriu-se.

— Não ha franqueza nesse sorriso, senhor !

O Juca sorriu-se outra vez : Rosa estremeceu da cabeça até os pés vendo nos labios do homem que amava um sorriso de desprezo, ou de zombaria.

— Pois bem, disse ella; vejamos qual é de nós dous aquelle que cobre o coração com uma mascara; vejamos qual é o que tem um fim particular a conseguir, mercê dos affectos que finge; eu o escolho por meu juiz, e não recuso o trabalho de ser eu o seu : pois bem, declaro que amo o commendador Sancho.

— E eu a Sra. D. Irene.

— Dou-lhe os parabens.

— Receba-os V. Ex tambem da minha parte.

— Aceito-os de todo o coração.

- Outro tanto, minha senhora.
- Já tratou o seu casamento ?...
- Confesso com vergonha, que ainda não
- É bom fazê-lo quanto antes.
- Aproveitar-me-hei do seu conselho.
- Quando ?...
- Algumas horas depois de tratado o casamento de V. Ex.
- Agradeço a lisonja.
- Por minha honra, que disse sómente a verdade.
- Que especie de sentimento lhe pôde então inspirar o meu casamento ?...
- Curiosidade, minha senhora.
- Rosa sentio que lhe ardião as faces.
- O Sr. pretende zombar de mim ?...
- O céo me defenda de um tal crime.
- Oh !... quer ter a complacencia de dizer-me que juizo faz desta moça de dezoito annos, que está diante de seus olhos ?...
- V. Ex. me ordena, que responda com franqueza ?...
- Sim.
- Nenhum.
- Deve explicar-se, disse friamente a filha de Mauricio.
- Sempre que fiz juizos sobre os sentimentos intimos de qualquer pessoa enganei-me redondamente : acostumei-me por tanto a não julgar.
- Vê-se bem que o Sr. se acostumou a isso.
- Porque ?...
- Por nada, tornou Rosa voltando-se e fitando os olhos sobre a velha Irene. Depois encarou de novo o estudante, e disse :
- Mas faça um juizo, se pôde ; experimente, eu lhe ajudarei.

— Estou em tudo ás ordens de V. Ex... respondeu o Juca com tom bem inopportuno.

— Julga o senhor por ventura, disse Rosa, que cada vez se sentia mais ferida pela maneira por que lhe fallava o Juca; julga, que eu sou uma dessas moças loureiras, que tendo já perdido em devaneios os seus melhores annos, aproveita o ensejo, e aceita por esposo o primeiro que lhe apparece, ainda que seja um velho... ou um estudante?...

— Oh! não, não de certo: um estudante de modo nenhum... um velho... por aproveitar ensejo acreditarei que tambem não.

— Julga que sem juizo e sem prudencia caminho pela vida de erro em erro arrependo-me hoje do que fui hontem, de modo que aquillo que affirmo hoje não é impossivel que o negue amanhã?...

— Ao contrario, penso que V. Ex. medita com frieza e com bem prudente calculo sobre todas as cousas.

— E que julga pois? diga: que eu sou uma mulher fraca sem espirito, sem vontade, sem ambições de mulher emfim?... Diga: falle!

— Um juizo só, minha senhora; o unico que póde fazer uma cabeça como a minha.

— Embora, diga.

— Penso, que V. Ex. é uma moça de dezoito annos.

— Entendo: sou uma criança voluvel, inexperienced, louca, importuna... facil de crer, e mais facil ainda de ser enganada; sou uma boneca com quem se brinca, e a quem se deixa, quando se está cansado de brincar; sou...

— Não! não! disse o Juca estremecendo, e fixando no rosto da bella moça dous olhos cheios de fogo.

As ultimas palavras de Rosa despertaram n'alma

do estudante um pensamento de salvação para ambos. Elle acreditou que ainda era amado; vio a conducta da filha de Mauricio explicada toda pelo mais justo dos ressentimentos. A felicidade ia talvez raiar outra vez para os dous amantes; mas ah! era tarde, a dôr transbordava do coração de Rosa.

— Engana-se ; não sou essa mulher, que pensa, disse ella ; sou uma nobre mulher ; tenho consciencia do que valho, e nunca me hei de sujeitar a descer abaixo de mim mesma.

— Mas é que agora não percebo...

— Vai entender-me ; vou ser agora ainda bem franca, como tenho sido em toda noite de hoje : senhor ! eu lhe amei !...

Alguns momentos de silencio succederam a essa palavra sagrada, que tinha sahido dos labios de uma virgem.

— Eu lhe amei, repetio ella ; acostumei-me a amallo desde a infancia ; minha mãe tinha abençoado o innocente amor de sua filha, e eu nunca tive um sonho de futuro, que a sua imagem, senhor, não presidisse a ella : empreguei tres annos de moça em velar por um amor de criança.

O estudante não se animou a dizer uma só palavra.

— Era uma especie de mania talvez ; o senhor estava ausente ; ninguem me dizia que o senhor se lembrava de mim, e a seu respeito só me fallavão de extravagancias e loucuras ; no entretanto eu esperava... esperei guardando-lhe um coração innocente e puro, que passava através de bailes e de festas indifferente e insensivel a todos, como a flôr de um fundo valle, qué se mostra de manhã illesa e perfeita depois de uma noite medonha, em que a tempestade derribou arvores frondosas na montanha.

Um suspiro escapou do seio de Rosa.

— Emfim o senhor chegou, e a hora da sua chegada foi marcada logo por uma traição.

— Mas como ?

— Eu não discuto, não accuso, nem me queixo ; fui testemunha dessa traição, e depois dessa, de outras iguaes ou maiores. O amor, que eu alimentava de saudade e de esperanças durante cinco annos, resentio-se : cada traição era um golpe mortal, que o feria. Foi já um milagre ter escapado ao primeiro ; vieram após os outros, e o infeliz... morreu.

— Morreu ! balbuciou automaticamente o estudante.

— Fui franca até aqui, senhor ; consinta, que o seja ainda até o fim.

— Morreu ! tornou a repetir o Juca.

Rosa tinha sido franca até então ; mas ia deixar de sê-lo dahi por diante.

— Não pertenco, continuou ella, ao numero desses entes privilegiados, que não crêm que se possa amar duas vezes na vida. Pelo contrario, acredito que é com um amor novo e generoso que se póde curar um amor velho e fatal ; li isto não sei onde, ou ensinou-me não sei quem ; o certo é que experimentei o remedio, e dei-me ás mil maravilhas com o resultado d'elle.

O Juca tinha sentido renascer-lhe n'alma a esperanza ; abafou um gemido, escutando as ultimas palavras de Rosa.

— Esse amor de poeta de que tanto nos fallão, proseguio a moça, encontra-se nos romances, ou no mundo ideal sómente ; na vida real é loucura esperar encontra-lo. Cedo tive esse desengano, e espero achar-me feliz ; esqueci-me do senhor, e amo o commendador : eis tudo o que pretendia dizer-lhe.

O estudante tomou um ar serio e grave, como nunca até então havia tomado, e perguntou :

— Com que fim usou V. Ex. comigo de tanta franqueza ? ..

— Para lhe tirar o direito de se queixar de mim no futuro.

O coração do infeliz mancebo estava cheio de fel e sentindo morrer-lhe a leve esperança, que ainda ha pouco tinha desabrochado em seu seio, não pôde vencer o desejo de ferir tambem a joven orgulhosa, que acabava de fallar-lhe tão cruelmente.

— Queixar-me de V. Ex. ? disse elle ! e de que ? disputo por ventura algum direito ?... oh ! não : V. Ex. e eu pensamos do mesmo modo ; matamos amores velhos e fataes com amores novos e benignos : cada um de nós toma a sua vingança, não é assim ?

— Eu não me vingo, eu amo ; respondeu Rosa.

— Pois eu tambem amo ; mas tambem me vingo.

— Que me importa !... eu sou feliz.

— Trumpho é copas ! bradou o commendador apresentando as cartas sobre a mesa do jogo.

Rosa deu alguns passos aproximando-se dos jogadores.

— Emfim, disse Anastacio ; triumphou o Sr. commendador Sancho.

— É verdade ! disse comsigo o Juca, que ficára na janella ; é verdade !... triumphou finalmente o Sr. commendador Sancho.

XXIII

Os dous irmãos.

Alguns dias depois da noite da tempestade, jogo de embarque, loucas explicações, estava Mauricio na sala de visita de sua casa, recostado ao sofá com a face apoiada sobre a mão meditando triste e profundamente. Os suspiros que de espaço a espaço lhe escapavão, e ás vezes uma lagrima perdida que lhe cahia dos ciliros, onde muito tempo se mostrára pendente, deixavão adivinhar, que o coração daquelle homem se achava comprimido sob o peso de uma grande desgraça : era uma dôr silenciosa, que se prolongou por muito tempo, sem que uma só palavra, sem que a mais simples queixa escapasse áquelle que a soffria, até que enfim uma nova personagem veio pôr termo áquelle longa scena muda.

Com effeito uma outra pessoa appareceu na sala entrando sem se fazer annunciar : era o velho Anastacio que chegava arquejando de cansado e vermelho como um pimentão bem vermelho. Os pequenos olhos do velho roceiro brilhavão como duas brazas ardentes, e atirando-se sobre uma cadeira, extenuado pela fadiga e anciado de furor, exclamou :

— Trago-lhe boas noticias, Sr. Mauricio!

O irmão lançou-lhe um olhar, onde havia tanta dôr, tanta afflicção, que Anastacio o comprehendeu perfeitamente.

— Oh !... murmurou elle com voz surda; então é verdade o que me disseram?... então não é uma pura mentira isso que por ahi fallão e que faz rir a

todos!... diga! falle! desembuche-se, homem! aquelle indigno tartaruga ousou...

— Ousou!... disse machinalmente Mauricio.

Anastacia deu um salto e pondo-se no meio da sala teso e direito de frente de Mauricio, perguntou :

— E tu?...

— Penso, respondeu-lhe o irmão.

— Já devias ter pensado ha muito.

— É certo, confesso.

— E o que farás agora?...

— Estava pensando.

— Estava pensando!... pai fraco, e criminoso.

— Meu irmão!

— Eu lh'o predisse! continuou o velho roceiro com voz alterada : o resultado de uma vida de extravagancias não podia deixar de ser a loucura!

— Basta.

— Quando eu bradava contra essa licença que chamais civilisação, accusavão-me de carrança; quando eu clamava que a boa educação vale dez vezes mais do que a mesma instrucção semella, e um milhão de vezes mais do que duas duzias de modinhas e lundús, cincoenta palavras francezas, que se trazem de cór, e as quadrilhas, polkas et walsas, que resumem tudo quanto julgais bastante para fazer o em que vossas cabeças se chama — uma menina instruida — dizião-me que eu estava ainda com as idéas do seculo passado ; pois muito bem! ahí está o fructo!

— Mano, eu estou desesperado, e você redobra os meus tormentos.

— Uma nação, onde não se educa cuidadosamente a mulher, ha-de ser por força desmoralizada, porque nella as mãis não saberão educar os filhos, não saberão nunca ser pais, e hão-de criar filhas sem

juízo, altanadas e desrespeitosas como você criou a sua!

— Mano, isso é de mais !

— Ainda é de menos, segundo o meu parecer.

— Poderei chegar a pedir-lhe conselhos ; mas dispenso completamente as reprehensões.

— Pois então nem reprehensões, nem conselhos ; ao contrario, parabens !

— Como ?...

— Dou-lhe os parabens, sim senhor : dou-lhe muitos parabens pelo galante genro que arranjou !

— Meu mano, tenha pena de mim.

— Pena ? ! você colhe o que semeou...

— Pois sim ; basta.

— Entrou-lhe a fidalguia em casa.

— É muito!

— De uma menina com boa indole e excellentes disposições, este pai que não soube ser pai, fez cabeça de vento, uma doudinha !

— Ora ainda mais esta !... exclamou torcendo as mãos o pobre Mauricio.

— Quanto a mim não o importunarei mais, nem serei testemunha da desgraça de meus parentes...

— O que quer dizer ?...

— Dê-me as suas ordens.

— Para onde vai ?

— Vou plantar mandioca ; vou me enterrar na roça, e nunca mais me tornará a ver.

— Meu mano !

— Pois que ? ! acredita que terei animo de assistir a esse casamento de entremez que vai ter lugar ?... estou vendo que me convida para ser uma das testemunhas... ou ainda melhor, vejase quer que eu me arvore em poeta, e faça algum soneto aos desposorios de minha sobrinha Rosa e do celebrer-

rimo Sr. commendador Sancho! nada, não sirvo para isto; dê-me as suas ordens, porque decididamente vou pôr-me ao fresco.

— Então deverás quer retirar-se, mano ?

— Ora, é boa ! pois que duvida ha nisso !

— Nenhuma ; julgo sómente que a occasião não é das mais opportunas.

— Porque?... poderei saber ?...

— Porque é no momento em que mais afflicto me vejo, que meu irmão me não deve desamparar ! oh !... se esse terrível casamento deve por força realizar-se, ao menos fique para chorar comigo !

— Mauricio desfez-se em lagrimas, e começou a soluçar como uma criança.

— Não sou mulher, exclamou Anastacio ; sei ralhar, sei dar conselhos, sei ter juizo ; mas não choro, e não hei-de chorar ; digo-lhe que não hei-de chorar !

E o pranto cortou a voz daquelle bom irmão, que de balde queria parecer máo.

Os dous velhos abraçaram-se apertadamente, e ficaram assim com suas faces rugosas unidas, e misturando suas lagrimas durante algum tempo : emfim Anastacio desprendeu-se dos braços de Mauricio, e disse :

— Então esse casamento conclue-se por força !

— Veremos.

— Qual veremos ! um pai não diz veremos.

— Então o que é que diz, mano ?...

— Diz : não quero.

— Portanto, se você fosse pai de Rosa, responderia ao commendador sem consultal-a ?

— Sim ; ahi não ha que consultar.

— E se ella adivinhasse essa intenção, e viesse dizer-lhe uma manhã, como veio dizer a mim : « meu pai, o commendador Sancho escreveu-lhe pedindo-

lhe a minha mão, eu venho rogar-lhe que me dê licença para aceitar-o por meu marido » o que faria?...

— Primeiramente mostrar-lhe-hia a inconveniencia de tal casamento, e dar-lhe-hia bons conselhos.

— Isso tambem fiz eu, mano ; se ella porém teimasse ?

— Teimaria eu tambem pela minha parte...

— E se apezar de tudo ella insistisse ?...

— Eu lhe diria não quero, e lhe offereceria algum outro noivo.

— Até ahí cheguei eu ; mas se Rosa rejeitasse todos os partidos, se continuasse a querer casar-se com o commendador ?...

— Trancar-a-hia n'um quarto, pôl-a-hia de penitencia jejuando pão e agua ; mandal-a-hia para um convento ; ou emfim dir-lhe-hia — não ! não ! e não !...

— Oh ! tanto não me animo eu a fazer ! ella é minha filha... minha querida filha do coração.

— Por isso mesmo.

— Tenho-lhe dito que não até hoje ; mas ha tres dias que chora sem cessar, e que véla chorando longas e terriveis noites ! meu irmão, eu vejo minha filha com os olhos inchados de chorar, e não me atrevo a prolongar seus tormentos ; é uma paixão louca, indesculpavel, e mesmo ridicula ; mas é uma paixão !... que lhe havemos de fazer ?...

— Que lhe havemos de fazer ?... bradou o velho roceiro ; você é um homem sem vontade e sem espirito !... que lhe importão choradeiras de mulher ?... olhos inchados curão-se : casamento infeliz só tem um remedio... a morte.

— Meu Deus ? disse Mauricio dolorosamente apertando com as mãos a cabeça que lhe ardia.

— Deve ser bonito, continuou Anastacio, ver um genro uns poucos de annos mais velho que o sogro :

positivamente eu não aturo isto, Sr. Mauricio, vamos acabar com esta questão em poucas palavras.

— O que queres pois, Anastacio ?

— Por fim de contas você acabará por consentir no casamento de minha sobrinha com o commendador Sancho ?

— Eu hei de resistir ainda, respondeu francamente Mauricio.

— Mas finalmente ?...

— Finalmente, continuou com voz abatida o triste e mais que fraco pai — casamento e mortalha no céu se talha.

— Anastacio olhou com olhos ardentes de colera para o irmão, e depois de alguns instantes, disse :

— Eu me enganava ! o commendador é um noivo completo : para uma rapariga sem juizo está excellente marido um velho desmiolado ; e sobretudo... sobretudo para tal sogro, tal genro !

— Anastacio !

— Sou franco ; e digo hoje apenas metade do que sinto, apesar de toda minha franqueza.

— És injusto tambem.

— Injusto com quem !... com o commendador ?

— Não ; comigo.

— Pois bem, dê-me as suas ordens.

— Ainda !

— Vá-me fazendo as suas despedidas, porque não me põe mais nunca os olhos em cima : é a ultima vez que nos vemos.

— Oh, meu Deos ! e não haverá um remedio ?

— Saiba ser pai de hoje por diante, já que até agora não quiz, ou não pôde sê-lo : é este o derradeiro conselho que de mim recebe ; dê lembranças á cabecinha de vento de minha sobrinha, e sejam felizes.

— Meu irmão ! em nome de nossa amizade, não

me desampare ! ao contrario faça alguma coisa por mim, e por minha filha.

— Eu?... que diabo pôde fazer um homem de juizo em uma casa de Orates ?...

— Olhe; vá fallar a sua sobrinha.

— Para que? para ella faltar-me o respeito? olha, Mauricio, tu sabes que eu tenho o sangue na guelra, e não sei tratar com crianças.

— Rosa não será capaz de desattendê-lo.

— Mas que lhe direi eu?... perguntou Anastacio acalmando-se.

— Aconselha-a. Escuta, meu irmão: falla-lhe brandamente, e como um pai extremoso; não lhe grites, que seria peor ainda; pede-lhe, como eu lhe pedi, chorando, como eu chorei...

— Chorar!... eu, chorar!... não estou por isso. Consinto em fallar-lhe; mas com uma condição.

— Qual!...

— Hei-de ralhar com ella, se me não quizer ouvir; e hei-de principalmente pôr o commendador pela rua da amargura.

— Pois sim.

— Ora vamos, é o ultimo sacrificio a que me posso prestar; deixa-me; vai passear, quero ficar sósinho com a pequena.

Mauricio enxugou os olhos ainda cheios de lagrimas, e sahio.

— Eu podia, disse consigo Anastacio chegando-se á mesa para tocar a campainha, eu podia muito bem acabar com isto pondo o commendador daqui para fóra a bengaladas; mas emfim... vá.

Tocou a campainha, e logo depois appareceu um escravo.

— Vai dizer a minha sobrinha que aqui a estou esperando, e tenho que tratar com ella um negocio muito serio, e muito serio.

XXIV

Tio e Sobrinha.

Deixando a janella, onde tinha acabado de sustentar com o Juca uma lucta de ironia acerba, de cruel franqueza, e finalmente de justo despeito, Rosa, que tocára o ultimo gráo de desespero, achou nessa mesma noite da tempestade occasião de dirigir em segredo algumas palavras ao commendador Sancho.

— Se é verdade que me ama, disse ella então, venha amanhã pedir-me para sua mulher a meu pai.

O commendador ficou espantado com tanta felicidade, e tratando logo de aproveitar o ensejo, tendo porém vergonha de vir pessoalmente fallar a Mauricio, escreveu-lhe no dia seguinte uma carta, na qual muito solemnemente lhe pedia a mão de Rosa. Depois, e muito em confidencia, foi contando o caso a uma pessoa de cada familia de sua amizade, de modo que antes de dous dias a cidade do Rio de Janeiro em peso estava senhora do segredo, e não se fallava em outra cousa senão no casamento de Rosa e do commendador ! Os moços bradavão contra o máo gosto da filha de Mauricio, e desfazião-se em epigrammas contra o feliz Sancho ; as moças davão risadas até não poder mais, e já tão ás claras se fallava a respeito das proximas nupcias, que a noticia chegou emfim aos ouvidos do velho roceiro.

Isto explica perfeitamente a scena, que acabava de ter lugar entre Mauricio e Anastacio, e ainda

mais fazia com que este ultimo comprehendesse a razão porque desde tres dias não tinha podido ver a sobrinha, que sob pretexto de uma teimosa dôr de cabeça não havia apparecido a ninguem e se conservava sempre encerrada no seu quarto.

O rabujento velho roceiro esparava já ha boa meia hora a sobrinha e começava a impacientar-se, quando sentio passos e vio emfim apparecer a infeliz moça.

Anastacio não pôde ~~sustor~~ ~~uma~~ exclamação de dôr ou de piedade ao ver a sobrinha.

Uma mulher desde criancinha acostumada aos incensos da vaidade; que á força de lhe repetirem que era formosa habituou-se a confiar cegamente no absoluto poder de sua belleza; que quando chegou a ser moça levaram-n'a a todas as sociedades, e ás testas mais brilhantes, e lá a lançaram só sem um amigo, sem mãe ou um anjo ao pé de si, no meio daquella multidão lisongeira, respirando aquella atmospherá perfumada e venenosa, vivendo sempre aquella vida artificial, immodesta, e perigosa, oh! uma moça criada assim, é uma victima que se prepara; é uma infeliz, que ri vinte annos para chorar talvez todos os outros annos que tem de viver!... Oh! quantas lagrimas se chorão, que se poderião não ter chorado, se uma educação mais prudente as houvesse prevenido!

Sensível talvez de mais, ardente e facil, Rosa mais que nenhuma outra deveria ter bebido o veneno subtil que existe derramado no ar que se respira nesses salões febricitantes de que ella era o mais bello ornamento desde alguns annos. Acostumou-se a ver todos os corações a seus pés, teve a certeza e ufanou-se de ser bonita, chegou em breve a ser vaidosa; e acreditando firmemente, que a conquista do mais rebelde mancebo seria para ella

objecto de um simples olhar, de um ligeiro sorriso, ou de uma phrase agradavel sómente, não teve coragem bastante para resistir ao primeiro golpe, que lhe desfechou o destino. Ella, que todos vencia e subjugava com o poder de seus encantos, mesmo involuntariamente, vio, julgou que nada podia contra o homem que sua alma escolhêra e preferira. Então a sensibilidade, a imaginação ardente, a vaidade resentiram-se, e em resultado.... eis-aquí faz-se por suas proprias mãos infeliz para sempre.

Tres dias de uma afflicção indizivel tinha ella passado desde a fatal noite, que por tantas razões poderia chamar noite de tempestade. A desgraçada moça chorou sem cessar todos esses tres longos dias e todas essas tres mais que longas noites, que ella passou velando. Em seu quarto uma unica pessoa consentio em receber; foi seu pai, que debalde empregou todos os meios para arredal-a do medonho e abominavel sacrificio, a que se condemnava. A victima resistia, e o triste pai sahia sempre desesperado daquelle retiro afflictivo, onde se encerrava sua filha, acreditando, que era elle quem causava aquella dôr, que exprimia aquellas lagrimas, oppondo-se ao casamento de Rosa e do commendador Sancho.

Emfim, na manhã do quarto dia a infeliz moça recebeu o recado de seu tio; e comprehendendo que, si se negasse a descer para lhe fallar, Anastacio positivamente subiria e entraria mesmo no seu quarto para a todo transe se fazer ouvir, resolveu-se a condescender com elle.

Quando Rosa appareceu á porta da sala, uma exclamação escapou ao velho roceiro: a filha de Mauricio estava magra, pallida e abatida; seus olhos mostravão-se vermelhos e inflammados, e um

arco de círculo roxo carregado se desenhava por baixo das palpebras inferiores. Pela primeira vez em sua vida Rosa se vestira mal, e seus proprios cabellos tão longos e tão bellos parecião-se estar queixando do abandono em que os esquecia sua dona.

Escutando a exclamação de Anastacio, a moça sorriu-se com um sorrir de martyr, e balbuciou :

— Acha-me encantadora, não é assim, meu tio?...

O velho roceiro não deu resposta alguma a essa pergunta repassada de ironia, que pela sobrinha lhe fôra dirigida; levantou-se, e indo buscal-a á porta da sala, onde Rosa se tinha deixado ficar em pé, trouxe-a pela mão, e fêl-a sentar no sofá ao pé d'elle.

— Meu tio está hoje muito carinhoso comigo, disse a moça querendo retirar uma de suas mãos, que o velho apertava entra as d'elle.

— Algum dia deixei de ser teu amigo, Rosa?... perguntou Anastacio docemente.

— Ah! não; mas ralhava sempre e muito.

— Pois ainda hoje quero ralhar...

— Sim?... tanto melhor; talvez que isso possa distrahir-me : ralhe, meu tio.

O velho roceiro olhou para a sobrinha attentamente.

— Ralhe, meu tio, repetio ella querendo ensaiar um sorrir de zombaria.

Anastacio franzió as sobrancelhas.

— Assim... assim! continuou a moça; a amabilidade me fatiga, e me mata. Vivi muito tempo de amor; estou causada; quero viver ainda; mas preciso que me aborreção!...

E desatou a chorar.

As lagrimas de Rosa desfizeram a nuvem de máo humor, que se ia encrespando na frente de Anasta-

cio. Elle deixou-a chorar durante alguns minutos, e quando a vio começando a socegar, perguntou-lhe :

— Porque choras ?...

— Porque soffro.

— E porque soffres tu, minha sobrinha ?...

Rosa pôz-se a rir e a chorar ao mesmo tempo, e disse :

— Ora essa é boa ! eu soffro porque choro.

O velho meneou tristemente a cabeça, e depois de algum tempo, tornou a dirigir a palavra a Rosa.

— Não vamos bem ; eu queria fallar-te como amigo, e tu continuas com o teu máo costume de me dares respostas atravessadas.

— Vossa mercê disse que havia de ralhar , comigo.

— Pois sim ; e eu esperava, que me perguntasses pelo que.

— Ora ! era uma asneira ; porque eu já sabia a razão.

— Sabias ?...

— Sim, senhor : vossa mercê quer fallar-me de um objecto, que provavelmente está occupando a attenção de todo o mundo vadio da cidade do Rio de Janeiro.

— E então ?...

— E então, meu tio, eu entendi e entendo que é melhor não fallarmos nisso.

— Por que motivo ?...

— Porque temos de achar-nos por força em opposição.

— Por isso mesmo é que te quero fallar desse objecto.

— Pois falle ; está no seu direito.

— Rosa, minha sobrinha, disse o velho doce-

mente, que pensamento é esse teu? que idéa é essa, que póde tanto em ti, que póde obrigar-te ao tristissimo sacrificio de tomar por marido um homem velho, cachetico, ridiculo, e mesmo máo, como é o commendador Sancho?...

Rosa fez um movimento de impaciencia.

— Queres tu por ventura que eu acredite, que te achas realmente apaixonada por aquelle carrança?...

— Pois então?... perguntou a moça olhando fixamente para o velho tio.

— Oh! não! eu te faço justiça, menina: tenho observado tudo; não deixei passar despercebida nenhuma de tuas acções, não perdi um só de teus olhares. Rosa, tu não amas o commendador Sancho!

A filha de Mauricio estremeceu da cabeça até os pés, e ficou pallida e fria como uma moribunda!

— Rosa! prosequio Anastacio; eu leio nesse tremor, nessa pallidez, e neste frio glacial, que sinto na tua mão, a sincera confissão desta verdade. Rosa, tu amas; mas és infeliz no teu amor... tu amas, porém não ao commendador!

A moça ergueu-se do sofá, onde estava sentada, e forcejou por arrancar a mão, que Anastacio tinha presa entre as delle.

— Menina inexperiente! criança estouvada, senta-te; em nome do amigo, que te falla, senta-te!

Rosa dobrou seus esforços para escapar do homem, que lhe estava lendo n'alma.

— Em nome de teu pai, senta-te! disse-lhe Anastacio.

Rosa resistio ainda.

— Em nome de tua mãe, que está no céo, senta-te!

Rosa deixou-se cahir outra vez no sofá; um longo gemido escapou de seu seio.

— Falla.

- Não... murmurou dolorosamente a moça.
- Falla ! ordeno-te que fallas !
- Oh ! não !... isso não ! exclamou ella escondendo o rosto no seio do velho tio.
- Vaidade de mulher !... disse.
- Embora ! tornou Rosa.
- Menina, proseguio Anastacio com uma doçura de voz, que até então se lhe não tinha notado ; menina, tens tu por ventura o direito de fazer semelhante sacrificio?... supponhamos que tivesses forças para leval-o ao fim ; já não te fallarei de mim, porque sou apenas um tio velho e rabugento, que sómente sabe ralhar, e que nem póde se fazer amar...
- Oh, meu tio do coração, não me falle por semelhante maneira !...
- Mas teu pai, Rosa?... teu pobre pai não vale nada para ti?... não vês, que por tuas mãos vais fazer a desgraça do homem a quem deves a vida, educação e tudo?... queres ser uma filha ingrata, Rosa?... não pensas, que hoje a tua felicidade é o cuidado unico daquelle meu pobre irmão?...
- Meu tio, meu tio, vossa mercê está vendo que eu me acho muito doente : olhe, que isso que me diz é capaz de matar-me !
- Não sou teu tio, sou teu medico e quero curar-te.
- A mim?... curar-me?!... disse com um tom profundamente doloroso a filha de Mauricio.
- Pois que duvida?... tornou-lhe Anastacio : vamos já tratar disso ; abre-me o teu coração ; falla.
- Rosa não disse palavra.
- Criança teimosa e impertinente, olha, tu não me conheces ainda : Rosa, eu te amo !
- A moça levantou a cabeça, e vio cahindo sobre o seu rosto um olhar de pai sereno, doce e repassado de ternura.

— Meu tio !... balbuciou ella.

— Eu te amo, Rosa, como teu pai te póde amar ! eu te amo, porque és filha de meu irmão, porque és filha de uma mulher, que me tinha amor de irmã ; eu te amo porque tu és boa no meio de tuas loucuras : tu és minha filha tambem, Rosa ; eu sou tambem teu pai !...

Por unica resposta a moça beijou com ardor a mão do tio.

— Falla pois ! disse este, falla em nome...

— Oh ! exclamou Rosa ; em nome de mais ninguém ; basta o seu nome, meu tio : eu fallo ; mas...

— Mas... o que ? doudinha ?... perguntou o velho Anastacio meio envergonhado, porque duas lagrimas tinhão cahido de seus olhos na mão de Rosa.

— Meu tio ha de jurar, que o que lhe vou dizer ficará sepultado em seu coração : que uma só palavra da minha historia não será revelada nem a meu proprio pai, nem ao commendador, nem...

— Nem... acaba...

— Nem a outra qualquer pessoa, disse Rosa.

— Ah, velhaca ! exclamou Anastacio.

— Então jura ?... perguntou a bella sobrinha ao bom tio.

— Não juro.

— Nem eu fallo.

— Peior está essa !...

— Meu tio não quer ceder nada...

— Pois não adivinhas que esse juramento póde perder-me ? .

— É exactamente isso, o que eu quero.

— É precisamente o que não me faz conta.

— Nesse caso não fazemos nada, meu tio.

O velho coçou a cabeça, bateu com o pé tres vezes no assoalho, e por fim disse :

— Anda, falla :

- Jure , tornou-lhe a sobrinha.
- Já se vio menina mais levada não sei que diga do que esta !... exclamou Anastacio.
- Meu tio, não se exaspere...
- Pois falla, teimosa de uma figa !
- É tempo perdido : assim não me arranca uma palavra ; prefiro tudo... até morrer.
- Digo-lhe que ha-de fallar ! bradou o velho.
- Vou-me embora... disse a moça erguendo-se.
- Sua alma sua palma !... vá se ! é uma ingrata !... vio-me chorar, e não se dobrou, é uma ingrata !...
- Rosa abaixou tristemente a cabeça e dirigio-se á porta da sala para retirar-se.
- Onde vais, Rosa ?... perguntou o velho.
- Meu tio não me mandou embora ?...
- Vem cá, anda, criança dos meus peccados ; volta ; falla, que eu juro não dizer palavra, e juro tudo mais que te vier á cabeça fazer-me jurar.
- Um quarto de hora depois Anastacio estava senhor de todos os segredos de Rosa, e comprehendia emfim de que natureza era o extravagante e impèdoavel sacrificio a que ella se queria condemnar.
- Então, meu tio, disse finalmente a filha de Mauricio ; não convém que o unico partido que eu devo tomar é este ?... não julga, que na minha resolução ha alguma cousa de nobre e generoso ?...
- Nem um ceutil de nobreza, nem uma dóse homœopathica de generosidade, minha sobrinha ; sómente vejo ahi porções enormes de vaidade, e loucura.
- Embora, torno a dizer.
- Mas eu sou quem não posso estar por isso agora : primeiramente não se segue do que me disseste, que o tal Juca seja tão tratante como pensas ,

e em segundo lugar, ainda quando elle fosse um refinado bregeiro, por isso mesmo não valia a pena de tão grande sacrificio : isto é que é verdade !...o mais, minha sobrinha, é asneira tres vezes maior do que o Pão d'Assucar.

— No entretanto já não posso recuar.

— O que ?...

— Persisto em minha resolução.

— Primeiro hei de eu pôr em pratos limpos tudo isso, bradou o velho.

— Como ?... perguntou Rosa assustada.

— Parto já d'aqui a ter uma explicação com o Juca.

Senhor !... disse a moça pondo-se em pé, e defronte de Anastacio.

— Bravo !... pretende impedir-me a sahida ?

— Não, meu tio, respondeu friamente a filha de Mauricio : quero apenas lembrar-lhe uma cousa de que parece esquecido.

— Vamos lá ; o que é ?

Recordo-lhe que ainda ha pouco um homem de honra jurou-me não revelar o segredo, que eu lhe ia confiar...

— Lavrou um tento, disse o velho sentando-se de novo ; mas com que fim então teve minha sobrinha a bondade de fazer-me ouvir a longa historia dos seus amores ?.

— Com o fim unico de rehabilitar-me no seu conceito.

— Pois não se rehabilitou.

— Porque ?...

— Porque o unico defeito, que eu te achava até ha pouco, rapariga, era a tua falta de juizo, e desse ainda não estás curada, nem curada te julgarei emquanto pensares em casar com a boa joia do commendador Sancho !

- Paciência, meu tio.
— E teimas?...
— Sempre : o que digo uma vez, sustento.
— Digo-lhe que fez uma escolha digna de um director de museo de antiguidades !...
Rosa encolheu os hombros, como quem diz — que me importa ?
— Has de ser o objecto das zombarias de toda a cidade e com justissima razão.
— Já sou.
— O commendador Sancho tem mais de sessenta annos.
— Deve ser homem de juizo.
— É uma avelã ôca !
— Melhor ; farei delle o que me parecer.
— É um estúpido !
— Meu tio já sabe que eu me dei mal com um joven, que dizem ser muito espirituoso.
— Senhora minha sobrinha, affirmo-lhe que não consentirei, que se leve ao cabo semelhante loucura !
— É o que havemos de ver, meu tio.
— Desafia-me ?!!!
— Não ; mas teimo.
— Pois eu lhe mostrarei : não ha de casar com o commendador Sancho !
— Hei de casar-me com elle, meu tio !
— Não ha de casar !... gritou furioso o velho roceiro : não ha de casar ! você é uma criança, e não se governa ainda por si mesma !
— Veremos.
— Juro-lhe que meu irmão não dará o sim ao commendador.
— Dal-o-hei eu.
— Oh !
— Sim, eu o darei : se o commendador não ti-

ver recebido uma resposta satisfactoria até hoje á noite, hoje á noite, que ha partida, elle a ouvirá da minha boca...

— Que !...

— Mesmo diante de todos, se fôr preciso.

— Que educação !

— Foi a que tive, a que me derão, e a que me basta.

O velho Anastacio possuido do mais violento desespero, e mal podendo fallar, ergueu ambas as mãos sobre a cabeça da pobre moça, e exclamou meio suffocado :

— Ingrata ! tu serás desgraçada.

— Já o sou, meu tio, respondeu Rosa.

XXV

Loucura sobre loucura.

Aquella explicação que entre os dous jovens amantes desavindos tinha tido lugar na janella de Mauricio, produzira no estudante um effeito absolutamente diverso daquelle que se observára em Rosa. O Juca voltou para casa, e deitando-se passou a noite inteira a meditar sobre o caso, e depois de muito reflectir, concluiu que, apezar de tudo quanto lhe dissera a filha de Mauricio, nunca mais senhor se achára elle do coração da bella moça : accusou-se então por se não haver lançado a seus pés, confessando-se mais que muito criminoso, e pedindo humilde e ternamente um perdão, que estava certo de conseguir ; e emfim disposto a corrigir seus erros

passados assentou de pedra e cal que deveria aproveitar o primeiro ensejo, que se lhe offerecesse, para fazer as pazes com a mais formosa de todas as moças que em sua vida havia amado.

Cheio de esperança e abraçado de amor, o estudante levantou-se de manhã tão alegre, como se pouco antes houvesse recebido a noticia de haver tirado a sorte grande. Almoçou, como um gasteronomo em casa alheia; passou a mais divertida das manhãs; jantou como se não tivesse almoçado, e ao declinar da tarde sahio a passear. Antes se deixasse ficar em casa! maldito passeio foi esse! o primeiro amigo que encontrou deu-lhe a fatal noticia do casamento de Rosa com o commendador.

— É falso! exclamou o Juca.

— É certissimo! disse-lhe o amigo.

— D'onde vem esta noticia?...

— Do proprio commendador Sancho.

O Juca ficou estupefacto. Deixou depois o amigo sem se despedir, e começou a andar como um doudo pelas ruas da cidade acotovelando um, esbarrando-se com outros, até que um estudante, seu antigo companheiro de patuscada, o fez parar segurando-o pelo braço.

— Que diabo é isto Juca?... Onde vais?...

— Quem é?... oh! és tu?... Que te importa onde eu vou: deixa-me.

— Já sabes do que ha?...

— Não

— A rainha das flôres... sabes quem é... está visto.

— Não entendo de flôres; fui reprovado em botanica.

— A D. Rosinha...

— Que tem?

— Casa-se.

— Sim?... com quem?...

— Namorou-se da commenda e do carro novo do grande Sancho, e como não se podia casar nem com a commenda, nem com o carro, resolveu-se a casar com o dono.

— Quem te disse isso?...

— O proprio commendador Sancho,

— Queres tomar um copo de cerveja?

— A saude dos noivos?...

— A saude do que te parecer; anda.

— Vamos.

Depois deste collega, ainda mais dous se encontraram com o Juca, e um depois do outro deram-lhe a mesma noticia, e foram depois beber cerveja com o pobre rapaz, que entendeu que lhe convinha apagar a paixão.

Às nove horas da noite recolheu-se o estudante para casa da velha Basilia, suando cerveja, é verdade, ao menos porém mais alliviado da violenta dôr que soffrêra. A cabeça andava-lhe á roda; mas não sentia o coração tão pesado. A velha Basilia e Clara acabavão de ouvir da boca de Faustino a grande novidade que occupava a attenção do Rio de Janeiro: quando o Juca entrou, conheceram logo que elle tinha bebido.

— Eil-o! exclamou o publicista.

— Que fizestes, Juca? perguntou a velha.

— Bebi cerveja á saude dos noivos! exclamou o estudante; foi uma carraspana completa; mas valeu a pena: viva o commendador!... e com esta vou dormir.

— Coitado! disse Clara; aquillo tudo é paixão!

No dia seguinte acordou o Juca ao romper da aurora, e deixando-se ficar na cama até as horas do almoço, teve tempo de pensar friamente sobre a materia, e vio que o que lhe cumpria era desfar-

çar, tanto quanto pudesse, a sua afflicção: o endiabrado estudante era um homem de vontade de ferro! quando appareceu á mesa do almoço, ninguém seria capaz de ler em seu semblante o menor signal de desgosto, e desde esse momento, á semelhança dos grandes politicos, que cahindo do ministerio, escondem a dôr no fundo do coração, e com fingido sorriso nos labios dizem aos amigos que dão graças a Deus por se verem finalmente livres do enorme peso das pastas, com que *apezar seu carregavão*, o bom do Juca abafando os tormentos que o opprimião, continuou sempre a mostrar-se alegre e satisfeito, não perdendo mesmo occasião de ridicularisar as nupcias, que todos suppunhão ir breve ter lugar.

O ousado estudante fez mais do que isso ainda. Ao aproximar-se a noite da primeira partida de voltarete que deveria haver em casa de Mauricio depois da noticia do casamento, elle vestio-se com todo o esmero, e dispôz-se a ir observar o que lá se passasse.

Ao vêl-o mostrar-se prompto para ir, como costumava, á casa de Mauricio nas noites de voltarete, Clara, que estava conversando com sua mãe e o irmão, não pôde conter-se, e perguntou ao estudante:

- Aonde vai hoje, Sr. Juca ?
- Ao theatro, D. Clarinha ; respondeu elle.
- Ao theatro ? ! perguntou o publicista.
- Sim : que duvida achas tu nisto ?
- Hoje não ha espectaculo.
- Oh, se ha ! e bem bonito.
- Onde ?...
- N'um theatrinho particular.
- Massada por força : é a regra.
- Hoje. Não.

— Que peça se representa ?...

— Uma comedia.

— Gosto mais dos melodramas ; hei-de escrever um, cuja acção andar´a por mais de um seculo ! O protagonista começar´a no prologo mamando, e depois dos cinco actos passados nas cinco partes do mundo, acabar´a no epilogo subindo ao ar em um balão aerostatico com cento e dez annos de idade ; deixarei Alexandre Dumas de boca aberta !

— Bem : adeus !

— Espera : como se intitula a comedia ?

O Juca pensou um momento, e respondeu :

— A rosa murcha.

— Onde ´e este theatrinho particular ?...

— Em casa do Sr. Mauricio, pai da Sra. D. Rosa, noiva do Sr. commendador Sancho !

— Oh !...

A velha e a moça desataram a rir ; o publicista soltou um terno suspiro, e o estudante desapareceu acabando por despedir-se com uma gargalhada ´a porta da sala, e abafando um gemido no corredor.

Tudo corria favoravelmente ao commendador Sancho. ´E certo que ainda não tinha recebido resposta alguma de Mauricio ; mas em compensao um recado de Rosa lhe impozera a obrigao de não faltar ´a partida de voltarete dessa noite. O obstaculo mais forte que teria de vencer era sem duvida o velho Anastacio ; mas infelizmente o pobre homem em extremo commovido com o que via estar occorrendo na casa de seu irmão, e muito preocupado com a desgraça que ameaçava a sua sobrinha, sentio-se incommodado logo depois do jantar, e foi obrigado a recolher-se a seu quarto accommettido de fortes dores de cabeça.

No entretanto, ´a medida que se aproximava a

hora, em que deveria ter lugar o desenlace deste triste drama, Rosa começava a sentir que lhe ia faltando a coragem. Podêra, sim, em um momento de exaltação mandar o imprudente recado ao commendador Sancho; mas para cumprir tudo quanto tinha dito a seu tio, que havia de fazer? era preciso muita força, ou muito amor; e Rosa, que não amava ao commendador Sancho, desfallecia cada vez mais.

Diante de seu toucador a filha de Mauricio empregou toda sua habilidade para esconder os vestígios que em seu rosto deixára a afflicção de tres dias, e para tornar mais sensíveis e brilhantes ainda os encantos que devia á natureza: nesse trabalho, ou talvez de proposito, gastou tanto tempo, que ás oito horas da noite ainda não havia descido do seu quarto.

Ouvindo bater palmas, mandou a criada que a ajudava a vestir-se, que fosse ver quem acabava de chegar.

A criada desceu, e voltando pouco depois, disse: — O Sr. commendador Sancho.

Rosa fez um movimento.

— Dá-me um copo d'agua, disse ella.

E quando a criada sahio, murmurou baixinho:

O imbecil!... é o primeiro que chega; nem ao menos procura fazer-se desejar!

Emfim era necessario apparecer. Rosa desceu a escada tremendo, parou um momento á porta da sala para respirar, até que fazendo um esforço sobre si mesma, entrou.

Nunca tanta gente concorrêra á partida de volta-rete de Mauricio como nessa noite! O numero dos parceiros tinha dobrado, e não faltára uma só das amigas do Rosa: a curiosidade attrahira todos elles; querião ler no rosto da filha de Mauricio o que poderia estar escondido em seu coração.

A noiva foi recebida com um murmurio filho da admiração ; havia um não sei que de sublime resplandecendo em seu semblante. Rosa volveu um olhar sereno por toda a assembléa, e encontrando os olhos do Juca, deixou pairar em seus labios um leve sorriso.

O estudante, prevenido contra a pobre moça, em lugar de ler nesse riso de martyr a ultima despedida de uma victima que avança para o altar do sacrificio a que foi condemnada, vio nelle sómente a ostentação de um triumpho, ou a zombaria de um coração sem generosidade que se ri ao mesmo tempo que se vingava

Rosa comprehendeu que lhe cumpria dar vida á reunião. Apesar de ser numeroso o concurso, parecia que todos tinham medo de mostrar-se alegres, tanto mais que Mauricio, a despeito dos maiores esforços, dava mostras de abatimento e tristeza.

— Emquanto aquelles senhores jogão, exclamou a infeliz joven, façamos nós alguma cousa : eu darei o exemplo.

E correu para o piano.

Tocou ; mas escolheu sómente musicas ardentes e estrepitosas, como se quizesse esconder a dôr que trazia n'alma nos allegros brilhantes que executava.

O imprudente estudante vingava-se de Rosa mostrando-se naquella noite alegre, vivo e buliçoso, como nos melhores dias de sua vida. Phenomeno notavel !... as duas pessoas que naquella sala mais profundamente abaladas e tristes se achavão erão as que affectavão mais expansão e felicidade !... e ao vê-las assim tão satisfeitas e prazenteiras, o commendador Sancho e a velha Irene davão-se os parabens de uma ventura, que certamente estavão longe de merecer.

Dansou-se. O Juca fez prodigios sendo cavalheiro da impagavel viuva; Rosa mostrou-se vexada e commovida, como cabia a uma noiva, ao lado do commendador. O segredo daquelles corações escapava enfim aos olhos curiosos dos observadores.

Mas o estudante ainda não havia completado todos os seus desejos; já se tinha mostrado insensível á noticia do fatal casamento aos olhos da propria noiva; faltava-lhe porém rir-se ao pé della, a seus olhos, e fallando mesmo com ella. O louco aproveitou o primeiro ensejo que lhe appareceu; vio Rosa só junto do piano, procurando uma peça de musica, e correu á sua victima.

— Perdão! disse elle alegremente; mas eu não podia perder este momento.

— Então o que ha?... perguntou Rosa sem voltar os olhos e continuando a procurar a musica; que mysterio é esse, que se não deve dizer diante de todos?...

— Oh, não é mysterio; é porém ainda um segredo, posto que muitos já o saibão.

— Quer portanto revelar-m'o tambem?...

— Não: venho sómente pedir-lhe licença para dar-lhe os meus parabens.

— Eu os aceito; respondeu tremendo a moça.

— A aurora da felicidade desponta no coração de V. Ex.!

Rosa voltou os olhos e cravou-os no rosto do estudante, que ria-se sarcasticamente.

— Que mais, senhor?...

— O futuro se desenha bello e magestoso a todos os olhos dos amigos de V. Ex. ! nós a vemos orgulhosa e feliz ao lado de um esposo elegante e digno da ventura, que vai gozar: oh! sim! ha destinos que o céo parece de ante-mão preparar.. ha..

— Ha insulto no que me está dizendo, senhor! disse em voz baixa a filha de Mauricio; mas eu lhe perdô... tem razão: tão delicado sempre, é notavel que sómente hoje deixasse de sê-lo! no entanto eu comprehendo, que tem direito a ser desculpado.

— Agradecido, minha senhora; eu nunca deixei de confiar na bondade de V. Ex.

— Não é a minha bondade, que hoje lhe desculpa; póde acreditar-me.

— Então o que é?...

— A sua paixão.

— Oh!

— Ousarei mesmo accrescentar; o seu desespero.

— A melhor!... estou apaixonado e desesperado?...

Um pensamento extravagante brilhou nesse instante na alma de Rosa, que sorrindo-se a elle, disse ao Juca:

— Aqui poderião ouvir-nos... venha gastar alguns instantes conversando comigo naquella janella: dir-lhe-hei só quatro palavras.

O estudante acompanhou a moça e recostaram-se ambos na mesma janella, onde poucas noites antes havião conversado juntos.

Rosa começou:

— Disse-lhe e repito que o senhor está apaixonado e desesperado, e eu sei que sou disso a causa.

— V. Ex. é muito capaz de apaixonar até a um cego e surdo, quanto mais a mim.

— Zombe como quizer; mas a verdade é esta: o senhor fingio-se namorado da pobre velha Irene para ver se desse modo desarmava o despeito que me obrigára a desprezal-o; vaidoso como é contou com a victoria até que a noticia do meu casamento

com o commendador Sancho veio provar-lhe, que a sua imagem desde muito tinha desaparecido da minha alma.

— Eu nunca supuz que a minha imagem tivesse estado no céo, minha senhora.

— Continua a zombar; porém eu adivinho o que soffre no fundo do coração : o senhor ama-me, e eu o desprezo; o senhor desespera, e eu vou ser feliz : eis-aqui tudo.

O Juca quiz fallar, e não pôde, e receando perder-se fingio uma risada.

— Pois é capaz de negar isto ?... perguntou Rosa.

— Se não temesse offendêl-a....

— Pois atreve-se a sustentar, que amava e ama realmente aquella pobre velha Irene?...

— Então que mal ha nesse amor ?... hoje é moda amar os velhos.

— Bem : estimo muito.

— Porque ?...

— Porque haverão dous casamentos em lugar de um só !

— Como ?...

— O senhor vai sem duvida pedir a mão da nobre viuva.

— Póde ser.

— Póde ser ! coitado ! vejo, que tenho sido causa de horriveis tormentos....

— Talvez não seja tanto assim.

— Obriguei a um homem a fingir-se apaixonado de uma velha.

— É modestia de V. Ex. ...

— Esse homem adorava-me....

— Excellente, minha senhora !

— É verdade que asseverava. que trataria do seu casamento algumas horas depois de tratado o meu :

o meu está tratado ha tres; mas elle, outra vez, coitado! pobre moço!

— É muito, minha senhora! creio, que já é muito!

— Pois não é verdade, o que estou dizendo ?...

— Ouso dizer, que não.

— O senhor ainda ama a pobre velha?

— Amo-a de todo o coração.

— Rosa desatou a rir.

— Amo-a, exclamou o Juca; amo-a, com V Ex. ama o commendador.

— Mas eu vou casar-me.

— E eu me casarei.

— Ainda mais : eu vou daqui a pouco declarar a todos o meu proximo casamento.

O Juca hesitou.

— O senhor não ousará fazer o mesmo.

O estudante não disse palavra.

— Não ousará, eu bem o sei : o senhor ama-me ainda, e cada vez mais.

O Juca estava desesperado.

Tenho pena do mal que lhe fiz.

— Obrigado ! respondeu o louco mancebo com voz abafada mas já que o quer ver, eu lhe provarei o contrario.

— Como, e quando ?...

— Annunciando o meu casamento logo depois de annuciado o seu, aqui mesmo e já.

— Ora ! para que esse sacrificio !....

— Não é sacrificio ; é amor.

— Amor ! o senhor a quem ama, é a mim.

— Vê-o-ha : farei o que disse.

Rosa cravou no estudante um olhar sarcastico e terrivel, e soltando uma risada de escarneo, deixou-o desesperado na janella.

O estudante respirou o ar fresco da noite por al-

gum tempo, como para reanimar-se; nada porém podia arrancar-lhe d'alma a lembrança da ironia e do desafio, com que o tinha ferido a filha de Mauricio: furioso e desesperado sahio emfim da janella, e sentando-se junto de Irene, começou a fallar-lhe em voz baixa, mas com ardor e vehemencia: deveria por força ter dito cousa bem agradaveis, pois a velha mostrou-se possuida do mais vivo enthusiasmo.

No entretanto Rosa não tinha ainda annuciado o seu casamento, como se havia compromettido: a pobre moça desanimava sempre que olhava para o infeliz pai, e via a tristeza derramada no rosto do bom velho.

Mas, ainda uma vez, tudo concorria para completar-se a felicidade do commendador Sancho; um escravo entrou na sala e disse algumas palavras ao ouvido de Mauricio, que immediatamente pediu licença, e sahio da sala.

Rosa olhou para o Juca; era chegado o momento terrivel: o estudante não pôde adivinhar que ainda podião salvar-se ambos, e voltou-se para Irene, a quem começou a dizer quanta asneira lhe veio a cabeça.

Rosa suspirou dolorosamente, e disse:

— Minhas senhoras, preciso que emfim eu satisfaça a justa curiosidade que mostrais: é certo, continuou ella, abaixando os olhos; o Sr. commendador Sancho teve a bondade de pedir-me em casamento, e eu não podia ser tão louca que rejeitasse essa honra.

Apenas Rosa acabou de fallar choveram de todos os lados os parabens sobre os noivos; mas logo depois voltaram todos para o Juca que levantando-se, pedia para ser ouvido.

— Senhores, disse elle, nossa curiosidade está

satisfeita ; cumpre agora que eu pela minha parte vos cause uma surpresa : com a mais viva satisfação participo a todos os meus amigos, que se acha definitivamente tratado o meu casamento com a Sra. D. Irene.

Novos parabens, novas felicitações começaram a se ouvir, quando Mauricio entrou arrebatadamente na sala, exclamando :

— Perdoai-me, senhores ! perdoai-me se vos deixo... meu irmão está á morte ! poucas horas lho restão de vida !

XXVI

O velho doente.

Tres dias e tres noites forão passadas entre funebres receios na casa de Mauricio. O habil medico que promptamente corrêra em soccorro do velho Anastacio, não tinha podido animar a triste familia, nem mesmo com uma leve esperança : tambem o caso era dos mais terriveis : Anastacio fôra accommettido de uma congestão cerebral, e permanecia sempre sem falla ; a enfermidade havia resistido a todos os meios empregados para combatê-la, e no terceiro dia da molestia tudo parecia indicar que a grande lucta travada entre a vida e a morte chegava enfim ao seu termo, e que o descanso eterno ia começar para o irmão de Mauricio.

Entretanto todos os esforços humanos tinham sido postos em acção para salvar-se o doente ; a sciencia dos mais habeis medicos da côrte via-se

fortemente coadjuvada pelos incessantes cuidados da mais extremosa familia, e pela dedicação de um nancebo generoso.

Com effeito o Juca, esse estudante desinquietao e extravagante, que parecia incapaz de tudo que não fosse rir e zombar, estava prestando ao velho Anasacio officios de uma verdadeira amizade. Desde o momento em que Mauricio annunciára na sala a molestia e o estado de seu irmão, o Juca postando-se a lado do enfermo, como a sentinella de sua vida, ali se deixára ficar velando tres dias e tres noites sem tomar um momento de repouso ; e quando Mauricio com as lagrimas nos olhos lhe agradecia tantos desvelos e lhe lembrava que convinha reparar suas forças descansando por algum tempo, o pobre mancebo por unica resposta apontava para Rosa, que muito mais debil e delicada do que elle, achava-se comtudo bastante forte para fazer outro tanto.

O estudante tinha realmente toda a razão de apontar para Rosa. Uma filha não teria feito por Anasacio mais do que elle estava sendo devedor a sua sobrinha: enfermeira desvelada, minuciosa e terna, filha de Mauricio desaparecia do quarto do enfermo unicamente quando ia a sós rezar a Deus pelo seu restabelecimento.

Oh ! a pobre moça que tanto havia chorado já nos ultimos dias que precederam a essa noite cruel, em que adoecêra seu tio, achava então novos motivos para chorar outra vez, e mais do que antes ; e no meio de seus receios pela vida do amado velho, no meio de suas dôres, alli ao pé do leito do moribundo, Rosa sentia no coração um tormento insupportavel, um sentimento terrivel que se parecia com o remorso : oh ! ella se accusava da molestia de seu tio... pensava que por ter muito resistido a seus

sabios conselhos, o amoroso mas irascível Anastacio, fôra atacado por essa congestão cerebral que o ia arrastando para a sepultura.

O arrependimento porém chegára tarde... mais do que o arrependimento deveria poder contra a molestia, a sciencia dos medicos e os cuidados da familia, e mais do que tudo isso, desgraçadamente, podia a natureza do mal e a idade avançada do doente. As debeis esperanças que por ventura perilampejavão uma ou outra vez nas almas dos parentes e amigos de Anastacio, estavão cada vez mais e mais se esvaindo; todos tinhão chegado ao ponto em que os olhos se voltão só para Deus; e no entretanto os dous jovens, o estudante e Rosa, tristes e silenciosos velavão sempre ao pé do leito do perigoso doente, que immovel e mudo olhava para elles com olhos pasmos e fixos.

Emfim aproximava-se a quarta noite. Ainda uma longa conferencia entre alguns medicos notaveis tanto pelo saber como pela pratica acabava de ter lugar: o resultado dessa foi como o das anteriores. Admirou-se a habilidade, o genio do assistente e mais nada: o que se podia fazer estava feito; o que se devia lembrar estava lembrado.

O assistente ficou só na sala: mostrava-se abatido, como um habil general forçado a dobrar-se á fortuna

— Então, meu bom amigo? perguntou Mauricio com voz triste.

O medico por unica resposta sacudio a cabeça; era o mesmo que responder:

— O doente morre

— Não ha mais esperança alguma, não é assim?

— Esperança?... eu sei; mas esperança deve-se ter até que se exhala o ultimo suspiro: esperança em Deus ao menos.

— Entendo!... exclamou o pobre irmão desfazendo-se em pranto.

Nesse momento o estudante entrou na sala, e dirigindo-se ao medico :

— Doutor, disse, o doente começa a agitar-se um pouco ; observo em seu rosto o quer que seja de novo... doloroso... ou não sei que...

O medico franzio os supercilios, e dirigio-se promptamente ao quarto do seu doente.

— É a morte que chega ; disse lugubrememente Mauricio.

— Sim, balbuciou o estudante ; creio que o nosso amigo vai emfim descansar.

O doutor voltou á sala ; Rosa o acompanhava curiosa : todos os olhos se fixaram nelle.

— Nada posso esperar ainda, disse ; mas é possível que vamos ter uma crise.

Rosa poz as mãos como se orasse, e voltou para junto de seu tio.

À meia noite o medico, o estudante e Rosa achão-se junto do doente. Mauricio estava só na sala.

De repente Rosa entrou correndo, e se atirou desesperada nos braços de seu pai ; os soluços a sufocavão.

— O que é isto?... o que ha?... já morreu?... falla.

— Oh ! sim !... está morrendo... fechou os olhos... e vai acabando...

Mauricio não se pôde conter, e seguido de sua filha dirigio-se apressadamente para o quarto funebre ; mas o medico appareceu-lhe á porta, e estendendo o braço, disse :

— Silencio... elle dorme : está salvo.

Rosa cahio desmaiada contra o seio de seu pai,

XXVII

Um mal que veio para bem

O velho Anastacio está salvo : a enfermidade que pozera em tão evidente perigo a sua vida, vai agora pouco a pouco sensivelmente declinando ; no entretanto todo cuidado ainda se faz preciso : convém que a solicitude e a vigilancia da amizade segure e aproveite a victoria alcançada sobre a morte pela medicina e pela natureza.

Essa solicitude, essa vigilancia não faltavão : Rosa e o Juca continuão a velar á cabeceira do doente.

Mas agora o tempo da grande tormenta já está passado ; os dias de lagrimas vertidas por aquelle que sereceiava ver expirar a todos os momentos já felizmente tiveram seu termo ; os corações amigos estão emfim animados e cheios de esperança, os labios já podem rir, e as almas podem emfim pensar mais desassombradamente em muita cousa que não tem relação com a molestia do velho.

E a mão de Deus reunio no mesmo quarto, e faz passar dias inteiros defronte um do outro, obrigados a fallar-se, a consultar-se mutuamente aquelles dous jovens que tanto se amavão, e que por tão reprehensivel extravagancia se querião e se ião separar para sempre.

No começo da enfermidade de seu tio, nesses tres dias de lucta terrivel, Rosa esquecêra todos os aggravòs que havia recebido do Juca para em-

brar-se unicamente de que tinha ao pé de si um estudante de medicina que por força devia conhecer o estado do enfermo mil vezes melhor do que ella, e por tanto ora esperando, ora temendo e sempre curiosa e anhelante, ella fixava seus bellos olhos no rosto do mancebo, querendo apanhar-lhe ou adivinhar-lhe no olhar que elle lançava sobre o doente, e nos movimentos de sua physionomia ou uma esperança de vida ou um desenganho de morte.

Além disto se era ella quem ía habil e delicadamente entornar por entre os labios do doente a colher do remedio prescripto, era tambem o Juca quem determinava a hora em que isso devia ser feito, e consequentemente preciso se fazia que os dous jovens se fallassem, se entendessem, e mutuamente se coadjuvassem.

Assim a molestia do velho Anastacio tinha vindo estabelecer relações constantes e pacificas entre Rosa e o Juca. Nos dias de perigo a necessidade tinha forçado a interessante moça a dirigir-se mil vezes ao mancebo, que nem uma só vez e nem um só momento havia esquecido os deveres de um amigo dedicado. Depois, quando veio a bonança, quando passou o receio da morte, era possivel que Rosa deixasse de tratar com docilidade ao menos aquelle que tanto fizera por seu tio?.. era possivel que ella negasse alguns sorrisos áquelle que chorára quando a tinha visto chorar?.. de certo que não.

Finalmente, a primeira vez que rompeu dos olhos do velho Anastacio um olhar de vida, esse olhar sahio todo cheio de amor e cravou-se ora na bella sobrinha, ora no estudante, que tão devotados ambos lhe tinham sido; depois seus labios se moveram, e o pobre doente podendo apenas articular a primeira palavra deixou ouvir uma phrase repassada de gra-

tidão, que abrangeu ao mesmo tempo os dous jovens, que foi como um terno laço que os unio um ao outro, para enfim prendêl-os juntos e unidos ao coração do homem grato. Elle murmurou baixinho:

— Meus filhos...

E duas grossas lagrimas rolaram então por suas faces rugosas e pallidas, e como lhe fosse ainda difficil o fallar, elle com um movimento de cabeça chamou para perto de si os dous interessantes enfermeiros, e querendo apertar entre as suas as mãos delles, apertou tambem uma contra a outra essas duas mãos de amantes despeitados: ao toque da mão do moço, Rosa córou fortemente, e o velho tio que a olhava lembrando-se talvez do segredo da sobrinha sorrio-se docemente e balbuciou algumas palavras, que nenhum dos dous pôde perceber.

Ahi temos pois, á vista destes ligeiros incidentes, que a molestia do velho Anastacio que foi realmente um mal, talvez que viesse para bem daquella moça, na verdade um pouco viva e exaltada, e daquelle mancebo por certo extravagante e traquinas, mas enfim ambos excellentes no fundo e merecedores de um bom destino. Deus escreve direito por linhas tortas.

A verdade é, que depois que o velho conseguira melhoras e os corações de seus amigos socego, os dous jovens começaram a sentir em si alguma coisa nova, e que sem duvida alguma pôde-se assegurar que era inteiramente velha para elles. Em uma palavra o Juca já tinha repugnancia de se lembrar da velha Irene, e Rosa estremecia toda quando se recordava do commendador.

No entretanto havia em ambos uma boa somma de vaidade, para que nenhum dos dous quizesse dar o primeiro passo para uma feliz reconciliação. Qualquer dos dous se acreditava fortemente ligado por

sua palavra a um terceiro, e profundamente offendido pelo outro ; qualquer dos dous se suppunha com direito e no caso de perdoar, e nenhum com o dever de pedir perdão. E positivo que o homem devia quebrar por si ; mas neste caso o homem era um estudante endiabrado e intratavel em negocio de amor.

Graças á Providencia porém, estava ahi para fazê-los chegar á razão esse bom velho, que elles tinham ajudado a arrancar da sepultura. Com effeito desde que Anastacio se foi sentindo melhor, começou a meditar nos meios de fazer a felicidade dos dous arrufados animando-se ainda mais com a idéa de pregar um mono ao commendador ; á primeira vista podia parecer a questão bem facil de ser resolvida ; bastava que o velho roceiro dissesse ao Juca tudo quanto lhe havia confiado a sobrinha, para que, no seu entender ao menos, o estudante se visse na restricta obrigação de cahir de joelhos aos pés da encantadora moça, e dizer *mea culpa* ; mas Anastacio tinha dado palavra de guardar segredo, e elle era sobretudo homem de palavra.

Outr'ora o casamento da sobrinha com o Juca não sorrira ao espirito do velho roceiro, senão como um meio de livral-a das garras do commendador, que era na sua opinião o mais indigno dos noivos ; então o estudante ou outro qualquer lhe servia, porque o estudante ou outro qualquer era sempre melhor que o pobre Sancho ; mas ultimamente o caso tinha mudado de figura : depois do que observára durante sua molestia, depois dos desvelos e cuidados que elle estava devendo ao Juca, este mancebo se havia tornado a seus olhos o melhor dos homens, o mais bello e o mais nobre dos noivos, o mais desejado dos sobrinhos, um typo de grandes virtudes, um moço de futuro ; e emfim, fosse o que fosse, ou elle seria o

marido de sua sobrinha, ou pelo contrario rebentaria a mais furiosa das trovoadas na casa de Mauricio.

Entretanto Anastacio sentia-se ainda muito fraco para tropejar, se fosse isso preciso ; e não se conhecendo com força sufficiente para a lucla, assentou que lhe cumpria esperar pelo seu restabelecimento, afim de tratar então dessa importante materia com toda a seriedade e segurança, aproveitando porém todas as occasiões que lhe apparecessem de ir deitando agua fria no coração de sua sobrinha que elle suppunha em brazas.

As circumstancias começavão a apresentar-se bem favoraveis aos projectos do velho Anastacio. O Juca não tinha podido passar tantos dias junto de Rosa sem sentir o amor que lhe votava tornar-se mais vehemente ainda. Desde os primeiros tempos em que a conhecêra, nunca mais gozára senão durante horas passageiras a companhia da encantadora moça; vivendo agora a seu lado como um irmão, elle pôde apreciar na filha de Mauricio essas doces virtudes que só brilhão no remanso domestico; apezar de despeitado ficou cada vez mas captivo de uma affabilidade sem affectação, de encantos para elle novos que naturalmente se mostravão livres de adornos e de enfeites, que quasi sempre são demais em uma donzella formosa; e finalmente foi reconhecendo todos os dias na primeira escolhida de seu coração qualidades brilhantes que até então lhe haviam escapado, e que a tornavão cem vezes mais seductora, mil vezes mais desejada.

À medida que Anastacio ia obtendo progressivas melhoras. sentia-se o estudante atacado cada hora mais fortemente por uma molestia da qual se acreditára quasi restabelecido. Uma tarde achou-se peor do que nunca; é de notar que os symptomas de sua enfermidade tornavão-se mais graves,

quando mais bella e interessante se mostrava Rosa ; exactamente na manhã, e em todo esse dia a filha de Mauricio tinha-se apresentado verdadeiramente feiticeira ; o nosso estudante perdeu de todo a cabeça ; maldisse as suas passadas loucuras, e a viuva crene tambem ; accusou-se por ter deixado a cidade da Bahia, accusou Rosa de ser inconstante, leviana e não sei que mais ; accusou Mauricio por não fechar a porta de sua casa ao commendador Sancho, Anastacio por ter tido uma congestão cerebral, e accusaria ainda o mundo inteiro, se no meio de suas breues reflexões não fosse interrompido por um escravo, que lhe trazia da casa da velha Basilia todas as suas riquezas e ao mesmo tempo a sua roupa em uma canastra, felizmente em bom uso ainda.

O caso era muito simples : Anastacio continuava de cama, e depois deveria passar por uma longa convalescença ; mas tinha-se dado tão bem com o seu enfermeiro, que teimava em não querer vê-lo ausentar-se ; o Juca de sua parte hesitava, e Mauricio cortando todas as difficuldades mandou buscar-lhe a roupa á casa de Basilia sem prevenil-o disso.

O Juca era um homem habituado a essas mudanças de habitação feitas assim de repente ; não se admirou pois de ver, bem que temporariamente, transportados todos seus trastes, e riquezas da casa da velha Basilia para a de Mauricio ; rio-se da surpresa, suspirou não sabemos por que outra razão, e foi mandar pôr a canastra no seu quarto, que era paredes meias e se communicava por uma portinha com o de Anastacio.

O portador tinha trazido mais do que a canastra, e entregou ao Juca uma cartinha, que lhe escrevêra a irmã de Faustino. O estudante leu-a com alguma difficuldade, porque a moça escrevia ao modo de tabellião velho no officio : Sr. Juca, parabens ! o

velho da roça melhora, e a moça da cidade vai provavelmente sentindo-se incommodada. O commendador Sancho deve estar com dôres de cabeça, e a velha Irene pouco mais ou menos no mesmo estado ; o mano Faustino anda furioso, e eu alegre com o que acontece ; mas com muitas saudades suas : avante, Sr. Juca ! não desmintaa sua fama, e... acabe de uma vez e quanto antes o seu *romance não acabado*. Minha mãe manda-lhe lembranças, e eu sou como sempre sua amiga do coração — *Clara*. »

O Juca depois de despedir o portador rasgou a carta em pedacinhos homœopathicos, e sorrindo-se disse consigo mesmo :

— Esta D. Clarinha qué está quasi não quasi definitivamente condemnada a entrar para o rol das tias, tem no entretanto um coração menos máo : vai perdendo a esperança de achar marido, e já se põe no caso daquelles, de quem se diz, que não podendo beber na taverna, folgão nella.

Um momento depois o estudante fez-se muito sério, suspirou, e disse :

— Havia porém na sua carta uma idéa, que me cumpre aproveitar... oh ! sim !... eu devo continuar a escrever o romance da... *minha rosa* ; minha !... ah ! ainda ousou chamal-a minha !... embora ; seja como fôr... escreverei sempre ..

E o ligeiro mancebo ia já executar o seu novo pensamento, quando se suspendeu, accrescentando :

— Mas antes de tudo vejamos em que estado se acha esta arca, de que ha tantos dias me vejo separado...

E abriu a sua canastra. Ordena a prudencia que ella não seja descripta : do meio de sua desordem sahirião dez longos capitulos. Basta pois parar com o mesmo Juca diante dessa caixinha, que elle con-

templou sorrindo-se, e que depois abriu cuidadoso.

O estudante foi tirando um por um de dentro da mysteriosa caixinha uma multidão de objectos talvez de grande valor para elle, e de nenhum para qualquer outra pessoa : erão flôres murchas, tranças, e anneis de madeixa, um pedacinho de pão assim a modo de figa para livrar de quebranto, cartas e bilhetes de todos os tamanhos, um palito, e tres grampos, uma liga, algumas fitas, e finalmente além de um numero infinito de outros *nadas* iguaes a esses, um pequeno embrulho de papel cuidadosamente arranjado :

— Eil-o aqui !... exclamou o estudante ; eis-aqui o meu querido talisman !

E guardando tudo mais, foi sentar-se á mesa levando o seu embrulho, que depois de aberto deixou ver o thesouro inappreciavel, que encerrava : era apenas um botão artificial de flôr de lorangeira provavelmente tirado de alguma corôa de noiva.

— Agora sim, continuou o Juca depois de beijar cem vezes o insensivel botão ; agora sim, poderei continuar a escrever o romance da minha Rosa : este botão me vai inspirar !... mãos á obra...

O nosso estudante pôz em ordem o papel, experimentou uma penna, accommodou a cadeira... pensou... tornou a pensar... bateu na testa... e nada de novo.

O pobre rapaz estava em maré de esterilidade : em vão pretendeu achar um nexo para ligar a narração dos factos outr'ora passados, e por elle já escriptos, aos novos que desejava historiar : se conseguia escrever algumas linhas, via logo depois que o estylo era abominavel, os pensamentos triviaes e baixos, em uma palavra tudo ruim, tudo muito áquem do seu objecto.

Debalde a cabeça do estudante queria fazer al-

guma cousa; o coração do amante apaixonado o estava chamando fóra daquelle quarto; e finalmente para ainda mais invencível se tornar a distracção, Rosa deixou ouvir a sua voz conversando com o velho Anastacio.

O Juca deixou cahir a penna d'entre os dedos, e ficou por muito tempo escutando aquella voz doce e maviosa, como se estivesse ouvindo uma harmonia celestial. Emfim a conversa parou, e o estudante estava ainda mudo e quedo, esperando que de novo soasse a voz encantadora; quando em vez della chegou-lhe aos ouvidos o forte resonar do velho Anastacio.

— O bumbo depois da flauta !... murmurou o estudante.

E de novo tomou a penna: desta vez um pouco menos infeliz o Juca se não conseguiu escrever a continuação do seu romance não acabado, ao menos pôde compôr uma declaração, uma invocação, ou o quer que seja, que elle destinou para servir de prologo á segunda parte da historia da sua rosa. A composição tinha o merito da originalidade, porque era na verdade a primeira vez que se encaixava um prologo no meio da obra: o invento era digno daquelle cabeça extravagante.

Seja porém o que fôr, prologo ou não, elle escreveu :

« Rosa! outr'ora escrevi a historia de nossos
« innocentes amores, e parei naquella tristissima
« hora, em que tu me fugiste n'um batel demasia-
« damente ligeiro deixando-me no coração o amor
« e a saudade: passaram annos... e agora conti-
« nuando esse bello romance da idade da pureza, e
« da poesia, o que eu posso escrever é só a historia
« de um amor !... Rosa! lembrar-te-has tu do pas-
« sado?... guardas por ventura a flôr de teu nome,

« que eu salvei do abysmo do lago, como eu guardo
« o botão da flôr de lorangeira, que me déste n'um
« momento feliz?... Rosa, já não és a mesma ;
« ingrata, tu me esqueceste, voluvel, tu amas a
« outro ; ah teme !... o passado que é minha gloria
« é para ti um sonho ; o presente que é para mim
« um tormento horrivel é para ti a ventura : o fu-
« turo... teme... será para ti o remorso : Rosa ! eu
« te amo ainda ! Rosa ! eu te amo sempre !... »

O tal prologo promettia ir ainda muito além ; mas um recado importuno veio interromper o Juca. Mauricio o mandava chamar á sala ; não havia pois que dizer. O estudante pelo sim pelo não dobrou o papel, em que tinha escripto a introducção á segunda parte do seu romance, e o guardou no bolso da calça com o pequeno embrulho, onde se asyava o botão de flôr de lorangeira : feito isto endireitou a gravata, alisou o cabelo, e sahio a saber o que delle queria Mauricio.

Ao aproximar-se da sala conheceu pelo ruido que lá se fazia, que havião visitas femininas em casa ; apressou o passo... mas apenas tocou a porta, recuou sorprezo e contrariado.

O infeliz tinha esbarrado com os olhos na velha Irene.

Desde que adoecêra o velho Anastacio era essa a primeira noite, em que apparecião de novo os amigos de Mauricio ; a viuva e o commendador que ha muitos dia não tinhão podido ver seus jovens noivos, se havião apressado a vir fazer parte da sociedade. Duas mesas de voltarete já estavam formadas e completas, e Rosa se achava no meio da sua côrte costumada.

Emfim... o Juca não teve remedio senão entrar : tomou uma larga respiração e appareceu.

— O nosso doente já se acha livre de perigo,

disse Mauricio ao estudante; não ha pois necessidade de se deixar ficar preso e escondido lá dentro; tanto mais que todos os nossos amigos desejavão extremamente felicitar ao joven dedicado e nobre, que penhorou a minha familia e a mim com tantos e tão grandes obsequios.

O Juca vio então cahir sobre elle uma chuva de cumprimentos exaggerados e lisongeiros.

— É muito por tão pouca cousa! exclamou quando pôde fazer-se ouvir; mal vai o mundo se aquillo que eu fiz chama-se virtude! Senhores, eu fui apenas um bom amigo, se não fui sómente um estudante de medicina.

— Foi o que é e o que será sempre sem duvida — um homem de bem!

— Basta! basta! exclamou o estudante; declaro que vou apadrinhar-me com as senhoras.

— Para aqui... para aqui, Sr. Juca, disse a velha Irene apontando para uma cadeira que já lhe havia preparado ao pé da sua, ande, venha conversar...

Que remedio! porém ao menos se a viuva lhe havia de ficar á mão direita, vio o estudante que do lado de seu coração se sentaria Rosa, embora junto della e dando-lhe a direita, estivesse sentado o commendador Sancho.

Todos conversavão: havia porém um não sei que de acanhado e contrafeito tanta em Rosa como no Juca, que mutuamente se observavão com admiravel habilidade.

— Ha que tempo que nos não vemos... balbuciou Irene ao ouvido do estudante.

— Ha oito dias... creio eu...

— Doze, meu senhor! doze!

— Póde ser... póde ser... no que diz respeito a contas eu tenho uma cabeça de ferro!

— Eu tive o cuidado de lhe escrever algumas vezes dando-lhe noticias minhas...

— Fico-lhe muito obrigado.

— Mas o portador voltou-me sempre com as cartas.. nunca lhe pôde fallar...

— Eu andava muito occupado...

— Pois olhe... devo confessar-lhe... que... quasi queme envergonha o dizêl-o.

— Sim ? então é melhor não fallar nisso.

— Não... quero sempre confiar-lhe... tive arden-tes e desesperados ciumes...

— Ora...

O Juca suava suores frios ; posto que Rosa sustentasse e entretivesse a conversação geral dirigindo-se já a uma já a outra, e emfim a todas as senhoras, que tinham vindo passar com ella a noite, nem por isso o commendador deixava de aproveitar todas as occasiões de soprar-lhe ao ouvido segredinhos, que o estudante daria dias de sua vida para poder escutar ; mas que não o conseguia nunca, principalmente porque a tal senhora sua noiva não o deixava pôr pé em ramo verde.

— Então o senhor não me diz nada ?... perguntou a viuva um pouco despeitada.

— Creio que sempre tenho dito alguma cousa...

— Exijo uma resposta ! murmurou um pouco mais alto o commendador.

O Juca fez-se todo ouvidos.

— Esperava enconral-o mais saudoso e terno... continuou a viuva.

Rosa ia balbuciando algumas palavras...

— O Sr. ama-me sempre ?... tornou Irene.

— Diabo !... disse por entre os dentes o estudante, a quem tinha escapado a resposta de Rosa.

— Diabo ? ! ! pois é assim que me responde ?...

— Como ?..

— O senhor deixou escapar o nome do diabo...
— Eu ?... creio que está enganada.
— Ouviperfeitamente !
— Pois então... então... rogo-lhe que me desculpe.

— Isto pede uma explicação, Sr.
— A ocasião é pouco oportuna...
— Vamos á janella...
— Seria... quasi dar-nos em espectáculo...
— Eu salvarei as apparencias... vou dizer que faz um calor insupportavel, e convidal-o-hei para gozar comigo a frescura da noite...
— Tenho medo do sereno... estou indefluado...

— Lembre-se, que está fallando a sua noiva !

O Juca estremeceu.

— O Sr. Juca parece achar-se em cadeira de espinhos !... exclamou uma moça que estava sentada em uma cadeira defronte d'elle, e que aborrecia profundamente a velha Irene.

— Então porque ?... perguntou esta formalisando-se.

— Ora.. porque está a estremeecer, como se se espinhasse a cada momento.

— É natural, acudio outra ; o Sr. Juca está sentado ao pé de uma rosa.

— Ah ! é isso ? disse Rosa : pois eu o liberto da minha maligna influencia.

E levantou-se de repente indo sentar-se no meio das senhoras que acabavão de fallar. O commendador e o Juca exhalaram ao mesmo tempo dous profundos suspiros.

— O senhor parece-me que suspirou, disse Irene, que já estava vermelha como um pimentão bem maduro.

O Juca tinha os olhos cravados em Rosa e foi

preciso que a interessante noiva lhe tocasse no hombro :

— Então nem ao menos quer ouvir-me?...

— Ah!... sim!... pois não, minha senhora.

— Exijo que me falle a verdade.

— Eu sou como Epaminondas, de quem se dizia *neque joco mentiretur*.

— Senhor, juro-lhe que não conheço esse Sr. Epaminondas! se lhe disseram alguma cousa de mim, é intriga, é calúnia de meus inimigos!

E esta!...

Ou talvez seja uma invenção sua... quer se fingir com ciúmes... para... sim... talvez para abandonar-me!

— Senhora! bulbuciu o estudante assustado : não chore aqui á vista de gente...

— Quero que todos sejam testemunhas da minha dôr e do seu crime... o senhor é um ingrato... um...

— Bravo! exclamou um dos parceiros do volta-rete ; codilho contra chalupa tres trunfos um rei, e cortando os outros dous naipes !

— Parece impossivel! disse o Juca erguendo-se para escapar das garras da noiva : parece impossivel!...

— Foi tal e qual respondeu Mauricio.

— Sr. Juca faz o favor de ouvir! disse a velha.

— Perdão, minha senhora ! mas não se pôde resistir a um codilho destes !

— Codilhada creio eu que fica a velha Irene, disse uma moça á outra que lhe ficava ao pé.

Irene estava embrazas, e o commendador Sancho pouco mais ou menos como ella.

Rosa não tinha tratado o seu noivo com a meiguice e ternura que elle devia esperar : havia-lhe dado constantemente respostas rapidas, fugitivas, insignificantes; déclarára-se rouca, quando lhe pedio

que cantasse alguma cousa e com as mãos dormentes quanto lhe mostrou desejos de a ouvir tocar piano. Como o Juca havia negado a Irene, negou ella tambem ao commendador o pequeno obsequio de ir conversar a sós com elle alguns momentos á janella, e finalmente aproveitando a observação da amiga que lhe ficava de frente, a respeito dos espinhos que incommodavão ao estudante, fugio da cadeira em que estava sentada ao lado de Sancho, e occupando uma outra fronteira a elle nem por isso o animou, e obsequiou com seus olhares..

O pobre Sancho deu voltas ao juizo para se explicar semelhante metamorphose; sua modestia não lhe consentia admittir um rival no coração de Rosa; julgava-se muito superior a todos os apaixonados da interessante moça para conceber semelhante pensamento; a causa do terrivel phenomeno devia ser por força outra: ah! no fim de uma hora o bom do homem resolveu o problema: tinha vindo de sobre-casaca!... não se usa trazer commenda senão na casaca; e eis tudo!...

O commendador Sancho jurou aos santos de sua maior devoção enforçar, mandar para o leilão, ou enviar de presente a algum belchior todas as suas sobre-casacas, gondolas, e paletots. Era realmente um homem de juizo fino e seguro... como ha tantos.

Emquanto os dous velhos agitados e descontentes se esforçavão para encobrir os tormentos de que estavam sendo victimas os dous jovens, Rosa e o Juca, se observavão incessantemente, e com o mais fino cuidado; uma palavra, uma acção, um olhar de um não escapava ao outro, e era logo estudado e comprehendido; afastados sempre, quasi nunca se fallando, e apenas a furto e de relance se olhando parecição dous inimigos, que mutuamente se espreita-

vão, e por fim de contas não são mais do que dous amantes, que o ciume tinha separado, e que um raio de esperança começava a querer fazê-los aproximar-se de novo.

O que porém se fazia mais notavel era a amabilidade com que Rosa estava tratando em toda essa noite a velha Irene, e os obsequios e cumprimentos que fazia o Juca ao commendador Sancho: o estudante e a filha de Mauricio entendião-se perfeitamente! são dous habéis jogadores que se pagavão sempre na mesma moeda!

Chegou no entretanto a hora do chá, e a velha Irene aproveitando o ensejo, apanhou o Juca descuidado e fê-lo assentar de novo ao pé de si; o estudante não pôde conter um ai, que ficou assim meio duvidoso entre o suspiro e o gemido.

— O senhor geme?... perguntou a velha que estava como uma polvora.

— Ah! não... suspiro.

— Pensei que o tinha ouvido gemer...

— E era possível; porque ando muito incommodado.

— Senhor... não abusarei da sua bondade... quero apenas uma resposta... franca... leal... decisiva...

— Bem... compreendo.

— O senhor é o mesmo ainda?!

— É boa! pois chegou a duvidar disso?

— Pergunto-lhe se os seus sentimentos a meu respeito são os mesmos...

— Oh! sim!... taes e quaes... palavra de honra!

— Disseram ainda agora que o senhor era um homem de bem...

— É verdade... lembro-me disso.

— Pois então digo-lhe que é necessario que o senhor proceda como tal... agora... Quanto a mim... creia que sou sempre a mesma... oh! sim; eu lhe

amo sempre : nada sei dessa historia com que me desorientou inda ha pouco... não conheço, nunca vi esse Epaminondas...

— Oh! não tenha receio; o diabo me leve se o tal Epaminondas me causar ciumes uma só vez na minha vida...

— Sr. Juca, pois deixa-me assim tão depressa?...

— Vou servir-me de uma chavena de chá!...

— Prefere uma chavena de chá á minha companhia!... isto é de mais! as minhas suspeitas...

— Oh! minha senhora, não é exactamente o chá; mas eu sou doudo por pão-de-ló, e creio que se não fôr acudir a tempo, o commendador Sancho devora toda aquella bandeja... até logo.

A viuva ficou furiosa: o Juca além de desamoroso estava até grosseiro com ella.

O commendador Sancho tinha decorado desde tres dias um comprimento muito espirituoso, de que já se havia servido dez vezes; mas ainda não em casa de Mauricio. Apareceram balas de estalo, e elle achou a occasião propria para fazer a decima primeira edição do seu comprimento; escolheu uma bala, e foi direito a Rosa.

— Peço a V. Ex. que estale esta bala comigo: dentro della está o nosso destino envolvido n'um versinho, como existe o meu coração envolvido nas graças de V. Ex.!..

E sorriu-se orgulhoso do que acabava de dizer.

— Perdoe-me, respondeu Rosa: o medico que trata de meu tio achou-me hoje muito nervosa, e prohibio-me estalar balas...

O commendador recuou confuso.

— Eis-aquí como se perde um destino!... observou uma senhora.

— Nunca mais visto sobrecasaca!... murmurou Sancho.

Emfim chegou a hora da retirada: o Juca que durante todo o resto da noite conseguira estar sempre quatro braças longe de sua velha noiva, descuidou-se no momento das despedidas, e só deu com Irene, quando ella lhe puxou fortemente pelo braço.

— Quem é?... ah... sim... minha senhora...

— Queria despedir-me dizendo-lhe uma verdade...

— Qual? ..

— Declaro que o senhor tem-se tornado intratável, depois que ficou homem de bem!

E de outro lado já ao pé da escada o pobre Sancho murmurava ao ouvido de Rosa;

— E eu lhe juro que nunca mais lhe appareço sem casaca e sem commenda.

XXVIII

Dous acasos.

Rosa não pôde conseguir adormecer, senão pela madrugada: agitavão seu espirito mil pensamentos, uns que a encantavão, porque erão filhos mimosos da esperança; outros que a fazião vacillar, porque os inspirava o receio; outros finalmente que a atormentavão, porque provinhão de um tardio arrependimento.

A filha de Mauricio ruminava docemente em sua alma tudo quanto se tinha passado entre ella e o Juca desde que adoecêra seu tio; recordava todas as palavras que lhe havia dirigido o estudante, os

olhares cheios de fogo que sobre ella a furto lançára, os cuidados de que a cercava, a meiga attenção com que sempre a ouvira, e emfim a má vontade com que parecêra estar soffrendo as ridiculas pretensões da velha Irene nessa noite que ia então acabar, e reflectindo sobre tudo isso, a moça concluia dizendo a si mesma com um brando sorrir a brincar-lhe nos labios :

— Oh ! sim... elle ainda me ama !

Mas depois Rosa lembrava-se tambem daquella vida louca, voluvel e extravagante do Juca ; vinhão-lhe á memoria as horriveis palavras que o ouvira proferir a outra moça no primeiro baile, em que o vio depois de tantos annos de ausencia: então todas as deslealdades, todas as traições que lhe fizera o estudante, se desenhavão a seus olhos mais feias e negras que nunca ; de novo seu orgulho se revoltava contra a audacia e a barbaridade daquelle homem, que mesmo diante della, ousava mostrar-se apaixonado de uma, de tres, de vinte outras senhoras. Então acreditando apreciar devidamente o character desse mancebo que por sua infelicidade amava, ella o accusava de fatuo, de inconstante e vaidoso ; julgava-o incapaz de amar seriamente, e só ambicioso de conquistas, que uma vez conseguidas, perdião para elle todo valor ; e em opposição ao seu brando sorrir de ha pouco, Rosa ficava triste e abatida, e murmurava apenas :

— Oh !... quer talvez enganar-me do novo !...

E quando seu pensamento queria voltar a repetir as primeiras e mais doces reflexões, uma idéa terrivel vinha fazêl-o parar, e della toda se apoderava : a filha de Mauricio estremecia subitamente recordando-se de uma fatal imprudencia ; seu coração já repleto de amargosa melancolia lhe trazia á memoria a sua louca promessa feita ao commendador, e

mais do que isso ainda a declaração publica e inteiramente voluntaria que em sua casa, e diante de vinte testemunhas fizera, de que aceitava a mão de commendador Sancho. Oh ! como faltar agora á palavra ? como apparecer diante daquellas pessoas que a tinham ouvido, e logo depois feito retumbar a seus ouvidos mil parabens lisongeiros, fingidos, sarcasticos ; como apparecer-lhes outra vez para lhes dizer que tudo isso estava acabado, que ella não se casaria mais com o commendador ?!

Rosa sentia todo o peso do castigo que cahia sobre ella pela estranha loucura que commettêra. Meditando nesse triste episodio de sua vida de moça, ella perguntava a si mesma, como se atrevêra, contra todas as leis da delicadeza, e mesmo do pudor virginal que ella tinha, a abrir a boca diante de tanta gente para dizer aquellas palavras, que em outra occasião pronunciados por seu pai ou por um noivo bem amado, a terião feito córar. A filha de Mauricio começava a experimentar que excessos pôde a paixão fazer praticar a uma cabeça ardente, a uma alma cheia de fogo : ella se arrependia ; mas já tarde... e comprehendendo a natureza do dever que a prendia ao commendador Sancho, e aborrecendo esse homem que a tinha agrilhoado pela sua palavra, a misera moça exclamava soluçando :

— Oh, meu Deos !... que futuro !... que futuro !...

E lembrando-se de novo do Juca, que era a causa de tudo isso, ella começava a maldizêl-o, como se maldiz um inimigo ; no meio porém de suas maldições sentia que o coração desmentia seus labios... sorria-se de si mesma, e tornava por uma transição, bem facil de operar no animo da moça, a embeber-se em seus primeiros pensamentos de amor e de esperança.

Embalada emfim por essas idéas deleitosas e encantadas, adormeceu Rosa pouco antes de romper o dia.

É bello o somno da virgem! em um leito cercado de cortinas côm de neve descansa a interessante filha de Mauricio: das telas brancas e finas que escondem o seu mimoso corpo surgem um rosto engraçado e lindo, e um collo gracioso, onde pullulão mil encantos atravez de negras e atrevidas madeixas, que soltas vão nublar graças, onde pousão retorcendo-se em um sem numero de anneis; um braço nú, que escapára das cobertas, mostra-se typo de perfeição, dobrando-se docemente, e conchegando as telas contra o seio, como se o instincto do pudor ainda no somno dominasse a virgem. Ella dorme; a dous passos ninguem perceberia o seu respirar, tão brando é elle: é o halito da innocencia que se exhala por entre esses labios da mulher, que é anjo ainda; mas .. ella parece inquietar-se... seu peito seeleva... sua respiração torna-se anciosa... gotas de suor correm de sua fronte... seus labios se movem... murmura phrases imperceptiveis... depois... estende os braços, sorri, é feliz no somno... e acorda deixando ouvir um fraco grito:

— Minha mãe!...

Que sonho foi esse que pôde tanto, que deixou pensativa e melancolica a filha de Mauricio?... é um mysterio de seu leito, e de sua alma: cumpre respeitá-lo.

Era dia e mesmo um pouco tarde: uma hora depois de haver despertado Rosa desceu para almoçar, e já encontrou á mesa seu pai e o Juca que a esperavão: ella correu a ver seu tio como tinha passado a noite e voltou logo depois a fazer companhia aos dous satisfeita de ter encontrado o seu doente muito melhor.

Rosa comeu pouco; Mauricio soffrivelmente, e o Juca muito: não ha nada nesta vida que tire o appetite a um estudante.

Emfim os dous levantaram-se e forão conversar com o velho Anastacio: ficou só e sentada junto da mesa Rosa que parecêra a seu pai ter acordado nesse dia de muitô bom humor.

Alguns minutos depois aproximou-se della uma escrava, que trazia um papel e um pequeno embrulho na mão.

— Que papeis são esses?... perguntou Rosa.

— Fui ao quarto do Sr. Juca tirar a roupa que se devia lavar, e agora achei lá dentro estes papeis no bolso de uma calça.

— O coração da moça palpitou fortemente; mas ella disfarçando a perturbação que sentia, respondeu sem olhar para a escrava:

— Deixa ahi os papeis.

Logo que se achou livre de testemunhas a filha de Mauricio não pôde vencer a immensa curiosidade que a excitava. Lançou a mão primeiro ao pequeno embrulho que tinha diante dos olhos, abriu-o e vio o botão de flôr de laranjeira: uma expressão de alegria indizivel se espalhou em seu semblante.

— O botão de flôr de laranjeira que eu lhe dei em outro tempo !..... disse ella.

Depois hesitou, e córando como se alguem a estivesse vendo, Rosa mudou de tom, sua alegria dissipou-se quasi inteiramente e balbuciou !....

— Que louca ! que criança que eu sou !.... quantos botões de flôr de laranjeira não terá como este que vejo aqui, e como esse que eu outr'ora lhe dei, aquelle joven musulmano !.... quem sabe que se o papel que vou ler não me fará conhecer a origem desta flôrzinha ?....

E com viveza abriu o papel e leu ; era o tal pro-

logo extravagante, e ultra-romantico que tinha de ser encaixado no meio do *romance não acabado*.

A alma de Rosa se abriu toda inteira á doce esperança, á consolação inexplicavel que naquella feliz leitura deparava. Não leu uma vez; leu duas, tres e mais vezes o tal prologo desengraçado, trivial e obscuro na opinião do proprio autor e que no entretanto pareceu á filha de Mauricio um hymno de inimitavel poesia.

— Sou amada !... sempre amada !... muito amada !... disse ella a custo sentindo-se suffocada pelo prazer : bemdito seja este papel !... sou sempre amada !...

Ficou muito tempo engolfada nos mais brilhantes sonhos : oh ! depois de tantos dias de dôr vinha, emfim, para ella a ventura !... depois do desespero, gloria !...

— É uma especie de resurreição ? murmurou emfim Rosa sorrindo...

E chamou a escrava que promptamente appareceu.

— Toma estes papeis, disse a filha de Mauricio, póde ser que sejam de importancia... não posso, nem devo examinal-os, vai daqui ha pouco leval-os ao Sr. Juca, que está no quarto de meu tio : não convém que elle suspeite, que seus papeis poderião ser lidos por mim, se eu os quizesse ler ; entendes ?

A escrava guardou os papeis e retirou-se.

— Segue-se, tornou Rosa, fallando comsigo mesma ; segue-se, que elle representava uma comedia ? segue-se que elle sempre me teve amor, que nunca se esqueceu de mim ; mas que duvidando da mi ha constancia, tratava de experimentar-me. Estes homens !... pois bem : agora ha-de elle vir finalmente curvar-se a meus pés, e perdêr perdao ; porque todos os meus sustos estão

acabados... a tempestade passou ; sou feliz !... mas ao menos por divertimento continuemos a comedia.

E festiva, alegre, venturosa a bella moça ergeu-se e dirigio-se para o quarto de seu tio.

Em seus momentos de prazer e enthusiasmo Rosa se havia completamente esquecido do commendador Sancho, e da palavra que lhe dera.

Mauricio já tinha sahido, e sua filha encontrou sómente o Juca fazendo companhia ao velho Anastacio.

— Oh ! muito bem apparecida, Sra minha sobrinha ! disse este : vê-se que gasta tanto tempo em almoçar, como em se vestir.

— Porque, meu tio ?...

— Porque teu pai, e o nosso estudante ha mais de uma hora que te precederam aqui.

— Ah ! estava occupada lá dentro.

— Ainda bem que já te occupas em alguma cousa !

— Bom : meu tio vai pouco a pouco tornando ao que era d'antes.

— Hein ?..

— Já começa de hoje a entender comigo, e isso me alegra o mais que é possível.

— Quero sentar-me aqui mesmo na sua cama, e a seus pés, meu tio.

— Anda lá que não me enganas, minha vivatona ; preferes sentar-te ahi para ficares defronte do Juca !

— Meu tio ! exclamou Rosa levantando-se da cama e correudo a sentar-se na cadeira.

O velho Anastacio ria-se com a melhor vontade.

— Ainda bem ! aceitaste agora a cadeira porque viste que ficavas sentada do lado do coração do estudante !

— Meu tio ! exclamou de novo Rosa levantando-se.

do-se da cadeira, e indo sentar-se outra vez na cama.

— Aquieta-te, rapariga, disse o velho; não vês que eu estou brincando?...

— Mas são uns brinquedos...

Uma escrava, que entrou no quarto livrou a bella moça das zombarias de seu tio.

— Que temos?... perguntou Anastacio franzindo os supercilios.

— São estes papeis... balbuciou a escrava dirigindo-se ao Juca.

— Que papeis?...

— Estavão em uma calça de meu senhor, que eu levei para lavar.

Rosa séria, calma, imperturbavel, e indifferente ao que se passava, tinha no entretanto os olhos embebidos no rosto do estudante.

O Juca reconheceu os papeis ao primeiro lançar d'olhos; mas perfeitamente sereno e dissimulado estendeu a mão e recebeu os papeis, sobre os quaes lançou apenas um olhar descuidado: Rosa só conseguiu observar no rosto impassivel do mancebo uma ligeira contracção dos musculos labiaes.

— Não valia a pena,.. disse o Juca guardando os papeis no bolso do seu paletot.

A escrava sahio.

Sr. estudante, disse o velho Anastacio rindo-se, convém que tome mais cuidado nos seus papeis... olhe, que é perigoso deixal-os assim cahir nas mãos das lavadeiras...

— Ora... importava pouco que se perdessem: são os apontamentos de um doente, ao qual prestei alguma attenção pela natureza da molestia.

— De que soffria o seu doente?... perguntou o velho.

— Dã coração, respondeu o Juca sem hesitar.

Rosa mordeu os labios para não rir.

— Mas que diabo de apontamentos de molestia lo coração podia encerrar aquelle embrulhosinho le papel, que lhe trouxeram tambem?...

— Ah! sim... o embrulhosinho...

— Sim; o que tem elle com o coração, meu estudante?...

— Nada... nada absolutamente; o embrulhosinho é simples: contém apenas uma lamina de pús vaccinico.

— Como são mentirosos estes homens, todos!... pensou comsigo mesma Rosa

— Ah! meu estudante! meu estudante! desconfio muito dos seus papeis: olhe, creio tão pouco nos apontamentos da molestia de coração, como na lamina de pús vaccinico.

O Juca julgou que a melhor resposta que podia dar era sorrir-se e levantar um pouco os hombros, como quem diz:

— Não faz mal que pense assim.

— Sr. Juca, tornou o velho Anastacio; observe que minha sobrinha pensa justamente como eu a respeito dos taes papeis.

— Ah! não, meu tio, acudio Rosa; eu não penso nada.

— Já vio, Sr. Juca?... esta innocente sobrinha que tenho, é tão simples, que não pensa nada!

— Meu tio acordou hoje disposto para zombar de mim?..

— Que diz a isto, Sr. estudante?

O Juca não estava ali muito á sua vontade, desde que a escrava lhe trouxera os papeis; reconhecia que a sua explicação não tinha sido a melhor possível e receando que o velho Anastacio continuando a gracejar chegasse a exigir que lhe mostrasse os apontamentos da molestia de coração, e a lamina de pús vaccinico, ardia em desejos de se ver longe

d'ali; aproveitou pois a occasião, e respondeu ao velho.

— Digo que me parece que não é conveniente ao Sr. Anastacio o fallar por tanto tempo; está muito melhor, mas ainda se acha um pouco fraco; no entretanto, continuou sorrindo-se, não tenho esperança de vê-lo silencioso em quanto tiver com quem conversar, e como neste caso o unico remedio que temos é deixal-o só, vou já pela minha parte dizendo-lhe adeus por umas compridas duas horas.

E sahio seu esperar resposta.

— O nosso estudante foi esconder os papeis!!! disse o velho rindo-se com força.

Rosa fez-lhe signal com a cabeça que sim.

— Hein?.. perguntou o velho curioso.

A sobrinha poz o dedo sobre os labios para recomendar silencio e levantando-se foi pé ante pé e com todo o cuidado até a porta do quarto, e poz-se a escutar com apurada attenção.

— Lá vai elle para sala, disse emfim ella tornando para o seu lugar.

— Então o que ha?.. inquirio o velho.

— Muita cousa: respondeu a sobrinha.

É preciso aqui advertir, que a molestia do velho Anastacio tinha tido o poder de ligar a elle a sobrinha com os laços da mais decidida confiança. Diversas razões e todas excellentes havião para explicar essa confiança: primeiro que tudo Anastacio já era senhor do terno segredo, que se escondia no coração de Rosa; em segundo lugar a amizade que o tio votava á sobrinha tornára-se immensamente maior depois dos incessantes cuidados que ella soubera e estava sabendo empregar no decurso de sua enfermidade; além disto Rosa não podia ser indifferente ao empenho que Anastacio mostrava por vê-la casada com o seu querido Juca; e final-

nente o velho roceiro havia descoberto um não sei que de parecido com elle no genio de sua sobrinha. Com effeito ambos erão igualmente francos, e apenas em Rosa essa franqueza era menos rude do que em seu tio; qualquer dos dous não ficava deixando nada ao outro em decisão e firmeza; e se Anastacio era vehemente, colerico e pertinaz, Rosa era pela sua parte, viva, ardente, exaltada e teimosa.

Resultou do conhecimento desse segredo, o da justa apreciação de seus mutuos sentimentos; que o velho e a moça se fizessem amigos intimos; e que dissessem um ao outro com a expansão da amizade e com a maior lealdade tudo quando se passava com elles, ou dentro de seus corações.

— Dizes que ha muita cousa, sobrinha? vamos a isso, exclamou o velho animando-se.

— Meu tio, primeiro que tudo o segredo continua...

— Ora...

— A sua palavra ainda como até agora continua a esconder dentro do seu seio tudo quanto lhe eu confiar?..

— Sim... sim... sim..., pois que não ha partido a tirar contigo: anda, falla.

— Pois lá vai: o que vossa mercê pensava é a pura verdade.

— Mas... que diabo pensava eu?

— Que aquelle papel não continha os taes apontamentos sobre molestia do coração...

— Ah!...

— Nem o embrulho a lamina de pús vaccinico.

— Então... tu?...

— Vi o papel e o embrulho.

— Ah, velhaquinha!

— Qualquer outra no meu lugar faria o que eu fiz.

— Estou por isso ; todas vocês lêem pelo mesmo breviário.

— Concordo, meu tio.

— Mas então o que continhão os taes papeis ?

— Meu tio está muito curioso ?

— Muito !

— Então lê também pelo nosso breviário.

— Vingativa ! não vêes que é por tua causa que eu me ando intromettendo nestas intriguinhas, que tanto me aborrecião ?... anda, falla.

— O embrulho.... não, o embrulho não ; é melhor que eu comece pelo papel.

— Peior !... o que me parece é que tu me estás embrulhando.

— Não se exaspere !

— Pois então acaba...

— Acabar ?... como, se ainda não comecei ?...

— Queres fazer-me perder a paciencia ? !... disse Anastacio um pouco mais exaltado.

— Basta ; não se agaste comigo ; eu lhe confio tudo : o papel continha uma verdadeira declaração, ou antes uma ratificação de....

— De que ?... heim ?...

— De amor.... murmurou Rosa hesitando.

— Un !... e a quem se dirigia ?...

— O cartucho...

— Por ora não se trata de cartucho !

— Assim não vamos bem .. deixe-me acabar.

— Pois acaba, teimosa de uma figa.

— O cartucho encerrava um botão de flôr de laranja...

— E o que mais ?

— Mais nada.

— E a quem era dirigida a declaração, ou ratificação de amor ? falla !

- Era...
- Dize... estás ahí a gaguejar!
- Pois meu tio não adivinha?
- A ti, Rosa?
- Sim, meu tio, murmurou a moça abaixando os olhos.
- Olhem lá a tal molestia do coração!... bem, bem; ás mil maravilhas; e a lamina de pús vaccínico que se transformou em botão de flôr de laranjeira?
- Era mesmo um botão de flôr de laranjeira.
- Isso já tu me disseste; mas que quer dizer esse botão... eu não entendo nada dessas nicotices... escapei de ser padre, já te disse mil vezes.
- Esse botão?...
- Sim... o que tem?
- Pois meu tio não quer adivinhar outra vez?
- Tens-me acaso por feiticeiro?
- Como vossa mercê adivinhou perfeitamente inda agora...
- Ah!... entendo; esse botão de flôr de laranjeira destinava elle para te offerecer...
- Qual... não...
- Então se não é isto!... diabo! não me entendo com estas cousas!
- Adivinhe, meu tio.
- Qual adivinhe! pelo contrario.
- Ah. meu tio! disse a moça abaixando a cabeça para occultar a sua perturbação, vossa mercê está adivinhando; é mesmo pelo contrario.
- Pelo contrario o que, sobrinha?
- Pelo contrario do que estava dizendo ha pouco.
- Ah! então se não era elle que te destinava o botão, e deve-se entender isto pelo contrario... fôste tu... sim, fôste tu que lh'ó deste.

— É certo...

— Rosa, disse o velho mui seriamente ; fizeste mal !

— Meu tio !

— Digo-te que fizeste mal ; a mulher não deve nunca descer até o homem ; mas sim esperar que o homem suba até a posição que ella occupa !

— Eu era tão criança ainda.

— Como criança, pois tu te suppões criança ?

— Ah, não ! meu tio não foi agora que lhe dei esse botão de flôr de lorangeira.

— Temos outra ! então quando foi ?

-- Ainda em vida de minha mãe !

— Tens razão, minha filha, eras uma pobre criança, que não sabia o que fazia.

— Oh ! mas foi bem feliz esse tempo, em que vossa mercê diz que eu não sabia o que fazia !... que de sonhos loucos, mas brilhantes ! que de esperanças doces e ineffaveis vinhão embalar esse bello amor da idade da innocencia e dos risos !

Duas lagrimas rolaram pela face de Rosa.

— E minha cunhada, perguntou o velho, não vio nada do que se estava então passando ?

— Minha boa mãe !... exclamou a moça ; sim... ella via tudo, e sorria-se ao contemplar nossos innocentes amores !

— Imprudente !

— Não. imprudente, não : boa, extremosamente boa, fez mais do que contemplar, abençoou o primeiro amor de sua filha, e parece que ainda hoje do alto céo vela por elle.

— Essa é melhor ! então como ?

— Meu tio, despertei esta manhã no meio de um sonho, em que eu via minha mãe alegre, risonha e festiva, cercada de cem anginhos, e prendendo com um laço de flôres a minha mão á mão do homem que...

— Sonhos!... sonhos! deixemo-nos de sonhos, minha doudinha; e vamos occupar-nos bem seriamente da realidade.

Ficaram ambos em silencio, e como que reflectindo por algum tempo; a moça um pouco envergonhada tinha os olhos pregados no collo, onde seus dedos descuidadamente brincavão, fazendo e desfazendo mil pregas em seu lencinho branco. Anastacio arrancou-se emfim a suas reflexões, e disse :

— Então que é isso, Rosa? estás triste?

— Meu tio não ralhou comigo?

É boa essa!... comprehendes tu que eu possa supportar a vida sem ralhar cem vezes por dia?...

— Mas, paciencia, enfadado comigo...

— Qual enfadado, tola : estou muito satisfeito.

— Ah! então o que eu fiz foi bem feito?

— Não digo isso ; porém o que acontece é que está muito bem acontecido.

— Como?... porque?

— Porque a consequencia de tudo quanto me disseste é que tu tens uma cabeça de vento!

— E meu tio está muito satisfeito porque descobrio que eu tinha cabeça de vento?... fico-lhe muito obrigada.

— Ora, temos outra!... quero dizer que com esse juizo de têas de aranha andavas a fazer castellos no ar; estavas desesperada por causa da inconstancia e crueldade do Juca, quando o pobre rapaz não fazia senão pensar em ti.

— Ah! isso é outra cousa!

— Portanto os receios, suspeitas e furores devem ter completamente desaparecido.

— Vamos indo, meu tio.

— E dentro em pouco, mato com uma cajadada dous coelhos! exclamou o velho esfregando as mãos alegremente.

— Como assim?

— Olha, primeiro que tudo terei a satisfação de ver-te casada com esse diabolico estudante com quem tanto antipathisava, e que teve a habilidade de me obrigar a querer-lhe bem, como se fosse meu filho!

Rosa abaixou os olhos córando muito; no fundo de seu coração porém ella bemdisse aquellas palavras de seu tio.

— E depois... depois ainda um outro prazer... um prazer menos doce que o primeiro, é verdade, mas que me deve fazer dar boas risadas.

— E que prazer será esse, meu tio?

— Ora... o de ver o commendador Sancho ficar com cara d'asno! aquelle velho cheio de postiços é o meu pesadelo... desejo ainda... porém que é isso! que tens?

Rosa apenas ouviu pronunciar o nome do commendador Sancho foi-se tornando muito vermelha e acabou por desatar a chorar.

— Então o que é isso? repetio o velho; o que tens? porque choras? falla, ou ver-me-has desesperar!

— Meu tio, disse Rosa com voz entrecortada pelos soluços, meu querido tio, eu sou muito desgraçada.

— Tu desgraçada!... exclamou Anastacio sentando-se na cama.

— Oh, muito! muito!

— Querem ver que temos o caso ainda mais embrulhado?! e eu mettido nisso, quando já devia ter juizo! quem me mandou vir a esta babylonia chamada cidade! mas agora não ha remedio... principiiei a asneira, e é preciso leval-a ao fim: anda rapariga, falla.

— Eu me fiz infeliz por minhas mãos.

— Ainda bem; não tens de quem te queixar; porém o que fizeste, o que ha, conta-me.

— Desesperada, como sabe, que eu estava ; acreditando esse moço... de quem vossa mercê gosta...

— Sim... sou eu que gosto... entendo ; falla para diante.

Suppondo-o falso, desleal, máo e não sei que mais, deixei o commendador acreditar que seus impertinentes cumprimentos erão bem aceitos...

— Cabeça de douda ! já me disseste isso.

— Chegámos a um ponto decisivo...

— Sim, elle pedio-te a teu pai... e depois...

— Na noite em que vossa mercê cahio doente, todos estavão na sala... ainda era tempo de salvar-me ; mas o Sr. Juca arrojou-me ao precipicio...

— Como... acaba...

— Elle já sabia de tudo... e em vez de serenar-me, em lugar de mostrar-se desesperado com o commendador, furioso contra mim, ostentou alegria... eu sei... quasi enthusiasmo...

— Era orgulho e falta de juizo ; tu e elle são dous malucos de primeira ordem.

— Fez mais do que isso, meu tio ; pareceu a todos loucamente apaixonado pela viuva Irene.

— E podeste acreditar que elle amasse aquella velha coroca e detestavel ?

— Oh ! eu estava fóra de mim... disse-lhe que me ia casar ; elle me respondeu que pretendia fazer o mesmo ; mostrei-lhe o meu noivo apontando para o commendador, e elle mostrou-me a sua noiva apontando para a velha Irene.

— Ah, palmatoria ! palmatoria !

— Perdi de todo a cabeça.

— Não... já a não tinhas... isso agora é basoffia.

— Fiquei completamente louca, e completamente decidida ao horrivel sacrificio ; meu pai acabava de deixar a sala ; eu estava só... sem amparo... sem

autoridade sobre mim... a paixão cegava-me... não vi nada... não vi ninguém,.. meu tio, esqueci-me do meu pudor, ou supitei-o e tive forças para dizer em alta voz, e diante de todos que aceitava.

— O que?... o que... desgraçada ?...

— Que aceitava o commendador Sancho por meu marido !...

— Imprudente ! exclamou o velho Anastacio.

Rosa tinha esgotado todas as suas forças, e escondendo o rosto no seio de seu tio começou a chorar soluçando fortemente.

O velho roceiro mudo, mas afflicto, contrariado pelo que acabava de ouvir e cada vez mais indisposto com o commendador Sancho, resmoneava phrases que se não podião perceber, e meditava talvez em algum meio, mercê do qual podesse salvar a sobrinha.

No entretanto os soluços de Rosa e a meditação do velho facilitavão um acaso que deveria compensar um outro acaso que pouco antes pozera a filha de Mauricio ao facto dos sentimentos do Juca a seu respeito.

Na verdade fôra por um desses felizes acasos que tantas vezes nos servem na vida, que tinham vindo parar por alguns minutos nas mãos de Rosa o prologo ou declaração de amor, e o pequeno embrulho com o botão de flôr de lorangeira ; mas agora por compensação não menos feliz nem Rosa nem o velho Anastacio ouviram os passos do Juca, que se aproximava.

Com effeito o nosso estudante de novo se dirigia para o quarto do velho, quando parou escutando os soluços da sua bella querida.

— Soluços !... disse consigo o Juca ; que quererá isto dizer ? aqui ha cousa : e quem sabe se eu me acho envolvido ou não na meada ?

E sem mais reflectir entrou pé por pé no seu quarto e chegando-se para junto da portinha que se abria para o do velho doente, pôz-se a escutar.

Depois de um muito longo reflectir Anastacio levantou com suas mãos a cabeça de Rosa, e perguntou-lhe :

— O que me contaste é verdade, menina ?...

— Oh ! é a pura verdade !

— Que diabo lhe contaria ella ? ! ! disse comsigo o Juca.

— Então, continuou o velho tio fria e tristemente ; estás presa pela tua palavra... agrilhoada pelo decóro !

Rosa soltou um pungente gemido.

— A palavra é sagrada ! proseguio Anastacio ; tu te fizeste infeliz pela tua má cabeça...

— Basta, meu tio !.

— Eu t'o adverti !... briguei, ralhei contigo...

— É certo...

— Agora... não sei o que se possa fazer.

— Meu Deus !...

— No entretanto...

— No entretanto... o que, meu tio ?...

— É verdade, no entretanto o que?... tornou a dizer comsigo mesmo o estudante ; eu estou por ora inteiramente alheio a esta intriguinha... estão falando em grego para mim.

— No entretanto Deus é grande !... talvez...

— Sim... eu ainda espero...

— Rosa, falla-me, como se estivesse fallando a um padre, de joelhos junto de um confissionario...

— Ora emfim... agora que vai começar a confissão, hei de por força comprehender alguma cousa, tornou o Juca.

— Sobrinha, consulta bem o teu coração, e responde : tu amas o Juca ?...

O estudante aproximou-se mais para perto da portinha, e poz o ouvido na fresta.

— Meu tio, eu já lhe confiei tudo.

— Tu o amas então ?...

— Oh ! foi o meu primeiro, e é e será o meu unico amor !...

O estudante apertou um lenço entre os dentes para supitar um suspiro.

— Conhece alguém esse teu segredo ?

— Vossa mercê, meu tio.

— Mais ninguem ?

— Póde ser que alguém desconfie que eu amo esse moço ; mas ninguem o sabe com certeza.

— Nem elle ?...

— Hoje, nem elle.

— Pois é preciso que todos continuem a ignoral-o, proseguio Anastacio ; a tua posição é critica ; a tua palavra é um abysmo que te separa do estudante.

— Abysmo de palavras ! pensou o Juca ; quem faz caso disso ; um abysmo de palavras hasta o vento para fazer desaparecer.

— Então... não me resta esperança alguma ?... perguntou Rosa tristemente.

— Uma só ; é preciso que esse indigno commendador te deixe livre... que te desobrigue emfim...

— Ah, meu Deus ! quem sabe se elle o fará !...

— E mais do que isso ainda ; é preciso que o Juca ignore sempre que tu chegaste a dizer publicamente, que aceitavas a mão do commendador...

— Mas porque, meu tio ?...

— Porque se eu fosse o estudante e o viesse a saber, por mais amor que te votasse nunca seria teu marido !

— Oh !... porém elle tambem ouviu o que eu disse.

— Então desgraçada... estás perdida !... exclamou o velho Anastacio dolorosamente.

— Como, meu tio?... é que vossa mercê ignora ainda o resto da historia ..

— O que ha pois?..

— O Sr. Juca logo que me ouviu dizer aquella grande asneira, abriu a boca, e disse outra ainda maior...

— Que asneira disse eu, que já me não lembro !... tornou sempre consigo o estudante.

— E o que foi que elle ousou dizer ?

— Participou a todos que se achava tratado e decidido o seu casamento com a velha Irene.

— Ah ! então isso é outra cousa ! exclamou Anastacio a rir ; vocês se entendem perfeitamente ; é o que eu disse ainda agora, são dous malucos ! se chegarem a casar-se, teremos de ver uma casa de orates.

— Meu tio acha que á vista do que lhe acabo de dizer...

— Acho que agora em lugar de uma palayra ha duas, em vez de uma só prisão ha duas, e que portanto... não sei... vocês não têm juizo... e isto vai ter um fim muito triste...

Rosa abaixou a cabeça e ficou em silencio.

— Menina, continuou Anastacio ; repito-te que tomes cuidado, não deixes transpirar o teu amor ; e sobretudo convém que o Juca o ignore por ora.

— Vem a tempo o seu conselho ! disse ainda consigo o Juca. que adivinhando que a conversação chegava a seu termo sahio outra vez de manso do quarto e foi de novo para sala.

— Bem ! tornou elle chegando-se á janella ; agora estou mais contente, e possò melhor forjar os meus planos ; Rosa ignora ainda o verdadeiro estado do meu coração, e eu conheço perfeitamente o della !.. foi uma felicidade não terem cahido os meus papeis em suas mãos.

No quarto de Anastacio a scena havia tambem terminado :

— Sobrinha, dissera concluindo o velho ; vai descansar e deixa-me dormir um pouco ; zela o teu segredo e tem ainda esperança.

— Sim, meu tio, hoje eu confesso que posso fazer tudo isso mais facilmente ; porque o Sr. Juca continua ainda a duvidar do meu amor, e não póde saber o que se passa na minha alma, e eu já tenho certeza de que elle me ama com ardor.

E sahiu.

Os dous amantes estavam muito ufanos com as descobertas que havião feito, ignorando que por dous acasos tinhão sido mutuamente atraíçoados.

XXIX

Avó e neta.

— Não teimes, Laura, dizia á sua neta a velha Juliana, não teimes comigo ; tu não conheces este mundo, onde talvez em breve te devo deixar.

— Que idéa essa agora, minha avó !..

— Que tem isso ?.. não vêem todos, que já estou com os pés para a cova ?..

— Vossa mercê ainda está muito bem conservada.

— Bem conservada ou mal conservada, não tenho vontade de te deixar só e sem amparo neste mundo ; se ainda tivesse um irmão, um bom cunhado.. um tio velho... passe ; mas sem um unico parente na terra ? ! !

- Mas então o que hei de fazer, minha avó?...
- Casar-te, menina.
- Isso quero eu, palavra de moça, vovó.
- O que te falta pois?...
- O principal... marido.
- Deverieis já tê-lo procurado.
- Quer por ventura vossa mercê que eu mande pôr um annuncio no *Diario*?...
- De certo que não; mas quero que não desfaças com os pés o que fazes com as mãos... por exemplo...
- Eis ahí vossa mercê com a sua teima!...
- Teimo e hei-de teimar! a cousa estava em muito bom caminho!... porque havias de ficar mal com D. Rosinha?!...
- Pela mesma razão porque ella ficou mal comigo.
- Foi uma grandissima asneira, que é preciso reparar quanto antes, ouviste?...
- Não dou o meu braço a torcer, minha avó.
- Laura, tu não és feia, pelo contrario todos te achão bonita e geitosa; mas lembra-te que se dizemos a todos que só tens vinte annos, diz a conta do vigario, que é quem falla verdade, que já chegastes aos vinte sete, seis mezes e onze dias.
- E o que tem isso agora?...
- Isto quer dizer, que já não é cedo para o casamento. Tínhamos posto os olhos naquelle estudante que apezar de meio adoidado, servia-nos perfeitamente; pois sei de boa parte e com certeza que o pai é rico e elle filho unico.
- Minha avó, lá diz e ditado, que aguas passadas não moem moinho. O Sr. Juca morreu para mim...
- Porque? tola?
- Eu sei!... porque eu morri para elle.

— Deixa-te de tolices, menina; não sabes das ultimas noticias?

— Importo-me pouco com ellas.

— Olha que a tua antiga camarada está de can-dêas ás avessas com o bregeiro do estudante.

Laura encolheu os hombros.

— A Rosinha parece agora toda inclinada ao com-mendador...

— Bom proveito lhe faça.

— Mas a consequencia disso é que o Juca está vago.

Laura córou até a raiz dos cabellos.

— Não percebes, menina?...

— Minha avó quer então que eu me abaixe para ir apanhar o resto das outras?...

— Rapariga, deixa-te dessas vaidades mundanas; o que eu quero. digo-te em quatro palavras.

— Bem, eu lhe escuto.

— Primeiro que tudo exijo que vás á casa de Mauricio fazer as pazes com D. Rosinha.

— Eu?!!

Sim tu; então o que tem?... pois vocês tão camaradas que serão havião de ficar inimigas para sempre! a Rosinha é uma excellente menina...

— É... é... uma hypocrita... uma traçoieira...

— Laura, lembra-te que ella fazia o mesmo que eu quero que tu faças : trabalhava para si.

— Pois que continue a trabalhar.

— Digo-te que has-de ir comigo á casa de Mauricio!... gritou a velhinha exaltando-se.

— Mas com que fim, minha avó?... perguntea Laura abrandando-se um pouco.

— A ver o que por lá vai : se não é mentira o que dizem, o Juca está em maré de vasante e a occasião é boa para ficares em maré de enchente.

— Sempre os restos de D. Rosinha!..

— O estudante ha de estar resentido, e mais facilmente se voltará para ti. Veremos se se arranja este casamento; realisado elle, morrerei descansada.

— Vossa mercê já disse tudo que tinha para me dizer?..

— Sim, já.

— Pois então saiba, que tem calculado muito mal.

— Porque?..

— Porque eu conheço aquella hypocrita, aquella sonsa como as palmas de minhas mãos, e sou capaz de apostar cem contra um, que ella nem ama, nem quer, nem ha de casar com o commendador Sancho...

— Então...

— Aquelle anjinho innocente que vossa mercê ainda ha pouco tanto elogiava, não faz senão um jogo muito trivial e grosseiro com o pobre commendador : arma um laço á custa do infeliz Sancho para nelle apanhar o Juca.

— Estás certa disso?..

— Certissima; sou capaz de jurar.

— Tanto melhor, menina.

— Melhor?!

— Sim, porque nesse caso são duas probabilidades em lugar de uma só; se falhar o Juca, temos o commendador Sancho, que é muito bom homem.

— O commendador Sancho!..

— Sim; pois o que tem?..

— Vossa mercê deverás estimaria ver-me casada com aquelle velho e presumido commendador?

— O lá se estimaria!.. digo-te mais; prefiro o commendador ao estudante...

— Minha avó! exclamou Laura; estou reconhecendo, que sou muito desgraçada!..

E a neta de Juliana desfez-se toda em lagrimas.

— Já se vio cabeça mais sem juizo?... bradou a velha, porque choras tu, rapariga? dize...

— Oh !... sou muito infeliz !...

— Infeliz como?... porque...

— Eu... moça... talvez mesmo bonita... eu comprimendada, requestada por tantos.. eu que sonhava com um futuro tão bello, tão gracioso, tão brilhante, enxergar agora a possibilidade de me ver condemnada a casar com um homem tolo, ridiculo... sem espirito... em uma palavra com um velho!...

— Laura, tu fazes muito pouco dos velhos !...

— Quando se trata de um marido, sim senhora.

— Não tens uma migalha de juizo nessa cabeinha ! disse a velha : escuta ; attende bem á lição de uma experiencia de perto de oitenta annos...

— Ha de ser experiencia de outro tempo, minha avó, respondeu ainda por entre lagrimas a neta.

— Ai... não me venhas com palavreados, e escuta : pensas tu que um marido deve ser ou é um namorado ?...

— Sim, senhora, penso e torno a pensar.

— Bem digo eu !... eis-ahi o grande erro da mocidade !... ai !... quem me dera estar aos vinte annos com o conhecimento que tenho agora do mundo !...

— Pois então o que é um marido, minha avó ?... perguntou Laura já um pouco curiosa.

— Um marido, tornou Juliana, é um amigo, um companheiro que ajuda sua mulher a carregar a cruz da vida ; um marido não precisa ser bonito, nem engraçado, nem moço, basta que seja bom, sério e honrado.

— Que mais, minha avó ?...

— A belleza e as graças do marido, se elle não é bom, desapparecem dentro em poucos dias ; a mocidade no fim de poucos annos, ouviste ?...

— Ouvi, sim senhora ; mas o velho ?...

— O velho, se é sómente velho, não se póde realmente supportar ; mas quando elle occupa uma posição distincta na sociedade, e é senhor de grande fortuna, como o homem de quem tratavamos ainda agora, Laura ? oh ! então é ouro sobre azul !

— Não sou ambiciosa, minha avó : não quero saber de dinheiro... não me importa com riquezas...

— Sim... todas vocês dizem isso ; não querem saber de dinheiro, mas importão-se muito com aquillo que só se obtem a poder de ouro...

— Vossa mercê está prégando no deserto... eu detesto o commendador Sancho... é um homem insupportavel...

— Lembra-te que é um senhor condecorado...

— Oh ! isso ninguem póde esquecer ; porque elle não sabe fallar em outra cousa senão na sua comenda.

— Lembra-te mais, Laura, da vida que elle te póde dar : terás riquissimos vestidos, joias preciosas, flôres e borboletas de brilhantes, adereços de perolas... chales de touquim, de lã de camello, e todos os dias sedas, blondes... modas novas e novos enfeites, riqueza... luxo... ostentação...

Laura suspirou.

— E depois, menina, não has de gostar de te achares cercada de criados trajando ricas librés, e de sahires todos os dias em um elegante carro puxado por magnificos cavallos ?...

Laura tornou a suspirar.

— E sobretudo, sobretudo, as tuas antigas companheiras vendo-te passar assim tão brilhante... mordendo-se todas de inveja, mostrando-te umas ás outras... hein ?... hein ?...

— Isso é verdade minha avó ; porém o velho ! ter de atural-o constantemente !

— Que tem o velho, tola ? serás obrigada a vê-lo e a conversar com elle duas horas por dia e mais nada. Olha : acordas ás onze horas ; almoças com o velho ao meio dia ; vais para o teu gabinete, e ficas ahi lendo romances, escolhendo vestidos, examinando enfeites até a hora de jantar ; de tarde passeias no jardim, e apenas anoitece toucador no caso, e duas horas depois baile que termina muito além da meia noite ! oh que vida ! que vida feliz que havias de passar !

A ambição da avó de Laura lhe estava inspirando aquella lição perigosa de immoralidade ; e a moça, que tanto antipathisava com o commendador Sancho, ouvia já o que lhe dizia a velha com certa especie de enlevo, pois que tinha sido tocada no seu fraco : tratava-se de enfeites, de moda, de ostentação e de luxo, que são certamente as armas mais poderosas para subjugar uma mulher joven ainda.

— Então, que dizes a isto, Laura ?

— Oh ! minha avó, o que eu digo é que não amo, nem amarei nunca o commendador Sancho.

— Mas se por acaso te viesses a casar com elle ?

— Ah !... nessa conjuntura difficil, sim... eu não teria remedio senão amar os brilhantes, os vestidos e o carro que meu marido me dêsse.

— Ah ! já te vais chegando á razão, rapariga !

— Minha avó tem uns argumentos !...

— Confessa que te convenci, Laura, e cede-me em tudo, já que começaste a ceder em parte : vamos, dispõe-te a ir fazer as pazes com D. Rosinha.

— Para proceder com ella, como ella procedeu comigo, minha avó ?... devéras aconselha-me a isso ?...

— Doida... inexperiente... queres endireitar o mundo ? quando se trata de enganar, antes enganes

do que fiques enganada ! ora, que é preciso dizer tudo ás crianças !

Logo depois desta observação unicamente moral a velha Juliana accrescentou :

— Basta de conversa... deixa-me rezar.

Laura levantou-se, e dirigio-se para a janella.

— Ah ! murmurou a velha olhando para a neta que se ia, se eu a faço commendadora !

E logo depois emendou a phrase com um *padre* nosso.

Havia meia hora que Laura se achava á janella, quando vio vir pela calçada fronteira o celebre publicista. que caminhava de olhos baixos, meditando e com uma cara de crise ministerial.

A moça deu um salto para dentro e exclamou :

— Minha avó !

— O que é, menina ?

— Podemos ter noticias frescas da casa do Sr. Mauricio... lá vem o filho de D. Basilia.

— Pois bem, deixa-o vir; não se precisa fazê-lo fallar, elle toma isso á sua conta : aquillo é uma lingua de serpente ! sahio á mão que eu conheci perfeitamente no meu tempo.

— A irmã d'elle é outra que tal, accrescentou Laura; mas olhe, minha avó, que elle vai passar.

— Ah ! pois então chama-o; eu pensei que elle vinha visitar-nos.

Laura já estava outra vez á janella, e quando Faustino foi se aproximando, teve ella um accesso tão opportuno que o publicista olhou para cima, e acudindo ao signal que lhe fez, entrou no corredor.

Faustino foi obsequiosamente recebido por Juliana e Laura; pela sua parte o publicista não se deixou ficar atraz. Começaram por mentir muito todos tres.

— Desculpe tê-lo chamado, Sr. Faustino, disse a moça : apenas disse á minha avó queo tinha visto, ella não pôde conter-se, e quiz por força que eu o convidasse a entrar : estamos mortas de saudades de D. Basilia e D. Clara ! ha um seculo que nos não vemos... isto não pôde continuar assim.

— É verdade; eu sou muito amiga de D. Basilia : quando passo muito tempo sem vê-la ando como tonta ; parece que me falta alguma cousa !

— Oh ! ellas não ficão devendo nada, respondeu Faustino ; estão sempre a pedir-me noticias das senhoras ; a mana Clara bebe os ares por D. Laura ; quanto a minha mãe... isso é amizade velha, não se falla.

— Sim ; mas o senhor é um ingrato... não se parece com ellas.

— Afazeres e trabalhos!... creio que acabarei por morrer de cansado ! tenho uma vida de preto do ganho!...

Era a primeira verdade que sahio dos labios do publicista!... foi um acaso.

— E o Sr Juca passa bem?... perguntou a velha.

— O Juca ? pois as senhoras não sabem ?.

— Não ; o que ? casou-se ?

— Ah ! não, porém fugio-nos.

— Fugio ? para onde ?

— Para casa de Mauricio.

— Bravo ! essa não se conta a ninguem !

— A pretexto de servir de enfermeiro ao velho Anastacio, que esteve por um tris a dar á costa, deixou-se lá ficar, e não arreda pé da casa de D. Rosinha.

— Ora, quem diria!... então a molestia do tio acaba de certo com o casamento da sobrinha...

— Eu sei, minhas senhoras ! ahi ha ainda seus

conformes; D. Rosinha deu a palavra de casar-se com o commendador Sancho.

— Ah!...

— No entretanto sou capaz de jurar que ella estará bem prompta a faltar á palavra; dizem mesmo que na ultima reunião que houve em casa de Mauricio, o pobre commendador ficou completamente desesperado e afflicto pela maneira por que foi tratado pela noiva.

— Isto agora é que é inexplicavel!

— Ao contrario, explica-se com toda a facilidade.

— Como?...

— A noiva se aborreceu do noivo antes de casar.

— Portanto acontece o que diziamos ha pouco : a molestia do velho da roça termina com o casamento da moça da cidade!

— Mas com quem, se ella já maltrata o noivo?...

— Com quem?... com o Juca.

— Resta saber, se o estudante está agora pelos autos.

— Que embrulhada!... pois dizião que elle era o primeiro amor de D. Rosinha.

— Affirmação que sim, e eu tenho razões para o crer.

— Sim?... acudio Laura; pois que o Sr. Faustino se mostra tão bem informado. poderá dizer-me, quantos primeiros amores tem tido D. Rosinha?...

— Laura!... disse a velha.

— Minha senhora., ia dizendo Faustino.

— Deixe essa linguaruda, tornou Juliana; não faça caso do que ella diz, Sr. Faustino; e explique-nos as duvidas que apparecerem para a relisação do casamento da filha de Mauricio com o estudante.

— Senhora D. Juliana, o caso é simples, o caso é simples : o Juca é menos amante do que ambicioso.

— Deveras ?...

— Sem duvida alguma ; e actualmente se acha mais apaixonado do dote da velha Irene, do que dos bellos olhos de D. Rosinha.

— É impossivel !...

— A viuva Irene já não está em idade de casar !

— Mais se elle não casa com ella !

— Então com quem ?

— Com o dote, minhas Sras. com o dinheiro da velha.

— É uma cousa horrivel !

— Abominavel !...

— Isso mesmo tenho eu repetido cem vezes áquelle rapaz ; tudo porém é baldado !... hoje a sua mania é ter dinheiro.

— Semelhante acção é indigna de um moço de bem ! observou Juliana.

— Um homem, que anda á procura de mulher pelo dote que ella lhe póde trazer, tem por força character baixo e vil ! exclamou Laura exaltando-se.

— Assim penso eu, exactamente da mesma maneira, disse com imperturbavel sangue frio e sem vergonha nenhuma o publicista.

— Homens taes não devião ser admittidos em nenhuma sociedade ! merecem todos um castigo exemplar.

— É verdade ! tornou Faustino ; e reprovo tanto o procedimento do Juca, que estou agora nas minhas horas vagas escrevendo uma obra contra os noivos interesseiros.

Faz muito bem, Sr. Faustino, eu lhe asseguro que a sua obra ha de ter muitos assignantes.

— Mas devéras, perguntou Laura, o Snr. acredita que o casamento da velha se realizará?...

— Não se póde asseverar nada neste mundo; no entretanto como o Juca além de ambicioso é pertinaz...

— E como a viuva Irene morre por casar outra vez... accrescentou Juliana.

— É uma desgraça!...

— É uma calamidade!...

— É uma cousa muito commum nos homens, observou Laura.

— Salvas as honrosas excepções! disse Faustino endireitando a gravata.

Reinou silencio por algum tempo: dir-se hia que estavam os tres occupados em meditar sobre os futuros dissabores do estudante. Finalmente o publicista, que tinha mais que fazer, levantou-se, fez as suas despedidas, e sahio carregado de lembranças e saudosas recommendações para a velha Basília, e D. Clara.

Ficaram sós Juliana e Laura.

— E agora, minha avó? .. disse a moça: lá se foram todos os seus projectos a meu respeito, porque o Juca desposa a viuva rica e D. Rosinha, pelo sim pelo não, ha de se contentar com o velho commendador. Ainda bem que assim acontece; não passo pela baixeza de quebrar por mim apresentando-me na casa daquella presumida.

— Ao contrario, Laura, hoje mesmo lá iremos; o combate está travado... ha desordem entre elles todos... e portanto, diz-me uma cousa cá dentro, que tu ficarás triumphante: aprompta-te; e não te faças tola.

— O que dirão de mim as outras!...

— Se te virem casada com o commendador, hão de dizer cobras et lagartos certamente; mas no

fundo do coração terão inveja de ti, quando passares diante dellas em teu brilhante carro puxado por quatro cavallos.

Aquelles argumentos de ricos vestidos, joias preciosas, bailes, festas, pompa, luxo, e carruagem tinham uma influencia indizível sobre o animo de Laura.

— Mas o velho!... o velho!... balbuciou ainda ella.

— O velho... disse com abominavel cynismo Juliana, o velho deve provavelmente passar desta para melhor vida antes da moça...

— Ah! minha avó!...

— É a ordem das cousas!

A moça abaixou os olhos.

— Então farás o que te digo?... perguntou a velha Juliana no fim de alguns minutos.

Laura ergueu a cabeça suspirando, e disse:

— Bem, minha avó; para lhe obedecer farei o mais vil papel nessa triste comedia; mas eu sei que vou commetter um peccado, e Deus me ha de castigar.

XXX

André.

Nessa mesma manhã em que Faustino estivera conversando com Laura e sua avó, e ao mesmo tempo pouco mais ou menos que isso tinha lugar, estavam defronte um do outro, e occupados de

materia muito differente o commendador Sancho e o velho André.

A scena se passava no mesmo gabinete pequeno e escuro, onde alguns dias antes o publicista fallava ao millionario : o commendador mostrava-se, como de costume ridiculamente vestido no rigor da moda, e depois de haver sustentado longa conversação com o repugnante dono da casa, conservava-se silencioso, meio vexado, e voltando a miudo os olhos para a porta, como receioso de ver entrar alguem, enquanto André escrevia cuidadosamente em um papel que tinha diante de si, e do qual apenas levantava os olhos para observar o seu hospede. O commendador occupava o tamborete em que tambem se sentára Faustino, e o usurario a sua cadeira de páo junto da mesa de jacarandá. Nada tinha mudado no feio casebre, nem mesmo seu dono se vestia de outro modo ; trazia sempre o seu rude barrete de sarja preta na cabeça, a sua jaqueta de lila preta com as nodoas rôxas, as suas calças de ganga azul, e os seus sapatos de cordovão repou-sado.

Emfim o velho millionario acabou de escrever, e estendendo para o commendador uma mão tremula, que prendia com força entre os dedos o papel e a penna, disse com a sua habitual concisão :

— Assigne.

Sancho ergueu-se promptamente e assignou o seu nome no papel que lhe dêra André, e no mesmo lugar em que este lhe apontava com o dedo indicador.

Recebendo outra vez o papel, o millionario examinou com admiravel cuidado a assignatura do commendador ; depois abaixou-se até o chão, e com a rama da penna varreu sobre o papel a poeira do soalho, que lhe servia de unico areeiro ; emfim le-

vantou-se e desapareceu pela porta do gabinete que lhe ficava á mão direita.

O pobre Sancho observava tudo com ar humilde e contrariado ; não pôde porém supitar um suspiro escutando o ruido das chaves, que seguramente abrião o cofre do usurario.

Pouco depois André tornou a apparecer trazendo um volumoso maço de bilhetes do thesouro que haviam sido contados e recontados no gabinete, e que o foram de novo sobre a mesa e na presença do commendador.

— Eis-ahi o dinheiro, disse finalmente o millionario suspirando ; conte-o agora o senhor...

— Não é necessario ; está contado.

— Descontei os juros que devião ser vencidos no fim do proximo semestre... achará pois essa differença... — Mas...

— Nada de mas, meu caro, ou não temos feito senão perder o nosso tempo ; o que eu digo uma vez não volta atraz : se o Sr. commendador se tivesse lembrado de trazer-me ao menos os juros das suas dividas antigas, ainda bem ; porém...

— Basta, meu amigo e Sr. André ; eu me submetto, porque preciso...

O commendador lançou a mão ao dinheiro, e enquanto enrolava os bilhetes para mais commodamente guardal-os, os olhos do usurario, brilhantes como raios, acompanhavão o movimento das mãos do seu devedor. Quando o dinheiro desapareceu de todo no bolso da casaca de Sancho, André, que ainda se achava de pé, deixou-se cahir suspirando em sua cadeira de páo.

— Fico sem vintem em casa !... murmurou.

O commendador lançou-lhe um olhar de revez, onde se podia apanhar a desconfiança, e quasi que o odio.

— Despojei-me de tudo quando tinha para servil-o !... veremos como me paga.

— O Sr. André tem para sua segurança a hypotheca de todos os meus bens, disse Sancho tomando o chapéo.

Transluzio nos labios do usurario um rir medonho; e elle apenas balbuciou imperceptivelmente:

— Ê o que me vale.

— As ordens do Sr. André! tornou o devedor que se dispunha a sahir.

— Meu caro commendador, espero que possamos saldar as nossas contas no fim de seis mezes; eu tenho tambem obrigações a cumprir... e... sentiria ver-me obrigado a vexar os meus amigos.

— Farei tudo por satisfazê-lo, respondeu Sancho; espero em breve achar-me em melhores circumstancias; no entretanto, se me não fôr possivel pagar de uma vez todas as minhas letras, conto que...

André encolheu os hombros de um modo muito significativo, e disse com um tom desabrido:

— Quem não póde com a carga, arreja.

E levantando-se, despedio o seu devedor, acompanhando-o até á porta da entrada da saleta.

— D'aqui a seis mezes, disse elle comsigo voltando a sentar-se; não esperarei mais... teremos chegado ao tempo de depennar este gallo velho! ah! sim! leva o meu dinheiro hoje, como já o tem levado por outras vezes; mas espero em breve desforrar-me! O que elle possui ainda vale um pouco mais do que está a dever; porém nós lhe faremos as contas...

Alguem que batia na rotula do terrivel casebre interrompeu o immundo millionario.

— Oh!... teremos algum dos outros meus amigos!...

O commendador Sancho, satisfeito de levar consigo a quantia de que seguramente muito precisava, sahio todavia um pouco preocupado com a despedida que tinha tido : dentro de seis mezes rebenitaria uma forte borrasca sobre elle ; André era um homem de coração de pedra, e estaria prompto para sem dó nem piedade arrancar de um seu devedor o ultimo pedaço de pão, que lhe restasse para matar a fome.

De casas, como essa do velho usurario, sempre se sahe com a vergonha no rosto, e se deseja não ser visto. Sancho antes de pôr o pé na rua olhou para ambos os lados, e não descobrindo pessoa conhecida aventurou-se á retirada ; mas apenas tinha dado vinte passos esbarrou-se com Faustino, que o cumprimentou de uma maneira que pareceu desacostumada ao commendador, o qual tambem pela sua parte curioso, fingio dobrar a primeira esquina, e pondo-se de espreita, vio que o publicista entrava pela sua vez em casa de André.

— Mais um infeliz !... balbuciou Sancho, que tinha as suas duvidas pesando-lhe sobre o coração.

Faustino não pensára como o commendador ; vendo-o sahir do casebre do usurario, lembrou-se do seu *negocio*, e disse consigo :

— Dar-se-hia o caso de tambem este velho impertinente calcular com o dote da minha querida viuva ?...

Emfim o publicista mostrou-se á porta da sala de André, que, apenas o vio, estremeceu todo na cadeira e sentio que o fogo da colera lhe acendia o rosto : começou então a tossir com muita força, e acenou com a mão ao recém-chegado para que se sentasse.

— Sinto que se ache incommodado, disse Faustino, quando pode ser ouvido.

André já tinha serenado.

— Isto não vale nada... ha de passar... foi o tabaco, queme cahio no goto ; mas o que quer o senhor ?...

— Não me conhece?...

— Ah!... sim!... tornou o millionario revolvendo o olhar de tigre sobre o rosto de Faustino : se bem me lembro é a mesma pessoa, que me veio fallar sobre um negocio um pouco extraordinario.

— E a quem o senhor disse que tornasse a lhe vir fallar no fim de oito dias.

— Ah!... e não me achou em casa?... é porque eu tinha sahido.

— Provavelmente ; mas voltei tres dias depois...

— Os negocios me não deixavão então ficar em casa.

— Ainda tornei no fim de outros tres dias.

— Mas enfim...

— Encontrei-o hoje.

— Diga o que quer.

— Uma resposta a respeito do negocio de que lhe fallei.

— Por ora, meu caro, não temos feito nada ; faltou-me o tempo para pensar nisso.

— Devéras?... perguntou o publicista com um sorrir de ironia nos labios.

— Palavra de honra!... respondeu o velho, sorvendo uma enorme pitada de pó, cujos restos se espalharam por toda a saleta, fazendo com que Faustino tossisse por sua vez.

André acabava de appellar para o tabaco, como pouco antes appellára para a tosse : o — Devéras?... — de Faustino o havia desconcertado por alguns instantes. Tambem estes dous personagens havião perdido o character com que se tinham apresentado

um ao outro em sua primeira entrevista : André de colerico, violento, e apressado se tornára paciente, e se esforçava para abafar sempre os impetos de sua natural irascibilidade ; Faustino de um pouco condescendente que se mostrára, transformou-se em altivo e exigente. O millionario desde as primeiras palavras, que ouvira, não encarava mais de face, porém só de través o publicista : este conservava os seus olhos pregados sobre o rosto daquelle, como para não perder uma só contracção de musculos, ou a menor expressão physionomica.

— Então devéras?... tornou Faustino.

— Palavra de honra, repetio André.

— Pois não me aconteceu outro tanto : tenho pensado muito no caso, e sei de muita cousa nova.

— O que?... perguntou o millionario com um interesse que o atraíçoa.

— Sei das suas visitas a seu irmão Daniel, e a sua prima Irene...

— Espião-me! bradou o usurario desconcertando-se.

— Sei do que nellas se passou... e o que o senhor pretende esconder-me sacrificando a sua palavra de honra!...

— Querem roubar-me a todo trance!... exclamou o velho desesperado, e deixando a marca de suas unhas crescidas e immundas em um peito vermelho e cabelludo, que se deixou ver pela abertura da camisa.

— Já vê que sei de alguma cousa, disse friamente o publicista.

— Pois então! gritou o usurario levantando-se: revoltão-se contra o meu socego, conspirão contra a minha vida, contra a minha honra, contra o meu dinheiro, e não querem que eu me defenda!...

oh!... pretendem reduzir-me á miseria, a pedir esmolas de porta em porta!... é uma infamia!...

— Modere-se, homem! pensemos no caso com sangue frio, e discutamos a questão com franqueza.

O usurario lançou sobre o publicista um olhar de serpente, e atirou-se de novo sobre a cadeira.

— O senhor tem em seu poder a fortuna de sua prima, a Sra. D. Irene : essa fortuna deve hoje montar a muito mais de um milhão...

— É falso! exclamou o velho.

— Isso é questão á parte ; o Sr. Daniel fará as contas, quando fôr tempo...

Uma imprecação violenta veio quebrar-se contra os dentes cerrados de André.

— Ora pois ; com a mira nesse bom bocado, que o senhor quer só para si, apresentão-se dous pretendentes á mão de sua prima, ou antes ao dinheiro della : um estudante, e eu.

— Que infames !...

— O estudante inspirou paixão á Sra. D. Irene, e pouco lhe importa os desgostos, que lhe deve causar, quando vier buscar o dote da noiva ; eu, que não sou amado, trato de oppôr-me a este casamento e offereço vinte por cento do dote, a quem me ajudar no empenho de casar-me com sua prima, e fizer, com que eu consiga esse desideratum : então, comprehendeu ?...

— Homens honestos !... homens honrados !... murmurava espumando de raiva o millionario.

— Fallei bem claramente. disse outra vez Faustino ; acabemos pois com isto. O senhor quer os vinte por cento ?...

— Não !... não !...

— Bem : vou offerecêl-os ao Sr. Daniel.

O velho ergueu-se de novo. Estava tremulo de

colera, e seus olhos pequenos brilhantes ora se fixavam sinistramente em Faustino, ora se voltavam para a porta do gabinete, que lhe ficava á direita. Elle deu dois passos para o terrivel publicista e quiz fallar ; mas a custo pode arrancar do peito uma unica palavra.

— Não...

— Antes porém de retirar-me, quero dar-lhe um conselho de amigo : tome suas medidas sobre o nosso estudante ; olhe, que se tem ultimamente passado cousas...

André deu um pulo para Faustino, e agarrando-lhe no braço, exclamou :

— Falle!...

— Mas para que ?

— Quero saber.

— Tanto me faz, que o dote de sua prima fique na sua mão, como que vá parar á do estudante.

— São todos meus inimigos !...

— As ordens do Sr. André ! disse o publicista fazendo ao millionario uma profunda barretada.

— Onde vai ?

Á casa do Sr. Daniel.

— Escute.

— O que quer ? aceita os vinte por cento.

— O usurario parecia ter serenado ; mas Faustino mostrava desconfiar daquella apparencia de socego.

— Sente-se ; disse elle.

— Estou bem de pé ; não posso demorar-me.

— Quero fallar-lhe sobre o nosso negocio.

— Bem ; mas depressa, porque tenho que fazer.

— Eu não posso resolver-me assim de repente... preciso calcular...

— Então vou primeiro entender-me com o Sr. Daniel.

O nome de seu irmão fazia sempre estremecer a André: como uma serpente, que se enrosca pelo corpo da victima, elle estendeu os braços, e abraçou Faustino pelo pescoço.

— Meu amigo! disse com a mais estudada docilidade o velho; veja que se trata de uma questão-sinha, que póde reduzir-me á maior miseria!..

— Creio tanto nisso, como na sua palavra de honra de inda ha pouco

— André não se offendeu; pelo contrario continuou ainda com a mesma doçura.

— Oh! dê-me ao menos o tempo necessario para meditar: isto não é negocio de faca aos peitos... nós somos dous homens de bem...

— Seguramente! respondeu Faustino desatando a rir.

— Olhe; venha daqui a quinze dias...

— Não.

— Bem: seja de hoje a oito dias...

— Não.

— Daqui a tres em uma palavra...

Faustino olhou fixamente e por algum tempo para André, e depois respondeu:

— Concedo: até daqui a tres dias, e então... ou dente, ou queixo...

E sahiu acompanhado por André, que o levou até a porta com todas as atenções.

Logo que o publicista desapareceu, rebentou de novo a colera supitada do usurario.

— Querem roubar-me!.. arrancar de minhas mãos o dinheiro, que é meu... separar-me do que faz a minha felicidade! oh!.. um milhão e ainda mais!.. isto faz escurecer a vista, perder a cabeça... endoudecer... morrer!.. o meu dinheiro!.. o dinheiro, por que rindo-me tenho visto chorar pais, mãis, esposos, e filhos! o dinheiro que é a minha lei, a

minha honra, a minha religião, a minha alma, e o meu Deus !... não e não !... tentarei tudo.

O signal de meio dia dado pelo sino de uma proxima igreja interrompeu o soliloquio daquelle miseravel millionario.

— Meio dia !.. disse elle; é a hora em que se mostram os preguiçosos, e aquella, em que mais facilmente poderei fazer-me ouvir do meu perseguidor actual: vamos !

Abrindo então uma gaveta da mesa, tirou della um lenço preto velho, que amarrou ao pescoço, pôz na cabeça o seu enorme chapéo, que sem duvida tinha já atravessado mais de uma geração, e depois de examinar o gabinete do lado direito, fechou as portas, e sahio.

XXXI

O novo rival do Juca.

Faustino em sua entrevista com André tinha, conforme os seus habitos, misturado verdades com mentiras : de facto sabia das visitas que o usurario fizera a seu irmão Daniel, e a sua prima Irene; menos verdadeiro porém havia sido, quando asseverava, que não se achava alheio ao que se passára nessas duas visitas. Estava pois bem longe de saber, que Daniel homem honrado a toda a prova, mas de character rispido e austero recebera mal a seu irmão, e se revoltára tanto contra a loucura, que se dizia estar sua prima a ponto de rea-

lisar; e que André, se fôra depois lançar aos pés de Irene, e fazer-lhe protestações de uma paixão em tudo simulada, e que finalmente, mesmo diante do usurario a constante e impagavel viuva se mostrára firme, como o Pão de Assucar, no amor do seu querido Juca.

Corrião portanto mal os negocios para André. O miseravel millionario tinha contra si a nobreza e honestidade de seu irmão, as pretensões de Faustino e a paixão inspirada pelo estudante. Contra o primeiro sabia que todos os seus esforços seriam baldados; ao segundo esperava vencer com facilidade: restava-lhe o terceiro. Depois de muito meditar e de se ter informado a respeito do Juca, tomou a deliberação de ir fallar-lhe mesmo na casa de Mauricio.

A segunda entrevista que o velho usurario tivera com o publicista determinou-o a apressar o mais possivel a sua visita ao estudante, e foi exactamente para realisal-a, que elle sahio, logo que ouviu dar meio dia.

O velho Anastacio tinha obtido nos tres ultimos dias tão sensiveis e progressivas melhoras, que tivera licença do seu medico para levantar-se, e sahindo pela primeira vez do seu quarto nesse mesmo dia, em que devia ter lugar a visita de André ao estudante, achava-se com este e com sua sobrinha na sala desde as dez horas do dia.

Mauricio sahira logo depois do almoço, como tinha de costume, e se declarou infadado e mal com o Juca, que na mesa havia participado a seus hospedes, que o estado lisongeiro do doente dispensava já ali a sua presença, e que consequentemente se retiraria na noite que ia chegar.

A retirada do estudante fôra o objecto de uma discussão calorosa travada na sala entre elle e o

velho roceiro. Rosa que se achava presente e que se tornára a pezar seu, sensivelmente melancolica desde o almoço, não tinha dito palavra sobre a materia. Teimavão o velho e o moço como dous gallos de boa raça, ou dous demandistas enveterados. Não apparecia juiz, que acabasse a questão com uma sentença final, até que o bom Anastacio aproveitando uma inspiração feliz acabou por exclamar :

— Teimoso de uma figa!... hei de mostrar-te, que ficarás vencido!

— Duvido, respondeu sorrindo-se o Juca.

— Bem : e se abandonares o teu proposito?... se te não fores embora hoje, estás prompto, meu valentão, a te sujeitares a uma pena, que eu te impozer, e que ficará muito á minha escolha?...

— Estou prompto ; sujeitar-me-hei.

— Vê lá o que dizes, meu cabeça de ferro!

— Repito o que disse, e com tanto maior certeza de não ser vencido, que já o Sr. Anastacio me faz o obsequio de dar-me uma cabeça de vento.

— Ora pois, tornou o velho roceiro, que em verdade já não era o mesmo homem do outro tempo; dizes tu, meu Juca, que por fas ou por nefas te retirarás hoje daqui, e digo eu, que has-de aqui ficar por força, e quer queiras, quer não. Levaremos todo o dia em um dize tu, direi eu, que não prestaria para nada; decida-se portanto a questão já e já : venha o juiz! oh lá, minha sobrinha!..

O Juca estremeceu, e Rosa sentio que todo seu sangue lhe acudia ao rosto.

— Rosa, continuou Anastacio; nomeio-te juiz : decide lá : queres que o Juca se vá ou que fique?...

O estudante sem pensar no que fazia, fixou os olhos nos labios de Rosa, como se delles tivesse de sahir para elle uma sentença de vida ou morte;

comprimio sua respiração, e ficou esperando ouvir uma palavra sahida daquella boca de anjo.

A interessante filha de Mauricio por sua parte se perturbára a ponto de não poder fallar; mas na sua perturbação havia um discurso inteiro cheio de poesia e de amor.

— Então decides, ou não?... tornou o velho da roça; queres que o Juca vá, ou fique?...

Rosa fez sobre si mesma um esforço sobre-humano, e balbuciou tremendo :

— Quero, que fique...

— E ficou!... exclamou Anastacio desatando a rir com a melhor vontade deste mundo.

Rosa tinha olhado para o Juca; mas encontrando fitos nella os olhos do estudante, abaixára os seus, córando muito. Um sorrir de bemaventurança passou ligeiro como a felicidade pelos labios do mancebo: a questão estava decidida; a retirada era impossivel.

Finalmente Anastacio poude fallar, e voltando-se para o estudante, perguntou :

— E agora, camarada?...

— Quero saber qual é a pena que me impõe, disse o Juca.

Rosa voltou-se toda para esconder duas lagrimas de prazer indizivel, que lhe rolavão pelas faces.

— Saibamos primeiro quantos dias ficas ainda?...

— Tres.

— Toda a vida!... disse dentro do peito, e só em muito segredo á sua dona, o coração de Rosa.

— Ora pois, não quero ser máo, tornou Anastacio; por castigo da tua teima cantarás esta noite com minha sobrinha um dueto que eu escolher.

— Mas como? eu não canto ha seis mezes..., disse o estudante.

— Nem eu ha seis semanas, acudio Rosa sorrindo-se com a alma nos labios !

— Dou-lhes toda esta tarde para estudar.

— E qual é o dueto ?...

Ainda não sei ; que diabo entendo eu dessa lingua de carcamanos ?...

-- Mas então ?... ia dizendo o estudante.

— Não te incomodes, rapaz. tornou Anastacio ; Rosa me porá em trocos miudos a letra de seus duetos, e eu escolherei o que julgar mais a proposito.

— Meu tio, para que isso ?...

— Ah ! minha senhora, disse o Juca, para dar-me um premio em vez de um castigo.

O velho roceiro esfregava as mãos de contente : os seus projectos ião tomando muito bom caminho ; o commendador Sancho e a viuva Irene deverião ir se preparando para ficar com a cara á banda.

Mas alguem que acabava de bater palmas interrompeu a conversação do velho e dos dous moços : d'ahi a pouco um escravo veio annunciar o Sr. André que procurava o Sr. Juca.

— O Sr. André !... disse o estudante ; o diabo me leve se algum dia na minha vida conheci alguem com semelhante nome !

Depois, como despertado por uma idéa, o mancebo exclamou com vivacidade :

— Ah ?... quem sabe se é algum tropeiro que me traz cartas de meu pai !... praza ao céo que o fosse ?...

— Seja quem fôr, póde entrar ; disse Anastacio.

Momentos depois ouvio-se os passos pesados de André que se aproximava, e que emfim mostrou-se á porta da sala.

Rosa vendo a figura immunda e o rosto repulsivo do millionario poudé apenas abafar uma exclamação de espanto, e foi ligeira sentar-se ao lado de seu tio

como um apoio ; depois, observando melhor o recém-chegado, disse baixinho ao ouvido de Anastacio :

— Sou uma tola... confesso que me assustei com a vista deste homem ; e no entanto parece que é apenas um pobre que vem pedir esmola.

— Póde sentar-se, disse o velho da roça.

— O usurario sentou-se e descansou o chapéo debaixo de sua cadeira.

— O Sr. veio procurar-me?... perguntou o Juca cheio de curiosidade.

— Desejava fallar ao Sr. José de... de... não sei bem de que... ao Sr. José que foi... ou que é de medicina.

O Juca não gostou daquelle que foi ou que é, que lhe trazia á memoria a sua vadiação ; córou, e respondeu :

— O Sr. especa-se no passado e apoia-se no presente, e faz nisso muito bem : esse tal José, estudante que foi ou que é, está ás suas ordens.

— Ah! é o senhor?... disse André levantando-se e fazendo uma respeitosa cortezia.

— Não se incommode, tornou o estudante ; queira sentar-se, e dizer-me ao que devo a honra de sua visita.

O usurario sentou-se, e volveu o seu olhar de repente por toda extensão da sala, parecendo abysmar-se diante de todos os objectos de arte que ali se achavão. e que sendo em verdade dignos de alguma attenção, não merecião todavia a espécie de extasi em que os cõtemplava André.

— Este pobre homem nunca entrou em uma sala! disse Rosa em voz baixa a seu tio.

No entretanto a moça se enganava ; o millionario apenas se espantava de que houvesse no mundo quem gastasse alguns contos de réis para ornar uma sala : não lhe admiravão nem a linda mobilia

de páo setim, nem o rico piano, nem os vasos de Sèvres que ali se vião ; elle chorava apenas tanto dinheiro que fôra gasto com esses objectos, e que na sua mão tão bem guardado seria.

Foi preciso que o Juca de novo se dirigisse a André :

— Senhor, estou á sua disposição!

— Perdoe-me, disse o millionario ; estava absorto diante de tanta riqueza!...

— Coitado do pobre homem ! murmurou Rosa sentidamente ; quem sabe quantas miserias não passa elle na vida ?... vê-se logo que é um desgraçado que não tem nada de seu!

— Meu caro senhor, disse André ; tenho ouvido fazer tantos elogios á sua bondade e ao seu nobre coração que me animo a apresentar-me a V. S. para occupal-o de uma questão importante que nos diz respeito a ambos, e que..

— Que nos diz respeito a ambos ? no entretanto eu juro que é a primeira vez que tenho o gosto de vê-lo...

— Sim, senhor, é verdade isso ; e todavia vai V. S. fazer-me um mal terrivel sem me conhecer?...

— Eu?!? como é isso então?...

— O negocio é de segredo, senhor... e se fosse possivel...

Anastacio e Rosa ergueram-se.

— Perdão ! disse o estudante ; eu rogo que os senhores se não retirem da sala ; não tenho segredos, nem remorsos : poderão accusar-me de extravagante, de vadio e mais nada ; isso todos sabem que sou e eu mesmo o sei ; mas a emenda fica por minha conta.

Anastacio e Rosa ficaram indecisos, e André deixou cahir a cabeça um pouco contrariado.

— Peço que se não retirem, insistio o Juca ; o

senhor disse que o negocio era de nós ambos, e não delle só; falle pois em voz alta e diante de todos; ha um não sei que de extraordinario e feiamente romanesco nesta entrevista... vamos... tudo luz do dia e nada de tenebroso.

O velho usurario lançou um olhar satânico sobre o estudante; Rosa que o percebeu, sentou-se de novo, convidando seu tio a fazer o mesmo.

— Então não tenho remedio senão fallar diante dos senhores?! pois bem, eu me sujeitarei a tudo, já que as minhas criticas circumstancias a isso me obrigão.

— E melhor assim: falle sem susto e com a certeza de que todos aqui são de segredo.

Anastacio fez uma careta a Rosa, como quem dizia:

— Menos tu.

— Meu caro senhor, disse André, eu sou um pobre homem já carregado de annos, e incapaz de mais trabalhar para ganhar a vida: graças á confiança que tenho merecido pela minha honestidade e bom proceder, fui encarregado por uma parenta minha de tratar de seus negocios, e pôr em giro os seus dinheiros, mediante uma pequenina gratificação que me dá os meios de ir vivendo parcamente, mas socegado.

— Até ahí não comprehendo nada que tenha relação comigo, observou o Juca.

— Eu bem sei, continuou o velho, que essa fortuna que está em meu poder me não pertence; mas na posição em que me acho, arrancar-m'a das mãos, quando eu vivo só da gratificação que recebo, é reduzir-me á ultima miseria, é mandar-me pedir esmolas de porta em porta; em uma palavra, é matar-me de fome.

— Mas o que tenho eu com isso? explique-se pelo amor de Deus!

— Meu querido senhor, meu respeitavel ancião, minha nobre senhora, tenham dó de mim, continuou o vil usurario com voz sentida : essa minha parenta é pouco mais moça do que eu, e por isso me dava esperanças de nunca mais tomar estado.

— Ah!... emfim!... trata-se de um casamento, exclamou o Juca sem se desconcertar.

Rosa estremeceu escutando as ultimas palavras do velho, e começou a ouvil-o com dobrada attenção.

— Continue, continue, disse o estudante.

— Pois ainda me não percebeu?.. perguntou André olhando com um olhar vesgo para o Juca.

— Por ora juro-lhe que não.

— Ah! sim : é porque ainda lhe não disse o nome da minha parenta. É uma prima minha, viuva, e velha já, e que de certo não devia esperar encontrar um moço que se quizesse casar com ella, a não ser movido por um interesse que não tem nada de bonito.

— Mas quem é esse moço?... quem é essa velha?... acabemos com isto, explique-se de uma vez.

— Esse moço... disse o usurario com os dentes quasi cerrados, esse moço... é V. S. ?...

— Eu!

— Oh! meu estudante, exclamou Anastacio, por esta não esperavamos nós.

Rosa tinha empallidecido.

— Está bem, continuou o Juca rindo-se, já se sabe o nome do noivo, saibamos agora o da velha.

— Bravo!... disse o velho roceiro batendo palmas; antes isso... o diabo não é tão feio como se pintava.

Rosa havia tornado a si da terrivel impressão que

lhe causára a historia contada por André, lançando sobre elle um olhar curioso e indagador, pareceu fortemente espantada, e perguntou :

— Então o senhor é o primo de D. Irene?... é aquelle mesmo que tomou a seu cargo o cuidar nos bens e na fortuna della ?...

— É verdade, minha nobre senhora, sou eu mesmo.

— Meu tio, disse Rosa apontando para o usurario, este homem tem milhões de seu !

E desviou seus bellos olhos da immunda e torpe figura daquelle pauperrimo millionario.

— Ora pois, tornou o Juca, agora nos entendemos ; comprehendi finalmente o seu caso, resta-me apenas saber o que quer o senhor de mim.

— Meu caro senhor., ia dizendo André.

Rosa estava revoltada contra aquelle homem abjecto, de quem tinha ouvido contar um sem numero de actos de barbara usura ; sentio dentro de si um desejo ardente de martyrisal-o durante algum tempo ; de fazêl-o soffrer e gemer pelo que elle mais amava, pelo dinheiro : interrompeu portanto a André, e tomando aquelle ar brincalhão, que tão bem lhe assentava no vivo rosto, disse :

— Fui hoje nomeada juiz para sentenciar, e ainda não abdiquei o meu posto : o negocio de que se trata é grave ; mas seja o que fôr, o dia de hoje é meu.

— Minha senhora, eu lhe dou todos os poderes para tratar em meu nome com o Sr. André ; acudio o estudante, que acabava de descobrir nos olhos de Rosa a disposição com que ella se achava.

— Temos travessuras, disse por entre dentes Anastacio.

O velho usarario mordia-se interiormente do que se estava passando ; mas o instincto lhe dizia, que

naquella occasião os impetos de sua colera, a violencia, e o insulto de nada lhe poderião servir: habituado a dobrar-se a todas as circumstancias, naturalmente hypocrita, e fallaz, dissimulou, escondeu a sua furia, e de novo se ia dirigindo ao Juca.

— Meu querido senhor...

— Camarada, respondeu o estudante; eu agora sou uma especie de oito e nove na bisca; estou fóra do baralho; dirija-se ali áquella senhora a respeito do seu negocio; tudo o que ella fizer, será bem feito.

— Mas...

— Nada de mas: ella é rainha e nós vassallos; dirija-se a ella, meu pobre homem.

André mordeu os beiços de raiva; e como costumava, quando lhe era preciso encobrir alguma forte impressão, tirou a caixa, e tomou uma enorme pitada de tabaco.

Rosa desatou a espirrar.

— Máo! disse ella; eu quando espirro muito, fico de máo humor, e por consequencia exponho-me a dar sentenças injustas.

O usurario ou não comprehendeu a zombaria, ou fingio não comprehendê-la e sujeitou-se a ella.

— Minha nobre senhora, estou prompto a submeter-me ao seu juizo; mas rogo que se não previna contra mim. Eu sou um pobre diabo, que pouco ou nada tem de seu... dizem, que possuo mil riquezas, bem sei; porém Deus tambem sabe, que se me tirarem a procuradoria de minha prima, ficarei reduzido á ultima miseria!...

— Convenho, que isso lhe não deve fazer muita conta, disse Rosa; as quatrocentas apolices de D. Irene hão de deixar um vacuo horrivel nos seus cofres!

O velho arregalou os olhos terrivelmente.

— E principalmente, se, como me consta, o futuro marido de sua prima entrar no exame e quizer receber juroz antigos, e mais uma multidão de couzas e lousas, de que não entendo nada, mas que liz elle, importarem em muito e muito dinheiro!

As mãos de André tremião convulsivamente, emporã descansadas sobre o joelhos, e seu rosto se contrahia todo de afflicção e de colera.

— É indigno, exclamou elle que um moço no verdor dos annos, ainda cheio de futuro, podendo fazer a felicidade de alguma senhora moça, como elle, se abaixe a ir casar com uma velha só pelo dinheiro que ella lhe deve trazer... ainda que esse casamento faça a desgraça de um seu semelhante!...

— Comtudo, observou Rosa seriamente : se o noivo promettesse ao menos, que continuaria a deixar-lhe o cuidado de tratar dos negocios da sua casa... mas qual ! o Sr. Juca jurou que no dia seguinte ao do seu casamento quer todo o dote da mulher em casa !...

— O usurario olhou para o estudante, e vendo-o sorrir-se maliciosamente, bateu com o pé, como um possesso, e deixou ouvir a sua phrase habitual :

— Querem-me roubar !...

O Juca fez um movimento ; mas a um olhar significativo de Rosa, sentou-se e continuou a rir-se.

— Revoltão-se, conspirão contra a minha fortuna, contra a minha honra, contra a minha vida !...

— Que miseria humana !... exclamou Anastacio seriamente.

— Oh !... se é miseria humana... se eu sou um miseravel.., disse retorcendo-see passando do furor às bmissão e ao rebaixamento o velho André ; se tu sou um ente vil.... immundo.... um usurario...

um desgraçado... emfim... tenham pena de mim... condoão-se; mas não me queirão matar...

— No entretanto, tornou Rosa : sua prima tem seus direitos e sua razão...

Não tem nenhuma ! um moço, como aquelle não deve casar-se com uma velha... deve casar-se com uma joven moça... bonita... digna de ser amada... como por exemplo a senhora...

Rosa córou, mas respondeu de pressa.

Não se trata de mim, senhor; porém sómente de sua prima. D. Irene foi casada e gostou do casamento, pelo que parece; ainda está muito bem conservada, e capaz de rivalisar com qualquer moça de vinte annos; tem espirito, e não é feia; é bemfeitora e não é pobre...

O Juca começou a comprehender que a zombaria estava passando além do usurario.

— Por consequencia, prosegue a moça, D. Irene faz muito bem de procurar casar-se.

— Mas...

— Mas o que, senhor?

— Deveria procurar fazer um casamento menos desigual.

— Ella casa com quem a ama : o amor é como a morte, iguala todos.

— Pois que se casasse com quem a ama; mas não com aquelle senhor, que só tem os olhos no dinheiro della.

— Ah ! isso é outro caso ! então D. Irene tem algum outro apaixonado ?

André hesitou.

— Responda, senhor, isso muda inteiramente o caso.

O usurario cravou os olhos no rosto de Rosa, que se conservou serena e imperturbavel.

— Oh ! tenham pena de mim !... exclamou o usu-

rario : sim, é verdade, ella tem outro apaixonado, ou antes o unico homem que a ama devéras !.. tem um homem de bem, que estaria prompto a recebêl-a por sua mulher, e que bemdiria sempre a memoria daquelle senhor, se elle desistisse de seu feio proposito !...

— Porém esse homem...

— Ama a minha prima, como um louco... ha muito tempo, ha muitos annos...

— E elle quereria...

— Casar com ella.

— E quem é elle ? perguntou Rosa com vivacidade.

— Eu ! disse o usurario, pondo-se em pé e direito como um rapaz de vinte annos.

Rosa olhou fixamente para André, e ao ver-lhe a figura ridicula e repugnante, uma barriga enormemente desproporcional sobre duas finissimas pernas, e todo elle coberto de vestidos velhos e imundos, como os de um mendigo, pensou que tinha ouvido mal, e repetio a pergunta :

— Quem é pois o tal apaixonado, senhor ?

— Eu ! eu mesmo !...

A moça não pode mais ; começou a rir-se como uma louca, o riso tornou-se contagioso para Anastacio, e o Juca principalmente pela carranca horrosa e ridiculamente feroz que apresentava o usurario. Não era mais possivel ouvir-se uma palavra no meio de tantas e tão ruidosas risadas que soavão. André furioso e desesperado tomou o chapéo, e pondo-o na cabeça mesmo dentro da sala sahio, e foi esconder-se com sua raiva em seu pestifero casebre, como uma féra que, sentindo-se ferida, corre a occultar-se no seu covil.

Quando o velho Anastacio e os dous moços se poderam entender, disse aquelle :

— Ora pois, minha sobrinha, deve confessar que se regalou com o rival do Juca.

A moça sorrio-se, e em vez de responder a seu tio, foi para o estudante, que se voltou :

— O Sr. Juca me desculpará sem duvida; não me veio nem por sombras a idéa de me rir á custa de D. Irene, a quem aliás estimo muito e muito : eu quiz apenas atormentar um homem máo e cruel; mas, palavra de honra, que isso nem de leve foi feito com intenção de me intrometter nos seus projectos de casamento.

— Eu o comprehendí desde logo, acudio o estudante, e tanto é assim que se aqui apparecesse alguma velha prima do commendador Sancho para entender-se sobre alguma cousa com a Sra. D. Rosinha, eu lhe pediria licença para tomar a velha á minha conta.

— Estão pagos ! disse Anastacio, agora retire-se o Sr. Juca, enquanto minha sobrinha vai fazer-me a traducção dos seus duetos.

XXXII

Muita gente, muita guerra.

Rosa tinha traduzido fielmente para o portuguez todos os seus duetos italianos, conforme o exigira seu tio; ninguem pense que isso é cousa que qualquer faz, e senão certos libretos de operas italianas, que correm por ahi traduzidos, que appareção para depôr sobre a materia.

O velho roceiro se mostrava difficil de contentar : elle que tantas vezes bradava que, tendo estu-

dado para se ordenar, não entendia das cousas mundanas, estava-se mostrando tão condescendente como habil no que dizia respeito aos amores de sua sobrinha e do Juca.

Rosa foi pois traduzindo um por um todos os seus duetos, sem que um só delles contentasse sufficientemente a Anastacio.

— Emfim, eis o ultimo... disse Rosa.

— Como se chama esse?

— É um dueto da opera de Torquato Tasso.

— Torquato Tasso! parece-me que já ouvi fallar nesse bicho: dizem que foi poeta que andou de juizo virado por amor; é isso?

— Tal e qual.

— Rapariga, creio que achei o que procurava: trata-se de um doudo...

— Um grande poeta..., meu tio!

— É o mesmo, sobrinha; trata-se pois de um poeta, ou de um doudo, e assim me convém: acho um não sei que de parecido com o Juca n'um homem de pouco juizo e de muito talento... Ora vamos, faze lá a traducção do dueto.

Rosa traduzio com fogo e verdade: era o dueto do primeiro acto do Torquato.

— Este serve ás mil maravilhas!... exclamou o velho Anastacio.

— Meu tio ha de me perdoar; mas eu não canto este dueto com o Sr. Juca.

— Então porque?

— É muito difficil, e não estou bem certa nelle.

— Tens a tarde toda para recordal-o.

— É pouco tempo.

— Sim! pois digo-te que leio nos teus olhos que me estás mentindo; tu conheces esta musica como qualquer das outras.

— Eu o confesso meu tio; mas ha muito amor e

muita ternura nos versos, que me ouviu traduzir.

— Ora pois gostei que me disseses isto, e gostarei ainda mais que agora me faças a vontade.

-- Porém... eu...

— Rosa! eu não sou para estas cousas... não gosto de mysterios, nem de intrigas, nem de namoros; mas visto que te não destinas a ser freira, quero ver-te casada, e quanto antes; e se não ha de ser com outro, seja com o Juca. Este é o pensamento e o desejo de nós todos.

— De nós todos?...

— Sim... sim... pois então pensas que teu pai é algum tolo, que não veja o que se passa ao pé d'elle, tendo na cara dous olhos que Deus lhe deu!...

Rosa curvou a cabeça suspirando.

— Então cantas ou não, rapariga?

— Canto, meu tio; murmurou a moça.

— Pois então passa ainda uma vez os olhos pela musica.

— Não é preciso; eu a sei de cór.

— Nesse caso vou prevenir o Juca.

Mas não foi preciso ao velho roceiro ir ter com o estudante; porque quasi immediatamente elle appareceu.

— Está escolhido o dueto! exclamou Anastacio com ar triumphante.

— Qual é?...

— Eil-o! disse o velho apresentando a musica ao Juca.

— Oh!... excellente e muito meu conhecido; já o ouvi cantar ao Ribas e ao Tati no nosso theatro; é verdadeiramente um canto de amor de poeta!...

Rosa não se atrevêra a levantar os olhos desde que a musica passára ás mãos do estudante.

— Tomára eu que o commendador Sancho seja esta noite tão pontual como das outras... disse Anastacio.

O Juca olhou meio confuso para Rosa e para o velho roceiro ; este pôz-se a rir maliciosamente, e a moça, que sentio-se mais perturbada que nunca, levantou-se e d'ahi a um instante desapareceu da sala.

.....
As oito horas da noite começaram a entrar os amigos que costumavão concorrer ás noites de volta-rete em casa de Mauricio.

As primeiras pessoas que appareceram foram o amigo que a tudo respondia — *paciencia*, e a sua irmã D. Fabricia.

Depois destes entrou o commendador. Sancho vinhá nessa noite um pouco melancolico, e encontrando na sala o velho Anastacio, tornou-se completamente amuado.

O pobre homem tinha suas razões para não estar contente. Comprehendêra desde muito tempo que, não podendo fazer-se recommendavel nem pelas armas, porque soffria do mal dos nervos, nem pelas letras, porque apenas lhe tinham feito aprender a ler, preciso lhe era, pois que a todo custo queria ser admirado, tornar-se notavel pela ostentação de riqueza. Herdára de seus pais uma boa fortuna ; mas, suppondo-a inesgotavel, gastára sem medida e sem prudencia, e em poucos annos consumira grande parte do que possuia em carruagens, preciosos brilhantes, e em mil objectos de luxo ; incapaz de corecção, e querendo a todo custo sustentar sempre o mesmo tratamento, sujeitára sea contrahir dividas, e escravo emfim do terrivel usurario André, seu barbaço crêdor, antevio a miseria arreganhando-lhe as garras no fim de seis mezes, e não tinha mais esperanças de salvação senão em um casamento rico, como era, por exemplo, o que procurava então na pessoa da filha de Mauricio. O que com elle e o usu-

rario se passára na manhã desse dia avivava os seus pezares e era a causa unica da tristeza que o obumbrava.

— O Sr. commendador Sancho está hoje com cara de estudante que acaba de sahir reprovado ! observou Anastacio.

— Rogo ao Sr. Anastacio quetenha a bondade de me deixar em paz esta noite, respondeu seriamente o commendador.

— Senhores ! tornou o velho roceiro, na noite de hoje o Sr. commendador não está para graças ! haja todo cuidado com elle.

Nesse momento appareceu Faustino á porta da sala :

— Fructa nova em terra velha !... exclamou Mauricio indo receber o recém-chegado, que, como amigo do Juca, foi cercado de todas as attenções.

— Oh ! eis o meu publicista !... disse o estudante correndo para elle apertando-lhe a mão ; meus senhores e senhoras, tenho a honra de lhes apresentar um dos nossos mais conspicuos publicistas, e um dos mais conscienciosos politicos !... is to é trigo sem joio... É uma raridade no seculo actual !...

— Pois então, acudio Anastacio, faça-o tomar lugar ali junto do Sr. commendador Sancho...

— Peior está essa !... disse este de máo humor.

— Faustino, murmurou o Juca ao ouvido do publicista, tu não vens aqui por bom, tens na cabeça alguma diabrura das tuas...

— Deixa-te de asneiras, Juca, vim visitar-te, e mais nada.

— Foram os dous interrompidos por um escravo que annunciou as Sras. D. Juliana e D. Laura.

— D. Laura !... exclamou Rosa.

E involuntariamente voltou os olhos para o Juca.

Appareceram a avó e a neta : depois de um cur-

to momento de insensível hesitação, as duas moças correram uma para a outra.

— Laura !...

— Rosa !...

— Ha que tempo !...

— Estava mal commigo ?...

— Não.

— Nem eu.

A velha Juliana dava-se os parabens daquella reconciliação; a velha esquecia-se do seu tempo de moça, e por isso não comprehendia que mais cedo ou mais tarde viria outra vez o ciume quebrar de novo aquella amizade mal soldada, se por ventura não eram já fingidos os mutuos protestos de estima, que entre si trocavão Rosa e Laura.

Anastacio quiz tomar á sua conta o dirigir a conversação, e sem cerimonia nenhuma contou em alta voz a tôda a sociedade que especie de visita havia de manhã recebido o Juca, e tudo mais que então se passára.

Escutando o nome do usurario fatal, o commendador Sancho e Faustino encontraram-se com os olhos, lembrando-se do seu encontro nesse dia.

— É mais um rival que eu tenho ! pensou o publicista.

— É ainda um triste devedor como eu ! disse consigo o pobre Sancho.

A historia da visita de André, e do que nella se passára, divertia a sociedade. Cada qual commentava o caso como melhor lhe parecia, e os epigrammas se succedião uns aos outros. O proprio Juca não podêra conter-se, e posto que mostrasse querer poupar a sua noiva presumptiva, tal foi o peso do ridiculo que fez cahir sobre o usurario, que uma porção delle foi caber irremissivelmente á velha Irene.

Faustino concorreu tambem com o seu contingente para divertir a reunião á custa de André ; foi porém ao mesmo tempo pensando no proveito que poderia tirar do que acabava de ouvir.

O unico que se conservou sério e silencioso foi o commendador Sancho : pareceu até cahir em profunda meditação um momento depois de escutar o caso. Uma idéa singular e luminosa acabava de lhe surgir no espirito : aquella velha, a quem elle até ali tanto aborrecêra, começou a mostrar-se a seus olhos sob um aspecto muito mais lisongeiro ; a lembrança de um dote tão rico, qual o della, operava o milagre da *regeneração das graças*. Com quatrocentas apolices Sancho comprehendeu que todos os estragos de que a sua fortuna se mostrava resentida, desapareceriam como por encanto. E depois o prazer de se ver transformado de réo em autor?... de devedor em crédor?... essa idéa poderosa começou a germinar no coração de Sancho, e a contrabalançar o poder que nelle tinha a belleza de Rosa.

As reflexões do commendador eram feitas ao som das risadas do resto da sociedade ; mas de subito as risadas e as reflexões foram interrompidas pela chegada da velha Irene, e logo depois, de muitas outras pessoas que nessa noite se apresentaram.

Os amantes do voltarete, acudindo á voz de Mauricio foram sentar-se ás mesas que se achavão preparadas.

— Aquelles senhores nos abandonão hoje, como sempre, exclamou Rosa ; vinguem-nos pois, fazendo lhes uma bulha de desesperar !

Se Rosa bem o disse, melhor o fizeram todos : falou se em vestidos e modas, em novellas e theatro, em passeios e saráos, e finalmente em baile mascarado e politica ; mas no fim de meia hora, durante a

qual fallaram todos ao mesmo tempo, a conversação mudou de tom, e de fórma.

A velha Juliana, que calculava mais com o commendador, do que com o Juca, foi sentar-se junto de Rosa, e tomou exclusivamente conta della.

Laura, a quem faria mais arranjo o moço estudante, do que o velho condecorado grudou-se á viuva Irene, e nem tempo lhe dava de olhar para o Juca.

Faustino entreteve-se com o commendador, e Anastacio passeava pela sala observando cuidadosamente o que por ali occorria e procurando apanhar um ou outro dos segredinhos, que se estão dizendo aos ouvidos uns dos outros.

Laura contou a Irene o que se fizera e dissera pouco antes da sua chegada, e pintou o procedimento do Juca com as mais terriveis côres: segundo ella o estudante havia feito rir a todos, ridicularisando tanto o usurario André, como a prima delle. A pobre viuva ficou desesperada.

A velha Juliana tanto fez, tanto disse, tanto perguntou, que por fim obrigou Rosa a fallar, e conheceu que o commendador Sancho em vez de ser amado, era pelo contrario objecto do mais decidido desprezo.

— Férias ás linguas ! exclamou emfim o velho roceiro.

— Oh ! sim ; é verdade, meu tio, disse Rosa : é tempo de dansarmos uma quadrilha.

— Menos isso por agora, minha sobrinha ; o que deves fazer é levantar-te para cantar.

— Querem ver que o tapiucano está com fumaças de mestre sala !... observou Irene dirigindo-se a Laura.

— Havia de ser engraçado !... vamos a ver o que elle faz : creio que nos fará rir até não poder mais...

— Sim... sim... vai divertir-nos com a sua costumada selvatiquêza : silencio... vejamos, o que sahe daquella cachola.

— Vamos ao meu dueto, Rosa ! disse o velho.

— O dueto delle ! tornou Irene levando o lenço á boca para comprimir uma risada ; se este papa-farinha vai cantar, eu não poderei conter-me... riome por força.

— Excellente ! veja a sobrinha como já está vermelha de vergonha.

— Aquillo é séstro...

— Sr. Juca, vá buscar minha sobrinha para o piano...

O Juca obedeceu ; Rosa commovida e palpitante aceitou o braço do mancebo, que pela sua parte, desde que se levantára, sentia-se como suspenso acima da terra.

Laura deu um beliscão na sua vizinha que estava vermelha como um pimentão bem maduro, e sentindo tanto calor que começou a abanar-se com o leque desesperadamente.

— Que lhe parece isto, Sr. commendador ?... perguntou Faustino.

— Uma traição abominavel!... murmurou Sancho ; eu vou tocando ao desespero.

— E eu vou nutrindo minhas esperanças, disse comsigo mesmo o publicista.

Aos primeiros avisos harmonicos do piano os jogadores deposeram suas cartas sobre a mesa.

Reinou completo silencio.

Todos conhecem o bello dueto do primeiro acto do Torquato Tasso de Donizetti : o feliz estudante dispunha de uma excellente voz, e que perfeitamente se casava com o melodioso soprano de Rosa. Corria pois tudo ás mil maravilhas ; o recitativo foi bem interpretado, o adagio executado pelo Juca com

perfeito conhecimento da letra e da musica ; mas quando teve de romper esse allegro, que parece de subito transbordar do coração de Torquato como uma catadupa, que por muito tempo represa finalmente se desaba, ah ! então o estudante abandonou-se todo ao poder da arte, e á exaltação de seus proprios sentimentos, suas vistas se encontraram com as de Rosa, e ambos com os olhos embebidos um no outro esquecidos do passado e como que olvidando o lugar onde estavam, e o mundo que os cercava, cantaram com o mesmo ardor, com a mesma paixão, com a mesma effusão e enthusiasmo, com que cantarião Torquato e Eleonora.

Retumbavão as palmas e o bravos, em quanto o Juca ainda junto do piano e folheando a musica procurava disfarçar a profunda impressão que lhe deixára o canto e o olhar de Rosa, a qual tambem simulando fugir aos cumprimentos, que chovião sobre ella, sahíra correndo da sala para enxugar as lagrimas que inundavão seus olhos.

A causado commendador Sancho e da viuva Irene devia-se considerar perdida desde aquelle momento.

O Juca deixou o piano sem reparar que nesse mesmo momento a sua pretendida noiva se dirigia para elle : no entretanto Irene não querendo deixar perceber, que se tinha offendido, fingio tambem ir examinar a musica, que acabava de ser cantada.

O commendador Sancho estava fóra de si. Levantou-se, e sem talvez pensar no que fazia, ou pelo contrario de proposito para começar a recommendar-se ao coração da velha rica foi collar-se ao lado della :

— Zombão de nós ! balbuciou elle ; e não se lembão de que podemos vingar-nos nobremente !!!

Irene ia responder, quando escutou a voz terrivel do velho Anastacio :

— Então que é isto?... temos agora um outro dueto pelo Sr. commendador e a Sra. D. Irene?... ora havia de ser bonito!... havia de ser muito engraçado!...

— O Sr. Anastacio pensa...

— Essa é boa! não penso nada de mau; acho até a cousa muito natural: depois do drama a farça...

— O senhor não merece resposta, disse Irene furiosa; é uma especie de selvagem, de bugre, que não sabe tratar com senhoras de consideração!

— Elle confunde sempre os elegantes salões da côrte com as casas de fazer farinha e os terreiros de café! exclamou o commendador.

Anastacio não pôde responder, porque Mauricio e Juca já estavam ás voltas com elle.

No entretanto o dueto que acabava de ser cantado tinha produzido ainda impressão muito desagradavel em outra pessoa: Laura não o podera tolerar.

— Esta D. Rosinha, tinha ella dito a sua avó, cada vez está mais desafinada!

— Cala-te, pateta, respondeu-lhe Juliana; quem vai desafinando horriavelmente é o commendador, e isso nos faz conta.

— Ah! minha avó! mas pela sua regra o Sr. Juca se vai tornando muito afinado e isso me desanima!

Rosa veio sentar-se ao pé de Laura; Juliana foi conversar com o commendador; Faustino tratou de festejar Irene; o Juca ficou á sombra de Anastacio.

— Vê se bem, que você já fez as pazes! disse Laura com um sorriso muito significativo.

— Ah! sim! respondeu-lhe Rosa no mesmo tom; nós todas acabamos por fazer as pazes com os nossos amigos: não se póde ficar mal para sempre com aquelles de quem gostamos.

— Mas isto é uma verdadeira confissão, Rosa !
— Confissão de que ?..
— De que você ama ao Juca ?..
— Ah ! não : eu não fallei em amar, fallei em gostar.

— Eu pensava que era o mesmo. Quando digo que sou uma tola !

Rosa sorriu-se e olhou-a com essa malícia particular, com que sabem olhar certas moças que têm olhos bonitos.

— Também devo dizer, que agora me admirava, mais que nunca, uma tal confissão.

— Porque ?

— Porque ouvi dizer, que tinhas promettido a tua mão ao commendador Sancho.

— Disseram-te a verdade, Laura ; prometti.

— E quando te casas ?

— Fallando sério, não sei.

— Oh lá ! Rosa, depois daquelle dueto ficou um pouco duvidoso o casamento do commendador ; eu apostaria cem contra dez a favor do Torquato.

— Ora.., observou Rosa sorrindo-se outra vez ; mesmo dado o caso que eu fosse Eleonora, o Juca não podia ser Torquato, Laura.

— Porque ?... nós todas sabemos, que elle já é Petrarca ha muito tempo.

A neta de Juliana lembrou-se immediatamente que a amada de Petrarca chamava-se Laura, e comprehendeu o epigramma.

— Agradecida, respondeu ; toma porém o meu conselho, Rosa ; se estás em maré de ciumes, vai conversar com a nossa amiga Irene.

A filha de Mauricio lançou um olhar de solemne desprezo sobre a viuva, e depois começou a conversar com a antiga camarada a respeito dos ultimos figurinos chegados de Paris.

— É o que lhe digo, Sr. commendador, resmungava do outro lado ao pé de Sancho a velha Juliana : conheço aquella sujeitinha como as palmas de minhas mãos ; andou no collegio com minha neta, e se parecem tanto uma com outra, como uma pomba com uma cobra ! olhe, é tão má como fingida !...

— Custa-me a crer, Sra. D. Juliana ; assevero-lhe que deu-me provas de um amor desesperado !... foi ella a primeira que... que... em bom portuguez, que me namorou !

— Ora !... o seu costume !... o que ha nisso de admirar ?

— Escreveu-me...

— Como tem escripto a mais de dez ou vinte...

— Jurou-me...

A velha soltou uma gargalhada.

— A senhora ri-se !

— Que quer que lhe faça ?... pois quando ella a mim mesmo me diz, que não ama, que não gosta do Sr. commendador... olhe, meu amigo, tem tido questões com minha neta a seu respeito, que uma cousa é ver e outra é dizer !

— Então a Sra. D. Laura...

— Coitada, sympathisou com V S.

O sensivel Sancho deixou escapar um suspiro.

— Já estiveram mal por sua causa umas poucas de semanas...

— Pois foi por minha causa, Sra. D. Juliana !... será possível ? !

— Ah ! Sr. commendador, V S. não sabe o que vai pelo mundo : creia que muita gente se occupa da sua pessoa, e o lastima pela desgraça, que lhe vai acontecer ; póde ser que viva bem, mas eu duvido.

— Minha senhora, agradeço-lhe de todo o coração o vivo interesse que mostra tomar por mim ; no meio

porém de tudo isto, e apesar de quanto me disse, o que mais me custa a crer é que eu tenha sido tão indignamente enganado pela mulher, que já me deveria olhar como seu noivo.

— Custa-lhe a crer?! pois deixe estar, que talvez nesta mesma noite eu lhe dê uma prova irrecusavel do que lhe tenho dito.

— Uma prova irrecusavel, Sra. D. Juliana?...

— Sim, senhor, eu nunca abri a boca, que mentisse, e conto podê-lo mostrar ainda hoje. Não estejamos porém conversando a sós tanto tempo que podem desconfiar da muita amizade, que eu lhe tenho: Sr. commendador, vá conversar um pouco com minha neta, ou com algum amigo... e... até logo.

Sancho levantou-se e deixou a mestra Juliana.

Faustino estivera occupado em atacar o coração de Irene, em desacreditar na opinião della o Juca seguindo pouco mais ou menos o mesmo systema, que empregára a avó de Laura dirigindo-se ao commendador; mas, preciso é dizel-o, o publicista fôra menos feliz em seus ataques, do que a velha Juliana; a viuva Irene não podendo resistir á evidencia revoltava-se a cada momento contra o reprehensivel proceder do seu noivo, accusava-o de traições e perjurios a cada passo; porém no fim de tudo, quando chegava á conclusão, a boa da velha declarava, que ninguem era capaz de lhe tirar da cabeça que o Juca morria de amores por ella.

Eram dez horas da noite. Serviô-se o chá; o commendador Sancho contentou-se com estalar duas ou tres balas com D. Laura, olhando de vez em quando para Rosa, como desejoso de lhe causar ciumes; mas a inconcebivel noiva estava sempre distrahida ou olhando para alguma outra pessoa.

Anastacio tinha-se preparado para deixar essa

noite marcada nos annaes de suas façanhas : descobrio o Juca preso emfim nas garras da velha Irene, e suando sem duvida suores frios, porque a viuva tinha os olhos afogueados e fallava com o ardor e a vehemencia de um deputado, que namora uma pasta de ministro. Anastacio rio-se com ar triumphante, e chamando um criado que trazia uma bandeja de doces, onde havião balas de estalo, tirou sorrateiramente uma bala do bolso do seu collete, collocou-a entre as outras, e foi ter com os dous singulares noivos. Chegou junto delles no momento em que Irene furiosa dizia ac estudante :

— Positivamente não quero que o senhor cante mais duetos, nem faça versos, nem seja enfermeiro de ninguem neste mundo !...

— Ciumes no caso !.., exclamou o velho roceiro ; ora minha senhora, isto na sua idade já não é cousa que se possa desculpar ! deixe o pobre rapaz..

— O Sr. quer ter a bondade de se não iutrometter com a minha pessoa ? disse Irene.

— Essa é boa ! pois assim é que me trata, quando eu vinha reprehender o Juca por não havê-la cercado esta noite com as attensões que um noivo deve á sua noiva ? .. chama-se isto pagar o bem com o mal.

— Digo-lhe que não preciso dos seus favores !

— Nada : não a quero ver assim tão arrufada comigo. Oh, rapaz ! vem cá, disse Anastacio chamando o criado da bandeja, que elle já conhecia.

E depois voltando-se para o Juca continuou :

— Anda, meu Juca, toma esta bala, e estala-a com a Sra. D. Irene.

E deu lhe a bala, que lhe tinha posto na bandeja : o estudante não teve outro remedio, senão aceitar-a, e ciferecel-a á viuva.

Irene era como o commendador perdida por estalar balas ; decorava os versos que lhe sahião, e

às vezes os repetia de cór ainda d'ahi a alguns mezes ; fez pois um momo, olhou com ternura para o Juca, estendeu o braço, e pegou na bala.

— Attenção, meus senhores, gritou Anastacio : a Sra. D. Irene vai estalar uma bala ; attenção !

Irene fechou os olhos, a bala estalou; ella deu um grito para fingir que tinha tido medo ; o estudante procurou o verso.

— Uma quadra em manuscripto ! exclamou elle.

— Eu quero ler ! disse o velho roceiro.

O Juca entregou-lhe o papel : Anastacio poz os oculos, tossio, concertou a garganta, e leu :

« Mulher de mais de cincoenta

« É douda, se quer casar ;

« Se lhe falta em que se occupe

« Crie pintos, vá rezar.

Foi impossivel aos ouvintes suster o riso : Irene levantou-se cheia de furor, e dirigindo-se a Rosa declarou-lhe que nunca mais voltaria á sua casa, enquanto nella estivesse um homem tão incivil e intratavel, como seu tio ; apezar de todas as satisfações dadas muito formalmente por Mauricio e sua filha, a viuva exigio que lhe dessem o seu chapéo e aceitando o braço de Faustino, que estava dentro de si pulando de alegria, retirou se, despeitada, e quasi delirante.

— Mano, isto tambem é de mais !... disse Mauricio dirigindo-se ao velho roceiro.

— Que, de mais ! pois então eu tenho a culpa de que houvesse uma bala com um verso, que veio cahir a talho de fouce sobre aquella velha presumida ?..

— Ora.... mas se o verso está em manuscripto !...

olhe, aqui está a sua letra... você foi apanhado agora em flagrante delicto...

Anastacio pôz-se a rir, e voltando-se para Sancho que estava de novo conversando com a velha Juliana, disse-lhe :

— Eia, meu commendador !.. uma balinha d estalo !.. deixe-lhe escolher...

Sancho levantou-se enfezado ; parecia preparar-se para descarregar sobre o seu constante perseguidor uma longa catilinaria, mas abriu a boca e exclamou apenas :

— Ora... vá para a roça !

E voltando as costas dirigio-se para uma das janellas a tomar fresco.

Rosa, que tinha sahido da sala acompanhando Irene, appareceu outra vez : a velha Juliana fixou um olhar satânico sobre ella.

— Que calor que faz ! disse erguendo-se e dirigindo-se para a filha de Mauricio : passeemos um pouco, D. Rosinha.

— Com todo prazer, D. Juliana.

— Já vio o que foi fazer aquelle judeu de seu tio ?...

— Eu o senti profundamente ; meu tio não perde occasião de zombar daquelles que lhe parecem fazer na sociedade um papel ridiculo e improprio da sua idade ; mas sou a primeira a confessar que leva muito longe as suas zombarias.

Tinhão as duas chegado junto da janella, onde estava o commendador, que espremendo-se entre a parede e a grade, ficou escutando occulto no canto da janella : a velha Juliana voltou as costas para a rua e parou.

— Corre aqui um fresquinho agradavel ! disse.

— Mas observe que começa a choviscar ; talvez o ar humido lhe faça mal...

— Não, não ; mas tornando á nossa conversa : quer saber o que seu tio pretendeu ainda fazer ?

— Sim... o que foi ?...

— Quiz dar tambem uma bala ao commendador.

— E elle ? perguntou Rosa rindo-se.

— Rejeitou-a, e deu-lhe uma má resposta.

— Coitado !

— Está visto que a senhora não havia de consentir que com elle zombasse da mesma maneira.

— Não desejo que se zombe de ninguem em nossa casa, isso é verdade.

— Mas quando se trata do commendador... o caso muda muito de figura... o seu noivo...

— D. Juliana, já lhe confessei tudo a semelhante respeito : dei imprudentemente a minha palavra ao commendador... está dada ; mas eu não o amo, nem poderei amal-o nunca.

— Ande lá ; como já tem a certeza da sua felicidade, e do triumpho do seu amor...

— Menos isso ! ria-se de mim á sua vontade ; não misture porém a palavra amor no meio desta miseria...

— Pois devéras, não o ama ?...

— Amal-o ? !! um velho ridiculo e pedante ! um pobre homem que faz rir a todos.

O commendador Sancho arrependeu-se mil vezes de ter condescendido com a velha Juliana até o ponto de esconder-se para ouvir o que d'elle pensava Rosa : sobre os tormentos por que estava passando, accrescia ainda que começára a choviscar, que elle já se sentia molhado, indefluxado, e com uma vontade de espirrar desesperada.

— D. Rosa, não diga semelhante cousa ! exclamou a velha Juliana.

— Disse a verdade, tornou aquella, e póde crer

que olho para o tal noivo com verdadeiro desprezo!

O commendador não pôde mais conter-se, e principiou a espirrar. Juliana voltou-se fingindo-se surpresa, e exclamou:

— É muito máo costume pôr-se a escutar o que os outros conversão em segredo.

Rosa que havia já comprehendido tudo, sorriose e disse:

— D. Juliana, eu lhe rogo que fique dizendo *dominus tecum* ao Sr. commendador Sancho.

E voltando as costas foi sentar-se ao piano, e d'ahi ha pouco disse:

— Senhores! uma quadrilha! as senhoras ainda não dansaram esta noite.

Laura estava sentada então ao pé do Juca, e receiosa de se ver obrigada a dansar com o commendador, voltou-se para elle e perguntou:

— O senhor dança hoje?...

— Porque não, minha senhora?...

— Como D. Rosinha vai tocar...

— Mas V. Ex. provavelmente dansará.

O que Juca tinha dito não era em verdade um pedido formal; Laura porém julgou dever entendê-lo como muito positivo, e respondeu:

— Sim, senhor, estou prompta.

Não havia ahí nada mais que dizer: o estudante conheceu que ia bem de pressa achar-se em novas difficuldades; mas que remedio!...

Os pares levantaram-se e procuraram os seus lugares. Quando Rosa vio que o Juca trazia pela mão a sua antiga rival, sentio que de novo se abria em seu coração a ferida que começára a cicatrizar-se ainda ha tão pouco tempo e quasi que se arrependeu do que tinha dito á velha Juliana junto da janella: no entretanto tocou; mas sua cabeça se

voltava a cada momento para observar a quadrilha, e seus ouvidos attentos procuravão não perder uma só palavra da conversação que se travára entre o Juca e Laura; apezar disso apenas pôde apanhar algumas phrases destacadas da sua rival, e bem pouco, ou quasi nada do que disse o estudante, que talvez de proposito fallou sempre muito baixo.

— O senhor tem sido muito máo para mim... tinha dito Laura.

A resposta do Juca não foi ouvida.

— Pelo menos no meu coração não tem havido lugar para mais ninguem, tornára ella.

Era uma indirecta lançada contra Rosa.

— Sempre reconheci as suas virtudes, dissera o estudante.

Essa resposta podia ser tanto ingenua, como ironica; a filha de Mauricio tomou-a no peor sentido para si mesma.

Laura fez ainda uma outra pergunta, da qual apenas foi percebida a ultima palavra: « o *passado* ».

O Juca respondeu logo; mas tambem só se lhe apanhou a derradeira phrase: « o *futuro* ».

— Eis-me entre o passado e o futuro! disse consigo Rosa despeitada; fique mesmo no presente, isto é, em cousa nenhuma.

— Eu ainda espero que o senhor me faça plena justiça, tornou a neta de Juliana.

A resposta do estudante ficou inteira no ouvido de Laura, posto que Rosa tivesse reduzido toda a musica um pianissimo que desesperava aos que dansavão.

A quadrilha ia tocando o seu termo.

— Ao menos prometta que nos renovará as suas visitas... fugio de nossa casa de uma maneira inexplicavel...

— O Juca pareceu dizer que sim.

Rosa levantou-se do piano inflammada de novos zelos, e vio que Laura era amavelmente conduzida á sua cadeira pelo seu cavalheiro, e que respondia aos ultimos agradecimentos com um sorriso encantador, e com olhares repletos de amor.

A reunião só se desfez ás duas horas da manhã, prolongando-se pois além de costume: o commendador Sancho constipado e triste empregou as ultimas horas em dirigir os seus cumprimentos á neta de Juliana, consolando-se de sua desgraça com ver sensivelmente contrariada a sua barbara noiva. Ignorando a causa da agitação em que ella se achava, e que já debalde pretendia esconder, o modesto Sancho attribua a ciumes que lhe estivesse causando.

A velha Juliana dava-se os parabens da boa direcção que ia tendo o *negocio* de sua neta; e o Juca alegre com a sahida precipitada, e com o desespero de Irene, e certo do amor de Rosa, achava nos zelos, que nos lindos olhos lhe estava lendo, ainda uma prova evidente de que era feliz.

O velho Anastacio tinha-se recolhido á meia noite.

Emfim chegou a hora da retirada; Rosa e Laura aproximaram-se de novo, abraçaram-se e beijaram-se como as melhores amigas deste mundo.

— Ora bem, Rosa, disse Laura com um sorriso angelico nos labios, estão pois feitas as pazes!...

Rosa não pôde resistir a um impeto no coração; chegou seus labios ao ouvido da rival; e respondeu:

— Não, Laura; sejamos francas: está de novo travada a guerra!...

XXXIII

Depois dos tres dias.

Passaram finalmente os tres dias que o Juca se vira forçado a ficar ainda em casa de Mauricio obedecendo á sentença proferida pela mais interessante dos juizes. O estudante não quiz mais attender aos pedidos de Anastacio nem aos do irmão deste; despedio-se dos seus hospedes, que não sabião mais como agradecer-lhe os desvelos, e cuidados, que elle empregára no tratamento do velho roceiro; despedio-se de Rosa que lhe tinha parecido muito fria e melancolica nesses ultimos tres dias, e que lhe disse apenas um — *adeus, Sr. Juca, estimarei que seja feliz* — muito desenhado, e sahio daquella casa abençoada, onde elle estimaria ficar morando toda a sua vida, mas d'onde o afastava o respeito e as considerações devidas ao — senhor mundo —, que é o culpado de uma grande parte dos sacrificios humanos.

O Juca não se dirigio mais para a casa da velha Basilia. Tinha perdido a antiga amizade, que consagrava a Faustino; não o considerava mais como um rapaz apenas extravagante; começava a julgal-o com muito mais severidade, e por isso não quiz continuar a viver com elle: desde muitos dias que já havia tomado as suas medidas sobre este ponto, e arranjado um quarto em casa de estudantes. Endireitou por tanto para a rua, onde ella deveria

existir, e foi procurando pelo numero que tomára com anticipação.

Chegou assim emfim diante de uma grande casa de dous andares e sotão, e exclamou :

— É aqui!

A tal casa podia muito bem trazer a memoria de qualquer torre de Babel ou a antiga Babylonia; em baixo havia na frente, além do corredor dos sobrados, uma loja de vigesimos, quartos e oitavos de bilhetes de loteria, e nos fundos moravão quatro ou seis mascates italianos; no primeiro andar a sala da frente servia de escriptorio a um procurador de causas, que poucos mezes antes ainda era caixeiro de taberna, sendo occupado o resto desse andar por tres costureiras, uma viuva, uma casada e a outra solteira, que levavão a cantar desde amanhã até a noite; no segundo andar moravão os estudantes em numero de seis, fóra o Juca que ali foi completar o numero dos peccados mortaes; e emfim o sotão era habitado por dous rapazes, um dos quaes aprendia a tocar rabeca, e outro que já tocava clarineta.

O Juca foi recebido com uma triplice bateria de bravos, vivas e palmas pelos seis estudantes, que por acaso se achavão reunidos em casa; e ao mesmo tempo cantavão as costureiras, e tocavão os dous rapazes do sotão rabeca e trompa, de modo que havia uma verdadeira-bulha infernal.

— Excellente!... exclamou o Juca; vocês aqui devem passar uma vida de fidalgos! tambem para se estudar em socego não se achava em todo o Rio de Janeiro outra casa igual a esta!

— É um céu aberto! respondeu um dos seis! temos em baixo a california na loja de vigesimos, e alfandega nos fundos na casa dos mascates, um pouco mais acima o tribunal da justiça no escripto-

rio do procurador, aqui está o templo de Minerva, que tem por baixo um theatro italiano, e por cima uma academia de musica!...

Os estudantes continuaram a gracejar, a brincar e a rir-se por muito tempo; mas emfim foram chegando as horas, em que cada um delles tinha que fazer, e o Juca acabou por se achar só.

O isolamento convida de ordinario á reflexão, e o Juca sempre que reflectia ficava triste: vivo, desinquieto e extravagante, aquelle mancebo tinha no entretanto o melhor dos corações; entregue asi mesmo aos 18 annos de idade, longe de seu pai, abandonado ao seu character, o Juca olvidára seus deveres escolasticos, aprendêra musica em vez de botanica, dansa em lugar da physica, o florete fôra preferido á chimica, e assim por diante; graças a seu talento, conseguíra apezar disso vencer alguns annos da escola de medicina; mas por ultimo se abandonára á mais decidida vadiação. Em suas horas de reflexão elle recordava tudo isso, e tinha remorsos; lembrava-se mil vezes de seu pai, e mil vezes chorava no silencio da noite. Era o que então ainda uma vez lhe acontecia.

Estirado sobre uma esteira, e com os olhos no tecto, estava pois o Juca pensando no seu estado. Recebêra depois da sua chegada da Bahia uma carta de seu bom pai: o velho o reprehendia fortemente em toda ella; mas acabava perdoando-lhe, e ordenando-lhe que se emendasse e que estudasse, sob pena de lhe ser suspensa a mezada; depois dessa carta nenhuma outra chegou ás mãos do Juca, e todavia era tempo de haverem chegado não só uma, como muitas. O seu correspondente se queixava, e isso começava a inquietar o Juca, que apezar da solemne prohibição que recebêra de seu pai, e dos conselhos que lhe dava o correspondente, já proje-

ctava fazer uma viagem á roça, fosse como fosse.

No meio destas tristes reflexões apparecia-lhe a imagem de Rosa, bella e melancolica: o estudante accusava-se dos tormentos que fizêra soffrer a essa angelica creatura, amava-a cada vez mais; amava-a perdidamente; descobrira um não sei que de favoravel ao seu amor na physionomia do pai e do tio de Rosa; sabia que era por ella amado; mas não podia conceber qual o fim que podia ter o seu amor. O estudante, vivendo apenas da mezada que lhe dava seu pai, sem futuro ainda, queria apezar de tudo Mauricio dar-lhe sua filha por esposa?...

Laura tambem lhe vinha á lembrança, porém como um sonho do passado, que se misturava com outros sonhos da mesma natureza; Irene lhe recordava a celebre Bonifacia, e por um momento tornava um pouco risonho seu semblante melancolico e sentido. A promessa de casamento feita á viuva não incomodava muito ao estudante: nesse ponto elle confiava tudo da sua fortuna que, em questões dessa natureza, ainda não o havia uma só vez abandonado.

Todo entregue a este tropel de idéas esteve por muito tempo meditando o Juca, até que um sonho amigo veio fazer-lhe esquecer os pezares da vigilia, e obrigar-o a sorrir docemente aos sonhos deleitosos que o vinhão felicitar em seu dormir.

No entretanto outros tambem reflectião, e muito, na marcha que ião tendo os acontecimentos, e na posição duvidosa em que se achavão.

O commendador Sancho recebêra na ultima noite de partida em casa de Mauricio um golpe profundo nas suas esperanças de casamento com Rosa: positivamente elle não era amado. A sua noiva, para cumprir a palavra que dêra, estava prompta a sacrificar-se; mas em resultado era sempre um sacrificio: deveria por ventura aceital-o?... A tal qual

generosidade de Sancho estava em lucta aberta com o máo estado de suas finanças : o dote de Rosa podia salvá-lo. É verdade que, segundo lhe affirmava a velha Juliana, Laura não lhe era indifferente, e o seu casamento com ella principiava a lhe parecer bem facil ; mas a neta de Juliana não era tão rica como a filha de Mauriciã, e isso significava então muito para o commendador. Ainda ao seu espirito apparecia a viuva Irene com suas quatrocentas apolices, e o misero Sancho sentia-se dobrar ao peso de uma tal consideração : era por isso que, no curto espaço de tres dias, o commendador fizera tres visitas á velha Irene, e pelo sim pelo não, outras tantas a Juliana.

Irene começava tambem a desconfiar do resultado de seus amores com o Juca. Teimava ainda que era louca e apaixonadamente aniada, e que Anastacio, seu inimigo jurado, procurava intriga-la com o estudante ; mas por segurança já recebia menos duramente os cumprimentos de Faustino, e o tratava até com alguma meiguice : e por ultimo acabou por dizer ao proprio commendador, que tinha sido sempre muito sua amiga, e que elle podia estar certo de que lhe pertencia um cantinho do seu coração.

Na casa da velha Juliana nova discussão se travára entre a avó e a neta : a velha reprehendêra seriamente a moça pelo seu comportamento em casa de Mauricio.

— Tu te voltaste toda para o estudante ! clamára ella, e esqueceste em um canto o nosso nobre commendador.

— Mas, minha avó, com que idéas sahimos nós de casa !... tratava-se de prender um dos dous, pouco importava qual, dizia vossa mercê...

— Não ha tal, eu sempre votei pelo nosso nobre commendador.

— E eu... disse Laura, completando o seu pensamento, como na verdade prefiro o moço ao velho...

— Tola !...

— Procurei fazer pazes com o Sr. Juca, emquanto vossa mercê se occupava de me recommendar ao outro.

— Pois, sim senhora, com a minha experiencia fiz o que tu não podeste fazer com os teus bonitos olhos.

— Ora... o que foi que vossa mercê fez ?...

— Puz o commendador de candeias ás avessas com a Rosinha.

— E eu fiz as pazes com o Sr. Juca.

— Que tola !... que pateta !... depois daquelle dueto não ha mais nada a esperar do Juca, rapariga.

Laura deixou cahir tristemente a cabeça, como quem se via obrigada a ceder á evidencia dos factos, e a velha Juliana aproveitando o ensejo foi repetindo tudo quanto fizera, e o muito que esperava fazer ainda.

No meio porém dessas disposições, no meio desse drama, em que a velha Juliana egoista e surda á voz da moral, fazia entrar sua neta, uma cousa é preciso reconhecer : se ouvindo fallar em brilhantes, em sedas, bailes, carruagem e luxo, o rosto de Laura parecia acender-se, e ella se mostrava por um instante docil aos loucos conselhos de sua avó, logo depois o coração da moça generosa e nobre se revoltava contra tudo isso, e a imagem do commendador ficava de lado.

Emfim em quanto dormia o Juca, meditava tambem a sua formosa amante.

— Como é abominavel este mundo !... dizia ella comsigo : cadêa de enganos... theatro de illusões... fallar de mentiras... baile mascarado interminavel...

eis tudo !... oh ! eu não quero viver mais em um mundo como este.

Quando uma moça solteira se põe a philosophar, ninguem pergunte o que se passa em seu coração ; e diga, sem medo de errar, que ha dentro d'elle amor contrariado.

Com effeito, Rosa profundamente se resentira do ultimo episodio daquella noite, que tão docemente correra até o meio para ella ; depois de ter cantado um tão terno e apaixonado dueto com o Juca, depois de haver chorado diante d'elle, quando lhe deixava ouvir cantando a confissão e a certeza do seu amor ; depois de haver cantado esse dueto com os olhos em fogo, ou com a alma ardendo nos olhos, e ainda mais olhando para elle, e ainda mais devorando o olhar que encontrava fito no seu, ir esse mesmo homem procurar para dansara sua antiga apaixonada... fallar-lhe... ouvil-a, e fallarem ambos quasi em segredo, e se dizerem tantas cousas ali ao pé della !... eis o que a filha de Mauricio não tinha podido esquecer em tres dias, eis o que ella não se sentia com forças de perdoar ao seu amante.

Emquanto o Juca se demorou em sua casa, Rosa esteve sempre triste, e quasi que desejou ver passar de relance esses tres dias que lhe haviam sido concedidos ; mas, quando se foi aproximando a hora da retirada, o coração da pobre moça começou tambem a apertar-se, e ao escutar o adeus do estudante a sua primeira idéa foi que elle a deixava, que elle sahia do seu lado para correr á casa da velha Juliana.

Quando se ama e se teme, a imaginação é um algoz : tormentos dolorosos torturavão a infeliz Rosa, que adivinhava traições que o Juca estava bem longe de commetter. e suppunha até prever um desprezo, para o qual já não tinha forças a alma do

estudante, ainda mesmo que elle pensasse em tal.

Rosa trabalhou debalde todo o dia por arrancar-se a suas tristes reflexões. A imaginação a retinha presa em suas garras de fogo, e não a deixava um momento: vagando de temor em temor, de absurdo em absurdo, a pobre moça pensou em tanta coisa, creou por si mesma tantas causas de afflicção, que chegou finalmente a ter medo.

Aproximava-se a noite: Rosa passou a mão pela testa, e sentio que a fronte lhe ardia; chegou-se ao espelho e vio seus olhos em fogo:

— Oh!... eu tenho febre!... exclamou: eu tenho febre! eu sou capaz de endoudecer!...

E medrosa, como uma criança, deixou o seu quarto e desceu a escada precipitadamente para ver se serenava junto de seu pai ou de seu tio.

Mauricio e Anastacio estavam com effeito na sala e havia muito tempo que conversavão exactamente sobre aquillo mesmo que causava os tormentos de Rosa.

— Convenhamos no entretanto, meu irmão, tinha dito Mauricio depois de longa hora de conversação, sim, convenhamos sempre, que o seu protegido é um famoso extravagante.

— Mauricio, respondeu Anastacio, não me falles de flôr que não cheira, de menino que não traquina, de velho que não ralha, nem de estudante que não quebra a cabeça!

— Mano, isso já passa de predilecção!

— Póde ser que o rapaz me enfeiticasse... confesso... confesso, que gosto d'elle; mas tambem se me engano com aquella cara, declaro que dou baixa de physionomista.

— Pois sim, meu irmão, devemos alegrar-nos, porque neste ponto somos ambos do mesmo parecer.

— E, o que não é pouco, do parecer de Rosa também.

— Lá nessas indagações apenas agora começo a querer entrar; você tem tomado esse negocio a sua conta, e feito o diabo a quatro... quanto a mim contentei-me com informar-me miudamente a respeito da familia do tal estudante.

— E então?.. tive razão ou menti?..

— Não senhor, é tudo como me disse; é filho de gente honrada; o pai, que ainda vive, e que o ama com o ardor com que se idolatra um filho unico, é um velho lavradôr um pouco rude, um pouco original, mas da tempera daquelles nossos antigos, que se chamavão pés de boi: finalmente dispõe de grande fortuna, o que para mim não significando uma grande e importante descoberta, nem por isso deixa de ser uma consideração de mais a favor do rapaz.

— E por consequencia?.. perguntou Anastacio.

Nesse momento ouviram os dous os passos precipitados de Rosa que se aproximava.

— Silencio! disse Mauricio; é Rosa que chega.

— Qual silencio, nem meio silencio, respondeu o velho roceiro; agora é que eu quero fallar.

Rosa entrou na sala e correu a lançar-se nos braços de seu bom pai:

— Minha filha! exclamou este.

— Ah! meu pai, tenho atrozes dôres de cabeça!.. estou a ponto de enlouquecer...

— Sim?.. disse Anastacio; pois eu vou te dar um especifico, que te ha-de pôr boa immediatamente.

— Meu irmão, poupe-a; olhe como ella tem os olhos vermelhos...

— Mas se eu quero curar-lhe os olhos !

— Minha filha, tu estás com febre !

— Eu curo-lhe a febre ; deixa o negocio por minha conta, Mauricio.

— Mano, pelo amor de Deus não teime ! eu vou mandar chamar o medico, minha filha...

— Alto lá ! o medico serei eu ; juro-te que vou curar a pequena ; pois se eu possuo o especifico !...

— Não tenho necessidade de medico, meu pai, disse Rosa sentando-se ; o que eu preciso é de soco ; no entretanto deixe meu tio dizer o que pretende.

Mauricio sentou-se ao pé de sua filha.

— Rosa, disse então Anastacio ; fallavamos de ti quando entraste.

— Bem ; e o que dizião vossa mercê e meu pai !..

— Uma cousa, que te deve ser bem agradável : convinhamos ambos, em que era chegado o tempo de te casarmos.

— Casar-me ? !! meu pai, eu não me quero casar.

— Esta agora é melhor !... exclamou o tio.

— Rosa, disse Mauricio, olha que não se trata daquelle importuno e ridiculo commendador.

— É o mesmo meu pai ; positivamente declaro que me não quero casar.

— Rapariga, bradou lhe o velho roceiro ; vê, que o negocio entende-se com o nosso *espalha-brasas* !

— Meu pai, disse Rosa erguendo-se, tomei hoje, uma solemne e decidida resolução.

— Falla, minha filha ; podes contar com toda a minha ternura.

— Vamos a ver o que sahe d'ali !... murmurou já meio enfezado Anastacio.

— Senhor, tornou Rosa dirigindo-se a Mauricio, peço-lhe licença para entrar para o convento de Santa Thereza.

O pobre pai ficou estupefacto.

— Agora sim, exclamou o velho roceiro inflammando-se ; mande quanto antes chamar o medico, porque minha sobrinha está atacada de alienação mental !...

XXXIV

Um homem honrado.

Em uma das ruas mais desertas da cidade do Rio de Janeiro ha uma casa pequena e apenas sobremontada de um sotão, que conservando-se sempre muito limpa e caiada tinha em si um não sei que de *sympathico* e *attractivo* : era ella habitada por um homem de 50 e tantos annos, e por dous lindos meninos, que fazião as delicias daquelle.

Em um dos dias que se seguiram á ultima noite de partida do voltarete na casa de Mauricio, estava esse homem sentado em um sofá de muito simples trabalho na sala de seu sotão, ora lendo mudamente artigos destacados em um volume da *Minerva*, que tinha entre as mãos, ora observando os dous meninos, que sentados a curta distancia estudavão lendo alto, em livros de moral.

A sala em que se passava esta scena era breve, pobre, porém muito decente : tinhão-na forrado de papel ordinario, sim, mas de muito bom gosto, e o seu tecto alvejava, sem que a mais pequena mancha

nelle apparecesse ; a mesa, os aparadores, o sofá as cadeiras, tudo demonstrava que o dono dessa casa tinha bem pouco de seu, porém que era um desses homens minuciosos e impertinentes, que se revoltam quando se afasta o menor objecto de seu lugar quando se arranha o pé de um consolo, ou se deixa rolar um pedaço de papel pelo chão : uma dessas creaturas que julgam o desleixo um vicio enorme e o extremo asseio uma verdadeira necessidade para sua vida.

O homem que estava lendo e que mostrava, com fica dito, contar já mais de 50 annos, era alto, magro e bem feito ; começava-lhe a alvejar o cabello, tinha a fronte elevada, os olhos negros, o rosto oval, e nariz aquilino ; não usava suissas, mas apresentava a sua barba sempre feita com todo o esmero ; estava vestido de calças de brim branco, tinha ao pescoço um lenço da mesma cor, trazia um rodaque de riscadinho fino abotoado até acima, e calçava emfim seus patos de tapete.

Das duas crianças, uma era um menino moreno pallido, de semblante melancolico, e que poderia ter quando muito 12 annos de idade ; a outra era uma menina loira, esperta, bonita e um pouco desinquietada, um anno talvez mais moça que o primeiro. Ambos esses meninos estavam vestidos completamente de branco.

O homem que lia o livro e observava as crianças chamava-se Daniel : era o irmão do usurario André.

Daniel tinha sido empregado publico desde idade de 20 annos, e depois de trinta de serviço embirrou um dia em querer a sua aposentadoria e emfim a conseguiu, deixando na repartição a quem pertencia um nome sem mancha : honrado até extremo, de character independente, bom, ma

irascível, Daniel vivia retirado occupando-se da educação daquelles dous meninos, que nem seus filhos eram : não tendo nunca querido casar-se, fôra obrigado pelas leis da amizade a adoptar as duas crianças, e achava-se pai sem ter filhos. Elle fôra amigo devotado de um primo seu, irmão da viuva Irene, o qual tendo a desgraça de morrer de repente e sem fazer testamento deixou em completo abandono esses dous innocentes fructos de um amor illegitimo ; toda a sua fortuna passou para as mãos de Irene, então ainda casada, e os pobres meninos ficariam reduzidos á ultima miseria, se o amigo do finado, mais humano que a propria irmã d'elle, não os trouxesse para sua companhia, e não tivesse passado para elles toda a amizade que tributára ao pai.

O tempo foi correndo, e Daniel pouco a pouco sentindo nascer-lhe no coração um sentimento novo para elle : era um arremedo de amor paternal, que acabou por prendê-lo de tal modo e com tal força ás duas crianças, que já lhe seria impossivel viver sem ellas.

Em seus dias de reflexão, quando se punha a meditar no futuro de seus dous filhos adoptivos, Daniel se entristecia lembrando-se de que, pobre como era, não poderia deixar nada áquelles dous innocentes ; mas ao mesmo tempo consolava-se com a idéa de que Irene não tendo filhos, nem sendo de presumir que outra vez se casasse, não tinha outras pessoas a quem legar sua enorme fortuna, senão a seus sobrinhos naturaes.

No entretanto Daniel era orgulhoso; e, resentido de que a sua prima nunca lhe pedisse os sobrinhos para ver, nunca tambem lh'os tinha querido apresentar.

É certo que a natureza lhe havia dado um

irmão, a quem a fortuna de mãos dadas com vileza se esmeravão em enriquecer prodigiosamente; desse irmão, porém, Daniel não queria ou fallar; detestava suas riquezas, que de tantas e tão amargosas lagrimas erão causa; e continua a viver isolado com os dous meninos no seu retiro confiando na Providencia, e esperando tudo só Deûs.

Todavia em attenção a essas crianças, e movido de piedade por sua prima, consentia em tomar seu cargo o cuidado e o exame das contas, que todos os annos dava André do estado da fortuna de Irene. Daniel tremia de vergonha, vendo obrigado a reconhecer, que a não ser elle, seu irmão já teria roubado sua prima.

Por ultimo vieram ainda as noticias do projecto do casamento de Irene tornar dobradamente duros as esperanças, que Daniel havia concebido favor dos dous meninos.

Eminentemente colerico Daniel, ao receber nova de semelhante loucura, rompeu em invectivas e sarcasmos contra sua prima :

— Sobre ser extravagante e ridicula, exclamou elle, é ainda má, ingrata, irreligiosa, e perversa ! não se lembra de que metade de sua fortuna dev pertencer e aos olhos de Deus pertence, a dous innocentes !... ella os despojou outr'ora, ella os rouba ainda hoje !... não ! eu não verei mais nunca um tal mulher : se a tornasse a ver, seria para lançá-lhe em rosto seu nefando crime !... deveriam pô-la cadêa para castigal-a do passado, e agora culpria que a fechassem na casa dos Orates para impedir-l-a de fazer parvoices no presente !...

Apoz a colera veio, no fim de algumas horas, a reflexão que se foi prolongando por todos os dias que se seguiram, e imprimindo no semblante au-

tero de Daniel o cunho de uma acerba melancolia.

Era ainda sob a impressão dessa forte contrariedade, que elle se apresentava no dia em que o encontrámos lendo, e ao mesmo tempo observando os dous meninos que tambem lião.

— Olha, Clotilde, disse elle á menina, que deitava olhos cheios de curiosidade para a janella, ao tempo que passava pela rua um carcamano a tocar realejo, tu não estás attenta á lição !...

— Mas se eu já sei, papai !

— Ah ! já sabes ?... tu dizes que já sabes ?... pois vamos ver.

Clotilde correu para junto de Daniel e disse toda sua lição, apontando para os nomes que lia com o seu formoso dedinho ; quando chegou ao fim levantou os olhos para o mestre á espera de lhe ouvir um elogio ou uma admoestação.

— Está bem... está bem... dous erros sómente, amanhã será preciso não errar vez nenhuma, ouves Clotilde ?

— Sim, papai, mas agora posso ir ver a minha boneca.

— Ainda não : hontem Americo foi mais prompto do que tu, e no emtanto alli se deixou ficar estudando, até que soubesses tambem a lição. Queres que Americo seja melhor do que tu ?...

A menina fez um momo que obrigou a sorrir a seu pai adoptivo, e já ia voltando para o seu lugar, quando Daniel a suspendeu dizendo :

— Espera : tiveste juizo hoje, e quero dar-te um beijo.

Clotilde ergueu-se na pontinha dos pés e apresentou sua nivea fronte aos labios do ancião ; mas apenas recebeu o beijo foi de novo sentar-se a ler, lançando de instante a instante os olhos para seu irmão, como quem lhe pedia que andasse mais depressa.

Mas antes que Americo pudesse levantar-se para dar contas de si, Daniel ergueu-se ouvindo bater, e foi mandar abrir a porta e fazer entrar quem o procurava. D'ahi a pouco foi introduzido na sala um elegante mancebo : era Faustino.

O filho da velha Basilia tinha voltado, como promettêra, á casa de André no fim de tres dias, mas, á imitação das vezes passadas, o usurario procurára demorar a sua entrevista com elle, sahindo de casa a pretexto de importantes negócios, e deixando-lhe um recado, no qual convidava o publicista a voltar, passados outros tres dias.

Faustino comprehendeu que nada devia esperar do velho André, e apezar de tudo quanto lhe dizião da austeridade de Daniel, resolveu-se a ir procural-o e tental-o.

— Dizem, que é um homem de bem ás direitas, pensou comsigo mesmo o publicista ; pois bem ! é porque não lhe chegou ainda a vez de aviltar-se : a humanidade é toda assim...

E mudando um dos termos de um velho, mentiroso e insolente pensamento, continuou :

— Todo homem se vende ; a duvida está em chegar-se ao preço ; emfim não se perde nada em tentar : supponhamos que o tal Sr. Daniel me repelle... paciencia, será mais um passo perdido ; no entanto estou resolvido a offerecer-lhe o dobro do que offereci ao irmão.

Foi possuido destas imprudentes idéas, que o publicista se apresentou na casa do homem, que tinha uma reputação de honradez e desinteresse desde longa data estabelecida.

Daniel recebeu a Faustino com toda a delicadeza, fez retirar os meninos da sala, e rogou-lhe que lhe dissesse ao que vinha. O filho da velha Basilia não pôde deixar de hesitar antes de explicar-se com

aquelle homem, de cuja physionomia transpirava o brio, e a honestidade.

— Creio que tenho a honra de fallar ao Illm. Sr. Daniel, disse Faustino um pouco tremulo.

— Sou um criado, e estou á disposição de V. S.

— Pois, meu senhor, um negocio de summa importancia me traz aqui, e deixando de parte todos os circumloquios que se costuma procurar....

— Sim; é melhor ferir logo a questão de face.

— Não sei se a V. S. já chegou a noticia, continuou Faustino esforçando-se, de que um certo estudante projecta casar-se com a sua digna prima, a Sra. D. Irene...

Antes que Faustino tivesse acabado a phrase, a fronte de Daniel enrugou-se terrivelmente, seus supercilios encontraram-se e ficaram formando uma só e longa linha negra por cima de seus olhos brilhantes.

— Já o sei, disse Daniel.

— É essa a questão de que o quero occupar...

— E porque?... e como?...

— Esse casamento não póde convir a V. S. que, como um dos dous unicos parentes da Sra. D. Irene, tinha direito a esperar, que por morte della, lhe coubesse uma parte de sua fortuna.

— Eu jámais em minha vida calculei com o dinheiro dos outros! exclamou Daniel agitado.

— Espere, ouça-me até o fim, tornou Faustino.

— Falle, acabe.

— Esse casamento, que em meu entender lhe não deve fazer conta, tambem a mim, eu o declaro francamente, me contraria muito.

— E porque?... poderia eu sabê-lo?...

— Porque tambem tinha eu a idéa de casar-me com a senhora sua prima

Daniel desfechou sobre o publicista um olhar de solemnissimo desprezo.

— Lembrei-me pois de vir fazer-lhe uma proposição que poderá convir a V. S., e que positivamente me convém.

— E qual é ella?... acabemos com isto.

— V. S. goza da maior influencia para com sua prima, e seus conselhos são sempre e com toda razão attendidos: ora eu propunha-lhe que fazendo a Sra. D. Irene abandonar o projecto de casar-se com o estudante, a movesse a attender-me e a aceitar-me por esposo.

— Sim... entendo... e que mais? perguntou Daniel, que já estava vermelho como uma lingua de ferro em braza: que mais? é provavel que a sua proposição não pare ahí...

— De certo... de certo, disse Faustino; eu vou concluir immediatamente.

— Pois vamos... estou ancioso.

O publicista começou a nutrir esperanças; animou-se e proseguio.

— Suppondo, que por morte da senhora sua prima, ficassem V. S. e seu irmão por unicos herdeiros della, o que lhe caberia em tal caso era a metade dos bens da Sra. D. Irene: ora eu não quero o prejuizo do Sr. Daniel, e comprometto-me a dar-lhe, como indemnisação cincoenta por cento do dote, que eu receber, se V. S. conseguir o meu casamento com a senhora sua prima.

Os labios de Daniel pallidos e convulsos deixavão entrever a colera, de que elle se achava dominado. Foi-lhe preciso um esforço sobrehumano para conter-se ainda e perguntar:

— Então, se eu lhe arranjar esse casamento, dá-me o senhor cincoenta por cento do dote da noiva?...

— Sim, senhor.

— Mas, meu caro, o senhor sabe que estes nego-

cios são muito sérios, e graves ; palavras o vento leva, e hoje em dia...

O publicista sem ler o furor nos olhos do nobre ancião e a colera transpirando-lhe do rosto, sentio pular-lhe de contente o coração, julgando triunphante a sua causa, e apressou-se a responder :

— V. S. tem toda a razão, Sr. Daniel ; é a primeira vez, que me vê, e não póde adivinhar se sou ou não um homem de bem.

— Oh!... essa é boa!... está se vendo... a cara de V. S. não póde enganar a ninguem !

Faustino ficou um pouco desconfiado do cumprimento, e respondeu meio desconcertado :

— Agradeço a V. S.

— No entretanto, proseguio Daniel, todos nós sabemos que neste mundo ha morrer e viver, e por consequencia qualquer segurança nunca é de mais.

— Oh!... certamente!...

— Se pois o senhor... como é mesmo a sua graça?

— Faustino, criado de V. S.

— Se, pois, o Sr. Faustino quizesse ter a complacencia de assegurar-me com penna e tinta, o que acaba de prometter-me sob sua palavra,...

— Não tenho a menor duvida.

— Então, se me dá licença, vou buscar o que é necessario para se escrever...

— Pois não, meu caro amigo !...

Daniel levantou-se e sahio da sala.

Faustino applaudindo-se do bom resultado de sua tentativa, esfregava as mãos e pensava :

— O que dizia eu !... a honra é chimera ou não ?... está dito: todos os homens se vendem com tanto que lhe cheguem ao preço ; eis-aqui um homem de bem, comprado por duzentos contos pouco mais ou menos !

— Aqui tem o papel, penna e tinta, que lhe trago, exclamou Daniel entrando na sala.

Faustino voltou o rosto e viu um enorme páo de vassoura erguido sobre elle; levantou-se para fugir; mas foi tarde: o páo de vassoura soava sobre suas costas furiosamente. Daniel parecia um ferreiro a malhar com o martello na sua bigorna.

O illustre publicista nem se animou a resistir; correu sempre perseguido por Daniel, que lhe dava pancadas sem piedade; chegando á escada atirou-se de cambalhotas, e foi rolando por ella abaixo levado aos pontapés e ás pauladas pelo velho terrível, que só o deixou na porta da rua.

Anciado de fadiga e de colera, Daniel subio de novo a escada, deixando ouvir repetidas vezes estas unicas palavras;

— Insolente !... patife !... bregeiro !...

O rosto do velho ardia em fogo; suas mãos já mal podião suste a arma, com que havia castigado a Faustino: tão tremulas estavam! Entrou de novo na sala, e ia atirar-se sobre o sofá, quando os dous lindos meninos correram para elle chorando e de braços abertos:

— Papai !... papai !... gritavão ambos.

As lagrimas da innocencia desarmaram a colera do nobre ancião, contemplando aquelles dous anjinhos; o rosto de Daniel se foi pouco a pouco ameiçando; um momento depois, o bom homem abraçou-se com elles, beijou-os com indizível ternura, e exclamou:

— Meu Deus !.. perdoai os impetos de minha colera, e felicitai estas duas pobres criancinhas !...

XXXV

O Juca no quarto de Faustino

O infeliz publicista estava desde alguns dias, como D. Quixote depois de certas proezas, com o corpo reduzido a uma especie de salada. O páo de vassoura manejado pela mão fôrçosa de Daniel o havia posto em miseravel estado ; mas por honra da firma, Faustino, apezar de chegar á casa com o chapéo transformado em rodilha, e a casaca rota, dissera primeiro que tinha virado e tombado com um tilbury, o que era muito natural nas ruas da nossa cidade, e logo depois se declarára doente de rheumatismo : o certo era, que o pobre rapaz estava com as costas cheias de nodoas, e fôra obrigado a ficar de cama durante alguns dias.

Em taes circumstancias o Juca esqueceu todos os motivos de resentimento que suppunha ter, e não desamparou Faustino : vinha vê-lo muitas vezes por dia, consolando-o, animando-o, e prestando-lhe entím todos os officios de uma boa amizade.

O publicista foi pouco a pouco melhorando do que elle chamava o seu rheumatismo, e uma manhã achou-se mais forte, e mesmo capaz de passear pelo seu quarto independente de apoio algum : quando chegou o estudante, elle apressou-se a dar-lhe a noticia feliz.

— Estimo muito, Faustino, disse o Juca.

— E eu ainda mais, tornou aquelle ; porque rece-

bêmos ainda hoje uma visita de Mauricio e um convite formal para um banquete e sarão, que pretende dar em sua chacara em festejo do restabelecimento de seu irmão.

— Já sei ; e tambem fui convidado.

— Ora ! estava visto ! tu nesse dia serás um dos santos da festa, como enfermeiro que foste do velho roceiro.

— O Juca não se havia esquecido da intriga, que o publicista lhe fizera na noite dos annos de Laura. Protestára tomar uma desforra de estudante, mas ainda não lhe tinha apparecido occasião propicia. Ouvindo o que lhe acabava de dizer Faustino, lembrou-se de que não podia achar ensejo mais favoravel para sua vingança, do que esse que se lhe preparava na chacara de Mauricio ; mudou portanto immediatamente de conversa, disposto a meditar depois em socego no genero de vingança, que de veria tomar.

— Faustino, e se o teu rheumatismo se aggravar ?... se tiveres uma recahida ? perguntou sorrindo-se.

— Qual !... isto não volta mais.

— Tens certeza disso ?...

— Tenho-a, sim ; porque te estás a rir ?

— Publicista, rio-me por uma razão, que te não daria, se te não visse já forte, e capaz de outra.

— Heim ?...

— Agora que te achas muito melhor, podes ouvir uma idéa extravagante, que me passou pela cabeça.

— Dize lá.

— Durante a tua molestia, sempre que eu queria dizer rheumatismo, vinha-me á boca — *sóva de páo !...*

— Ora... que asneira !... balbuciou Faustino.

— Não é tanto asneira assim : um dia que te achei

dormindo, quiz te endireitar as cobertas, e descobri...

— O que?... o que?... homem dos diabos !...

— As tuas pobres costas cobertas de nodos negras !...

— Fizeste-me uma traição, Juca !... exclamou o publicista.

— Faustino ! disse o estudante, levaste uma sóva de tirar couro e cabelo! .. anda, falla; quem foi que te fez esta obra de misericordia ?...

— Tratemos de outra cousa... não vês que isso póde fazer tornar-me a febre ?...

— Qual!... em ti não ha affecção moral capaz disso : anda, conta-me a tua aventura.

— Juca, todos nós estamos expostos ao punhal dos sicarios, como tambem ao dente venenoso da calumnia !...

— Isso lá é verdade, então tu...

— Fui neste caso apenas a victima de um engano ; não houve sicario, nem calumnia ; deram-me com um páo e depois disseram-me : *queira perdoar, não era para o senhor.*

— Duvido, publicista !

— Palavra de honra, Juca.

— Então não te debes offender, se eu contar o caso a alguns amigos.

— Pelo amor de Deus, não faças tal ; não ha nada que ridicularise mais um homem, do que uma sóva de páo.

— Está bem ; protesto não dizer nada.

— Juras-me, Juca ?...

— Sim : guardarei segredo.

Faustino respirou.

— E agora em que te pretendes occupar, publicista ? . . esta vida de inacção não te póde convir... és um diabo sem officio nem beneficio...

O filho da velha Basilia coçou a cabeça e disse :
— Tenho luctado com cem mil duvidas ! já me veio á idéa atirar-me de novo na politica...

— Ora... já naufragaste nos baixios, que ha nesse mar... por ahi não vais bem.

— Enganas-te, só os tolos é que morrem na politica ; quem tem juizo sempre ganha com ella mais ou menos. A patria é uma vaquinha gorda, que por mais que a ordenhem sempre lhe fica leite para dar aos filhos ; todavia já te apresentei minhas observações a semelhante respeito ; não quero apparecer agora para não causar maior furor apparecendo daqui a tempos. Isto de politica é uma grande comedia : as scenas muito longas, e os actores muito vistos acabão por aborrecer a gente. É preciso fazer mutações e representarem actores novos.

— Começas a divertir-me !

— Oh ! sim : o grande é pouco mais ou menos, como o pequeno theatro. Conforme as exigencias da peça as personagens se abração, ou se descom põem na scena ; a platéa bate palmas ou assobia, os comicos recolhem-se aos bastedores, e riem-se do publico, que quasi sempre é um tolo, e depois vivem ás mil maravilhas uns com os outros, intrigando-se apenas ás vezes em honra da folha dos ordenados.

— Publicista, és admiravel !... tens a mania de encontrar Faustinos por toda a parte !... pois olha ; enganas-te : ha muita gente de bem no mundo, e eu aposto que encontraste um homem honesto ainda ha pouco tempo.

— Qual ?

— Aquelle que te fez a obra de misericordia que te obrigou a ficar de cama tantos dias ; porque eu juro que tu não apanhaste por engano : pelo contrario recebeste o premio de alguma das tuas falcatruas.

— Ainda teimas ?...

— Esqueçamos isso. Ora dize : porque não te resolves a entrar de caixeiro em alguma casa de commercio ?

— Essa é boa !... porque nasci para amo.

— Tens razão, Faustino ; mas ainda neste caso me admiro de que com tal convicção não tenhas já aberto uma grande casa commercial.

— A razão é simples : desconfio que não acharei quem me empreste dinheiro.

— Pois é uma injustiça que te fazem ; tu havias de ser muito prompto nos pagamentos.

— Isso lá é verdade ; deixa porém estar que eu ainda espero vingar-me deste mundo.... olha, se não fosses tu, Juca !...

— Eu ? !!!

— Sim, tu tens sido um máo amigo ; sabias que todo o meu futuro, a minha gloria, os meus triumphos, tudo emfim dependia de um casamento.... e por simples desejo de zombar comigo ou de fazer cocegas no coração de alguma das tuas namoradas te levantaste como um muro de bronze entre mim e a velha Irene !...

— Ainda ?...

— E sempre ! confesso-te que cada vez me sinto mais loucamente apaixonado pela maldita velha ! ah, Juca da minha alma, desengana de uma vez aquella bruxa ; acaba com essa intriga, deixa-me um vão, um canto desoccupado naquelle coração de tartaruga !

— Camarada, faze por ser bom cavalleiro ; se te atrapalho, a culpa é toda tua, pois me tens convencido da conveniencia desse casamento.

— Então, pensas que eu engulo essa, Juca ?... tu basbaque do seculo, tu papalvo que crês em honra e virtudes, em generosidades, e não sei que

mais, havias de te querer casar com uma mulher velha com cara de macaco ?..

— Porém tu...

— Eu? eu sou franco; quero casar-me com o dinheiro della; amo-lhe as apolices, adoro-lhe o dote, e conservo-me firme nos meus principios.

O estudante sorrio-se a um pensamento que nesse instante acabava de conceber.

— Faustino, a quanto monta a fortuna da velha Irene ?..

— Pois já te não lembras ?... olhem que cabeça ! se fosse um soneto seria capaz de conservar de cór!

— Que queres ?... eu sou assim, esqueci-me.

— Abre a gaveta, Juca, e consulta o meu catalogo de noivas.

— Oh ! é verdade : recorramos ao teu tratado de pouca vergonha.

O estudante abriu a gaveta, e depois de procurar durante algum tempo, achou em fim a famosa collecção de noivas.

— Eis-aqui, disse o Juca ; ora pois, vou examinar tudo isto de fio a pavio.

E com uma estudada expressão de curiosidade no semblante começou o malicioso estudante a ler nome por nome e muito descansadamente as notas do publicista sobre as vinte cinco noivas documentadas.

Faustino cedeu á sua fraqueza no fim de meia hora, e deixou-se adormecer : quando o Juca o percebeu engolfado no somno, dobrou a folha de papel, guardou-a no bolso do paletot, e fechou a gaveta fazendo de proposito ruido com ella.

— Acabaste ?... perguntou Faustino abrindo os olhos.

— Sim, e retiro-me para te deixar descansar.

- E a collecção das noivas?...
- Guardei-a outra vez na gaveta : adeus!
- Juca, lembra-te do que te pedi!
- O que é?... já não me recordo.
- Desengana a velha bruxa; e deixa ver se eu faço vispora nas quatrocentas apolices!
- Faustino, respondeu-lhe o Juca; toma o meu conselho; corrige-te, abandona o máo caminho que segues, torna-te homem de bem... aliás...
- Aliás o que, pateta?...
- Corres o risco de teres muitas recahidas do teu rheumatismo especial.

XXXVI

Uma sombra.

Preparava-se com effeito uma bella festa para demonstrar o prazer que Mauricio e Rosa sentião pelo restabelecimento de seu irmão e tio : numerosos convites havião sido feitos, e o dia designado para o banquete e saráo batia já á porta.

Depois de ter passado um ou dous dias de violentos ciumes, Rosa modificára um pouco, e como era muito de esperar, as suas ultimas idéas; ainda teimava em dizer que se não queria casar, ainda se conservava resentida contra o seu incorrigivel amante; esfriára-se-lhe porém o desejo de se retirar para o convento de Santa Thereza, e quando o velho roceiro para fazer-lhe zombaria lhe fallava nisso, ella apenas respondia para não dar o seu braço a torcer :

- Se meu pai quizer, estou prompta.

No entretanto desejava ardentemente que chegasse o dia da festa que se projectava para observar o procedimento do Juca, e ter enfim um desengano completo.

O Juca não passava bem; continuava a esperar debalde noticias de seu pai: receioso de que elle se achasse doente e ainda mais a possibilidade de receber de repente uma dessas novas terriveis, que cahem sempre como um raio sobre o coração de um filho, vivia triste e afflicto procurando em vão distrahir-se.

Quando um temor dessa natureza se apodera do espirito do homem, não ha nada que possa arrancar-o da idéa pesada que o domina e que o atormenta: a imaginação acha aberto um espaço immenso para seus vôos, um vastissimo theatro para o jogo cruel de suas chimeras. Então parece que o céo nos avisa de uma desgraça a cada momento: o ruido que se escuta de noite, a borboleta negra que por acaso veio pousar á janella, a phrase destacada que se escuta de passagem na rua a um desconhecido, o carro funebre que passa defronte da porta, tudo, tudo parece um annuncio mysterioso do infortunio, que se receia. Então vêm á memoria uma a uma todas essas historias de mortes de parentes e amigos ausentes que foram, diz-se, adivinhadas ou sabidas a muitas legoas de distancia, e na mesma hora do passamento; então o atheu estremece e medita, e quasi crê, o desabusado torna-se religioso e este degenera em fanatico ou pelo menos em visionario.

O Juca estava tocando a este ponto: accusava-se em sua consciencia de haver causado mil desgostos a seu pai, lembrava-se de seus conselhos, e do olvido em que elle os deixára, e, pensando que poderia com a sua vida extravagante e louca ter contribuido para alguma desgraça, que por ventura houvesse

acontecido ao autor de seus dias, arrependia-se dos erros passados, chorava lagrimas amargas, e soffria martyrios indiziveis labutando entre o temor e a esperanza.

As vezes tentava reflectir friamente sobre o seu estado, e concluia de pressa que se tinha tornado um algoz de si proprio ; que suas afflicções não apresentavão uma causa real, e que impossibilitado de correr aos braços de seu pai, o unico partido que lhe cumpria tomar, era divertir-se, procurar distracções, e abafar nos prazeres seus terrores e suas duvidas.

Então atirava-se com um ardor verdadeiramente febril na vida das festas, e no meio da multidão ; corria ao baile e ao theatro, como um homem infeliz se precipita contra o seio de um amigo em horas angustiadas ; mas nada disto valia ao exaltado estudante : o seu tyranno, o seu algoz estava dentro delle mesmo e em toda parte o seguia. O seu algoz era a consciencia que o opprimia com a recordação das loucuras passadas, e com o aspecto de um triste futuro.

No baile, ao lado de uma joven bella, ao som da contradansa alegre, ou da rapida walsa, no meio do mais agradavel passeio, o Juca via erguer-se diante de seus olhos a imagem de seu pai, que o accusava de ingrato, e que em rosto lhe lançava todos os seus erros e extravagancias ; outras vezes em lugar de reprehensões erão lagrimas que corrião pelas faces rugosas do velho, que estendia seus braços para nelles receber o filho que tão mal pagára seu grande amor.

No theatro não soffria menos o estudante ;ahi apanhava, ouvindo as censuras lançadas sobre o filho desobediente, uma allusão dirigida a elle proprio ; e escutando a maldição fulminada por um pai

justamente irritado. curvava a cabeça, como se fôra elle. quem a tivesse recebido, e voltando os olhos ora para um, ora para outro lado, parecia temeroso de que todos o estivessem olhando e apontando, como um exemplo de máo filho.

O misero joven tinha chegado a tal ponto de exaltação, seu espirito soffria tanto, sua imaginação se achava tão excitada, que aquillo mesmo que d'antes tanto prazer lhe dava, agora nem ao menos o distrahia, e pesando-lhe quasi sempre a sociedade de seus bulhentos e alegres companheiros, nem sequer lhe restava a solidão para pensar livremente, ou debater-se a sós com seus pezares.

Emfim nos ultimos dias que precederam á festa preparada por Mauricio, uma nova idéa se apoderou da alma do estudante; persuadio-se que um homem desconhecido e mysterioso o acompanhava por toda parte observando-o e seguindo seus passos.

O Juca não era medroso; mas tal impressão lhe causou aquelle incognito e talvez perigoso companheiro, que elle não se pôde vencer, e perguntou a seus collegas o que devia suppôr desse personagem incomprehensivel que o não perdia de vista.

— É um homem vestido de preto, dizia elle; anda sempre embuçado em uma longa capa, nunca deixa ver o rosto, nem ouvir a voz. Um ladrão não pôde ser, porque mil vezes já me poderia ter atacado; um inimigo menos, porque certamente não se quereria denunciar por semelhança a vaneira; um amigo?... é difficil de admittir, porque poucas vezes um amigo esconde o rosto.

Os companheiros do Juca em lugar de aconselhal-o e socegal-o, mofaram d'elle, riram-se da historia que acabavão de ouvir, e obrigaram-no assim a não lhes fallar outra vez em tal objecto.

No entretanto o que dizia o Juca, não era uma

mera ficção que o atormentava: havia realmente alguém, quem quer que fosse, que por toda a parte o acompanhava, e que em toda parte lhe apparecia como a sua sombra.

Se o estudante ia ao theatro, esbarravá-se ao subir de uma escada com o homem embuçado, que desapparecia logo depois de lançar-lhe um olhar ardente, para de novo apparecer-lhe de relance na hora da retirada.

Ao voltar de um baile o vulto parecia esperal-o sentado á porta de sua casa, e fugia ao vê-lo aproximar-se, tendo-se mostrado horas antes defronte da casa, onde o estudante fôra procurar distrahir-se na embriaguez do saráo.

No passeio um cavalleiro passava perto d'elle, e attrahia suas vistas: era o homem vestido de negro e cuidadosamente embuçado. D'ahi a pouco, voltando a recolher-se, a mesma figura e com o mesmo mysterio apparecia como por encanto ao voltar de uma esquina, para snmir-se logo depois dobrando rapidamente pelo canto da rua mais proxima.

Em vão tinha o estudante trabalhado para descobrir ao menos as feições daquelle mysterioso personagem: nunca conseguira ver-lhe o rosto como já-mais podera ouvir-lhe a voz.

A curiosidade do Juca vivamente excitada por tão constantes e repetidas aparições e por um procedimento tão extraordinario, acabou por fazer lhe tomar a resolução, aliás muito natural, de perseguir esse homem inexplicavel a primeira vez que o encontrasse, afim de obrigar-o a dar-se a conhecer.

Com semelhante designio levantou-se o estudante na manhã da ante-vesperã do dia em quem deveria ter lugar o banquete e saráo de Mauricio. Vestio-se e sahio resoluta a executar o seu pensamento. Não tendo destino algum, determinou ir á casa de seu

correspondente a ver se já havia noticias de seu pai, posto que lá tivesse estado na tarde antecedente.

Logo ao sahir á rua o Juca lançou os olhos para um e outro lado ; não descobrindo porém o desconhecido foi caminhando, e insensivelmente deixou-se engolfar em suas tristes reflexões.

De repente um longo e sentido suspiro fez o estudante levantar a cabeça : o homem mysterioso estava a dez passos d'elle, e parecia contemplal-o com indizível ternura.

O Juca hesitou um momento ; mas logo depois decidido e ligeiro atirou-se sobre o desconhecido, que, como quem de antemão estivesse preparado para aquelle ataque, voltou as costas, e fugindo a passos precipitados entrou em uma carruagem, que se achava parada a breve distancia, e que immediatamente desapareceu aos olhos do estudante.

Vendo assim burlada a sua primeira tentativa, o Juca jurou a si proprio, que seria mais habil e feliz na primeira occasião ; debalde porém passeou todo o resto desse dia, debalde vagou por todas as ruas e praças da cidade no dia seguinte : o desconhecido não tornou a apparecer mais a seus olhos.

XXXVII

Uma moça e uma flôr.

Tinha emfim chegado o dia da festa offercida por Mauricio aos seus amigos. Desejando escapar á monotonia e ás pesadas etiquetas dos bailes da côrte, havia elle determinado dar o seu jantar e o saráo na

sua bella chacara, aquella mesma que fôra theatro dos primeiros e innocentes amores de Rosa e do Juca, e depois de ter tudo prevenido viera de vespera dormir ahi com toda a sua familia.

Contra todos os seus habitos Rosa despertou ao romper da aurora e sahindo de casa desceu ao jardim, e foi sentar-se em um banco de relva. Diante della corria o pequeno mas limpido rio de... que se deslisava pelo valle, a pouca distancia e a seu lado direito ficava o labyrintho, e em torno della mil flôres orvalhadas e bellas embalsamavão o ar.

-Sobre a cabeça de Rosa pendia uma flôr de seu nome, que ao brando mover do ramo que a sustinha impellido pelo sopro da aragem entornava no espaço esse aroma delectoso e especial, que lhe conservará sempre o sceptro da rainha das flôres.

Mas nem o canto dos passarinhos, que saudavão a aurora, nem a belleza do sitio, nem o rio, nem o labyrintho, nem as flôres desafiavão a attenção da filha de Mauricio. Indifferente para todos esses objectos, ella deixava seu espirito occupar-se todo de idéas melancolicas e voltava sua alma para o passado, deixando ver pendentes de seus cilios duas lagrimas brilhantes, como as gotas de orvalho, que por alli se observavão dependuradas nas petalas das flôres.

Rosa começára por lembrar-se de sua mãe. Tantas vezes por alli passeára com ella ; tantas vezes escutára seus sabios e preciosos conselhos á margem desse mesmo rio, tantas vezes bricando com ella, como com uma de suas camaradas, se fôra perder naquelle mesmo labyrintho, que, apezar de haverem corrido já bastantes annos depois da sua morte, ainda a extremosa filha se recordava dos mais simples acontecimentos, como nos primeiros dias da sua dôr de orphã.

Insensivelmente, porém, o immenso amargor d'aquellas lembranças se foi abrandando, e os olhos de Rosa acompanhando uma folha que a corrente do rio levava, como que foram também levando seu espirito para outras idéas; pouco a pouco a imagem do Juca começou a mostrar-se ora correndo por entre as flôres, ora arrojando-se no lago para salvar uma rosa, enfim em toda a parte onde uma scena, um episodio do mais innocente amor se havia passado.

Quando a alma se entrega ás recordações do passado, e quando essas recordações são gratas e amenas, aquelle que pensa, que se recorda, se esquece do tempo que passa, do mundo em que vive, do futuro que lhe ameaça ou mesmo que lhe sorri, de tudo enfim, e até de si próprio. Era o que estava acontecendo a Rosa: longa hora passou sem que ella pensasse que sua ausencia poderia ter sido já por demais sentida e que talvez houvessem mesmo chegado algumas das familias, que se esperavão.

Ninguém poderia dizer até onde chegaria o encanto, em que Rosa se deixára prender; ninguém poderia marcar a hora de triumpho do presente sobre aquelle viver do passado; pois que nem o ruido dos passos de alguém que chegava teve o poder de distrahir a filha de Mauricio de suas doces recordações; para que ella desatasse um suspiro, tornasse ao mundo e á vida da realidade, preciso foi que uma mão pousasse sobre seu hombro, e uma voz bem querida soasse a seus ouvidos:

— Em que pensas, Rosa?...

A moça voltou os olhos e vio seu bom pai a seu lado: o rosto de Mauricio estava sereno embora um pouco melancolico.

— Ah!... meu pai!... disse Rosa.

E enxugando de pressa os olhos humedecidos pelas lagrimas, continuou:

— D'morei-me muito meu pai!...

— Não, Rosa; ainda é cedo; mas em que pensavas tu?... porque choravas?...

A moça sentio que o fogo do pejo lhe abrazava o rosto; o pai vio que a filha hesitava, e comprehendeu a causa de sua hesitação.

— Porque hesitas em abrir-me a tua alma, minha filha!... duvidas da minha ternura, por ventura tenho eu sido para ti um tyranno!...

— Oh!... não!... pelo contrario: tendes sido o melhor dos pais.

— Pois então porque não confias em mim!... porque não vens sempre, todos os dias e a todas as horas contar-me as tuas alegrias e os teus pezares, e dizer-me todos os teus segredos!... Oh!... os filhos são todos bem imprudentes, e bem cegos!... Deus e a natureza lhes dão o melhor, o mais seguro dos amigos, e contado é aquelle que prefere o seio de seus pais aos camaradas de um momento para asylo de suas confidencias!...

— Meu pai, porque me dizeis isso hoje!...

— Rosa, eu não te reprehendo: perguntei-te porque choravas, e em que pensavas, e não me quizeste dizer; pois bem, não preciso que m'o digas; eu já o sei; ou antes, eu já o sabia, quando vim procurar-te.

— Vós, senhor!...

— Sim, minha filha: tu choravas pela mesma razão porque eu chorei tambem hoje...

— Oh!... sim... talvez!

— E pensavas no que eu estava pensando ha pouco tambem...

— Como, meu pai?...

— Sim: tu choraste lembrando-te da mais extrema das mãis, como eu chorei lembrando-me da mais carinhosa das esposas!

— É verdade ! exclamou Rosa desatando a chorar, com a cabeça apoiada no seio de seu pai.

— Basta, minha filha : tua mãe está no céu, gozando o premio de suas virtudes, e rogando a Deus pela nossa felicidade. Agora tratemos de ti.

— De mim ?...

— Sim, tu pensavas, como eu também estava pensando, em um mancebo que te é caro : não é verdade, Rosa ?

— É verdade, meu pai, balbuciou a moça abaixando os olhos.

— Julgas que eu não adivinhei antes de todos o segredo de teu coração?... julgas que os meus olhos não têm estado sempre fitos em ti e nesse mancebo desde que tive a primeira suspeita do teu amor?... acreditavas por ventura que tinhas um pai fraco, cego, negligente ou louco, que não via o que todos vião?... oh ! Rosa ! eu tenho passado longas noites de vigilia pensando no teu futuro !... eu tenho hesitado mil vezes entre o receio de te ver esposa de um moço inexperiente e extravagante, e o desejo de cumprir uma vontade sagrada, e satisfazer o teu amor.

— Uma vontade sagrada...

— Sim, a vontade de tua mãe : uma predilecção decidida e invencível, ou uma inspiração de amor materno fazia com que ella olhasse para esse mancebo, que tens distinguido, como o unico homem digno de ti, e capaz de fazer a tua felicidade.

Insensivelmente Rosa pôz as mãos em cruz sobre o peito, como se começasse a rezar.

— Eu sei tudo, Rosa, continuou Mauricio ; não ignoro que uma benção de moribunda cahio sobre vossas cabeças, e sagrou solemnemente o vosso amor. Tua mãe nunca teve para mim um segredo ; eu sei tudo pois.

— Obrigada, meu pai ! exclamou Rosa beijando

cem vezes a mão de Mauricio, que cobria de lagrimas, e apertava entre as suas.

A commoção de que Mauricio e Rosa se achavão possuidos fez com que elles não ouvissem os passos de um estranho, que se vinha chegando e que ao escutar talvez as ultimas palavras que se disseram os dous, occultou-se por detraz de uns bambús, que a breve distincia crescião e engrossavão á beira do rio.

— Rosa, continuou o bom pai ; eu não vivo, eu não trabalho neste mundo senão para ti. Os pais vivem sómente por seus filhos e para seus filhos ; a felicidade ou desgraça delles faz a sua gloria, ou o seu desespero. Agora, escuta : o casamento é talvez o factó mais importante da vida da mulher, é a origem de todos os seus infortunios, ou de toda sua dita ; toda prudencia se faz pois necessaria antes de se realisar um acto de tanta transcendencia. Falla-me pois com franqueza, Rosa ; abre-me o teu coração. Não te pergunto se amas, porque já o sei ; mas quero que me digas tudo quanto se tem passado comtigo e com esse mancebo, para que eu não ignore nada, e julgue com minha prudencia de pai, se convém afastar esse moço, ou recebê-lo para sempre, como meu filho bem amado. Falla, minha filha.

À voz doce, ao tom amoroso e terno que lhe dava Mauricio, abrio-se todo o coração de Rosa : a moça com os olhos fitos no rio fallou a seu pai, como se estivesse conversando com uma amiga do peito. No fim de um quarto de hora Mauricio estava ao factó dos mais insignificantes episodios do amor de sua filha.

Succederam a essa narração alguns minutos de silencio e meditação : ouvia-se apenas o murmurio das aguas do rio, o ruido das folhas embaçadas

pela aragem, e a respiração talvez um pouco anciosa da moça.

— Não tens nada mais a dizer-me? perguntou confinim Mauricio.

— Nada mais; respondeu Rosa.

— Nada mais se passou entre vós?...

— Eu vos confessei tudo, meu pai.

— E não te contaram, não te disserão mais coisa alguma a respeito desse moço? disseste-me tudo quanto sabes delle?...

— Tudo.

— Bem, minha filha; nada do que ouvi muda o juizo que já tenho feito.

— E qual é, meu pai? posso eu sabê-lo?

— Sim; amas um homem, que está na flôr de seus annos, e que tem todos os defeitos proprios de uma idade verde e ardente.

— Oh! tendes razão.

— Amas um estudante, que desapreciando a intelligencia, o talento com que Deus o dotou, despreza os seus livros pela dança, e as aulas pelo prazer e pelas festas.

— É assim mesmo, meu pai.

— Amas um moço, que cedendo aos impetos de seu character, é livre e inconstante no que elle suppõe amor; ou o que é ainda peor, toma por seu divertimento o zombar de um sentimento sagrado, que elle faz por plantar no coração de quantas senhoras o querem ouvir, para depois fugir dellas, ou... quem sabe? rir-se talvez das lagrimas que faz correr por suas extravagancias.

— Oh! então elle é muito máo, meu pai...

— Pinte-te ao vivo todos os seus defeitos, minha filha, e o fiz muito de proposito; agora ouve-~~ndo~~ ainda: todas essas falhas que se notão no character desse moço podem e devem desaparecer; o talento

não morre, não se apaga, e desde que elle se disporer a estudar fará progressos ; o desejo de parecer e fazer-se amado, ou irá pouco a pouco esfriando, á medida que forem correndo os annos, ou se elle se casar, morrerá afogado nos afagos com que o saberá prender uma esposa querida : temos portanto que os senões desse mancebo, em vez de serem defeitos capitaes são apenas faltas, que poderá o tempo corrigir.

— Ainda bem, disse consigo Rosa.

— Não te esconderei tambem suas virtudes, minha filha ; o escolhido do teu coração é um mancebo affavel e modesto, amigo devotado ; ha de ser um cidadão prudente ; é já um homem de honra, cuja palavra quando não se trata de moças vale talvez as barbas de D. João de Castro ; e nem nos é possivel esquecer os obsequios que lhe devemos.

— Ah ! então elle é bom, meu pai ?... perguntou Rosa com lagrimas de prazer nos olhos, e feiticheiro sorriso nos labios.

— Minha filha, disse Mauricio docemente, eu creio que elle é capaz de te fazer feliz.

— Oh ! minha mãe !... exclamou Rosa, levantando os olhos para o céu.

— Convencido disso, continuou o pai, e seguro de teus sentimentos a respeito d'elle, queria ir continuando a observal-o, consentindo em deixar-vos amar, fingindo ignorar tudo, até que o teu escolhido tendo completado os seus estudos, ou achando-se nelles mais adiantado, tornasse mais conveniente a vossa união, que eu saberia promover ; todavia as pressas e o genio ardente de teu tio, que quando quer as cousas, não admite observações, modificaram todos os meus projectos : força me foi ceder á vontade absoluta de um irmão doente, velho, rabujento e teimoso,

mas bom, amigo, e todo nosso. Mandei pois informar-me a respeito da familia do nosso estudante ; e, graças a Deus, minha filha, posso dizer-te, que todas as informações são favoraveis a elle ; seu pai é um velho lavrador laborioso e honradissimo, e posto que não tenhamos necessidade de sua fortuna, nem isto importe para a nossa questão, convém dizer que o joven que amas é filho unico e herdeiro de muito boa fortuna. Eis o que te queria dizer.

— Ah ! mas para que, com que fim me vindes dizer tudo isso, meu pai ?...

— Para alegrar-te minha filha ; para dizer-te que é bem provavel que teus desejos se realizem : espero ter uma explicação com o Juca, ou antes o mano Anastacio se encarregará disso e, seguramente, o resultado dessa explicação será o nosso estudante escrever ao pai pedindo licença para casar-se contigo. Eu tambem escreverei ao bom velho, e tenho a esperanza de nos entendermos : a gente honrada gosta de se entrelaçar.

— E acreditais, que serei feliz, meu pai ?...

— Sim, respondeu Mauricio abraçando a filha. O Juca se corrigirá de suas extravagancias, e tu lhe perdoarás as loucuras, que elle tem praticado até hoje...

O pai e a filha davão o primeiro passo para se retirar, quando surge de repente de detraz dos bambús, e vem cahir de joelhos diante de Mauricio e de Rosa o proprio Juca.

— Perdão !... perdão de mais um crime, que eu commetti, e que ignorão ! !

— Qual ?... perguntou Mauricio espantado.

— O de haver praticado a indiscrição de estar escondido atraz daquelles bambús escutando tudo que disseram...

Rosa escondeu o rosto no seio de seu pai para occultar a sua perturbação.

— Ah! Sr. Juca... ia dizendo Mauricio.

— Senhor! senhor! é verdade que me não negareis a mão de vossa filha?... é verdade que eu não sou um miseravel?... ou antes é verdade que eu sou digno do maior thesouro deste mundo?... dizei! dizei!... é verdade, que eu posso esperar ser esposo de vossa filha?...

— Se isso fôr da vontade de vosso pai, meu amigo! disse Mauricio com as lagrimas nos olhos, e abraçando o estudante.

Emquanto Mauricio desprendendo-se dos braços de sua filha, estreitava o Juca nos seus, Rosa sentindo-se quasi desfallecer, deixou-se outra vez cahir sentada no mesmo banco de relva; mas nesse movimento batendo primeiro de encontro ao ramo da roseira, que para esse lado se estendia a rosa, que durante seu longo meditar, estivera pendente sobre ella, desarticulando suas petalas córadas deixou-as cahir, como uma chuva de flôres, sobre aquella que era noiva desde aquelle instante.

XXXVIII

Desforra de estudante.

Á uma hora da tarde a casa de Mauricio já estava cheia de convidados. As senhoras divididas em bellos grupos passeavão umas pelo jardim, outras debruçadas no parapeito de grades de ferro espe-

lhavão-se no lago, outras corrião e ião perder-se no labyrintho, outras deixando-se ficar em casa tocavão, cantavão, e dansavão ; os satellites desses planetas. os mancebos, não as perdião de vista, e cada um de per si se deixava arrastar pelo grupo, onde tinha uma apaixonada ; os homens casados e os velhos, isto é, os reformados e os invalidos cercavão mesas de jogo, onde as cartas os enfeitçavão e prendião, ou emfim no bilhar e no gamão fazião por passar as horas divertidamente. A viuva Irene, e o commendador Sancho tinhão chegado ás 10 horas do dia ; Faustino não perdia occasião de embarcar a sua bisca ao pé do objecto de seus *ternos cuidados*, a viuva das quatrocentas apolices.

O Juca pela primeira vez ha muitos dias se sentia verdadeiramente alegre : é verdade que de hora em hora ainda lhe vinha a imagem do pai perturbar por momentos sua immensa felicidade ; mas não tardava a socegar a si proprio.

— E impossivel, pensava elle consigo mesmo, é impossivel que Deus me quizesse deixar ver tão de perto a felicidade, se me não houvesse já perdoado todas as minhas loucuras ; e é ainda mais impossivel que o meu coração estivesse tão cheio de alegria e de esperança, se mesmo ao longe a desgraça lhe tivesse desfechado algum desses golpes tremendos, que eu receiava tanto até hoje de manhã.

E todo occupado da sua dita, não pensava, não vivia, senão pela encantadora moça, cuja posse já lhe era dado esperar.

O character do estudante parecia ter passado por uma muito sensivel revolução : ainda era, como d'antes, o mesmo joven alegre, e brincador, bolicoso, e cheio de espirito ; mas já não se mostrava, como até l.a bem pouco tempo o voluvel adorador

de todas as bellas ; já não trazia mais dependurado nos labios um cumprimento amoroso, ou uma phrase terna e apaixonada para cada moça ; pelo contrario todo dedicado á filha de Mauricio, não tinha olhos senão para contemplal-a, não tinha labios senão para louval-a ; seguia-a por toda a parte, e espantava nesse dia a todas as senhoras porque não se dirigia a nenhuma. D. Laura sentia-se incommodada, e a viuva Irene já havia declarado dez vezes que a tal festa de Mauricio não prestava para nada.

O que porém acendia ainda mais o ciume das duas, e desafiava as desconfianças de todas, era a brilhante e mesmo estrepitosa alegria de que se mostrava possuida D. Rosinha : ligeira, incansavel e bolicosa, não descansava um instante ; suas amigas vião-se doudas com as travessuras que ella fazia, e os adoradores que a acompanhavão incessantemente, de sapontavão a cada momento com os epigrammas de que erão victimas... O commendador Sancho andava com um nó na garganta ; mas para disfarçar e aproveitar o seu tempo ia-se desfazendo em cumprimentos á velha Irene, e ao mesmo tempo atirava olhares flamejantes sobre a neta da velha Juliana.

No entretanto o que mais admirava aquelles, que combinando a alegria de Rosa com o insolito proceder do Juca, pretendião d'ahi tirar diversas conclusões, era que a bella moça não só não procurava encontrar-se, fallar com o estudante, mas ainda fugia claramente delle. Com effeito ou fosse que o receio de deixar perceber alguma cousa aos estranhos, ou que o seu pudor de virgem a contivesse, a filha de Mauricio empregava todos os seus esforços para furtar-se ás vistas e ao culto do feliz mancebo.

De sua parte o Juca trabalhava em sentido absolutamente contrario áquelle pelo qual conhecia em-

penhar-se a sua bem amada ; e pela volta das quatro horas da tarde alguma nova razão veio acender nelle tanto o desejo de fallar a Rosa que para uma vez aplainar todas as difficuldades, julgou que o mais acertado era pedir-lhe isso em voz alta.

— D. Rosinha ! disse elle ; posso merecer o obsequio de uma palavra ?...

— Oh ! pois não !... pois não... murmuraram algumas vozes femininas de modo que se pudesse bem ouvir.

A zombaria das amigas decidiu promptamente a Rosa, que se voltou risonha, mas um pouco córada para o estudante :

— Aqui estou, disse.

O Juca chegou-se para bem perto da interessante moça, e fallou em voz baixa :

— A senhora tem fugido hoje tanto de mim, que...

— Foi só para isso, que me chamou ?... perguntou Rosa sorrindo-se.

— Porque o pergunta ?...

— Perdão, Sr. Juca ; porém já estou com vontade de fugir outra vez.

Oh ! disse o estudante tristemente, deveras eu não o podia esperar!...

— Mas não vê quantos olhos nos observão para zombarem de mim ao depois !...

— Tem razão, tornou o Juca ; farei por combater o meu coração : no entretanto queria pedir-lhe um obsequio.

— Qual ?...

— Preciso muito fallar em particular ao Sr. Anastacio.

— E então ?...

— Está grudado a um tableiro de gamão, vendo jogar a dous dō mais teimosos parceiros que tenho visto, e não ha força que o arranque de lá.

— O que quer então, que eu faça?...

— Que opere o milagre de libertar o seu tio daquelle prisão ao menos por cinco minutos.

— Eujá volto, disse Rosa; e apressando os passos entrou em casa, e dirigio-se á sala onde se jogava o gamão.

O velho Anastacio estava com effeito sentado a ver jogar o gamão. Preciso é antes de tudo notar que elle era apaixonadissimo desse jogo, e tinha balda de o jogar perfeitamente; mas quasi sempre fugia de empunhar o copo, porque tinha-se por muito infeliz nos dados e irritava-se violentamente quando falhava.

Achavão-se pregados ao taboleiro um tabellião velho e aquelle celebre parceiro de Mauricio no voltarete, que a tudo dizia — *paciencia* —, e que por isso já era designado pela alcunha — Pachorra.

Positivamente o Sr. Pachorra jogava mil vezes melhor do que o tabellião; no entretanto os dados se mostravão tão decididos por este, que cada partida era um gamão cantado, que o outro levava; o tabellião tinha sempre uma graçola, ou um anexim que dizer; e o parceiro infeliz, conforme o seu costume não respondia senão : *paciencia* !

O velho Anastacio havia tomado o partido do Sr. Pachorra, e mostrava-se tão furioso contra os dados como se estivesse jogando.

Rosa entrou no momento em que o tabellião estava com quatro pedras na mão para entrar, e o lado contrario apenas apresentava a casa do az aberta.

— Pegue-lhe agora com um trapo quente, Sr. tabellião! exclamou Anastacio esfregando as mãos de contente.

— Emfim... ainda póde ser... respondeu este.

— Meu tio, dá-me uma palavra! disse Rosa apparecendo na sala.

- Não posso agora.
- É negocio de importancia...
- Deixa-me, rapariga!
- Azes !... exclamou o tabellião.
- Então, meu tio...
- Senas para sahir ! tornou a exclamar o tabel-

lião

Anastacio ficou vermelho de colera, e Rosa conservou-se de braços cruzados e em pé a seu lado.

— Cinco e quatro, dou-lhe em duas !... disse o tabellião desatando uma gargalhada.

— Falle agora, meu senhor !... disse Anastacio ao pobre Pachorra, que sacudindo os dados atirou sobre o taboleiro umas quinas capazes de fazer desesperar ao mais santo dos homens.

— Quinas e repimpiras !... falhou meu caro, disse o tabellião.

— Paciencia ! respondeu o Pachorra.

Os dados parecião dispostos a zombar com o velho Anastacio pelo partido que tomára ; o Sr. Pachorra deitou quatro vezes seguidas quinas !

— Se deita quinas pela sexta vez, atiro com esses dados fóra do taboleiro ! exclamou o velho roceiro.

— Quinas pela sexta vez !

Palavras não erão ditas e já Anastacio furioso se havia arrojado sobre os dados, que escorregando por entre seus dedos tremulos foram cahir aos pés de Rosa, que os apanhou promptamente.

O velho serenou.

— Faz obsequio dos dados, minha senhora ?... disse o tabellião.

— Sem duvida ; mas com uma condição

— E qual ?...

— Que meu tio me acompanhe por cinco minutos.

— Essa é boa !...

- Aliás...
- Aliás o que ? ...
Levo comigo os dados.
- Senhora minha sobrinha, disse Anastacio meio
ido, vá para o convento !
- Não quero mais, meu tio : respondeu a moça
tindo-se.
- Os dados !
- Cinco minutos!
- questão entre o tio e a sobrinha continuou
la por alguns momentos, até que á força de ins-
cias e mutuas concessões os dous chegaram a
acordo : Rosa entregou os dados, e Anastacio
palavra de a attender no fim daquelle jogo, cujo
ultado não se fez muito esperar.
- Ainda um gamão cantado ! bradou o tabel-
-
- Paciencia !... disse o outro.
- Paciencia ! paciencia ! murmurou surdamente
velho roceiro levantando-se ; este senhor Pa-
rra nunca ha-de ser capaz de quebrar um copo
narfim entre os dedos !...
- m instante depois Anastacio ouvia attentamente
Juca, demonstrando o maior contentamento.
hegou a hora do jantar.
- ada cavalheiró offereceu o braço a uma senhora :
esa era bastantemente grande para accomodar
uma vez a todos os convidados.
- o momento em que se sentaram, Faustino sentio
alguem lhe batia no hombro ; voltou os olhos e
com o Juca a seu lado.
- Oh ! mestre estudante !...
- Publicista ! disse o Juca : lembra-te da noite
annos de D. Laura.
- Heim ?...
- Eu te prometti sob palavra de estudante, que

havia de desferrar-me : cumprirei minha palavra...
desferrar-me-hei hoje...

— Juca !

— Publicista ! lembra-te da noite dos annos de D. Laura !

Faustino queria fallar, e pedir pazes ao Juca ; mas já o estudante tinha corrido para ir sentar-se de frente delle do outro lado da mesa.

— Juca ! diz em meia voz o publicista ao seu terrivel adversario, quando o vio sentado diante de si, jura-me, que não has de fallar hoje contra mim !

— O que é que dizes, Faustino ?...

— Dou parte de fraco perante todas estas senhoras ; mas peço-te em nome de D. Rosinha, que me jures que não fallarás hoje contra mim.

— Pois bem ; juro-te por D. Rosinha, que não fallarei hoje contra ti.

— Ah ! estou socegado.

— Sr. Faustino, observou uma senhora, o senhor parece que tem grandes culpas no cartorio do Sr. Juca !...

— Nem por isso minha senhora ; mas é que aquelle rapaz é o diabo em pessoa, e eu pelo contrario um homem muito vexado.

— Cheio de pudor virginal ! accrescentou o Juca.

Depois das primeiras cobertas começaram os brindes : entre outros o commendador Sancho propôz um aos *amantes do bello sexo* ; mas querendo fazer um discurso que a esse respeito havia preparado, perdeu-se no meio, gaguejou, e ouvindo o velho Anastacio concertar a garganta, perdeu-se completamente. A viuva Irene pediu que todos a acompanhassem em uma saude aos — ingratos.

Agora tu, Faustino ! disse o Juca ; propõe o teu brinde... anda !

— Pois lá vai !

- Attenção ! o Faustino vai pedir uma saude, não !...
- Ao desinteresse e á dedicação !... exclamou o licista esvasiando o seu copo.
- Bravo ! disse o Juca.
- O velho roceiro bateu palmas.
- Oh ! temos versos ?... perguntou uma senhora.
- Hão de ser muito bonitos ! respondeu Faustino.
- O que é isso, mano ?... perguntou Mauricio repetir algum soneto ?...
- Não ; é uma epopéa completa.
- Attenção, pois !
- A proposito de *desinteresse e de dedicação*, deo a todas as meninas, moças e velhas, que se fíem naquelle Sr. Faustino...
- Essa é que é a epopéa ? perguntou o publicista.
- Não ; a epopéa está escripta pela sua letra : não conhece a letra daquelle sujeitinho ?...
- Eu, disse um moço.
- Eu tambem, acudio outro.
- Pois vejão lá este papel, e digão, quem o escreveu : vamos ; fallem livremente.
- Não ha duvida responderam os dous depois examinar o papel ; a letra é de Faustino.
- Mas que escripto é esse ?... leia lá ! disse o licista, que não podia suspeitar o que era.
- Lá vai, e principiemos pelo titulo, tornou o publicista, que começou a ler : — Catalogo das has vinte cinco noivas.
- Faustino empallideceu, e lançou um olhar de tigre sobre o Juca.
- Leia ! leia ! bradaram as moças.
- Com licença, disse Faustino levantando-

— Nada.. não sai ! clamaram prendendo-o pelos braços as duas senhoras, que lhe ficavão aos lados.

O publicista ficou immovel e petrificado.

— A tal historia é muito longa, e portanto contentem-se com dous ou tres capitulos, que dizem respeito a senhoras que estão presentes

— Vamos ! vamos !

O velho roceiro lendo :

— « D. Laura...

— Eu?... exclamou a neta de Juliana.

— « D. Laura, moça ainda de 20 annos, pouco mais ou menos ; não é feia ; orphã ; vive na companhia da avó, cujos bens chegarão, quando muito, a sessenta contos de réis ; coube-lhe em legitima seis escravos, um piano, e uma mobilia velha ; mas é a unica herdeira da avó, e morreu-lhe há poucò uma tia, que lhe deixou uma chacara no valor de vinte quatro contos de réis. »

As moças desataram a rir.

— Sr. Faustino, observou Laura. agradeço-lhe muito ; mas olhe que o senhor sabe dos meus negocios muito melhor do que eu mesma !..

— É uma calumnia !... aquillo é falso !... não fui eu quem escrevi !..

— Adiante ! adiante !

O velho continuou a ler.

— D. Rosa !

— Bravo, Sr. Faustino ! tambem eu ?..

— « D. Rosa, filha de Mauricio ; legitima materalna trinta e tres contos de reis, pela morte do pai caber-lhe ha o triplo, porque é filha unica, e Mauricio tem fortuna solida ; suppõe-se que um tio de nome Anastacio a deixará por sua herdeira ; D Rosa é fazenda fina, bella, espirituosa. e muito moça ; mas tem veia de maluca : diz que não quer casar. »

As risadas tornaram-se estrepitosas.

— Sr. Faustino! á sua saude! disse Rosa, tomando com os labios em um calix de vinho.

— Silencio! bradou o velho; aqui vai a ultima.

Todos prestarão attenção.

— « D. Irene...

— Risque! risque! risque o meu nome d'ahi! gritou a velha com toda a força de seus pulmões.

Anastacio proseguio:

— « D. Irene, viuva, idade cincoenta e cinco annos...

— É falso, exclamou Irene.

— « Dentadura postica; tinge os cabellos; é um pouco corcovada... &c., &c., &c. tem quatrocentas apolices, e não deve nada a ninguem... é um anjo!

— Sr. Faustino! exclamou a velha; o senhor... o senhor... o senhor é um homem perdido! Meus senhores, saibão todos que este Sr. Faustino anda a tres mezes me atormentando a ver se consegue casar comigo!

— Pois se elle diz que a senhora é um anjo!...

— Viva o Sr. Faustino!...

— Oh! observou uma senhora, elle é como quasi todos!...

— Ao menos tem a virtude da franqueza!...

— Cala a boca, tola, disse uma senhora ao ouvido daquella que acabava de fallar; tu chamas franqueza a pouca vergonha?

— Minhas senhoras, ousou dizer Faustino meio soffocado, fui horriavelmente calumniado! sou a victima de uma cabala infernal... eu vos explicarei tudo isso, e defender-me-hei cabalmente!

— Explique-se já!

— Agora é impossivel: estou muito commovido!

— Oh !... oh !...

— Minhas senhoras, acudio o Juca, eu posso em duas palavras dar a explicação, a que se nega o nosso illustre desinteressado publicista : desejais saber a razão do que acaba de se passar?

— Sim, sim, diga...

— Foi simplesmente a palavra de um estudante que se compriu á risca.

XXXIV

Uma carta

A noite viera dobrar os prazeres que se tinham gozado de dia : ninguem estava em inacção ! uns dansavão, outros jogavão, e muitos passeavão conversando agradavelmente ! o proprio Faustino conseguira, é verdade que com algum trabalho, achar senhoras que, delle compadecidas, se prestassem a dar-lhe quadrilhas.

As salas ostentavão-se cheias de jovens encantadoras ; no meio porém de todas ellas distinguia-se a filha de Mauricio por suas graças e belleza. Havia em Rosa nessa noite o quer que seja, que por assim dizer dava mais luz a seus naturaes encantos ! era talvez aquella sua antiga viveza e espontanea alegria, que depois de longos mezes de melancolia, de novo tinham vindo resplender em seu rosto, como uma aurora brilhante que rompe serena e bella depois de uma noite de tempestade.

Tão formosa e irresistivel se mostrava Rosa, que

o commendador Sancho, a despeito de todas as suas reflexões egoisticas, não se podia lembrar de Laura, nem se lembrava mais de fazer a côrte a Irene, e todo finezas, se derretia de continuo aos ouvidos da filha de Mauricio, dirigindo-lhe cumprimentos, e tecendo-lhe elogios que divertião a todos que o escutavão : tambem era preciso que o commendador aproveitasse o tempo, porque Rosa nunca estivera de melhor humor e sobretudo o velho Anastacio Lavia promettido deixar em paz em toda essa noite ao seu Pipelet: Sancho estava como um estudante vadio em dias de ferias.

O que porém se fazia sobre modo notavel, era que estando Rosa nessa noite tão alegre, tão affavel para com todos, tão disposta a conversar, a brincar a rir com quem quer que a ella se chegasse, fosse o Juca o unico, para quem fizesse uma excepção áquella boa regra.

Com effeito, de noite como de dia, Rosa procurava por todos os meios evitar seu amante! tivera a crueldade de não lhe guardar uma só walsa, e em uma unica quadrilha que com elle consentio em dansar á força de mil rogativas, esteve tão distrahida ou tão surda, que quem lhe ouvisse as respostas que dava ás perguntas do Juca, pensaria que aquelle interessante par se divertia jogando o jogo dos despropositos. Terminada que foi a quadrilha, a filha de Mauricio livrou-se do passeio que lhe propunha o Juca appellando para o toilette; de modo que ás onze horas da noite ainda o nosso estudante não tinha podido conseguir meia hora de attenção, e via-se soffrendo alli uma nova especie de martyrio de Tantaló.

Sabem todos que não ha nada neste mundo que aguce mais o desejo do que a opposição e a difficuldade : era por isso que o Juca empregava cada vez

mais esforços, rogativas e empenhos para alcançar um passeio de Rosa; mas, pobre do estudante! se de um lado se sentia contrariado pela habilidade com que a bella moça, fertil sempre em plausiveis desculpas, se affastava d'elle, por outra parte uma velha feia, rabugenta, impertinente e teimosa o perseguia sem cessar, e como vulgarmente se diz, não o deixava pôr pé em ramo verde: essa velha, como todos adivinhão já, era a viuva Irene.

Depois de uma lucta desabrida, na qual o estudante no decurso de algumas horas se bateu em constante retirada diante da viuva com uma pericia, que faria honra aos mais habilitados generaes, vio-se elle emfim de subito apertado entre a porta do toilette das senhoras, que lhe ficava adiante, e a velha Irene que por fim o alcançava; não havia mais fuga possivel: a viuva fê-lo prisioneiro.

O Juca tomou desde logo o seu partido.

— Até que emfim!... disse Irene.

— É verdade, respondeu o estudante sem se concertar; é verdade, apanhou-me.

— Confessa então que me fugia?

— Sra. D. Irene, o vinho de champagne é o genio da franqueza!

— Que quer dizer com isso?

— Que quando o tal champagne cahe no estomago empurra as verdades pela boca fóra...

— Visto isso...

— Bebi uma garrafa de champagne, minha cara senhora!...

— Que lhe faça muito bom proveito...

— A nós ambos... a nós ambos...

— Cada vez o desconheço mais! o senhor era um moço nobre e delicado, e agora é um...

— Não sou um, minha senhora; creia que quando bebo o tal vinho fico elevado a dous: fallão dous

seres na minha pessoa, eu e elle, ou se melhor lhe parecer, elle e eu.

— Não o entendo...

— Confesso que fiquei muito metaphysico depois do jantar...

— Sr. Juca, quer fazer-me o favor de dar um passeio comigo pelo jardim ?

— Pois não, minha senhora, com summo prazer : creio mesmo que o ar fresco da noite deve-me fazer muito bem.

O estudante deu o braço á velha, e desceram ambos para o jardim, que se estendia diante da casa, e que se achava brilhantemente illuminado.

— Aqui conversaremos mais em liberdade, disse Irene.

É certo ; não ha ninguem que nos ouça, respondeu o Juca querendo levar a viuva para um grupo de moços que fumavão encostados ao parapeito.

— E e por isso que pretende ir para o meio daquelles homens ?...

— Oh ! eu penso que elles não entendem portuguez.

— Sr. Juca, passemos para este lado, e conversemos seriamente : eu quero lembrar-lhe o passado !

— Mas como, se eu não vivo senão a sonhar com o futuro ?... olhe, minha senhora, eu nunca me lembro do dia de hontem.

— Pretende em vão embaraçar-me... hei de por força lembrar-lhe uma promessa que me fez.

— Promessa ?... só se foi de casamento...

— Sim senhor, é isso mesmo.

— Eu logo vi : o casamento é a unica cousa que tenho promettido na minha vida ; mas já fiz essa promessa a tanta gente, que a tal respeito reina confusão indizivel na minha memoria.

— Pois digo-lhe que o senhor me prometeu ca-

sar comigo muito sériamente, e que o meu credito...

— Oh ! não tenha medo : o seu credito não soffre nada por isso, visto que ninguem acreditou na minha promessa.

— Ninguem acreditou ?... então porque ?...

— Ora ! porque todos sabem que eu sou o maior mentiroso que pisa sobre a terra.

— Não o sabia eu... desgraçadamente.

— Tem razão ; foi na verdade uma desgraça.

— Sim ?... então porque ?...

— Porque se soubesse, não me teria acreditado e agora não se estaria expondo a uma defluxão passeando comigo ao sereno.

— Agradecida pelo seu cuidado, disse a velha com os dentes cerrados de colera.

— Receio que já se ache um pouco incommodada ; noto que a sua voz começa a alterar se...

— Oh ! não tenha medo... mas acabemos com isto ; diga de uma vez : o senhor me... me... desengana ?

— Pois devéras V Ex. queria casar comigo ?... exclamou o estudante : ah ! como eu me compadeço da senhora ?... queria então fazer-se assim desgraçada ?...

— O senhor pretende zombar de mim ?...

— Menos isso : já disse que estou em horas de franqueza : eu sou incapaz de fazer a felicidade da mulher com quem me casar... tenho um genio desesperado... furioso...

— Não acredito.

— Seria capaz de dar pancadas em minha mulher... sei que isso é horrivel ; mas o que hei de fazer... é genio meu...

— Quizera fazer a experiencia.

— Fidelidade conjugal é cousa que não compreendendo.

- Seria em tal caso um marido á moderna.
- Tenho a bossa do jogo muito desenvolvida.
- Pois que jogasse.
- Bebo como um Polaco.
- E não dorme depois de beber?
- Qual ! dá-me para fazer desordens de espantar : uma vez já me veio a idéa de deitar fogo á casa.
- E o que mais ?...
- O que mais ?... pois a Sra. D. Irene ainda acha pouco ?...
- Desejo conhecer todos os defeitos.
- Então lá vai mais um, posto que este seja todo independente da minha vontade : quando durmo, tenho pesadelos terriveis, sonhos horrosos, e acordo sempre dando bordoadas em tudo quando encontro !...
- E a consequencia que pretende tirar de tudo isso !... perguntou a viuva, que já não se podia conter.
- A consequencia é que eu sinto pela Sra. D. Irene a mais ardente sympathia, tributo-lhe o amor o mais decidido e desinteressado...
- Devéras, meu senhor !
- Oh ! sem duvida, e eis-aqui uma prova evidente e irrecusavel : esse amor abriu-me os olhos, fez-me comparar as suas virtudes, os seus merecimentos com os meus vicios e pessimas qualidades ; e então, pela primeira vez na minha vida, cheio de santa abnegação, exclamei, dizendo a mim mesmo : « oh ! eu sou indigno daquella celestial creatura ! não a farei pois desgraçada, não me casarei com ella !... »
- A viuva deixou escapar uma dessas risadas, que só o sarcasmo ou a colera tem o poder de desatar ; o Juca proseguio imperturbavel :
- É um sacrificio immenso que me imponho a mim mesmo ; mas ao menos deve-se-me fazer jus-

tiça ; mostrei-me um dia capaz de uma boa acção... sim... abafou um amor que me queima, para não tornar infeliz a mulher que m'o inspira ! confesse, confesse, Sra. D. Irene, o meu procedimento é neste caso tão louvavel, que se não vivessemos em uma época de figimento, de egoismo, e de não sei que mais, eu seria por certo levado á immortalidade !

— Está pois decidido que o senhor rompe os laços que nos devião unir ? perguntou a viuva batendo com o pé.

— É o unico meio que descubro para livral-a das garras de um homem máo, e cheio de vicios !

— Oh !... não posso deixar de prestar a minha admiração a tanta virtude !...

— Nesse momento Rosa passou por diante do Juca e de Irene, rapida como um passarinho que vóa.

— No entretanto, continuo a viuva, que sorprehendêra um olhar de chammas dardejado sobre a filha de Mauricio ; no entretanto se se tratasse de um casamento com esta criança que acaba de passar...

— É verdade... confesso que não me desagradaria a proposição...

-- O senhor atreve-se a dizel-o ? ! !

— Sim, senhora ; e pela mesma razão que lhe dava ha pouco.

— Póde fazer-me o favor de repetir ?

— Pois não ! escute : eu detesto aquella criança ; tenho-lhe uma antipathia invencivel, um odio mortal ; ousou mesmo dizer que desejo vêl-a desgraçada ! e por consequencia estimaria casar-me com ella : ora, eis ahi tudo, e não ha nada mais claro !

— Tem razão, meu senhor ; não ha nada mais claro !... eu devia ter acreditado no que me dizião ha muito tempo a seu respeito.

— Então o que dizião ?... poderei saber?...

- Que o senhor é um homem sem palavra...
- É exacto; estou, como já declarei, em horas de franqueza : é exacto isso; sou um homem sem palavra.
- Que o seu gosto é andar enganando pobres senhoras com falsas promessas de casamento...
- Tal e qual!... vejo que me vão conhecendo.
- Que é um mentiroso...
- Isso já está dito.
- Um estudante vadio, e ^{de} ~~um~~ futuro...
- Pouco mais ou menos,
- Um traidor, um perfido...
- *Et cætera, et cætera*, é verdade.
- Extravagante, cabeça douda...
- Tudo ajusta, tudo ajusta, minha senhora!
- E sabe a consequencia que de tudo isto eu tirei?...
- Ora, é bem facil de adivinhar,
- Pois digo...
- Que não se devia nem se podia casar com um tratante da minha qualidade!
- Sr. Juca quer saber uma cousa?
- Sim, minha senhora.
- Fique certo de que eu não preciso da sua pessoa.
- Ora... está visto!
- Quando me vier á cabeça o casar-me. todo o meu trabalho se limitará á escolha do marido.
- Não ha duvida nenhuma!
- Tive o louco pensamento de querer fazê-lo feliz...
- Ao menos me veio a tempo a idéa de a não tornar desgraçada : ainda espero que a senhora reconheça este favor que me fica devendo.
- Basta! não o posso soffrer por mais tempo! todas as nossas relações se achão quebradas desde este momento... conduza-me á sala!

— Ah! Bonifacia!... Bonifacia!... exclamou com emoção theatral o estudante conduzindo Irene.

— O que é que diz? perguntou a viuva.

— Nada, respondeu o Juca arranjando um suspiro; foi simplesmente uma recordação do passado!...

Chegaram á sala de dança: a velha arrancou-se do braço do estudante, e sem ao menos lhe dizer obrigada, atirou-se sobre uma cadeira.

— Oh! minha boa fortuna!... balbuciou o Juca dando alguns passos.

— Estimo que fosse muito feliz! murmuraram-lhe então ao ouvido.

O estudante voltou os olhos, e deu com D. Rosinha junto d'elle.

— Sim! o mais feliz que se póde imaginar!... este dia tem sido para mim todo elle bemaventurado!

— Pois dou-lhe os parabens...

— Quizera que me dêsse ainda outra cousa.

— O que?...

— Um passeio.

— Com muito prazer; mas não posso deixar de adiar por alguns minutos essa minha dita, visto que meu tio recommendou-me que lhe dissesse que precisa muito fallar-lhe: vá ver o que elle quer primeiro, e volte: eu lhe espero aqui.

— O Juca foi correndo ter com o velho Anastacio.

— Estou ás suas ordens, disse.

— 'Ás minhas ordens para que?... perguntou Anastacio.

— D. Rosinha disse-me que o Sr. lhe recommendára, que me mandasse aqui, pois que tinh alguma cousa que me dizer.

O velho desatou a rir.

— A tal senhora minha sobrinha está hoje divertindo-se á nossa custa! meu Juca, a rapariga pregou-te um mono, eu não lhe disse cousa alguma,

O estudante não respondeu ao velho para não perder tempo e voltou promptamente á sala, onde tinha deixado D. Rosinha; porém por mais que voltasse os olhos para todos os lados, não pôde mais dar com ella.

— Escapou-me ainda uma vez, disse consigo o Juca; mas protesto, que não admittirei mais desculpas: ou hei-de obrigar-a a dar-me um passeio, ou a dizer-me — *não quero*.

E depois de esperar em vão por cinco minutos para tornar a ver apparecer Rosa, o estudante deixou a sala de dansa, e dirigio-se á outra que lhe ficava contigua.

Um criado chegou-se a elle e apresentou-lhe uma carta em uma pequena salva de prata.

— O que é isto?...

— Um homem acaba de entregar esta carta.

— E esse homem?...

— Entregou a carta, e retirou-se logo.

— Bem, disse o Juca.

Uma idéa triste, afflictiva, um não sei que de doloroso se apoderou da alma do mancebo: o criado tinha ja desaparecido, e elle hesitava ainda antes de abrir a carta.

De repente uma pallidez mortal cobrio o rosto do mancebo, que acabava de notar que a obreia que fechava a carta era de côr preta: com mãos tremulas e já arquejante rompeu o sello, abriu o papel; mas apenas leu as primeiras palavras, soltou um grito terrivel, e cahio estendido e como morto sobre o soalho.

Nada pôde explicar a confusão que reinou na-

quella casa durante os primeiros instantes, que succederam a este lamentavel acontecimento : todos rodearam o misero estudante, que estava sem sentidos nos braços de alguns amigos. Rosa chorava como uma louca correndo de um para outro lado : Anastacio gritava pelo medico ; Mauricio tinha o pobre mancebo descansando sobre seu peito.

— Senhores ! disse emfim o medico, o nosso amigo não está morto.... mas é preciso que deixem esta sala.... tanta gente junta e parada aqui não pôde convir....

— Mas o que foi isto ?... perguntava já pela vigesima vez Mauricio.

— Foi a noticia da morte do pai que lhe chegou neste momento : disse um moço que acabava de apanhar e ler a carta, que cahira no chão.

— Coitado !... disseram as senhoras.

O medico recommendava outra vez que deixassem a sala ; o Juca começava a tornar a si, e alguns ião já sahindo, quando vio-se entrar um homem desconhecido, que empurrando rudemente para um e outro lado todos aquelles que encontrava diante de si, foi cahir de joelhos junto do corpo do Juca, exclamando :

— Meu filho !... meu filho !...

Escutando aquelle grito, o mancebo, que principiava a reanimar-se, abriu os olhos, sorriu-se de um modo sublime e inexplicavel... quiz estender os braços, e não pôde, abriu a boca para fallar, e faltou-lhe a voz... e como se tivesse assim esgotado o resto da vida que ainda tinha, deixou escapar um longo suspiro, fechou os olhos e expirou, ou desmaiou outra vez.

— Eu matei meu filho !... eu matei meu filho !.. bradou com uma voz de desesperado o desconhecido que se abraçou com o corpo do Juca.

— Doutor ! e agora ? . perguntou Mauricio

— Agora, eu não sei; respondeu tristemente o medico.

XL

Consequencias de uma obreia preta.

Na casa de Mauricio, ainda ha pouco tão ruidosa de prazer, de musicas vivas e de alegres cantares, tudo era sómente confusão e lamentos misturados com a bulha das carruagens que se re-ravão.

— Que novidades ha ? perguntou um moço que cabava de entrar ; fui mandar chegar a minha arruagem, demorei-me muito procurando-a, e não sei se o Juca morreu, ou tornou a si.

— Não se sabe nada, senão que ainda vive : levaram-no para um gabinete e não entra lá ninguém além o medico, Mauricio, o velho Anastacio e a Rosinha que desenvolve um talento admiravel para enfermeira, e emfim aquelle exquisito desconhecido, que dizem ser pai do Juca.

— Desastrado pai!...

— Oh ! por certo era aqui occasião de dizer, mudando o pensamento do poeta!

« Que tal pai de tal filho se esperava ! »

— Diabo ! tu nem perdoas aos moribundos.

— É boa ! sou amigo do Juca, e eu cá acompanho os meus amigos até a cóva.

— Que é feito de Faustino?...

— Agora não sei: ainda ha pouco vi-o estar tomando notas com um lapis: provavelmente medita já em algum artigo necrológico para fazer imprimir no *Jornal do Commercio*.

— Se o Juca não vai desta, o publicista dá o cavaco por perder o seu artigo...

— Qual! elle terá o cuidado de guardal-o para servir pela morte de qualquer outro; eu conheço um sujeito que tem um soneto que lhe serve para cantar todos os anniversarios passados, presentes e futuros!

— Oh! silencio! silencio...

— Então que temos?...

— Lá vem a velha Irene... attenção.

— Que novidades ha, minha senhora?... como vai o doente?

— Vão-se perdendo todas as esperanças de salvall-o! dá gemidos que cortão o coração; e está com um delirio, que faz medo chegar ao pé d'elle.

— Pobre rapaz!

— É uma cabeça douda; porém faz pena!

— Quem tem culpa de tudo é o tal senhor pai resuscitado...

— Dizem que pretendeu fazer uma experiencia sobre o coração do filho: tambem é a unica maneira de explicar o seu procedimento.

— Podia muito bem ter guardado as suas experiencias para occasião mais opportuna.

— É verdade!

— Eu perdi não menos de cinco quadrilhas e duas walsas com a tal graça!...

— E eu?! e eu?!!

— Tu o que? tu não dansas nunca: que poderias tu perder?...

— Cousa muito superior á dansa: perdi a ceia.

— Este homem não tem alma !...

— Oh ! minha senhora, devemos conceder que elle a tenha, porém no estomago.

— Creio que estes gracejos não vêm muito a proposito ; preferia antes que um dos senhores me fizesse o obsequio de mandar chegar o meu carro.

— São duas calamidades juntas !

— Quaes ?...

— O faniquito do Juca, e a retirada de V. Ex. !

Alguns minutos depois o circulo daquelles importunos gracejadores se desfez ; a velha Irene e muitos delles deixaram a chacara de Mauricio e voltaram para a côrte.

A viuva Irene, egoista como uma velha que quer casar, pouco se doeu do triste acontecimento que havia occorrido : pelo contrario, reflectindo maduramente durante a viagem na conversação que tivera com o Juca, e na morte provavel que o esperava segundo o pensar e os temores do medico, concluiu que devia abandonar completamente a idéa de casar-se com o estudante ; que lhe cumpria voltar seus olhos para outro lado, e portanto começou desde logo a mais minuciosa comparação entre o commendador Sancho, que já principiára a fazer-lhe proposições muito formaes, Faustino, que apesar do que d'elle soubera no jantar de Mauricio, tinha sempre o merito de ser um moço da moda, e finalmente o velho usurario André, seu primo e procurador. Em qualquer destes tres pretendentes Irene achava defeito horrorosos ; mas que defeitos não desculpará e emfim não chegará mesmo a transformar em virtudes uma mulher de perto de sessenta annos, que quer por força casar ?...

O commendador Sancho tinha ficado ainda na chacara de Mauricio : não que lhe causasse o menor cuidado o estado critico em que se via o Juca, mas

sómente porque ainda também se demoravão lá a velha Juliana e D. Laura.

Considerações da mesma natureza das que tinham operado no animo de Irene uma completa revolução em suas idéas de casamento. influíão no espirito do commendador. Elle não podia mais desconhecer que era só objecto do desprezo de Rosa, e ajuntando a isto as reflexões que era obrigado a fazer a respeito do máo estado de sua fortuna, convencêra-se de que lhe convinha ir tratando o mais cedo possivel de arranjar um casamento de interesse, como por exemplo, o da viuva Irene, ou emfim o de Laura, que embora fosse menos rica, era em compensação moça bonita.

No entretanto o pobre Sancho dava trato á sua imaginação para achar um meio de se sahir com honra desse empenho em que se mettêra, e já havia jurado cem vezes que aproveitaria o primeiro ensejo para quebrar os frageis laços que até certo ponto o prendião á Rosa; o que sobretude elle não podia soffrer era que alguém chegasse a pensar que tinha sido repellido pela filha de Mauricio.

Uma hora pouco mais ou menos depois da retirada de Irene, não restavão dos convidados na chacara de Mauricio senão a velha Juliana e sua neta, o commendador Sancho, mais quatro ou seis senhoras amigas de Rosa, e outros tantos amigos velhos da familia.

Emquanto Mauricio com seu irmão se occupavão em prestar soccorros ao mancebo doente, que via ainda além destes inseparaveis de seu leito o medico e seu velho pai, o commendador Sancho na sala conversava com as pessoas que como elle se tinham deixado ficar.

— Foi pena ! dizia elle; o baile estava na sua hora de ardor e de febre !... aquelle ~~desmaio~~ foi como um balde de agua deitada n'um fogareiro?...

— Que comparação ! disse uma moça ao ouvido de Laura.

— O Juca portou-se mal, continuou Sancho ; desde que vio obreia preta na carta. devia retirar-se para não perturbar o prazer alheio ! eu confesso que não lamento nada tanto como as walsas que perdi !

Uma das senhoras que alli se achavão não se pôde conter, e respondeu :

— Pelo que ouço, creio que o Sr. commendador Sancho se tivesse uma carta igual áquella que recebeu o Sr. Juca, e nas mesmas circumstancias em que o infeliz moço se achava, abria a carta, e depois de lê-la, punha-a no bolso, e adia um desmaio para o dia seguinte !...

— Menos isso, minha senhora ! disse Sancho atrapalhando-se.

— Sr. commendador, as dôres e pezares officiaes são realmente muito mais commodos do que os soffrimentos por que está passando o pobre moço.

— Que soffrimentos !... exclamou a velha Juliana, que entendeu que lhe cumpria acudir em socorro do commendador ; que soffrimentos !... se aquillo tivesse acontecido a uma senhora, fingirião todos muita compaixão, mas pela boca pequena havião de dizer tambem que os taes desmaios erão faniquitos de mulher !... eu aposto cem contra um, que antes de vinte quatro horas o Juca está de saude perfeita...

— Deus permitta!...

— Quer me acreditem, quer não, eu sustento que aquillo que tantos suppõem tragedia, não passa de um simples entremez !

O commendador Sancho ia abrir a boca, sem duvida para applaudir os rasgos de eloquencia da velha Juliana, quando teve de suspender-se sentindo os passos precipitados de Rosa ; voltaram todos os olhos, e a moça entrou na sala.

A dôr fallava com toda sua suprema eloquencia no rosto de Rosa, onde se tinha derramado : grossas lagrimas cahião em torrente de seus olhos e inundavão suas faces e seu collo, onde ião emfim cahir ; alguns anneis de madeixas escapados e em desordem volvião-se sobre seu lindo vestido branco ; a triste moça entrára na sala apertando um lenço entre seus dentes para não soluçar.

— O que ha?... o que ha?... perguntaram as senhoras, que correram a receber Rosa, a qual por unica resposta apertou dolorosamente as mãos sobre o peito.

— Mas o que ha?... morreu?...

Rosa fez com a cabeça um signal negativo, e atirando-se sobre o sofá deitou a chorar desabridamente.

— O que tem?... D. Rosinha!... se elle não morreu, porque chora assim!...

Só no fim de um quarto de hora a filha de Mauricio sentindo-se mais alliviada da dôr immensa, que a opprimia, ergueu a cabeça, e olhando para todos com um olhar desvairado, disse :

— Eu ouvi a voz do medico... o que elle disse foi horrivel!... oh!... elle disse, que tudo ia mal... tudo quasi perdido... eu não pude conter-me... e quando se ouviram os meus soluços, o doutor veio dizer-me assim : « os seus soluços vão acabar de matal-o!... » oh!... eu fugi, para que elle não me sentisse chorar... não posso ir lá... não me atrevo... quem vai por mim?... eu quero saber como elle está ; mas não digão que vão por mim... não... ninguem falle no meu nome... talvez me queirão encobrir a verdade.

Uma amiga de Rosa levantou-se, e foi saber noticias do Juca. Logo que a vio ir, a triste moça ajoelhou-se, ergueu as mãos, e exclamou :

— Meu Deus !... salvai-o !...

E poz-se a rezar em meia voz : ninguem ousava proferir uma só palavra; todos observavão em silencio aquella mulher encantadora, que a dôr e a fé atiravão de joelhos.

A amiga de Rosa voltou e disse :

— Parece conservar-se no mesmo estado, mas o doutor diz, que começa a conceber esperanças !...

— Isso é verdade ?... perguntou Rosa.

— Eu t'ó juro por minha mãe.

— Oh !... muito obrigada... exclamou a filha de Mauricio correndo a abraçar a amiga.

O commendador julgou que devia dizer alguma cousa, e foi bastante estulto para acreditar, que vinha alli um pouco a proposito uma especie de ciume.

— Mas o que eu não comprehendo, disse elle, é que se deva sentir tão forte dôr por um estranho !...

Rosa, como se sentisse ferida por uma serpente, voltou-se de subito, e cravando no commendador Sancho dous olhos, que brilharam a despeito das lagrimas, perguntou :

— O que é que diz ?...

O pobre Sancho commetteu a loucura de repetir a observação.

— E o que tem que ver o senhor comigo, com a minha dôr, e com o que quer que seja, que me diga respeito ?...

— O que tenho que ver, minha senhora ?...

— Sim : diga... a occasião é opportuna. Oh ! é um bom meio de fazer parar o meu pranto.

— Creio que se passou entre nós alguma cousa... que existe algum compromisso...

— Não ; o que o senhor deve crer, é que houve um tempo em que eu andei louca, e que então por não sei que raciocinio inexplicavel, e até risivel,

cheguei a concluir que se me fazia preciso ser muito e muito desgraçada, e que o mais curto caminho para sê-lo era casar-me com o senhor!... eis-ahitudo.

— É possível!...

— Oh!... mas eu tinha um pai para me arredar do abysmo, e livrar-me das garras de um homem presumido... e, digamos tudo de uma vez, de um velho ridiculo!...

O commendador Sancho escapou de desmaiar por sua vez : sentio-se suffocado de colera, e quando, a muito custo, pôde fallar, exclamou :

— Minha senhora, eu podia explicar o segredo, e o que querem dizer essas suas ultimas idéas; como porém ellas me convém, e só a obrigação de cumprir minha palavra, me forçava a pensar ainda em uma união, que ia penalisar-me muito, aproveito a occasião que me dá, para dizer-lhe, que me julgo livre dos ferros pesados que me prendião, desligado da minha palavra, e inteiramente desembaraçado!

Rosa respondeu ao commendador com um soberano olhar de desprezo.

O misero Sancho pensou que podia alli mesmo vingar se da mulher, que o insultára, e fiado do que lhe dizia a velha Juliana a respeito dos sentimentos de Laura para com elle, voltou-se para a velha e disse :

— Sra. D. Juliana, o momento é talvez improprio; mas eu não quero e nem posso perder um instante da felicidade a que aspiro : peço-lhe desdejá a Sra. D. Laura em casamento, e serei muito ditoso, se...

— Pois não, meu caro Sr, commandador! exclamou a velha Juliana; isso é para nós una fortuna que vem do céu : eu podia responder por minha neta; mas quero que o Sr. commendador ouça a

resposta que deseja da propria boca della : Laura, o illustre Sr. commendador Sancho te distinguio, e te pede para sua esposa ; tu que dizes?...

— Que o rejeito, respondeu Laura sem hesitar.

O commendador cahio sobre uma cadeira, como fulminado por um raio.

XLI

Os tres pretendentes.

— Deo gratias ! disse a voz de alguem, que subia a escada da casa da viuva Irene.

Um momento depois a viuva, que se achava recostada no sofá lendo um romance modernamente traduzido, fechou o livro, vendo apparecer á porta da sala a figura immunda de seu primo André.

— Oh ! vossa mercê por aqui, meu primo !...

— Pois o que quer que faça, quando a senhora arrasta a gente ! disse arranjando um sorriso, o velho usurario.

— No emtanto vossa mercê quando me vem visitar, é sempre mais cedo.

— Tive receio de incommodal-a... cuidei que hoje estivesse muito cansada, e que por isso levasse toda a manhã a dormir.

— Pelo que vejo julga-me bem preguiçosa !...

— Nada... nada... mas como hontem foi dia de grande função... É verdade ! já me contaram a desgraça que aconteceu ! Pobre rapaz !... e disseram-me que não escapa ! Minha prima, já teve noticias delle hoje?...

- Ainda não.
- Pois é admiravel !... a prima dava tanta importancia áquelle moço...
- Não me falle mais disso, primo.
- Pois que ! abriria os olhos ainda a tempo?... será possivel que....
- É verdade... acho-me finalmente curada de minha loucura,
- Ora, graças ! eu logo vi que por fim de contas o seu juizo havia do vencer os caprichos do coração.
- Pelo que vejo, esta noticia causa um grande prazer ao primo ?...
- Certamente... certamente... a prima sabè quaes são os meus desejos... qual a unica esperanza de felicidade, que me resta neste mundo ! Eu não retiro a minha palavra, e estou prompto a renovar os meus pedidos ; olhe : ninguem ousará dizer, que deseja casar-me com vista no seu dinheiro... sou pobre... bem pobre ; mas me contento com o pouco que tenho...
- É pena que só agora se lembrasse de casar !...
- Oh ! não estou tão velho como isso ! disse o usurario levantando-se : tenho uma saude de ferro, e um genio mesmo proprio de homem casado !... Prima, eu aposto que havemos de passar uma vida de anjos !
- Sim ?...
- Até hoje vivi no retiro e no isolamento, mas agora tem-me vindo umas cocegas de ir ao theatro e ao bailes... uma vontade de apparecer e de divertir-me, que uma cousa é dizer e outra é sentir !...
- E porque não faz isso, primo ?...
- Ora, tenho vergonha de andar só por meio dessa gente, que nunca me vio... quizera ir, sim ; mas com

uma companheira, que me guiasse, e introduzisse na sociedade.

— Digo-lhe, que está com muito boas idéas!

— Sem duvida... é preciso não trabalhar toda a vida... o prazer, o divertimento também alimenta a gente; de que serve o dinheiro senão para se gastar?...

André fez um tão grande esforço para pronunciar aquellas palavras que elle considerava uma blasphemia, que sentio-se meio perturbado, e logo appellou para a sua caixa de tabaco.

— E será sempre essa a sua opinião?... terá sempre a mesma vontade?... perguntou Irene.

— Vontade!... exclamou o usurario; pois se eu me casar, me darei ao trabalho de ter vontade? essa é boa! então cuida que não me bastará na vida a vontade de minha mulher?

— Oh, meu primo! olhe que isso é muito!...

— É assim que eu entendo as cousas, e não vou adiante, porque tenho medo de parecer hypocrita! disse o velho André encruzando as mãos sobre o peito com o ar do mais santo dos homens.

— Primo, vossa mercê está me fazendo vontade de casar outra vez! olhe, o meu defunto era uma pomba sem fel...

— Lembro-me bem! e o mais é que elle dizia que no genio se parecia comigo, bom homem que era! trigo sem joio... palavra honrada... ah! ás vezes tenho umas saudades...

Irene julgou que lhe cumpria chorar um pouco naquella occasião, e começou a soluçar; o velho André enterneceu-se, e cobrindo o rosto com o seu lenço de tabaco, pôz-se a fingir que também chorava.

Passado o tempo necessario para as lagrimas de uma viuva de annos, Irene disse:

— Meu caro primo, fico certa dos seus sentimen-

tos, mas agora acho-me tão commovida, que lhe não posso responder definitivamente...

— Ah! porém ao menos, prima do coração, anime este pobre André com algumas esperanças...

— Sim... sim... eu espero, que ficaremos por fim de contas muito contentes.

O usurario despedio-se e sahio ; quando se achou na rua, foi dizendo comsigo :

— Deixa-te estar, minha velha bruxa, que em me pilhando casado, eu te ensinarei !... ora pois, continuava elle ; não me enganaram... houve de certo briga entre ella e o bregeiro do estudante... por isso é que se poz ás boas comigo !... deixa-te estar velhinha gaitadeira, deixa-te estar !...

Irene tambem tinha ficado reflectindo a sós :

— Este, pensava ella, este só em ultimo lugar ; é um velho, de que todos hão de rir, e que me envergonhará.

As reflexões da viuva não poderam ir adiante, porque bateram na escada, e d'ahi a pouco appareceu na sala o commendador Sancho.

— Oh, Sr. commendador!.. bem vindo seja : tenho passado um dia aborrecido... a sua visita é uma felicidade para mim.

— Minha senhora, devo ser franco ; não é uma simples visita que venho fazer a V Ex... é uma visita extraordinaria... isto é, fóra do commum...

— Sim?.. então o que ha ?..

— Não quiz perder um momento ; vim cahir aos pés de V. Ex.: em uma palavra, vim offerecer-lhe o meu coração e pedir-lhe o seu...

— Ah! mas o coração não é uma cousa que se dê assim de repente... é preciso a gente pensar nisso.

— Minha senhora, desde muito tempo, que eu

teria já implorado a graça que lhe peço hoje de joelhos, se não pensasse que outrem mais feliz merecia a atenção de V. Ex.; hontem porém tive a fortuna de ver esse, que eu julgava preferido, posto de lado, atirado a um canto, como cousa ruim que é, por V. Ex. Desde logo pois, minhas duvidas se dissiparam, e eis-me aqui...

— Todavia, Sr. commendador, nós nos conhecemos ha muitos annos, e eu nunca mereci...

— Oh! não me traga á memoria um tempo de cegueira e de desespero!.. chegaram a fazer-me acreditar que V. Ex. me detestava, fallava mal de mim, e escarnecia da minha pessoa...

— Será possível?

— Nada mais certo: conheci porém ainda a tempo essa vil intriga...

— E quem ousava calumniar-me assim?..

— A filha de Mauricio, e a neta de D. Juliana.

— Oh! que serpentes!..

— Não se afflija V. Ex.; eu vinguei-a de ambas; querião afastar-me de V. Ex. porque conhecião o amor que eu lhe tinha; a D. Rosinha punha em acção todos os meios para conseguir casar comigo e confesso que estive por um triz a cahir na esparrella; a avó de D. Laura trabalhava tambem da sua parte para empurrar-me a neta; hontem porém descobri o fio da intriga, desen-ganei a ambas aquellas senhoras, que desesperadas contra mim, disseram cobras e lagartos contra V. Ex., para assim melhor me offenderem.

— Sr. commendador, eu nunca me enganei com aquellas duas inimigas, que tenho!

— Não se exaspere V. Ex., a vingança está em nossas mãos: podemos fazêl-as morrer rebentando de raiva...

E como?..

— Casemo-nos : o dia do nosso casamento será o de ineffavel felicidade para mim...

— Ai, Sr. commendador ! estou já tão acostumada com esta vida, que tremo só com a idéa do casamento !.. o casamento será um sacrificio para mim : juro que não tenho vontade de me casar.

— Minha senhora, V. Ex. sabe que eu não sou nenhum pobretão, como esses que andão por ahi a farejar noivas com dotes... sabe que eu sou um homem condecorado e rico, e que portanto só venho pedir-lhe a sua mão, e offerecer-lhe o meu nome, movido por uma paixão vehemente que me abraza o peito, que me transtorna o juizo, que me tira o somno e a vontade de comer, e que é bem capaz de levar-me ás portas da morte !!!

O cõmmendador Sancho nunca na sua vida tinha dito tanta cousa junta ; a memoria desta vez não lhe fôra infiel, e elle podêra dizer o seu recado de fio a pavio tal qual o havia estudado.

Irene pareceu meditar por alguns momentos ; e depois respondeu :

— Meu caro Sr. commendador, o que me propõe é materia muito importante : eu lhe peço licença para reflectir por alguns dias ; mas fique certo de que sou uma senhora muito grata, e tenho pelo Sr. commendador a mais decidida predilecção ; vá pois convencido, de que me deixa enternecida.. e muito disposta a seu favor...

O commendador retirou-se animado, e cheio de lisongeiras esperanças.

— Este dia é de bom agouro ! disse Irene vendo sahir o illustre Sancho : dous pretendentes em uma hora é felicidade que não cabe a todos !..

Bateram palmas outra vez na escada.

— Oh !... havia de ser engraçado se fosse outro !..

— Entrou o publicista. Irene entendeu que devia mostrar-se resentida.

— Minha senhora, disse Faustino, apenas se sentou; leio no seu rosto, que está agastada comigo!...

— Talvez que a sua consciencia lh'o dissesse antes do meu rosto!

— V. Ex. tem razão; mas eu tambem tenho.

— Isso é que me parece impossivel.

— Minha senhora, eu não quiz deixar passar um só dia sem vir dar á V. Ex. uma explicação formal e completa a respeito do facto mais desagradavel que comigo se tem passado.

— Seria melhor não fallar nisso...

— Perdão... é preciso que eu me lave de uma nodoa terrivel. Accusaram-me de interesseiro... a mim... que desconheço o poder do dinheiro; a mim, que tenho no coração a religião da honra! accusaram-me ainda de haver escripto cousas horrorosas contra V. Ex... a mim, que.. que... que amo perdidamente a V.!!! Ah! quem me dêra que V. Ex. fosse pobre, pobre como essas mendigas, que pedem esmola pelas ruas, para que eu pudesse mostrar o desinteresse e a pureza do meu amor a esses detractores... a esses assassinos da minha honra... a esses invejosos do meu talento, da minha fama, e do meu nome, que por toda a parte me hostilisação!!!

— Mas aquelle papel? aquelle papel, senhor!

— Aquelle papel?... V. Ex. ainda o pergunta? dar-se-ha a possibilidade de que não saiba. que o Juca é meu inimigo jurado, e o velho Anastacio jurado inimigo de V. Ex. ? ..

— Lá isso é verdade! aquelle velho merecia ser queimado vivo?

— Pois então que mais explicações precisa?... não sabe que se ligaram ambos contra nós?... que

o tal estudante tem uma habilidade rara para imitar a letra dos outros, e que o velho Anastacio aproveitou-se dessa habilidade para envergonhar, e ferir a V. Ex. ?... Haverá cousa mais clara neste mundo ?

— E porque não disse o senhor isso tudo lá mesmo ?...

— Ah ! minha senhora ! porque eu não podia insultar o irmão do dono da casa.

— Sr. Faustino ! o que acaba de me dizer é verdade ?...

— Eu o juro.

— O senhor não escreveu aquelle papel ?

— Não ! não ! palavra de honra !

— Então aquelle velho e aquelle moço são dous entes abominaveis, e... eu os condemno a um completo e perpetuo desprezo !...

— Bravo, minha senhora !...

— Sr. Faustino, aceito a sua explicação, e reconheço a sua innocencia.

— Acho-me pois restabelecido no seu conceito ?...

— Sem duvida alguma.

— Então nada mais podem contra mim os meus perfidos inimigos !... a intriga não colheu fructo algum ?

— Pelo contrario, augmentou as minhas boas disposições e a minha amizade para com o senhor.

— O que diz, minha senhora ?...

— Estou resolvida a não dar o gosto aos nossos inimigos !...

— Sra. D. Irene, elles nos unem, nos casão em seu odio, e em suas tremendas machinações !...

— Estou certa disso.

— Pois bem... se V. Ex. quizesse...

— O que ?... diga.

— Como elles se morderiam de raiva !...

— Explique-se...

— Bastava uma só palavra da sua boca, para esmagal-os a todos, e fazer a minha completa ventura...

— E como ?...

— Aceitando a proposição que por mais de uma vez já tenho tido a honra de lhe dirigir

— Ah !...

— Porque não havemos de felicitar-nos ?... tudo está em nossas mãos... o que quer V. Ex. ? amor ?... não póde haver mais ardente, desinteressado e puro do que o meu...

— Ah ! Sr. Faustino... eu sinto que as suas palavras me fazem andar com a cabeça á roda... tenho medo de me perder...

— Umo palavra só... um *sim*.

— Tão de pressa ?... um *sim* não é uma palavra que se arranque assim com essa facilidade da boca de uma senhora...

— Um pobre como eu está prompto a abraçar-se com a mais leve esperança...

— Pois bem... nesse caso...

— Diga !...

— Escute... *talvez*.

Ouvindo aquelle *talvez*, Faustino vio como que passaram por diante dos seus olhos as quatrocentas apolices da velha.

A conversação não foi muito adiante. Pouco depois de pronunciado o esperançoso *talvez*, o publicista ergueu-se :

— Minha senhora, disse elle, não devo por mais tempo abusar da sua bondade. Retiro-me ; porém espero ainda merecer de V. Ex. o obsequio de consentir que eu, cedendo aos impulsos de meu coração venha algumas vezes depositar aos pés de V. Ex. os protestos do amor o mais delicado, e da mais doce ternura.

— Venha, venha muitas vezes, Sr. Faustino ; a sua visita será uma festa sempre nesta casa.

Depois dos cumprimentos de despedida, o publicista desceu a escada rapidamente, e apenas se achou na rua, disse consigo mesmo :

— Estou quasi não quasi com a partida ganha ! on !... quatrocentas apolices valem bem a pena de se aturar uma velha, que já está com os pés para a cova, e onde cairá facilmente com um empurrão dado a geito !

No entanto a viuva Irene reclinando-se suavemente no sofá, dizia toda cheia de si :

— Já são tres !...

E ia abandonar-se toda ás suas agradaveis reflexões, quando de novo se suspendeu, ouvindo bater palmas pela quarta vez :

— Oh !... exclamou ella : seria possivel que fosse ainda um quarto pretendente !... não... não... era muita fortuna junta...

E cravando na porta uns olhos cheios de curiosidade e de avidez, vio apparecer-lhe um nobre ancião, que conduzia dous meninos pelas mãos.

Era Daniel.

XLII

Daniel.

— Seja bem vindo, primo Daniel ! disse a velha ; este dia é por força bem afortunado !...

Daniel tratou primeiro de fazer sentar os dous meninos, de quem Irene não mostrou fazer muito

caso, e veio depois occupar uma cadeira defronte de sua prima: o rosto nobre do ancião exprimia o quer que seja de grave e solemne.

— Posto que você, sempre que vem aqui, continuou a viuva, seja para ralhar comigo, declaro que estava com muitas saudades suas.

— Obrigado, minha prima: confesso que ralho ás vezes... mas creio que nunca o faço sem razão.

— Ora pois, diga-me, que longa ausencia foi esta?... porque não tem querido vir visitar-me?...

— Porque... hesitava.

— Primo, que tem você?... acho alguma coisa de extraordinario no seu semblante... querem ver que me veio pregar algum sermão?...

— Vim contar-lhe uma historia, prima.

— Peior... peor...

— Ha de ouvil-a, prima; dê no que der.

— Pois já que não ha outro remedio, vamos a isso.

— Mas antes de contar-lhe a historia, preciso dizer-lhe primeiro algumas palavras a certo respeito.

— Estou á espera: palavras ou historias, acabaremos sempre por ter sermão.

— Prima, disse Daniel com seriedade; as suas loucuras continuão a servir de thema para as conversações dos falladores e dos vadios do Rio de Janeiro: eu sei de tudo quanto se tem passado neste ultimos dias...

— Então o que ha?

— Você continua com a sua ridicula mania!... não se lembra de que já é uma senhora idosa, e faz rir os seus inimigos com suas idéas de casamento!...

— E você **tambem** não se lembra de que mil vezes lhe tendo dito que não o quero para meu tutor?

— Chegue a um espelho, senhora... mire-se n'um

espelho, e diga com verdade se ainda se acha bonita e capaz de merecer que a requestem?... sim... diga se a sua consciencia não lhe denuncia que esses que a estão preterdendo não amão, não querem, não namorão senão o seu dinheiro!...

— E o que tem você com isso?..

— O que tenho eu com isso? .. perguntou o nobre ancião com voz grave; por ventura já suppoz um só instante na sua vida, que eu negoceio com suas riquezas, ou que calculo com cousa alguma que lhe pertence?... o que tenho eu com isso?... pois ainda não sabe a razão porque me intrometto na sua vida?..

Irene abaixou a cabeça: apesar de se sentir ferida em sua louca vaidade, curvou-se diante do homem austero e rude sem duvida, mas tambem honrado e amigo sempre fiel e dedicado.

— Primo, disse emfim a viuva: é que você tem um modo de fallar que offende.

— Talvez que seja assim, tornou Daniel, serenando; sou grosseiro... confesso que o sou: porém que quer?... gosto da verdade nua e crua.

— Póde-se dizer a verdade sem atacar... sem ferir.

— Bem. bem... desculpe-me: diga-me no entretanto, e seja franca, que loucura é essa que lhe entrou na cabeça?... que idéa é essa de casar-se?... não sabe que uma senhora idosa que se casa é uma escrava, uma triste mulher de quem se zomba, a quem se engana, de quem se não faz caso algum no fundo do coração; uma mulher emfim, cuja morte se deseja?...

— Meu primo, póde ser que isso tudo seja assim: mas como me pede que seja franca, confesso-lhe que não me julgo salva se não passo a segundas nupcias... estou prompta a sujeitar-me a tudo com tanto que eu tenha um marido ..

- Que mania !...
- Olhe que eu não dou a conhecer esta minha raqueza senão a você...
- Ainda bem.
- Além disso... quer saber uma cousa?... não me julgo tão velha como você me suppõe ; pelo contrario, creio que estou muito bem conservada, e não ou lá das mais feias... pelo menos muita gente de ravata lavada me diz isto... em uma palavra, tal qual me acho não me troco por muitas mocinhas que andão por ahí com presumpção de bonitas e bem feitas ..
- Pobre humanidade !... murmurou Daniel.
- Se as suas duas palavras eram a este respeito, vamos á historia, porque já agora não ha argumentos que mudem a minha resolução.
- Então está absolutamente resolvida a casar-se?...
- Absolutamente.
- Já se vio maior loucura !... bradou o velho rguendo-se.
- Primo, tenha dó de mim.
- Está bem : não posso, nem devo dizer mais nada. Quem sabe se a senhora não pensaria que tenho esperança de vir a ser seu herdeiro, e...
- Meu primo...
- Pois se alguma vez o pensou, digo-lhe que...
- Meu primo !... quem é que não faz justiça ao eu character !... oh ! se você não fosse o que é, tu aturaria as suas impertinencias e os seus serções com a paciencia com que os aturo ?...
- Daniel, que tinha ficado vermelho de colera, tornou pouco a pouco ao natural.
- Vamos á historia, disse Irene rindo-se para gradar ao primo.

— Sim, vamos, respondeu este.

E voltando-se para os dous meninos que immo-veis e serios observavão a scena que se passava a seus olhos, disse-lhes :

— Vão para a janella, mas não fação travessuras: não voltem cá sem eu lhes chamar.

Os dous meninos levantaram-se e obedeceram promptamente ás ordens do ancião, que voltando os olhos para Irene e apontando para os dous meninos que ião pôr-se á janella, disse :

— A minha historia toda está resumida alli naquellas crianças.

Irene não respondeu, nem fez observação alguma; pareceu porém vexar-se um pouco. Daniel tornou-se muito mais serio do que tinha entrado.

— Sabe que meninos são aquelles, prima ?..

— A viuva lançou um olhar descuidado para a janella e não disse nada.

— Sabe que meninos são aquelles ?..

— Supponho, balbuciou Irene.

— Ah !..

— Ouvi dizer que você tinha comsigo duas crianças, presumo que são aquellas.

— E mais nada ?..

A viuva guardou silencio.

— Suppõe talvez que sejão meus filhos ?..

— Não; eu sei que você nunca teve filhos.

— Então por que motivo eu, um homem frio, severo e grosseiro como sou, havia de recolher para a minha casa dous estranhos ?..

— Não sei : cada um faz o que entende que deve fazer.

— Não é isso : você não diz a verdade, exclamou Daniel ; você está mentindo diante de sua propria consciencia !..

— Meu primo!...

— Você não ignora que aquelles dous meninos são seus sobrinhos!...

— Ora, deixe-se disso...

— Deixar-me disso... não : nunca!.. venho lembrar-lhe deveres que até hoje tem esquecido ; reprehendê-la pelo seu criminoso procedimento para com dous innocentes que lhe pertencem ainda mais o que a mim, e que até hoje nunca lhe mereceram em um afago... nem uma lembrança... nem um cuidado!...

— E que queria que eu fizesse?...

— Você deve uma restituição áquelles meninos!

— Uma restituição?!

— Sim : a herança que lhe coube por morte de eu irmão, cabia, diante de Deus, a seus sobrinhos.

— Essa é boa!...

— Prima, basta de cegueira, basta de offender a Deus; consulte o seu coração e no fundo d'elle achará as provas do que eu estou dizendo : basta de ser ingrata, e má parenta, lembre-se de seu irmão, honre as suas cinzas, honre sua memoria reconhecendo seus sobrinhos.

A voz de Daniel tinha tomado um tom doce e rando, que lhe não era usual. Irene quiz fallar e não pôde ; o ancião continuou :

— Poderá negar, que seu irmão muitas vezes lhe allou em dous filhos que tinha?... diga!... responda!... oh!... não se recorda, que um dia conversando nós tres sobre as incertezas da vida e do futuro, o meu pobre amigo tornou-se melancolico, e olhando-se de repente para nós ambos, disse « se eu morrer, cuidem vocês ambos de meus dous filhos!... pelo amor de Deus não os desamparem... minha irmã, elles são seus sobrinhos! » falle! proseguio ainda o nobre Daniel : não foi isto assim?... ah! e o

meu desgraçado amigo morreu poucos dias depois e sua irmã, esquecendo as recommendações que elle lhe fizera, abandonou seus sobrinhos, menosprezou seu sangue... e, o que é mais, usurpou a herança, que devia pertencer a dous innocentes !

— Meu primo, basta!..

— Não, de hoje por diante hei de vir todos os dias lançar-lhe em rosto tão abominavel ingratitude!...

Irene escondeu o rosto entre as mãos.

— E falla em casar-se!.. fazer passar ás mãos de um estranho uma fortuna, metade da qual não é sua; porque é sem duvida alguma de seus sobrinhos!... não, prima, você não se deve, e não se-ha de casar. Confesso que a considero uma senhora fraca, semjuizo, e vaidosa; mas nunca a julguei uma mulher sem consciencia, um ente máo e indigno: não! você não se casará, não quererá por tal maneira sacrificar os filhos de seu irmão.

Irene não podêra resistir ás observações de Daniel; começára a sentir-se commovida, e já disposta a favor dos sobrinhos; mas quando escutou as ultimas palavras de seu primo, quando vio que elle a convidava a abandonar a sua idéa dominante, suffocou dentro do peito o grito da natureza.

Não casar?! pedissem á Irene tudo, menos isso: não casar era condemnal-a a passar por velha e feia; era como que julgal-a já incapaz de acender amor no coração de um homem; e isso, nós já o sabemos, a interessante viuva não podia conceder por preço algum.

Convém dizêl-o: por alguns momentos Irene pensou que lhe seria possível ceder uma parte de sua fortuna a seus sobrinhos, que Deus lhe impunha o dever de reconhecêl-os; mas bem de pressa comprehendeu que um tal córte em sua riqueza podia bem diminuir o fogo e a paixão dos seus adoradores, e

por consequencia lá se foi a inspiração da virtude, diante das exigencias da vaidade.

Seguiu-se pois uma calorosa discussão, que se prolongou até a noite, e na qual cada um dos contendores queimou até o ultimo cartucho. Mil vezes esteve Daniel a ponto de levantar-se, e de deixar para sempre aquella casa, abandonar a mulher desajuizada, que assim sacrificava tudo ao louco desejo de ter um marido. que não podia ser senão um namorado de seu dinheiro ; mas outras tantas vezes sentou-se de novo vendo perto de si os dous meninos, cuja causa defendia. A questão devia por fim chegar a seu termo : os dous primos estavam já arquejando de fadiga.

— Ora pois ! exclamou Daniel ; o seu destino se completará : a senhora casar-se-ha, e passará o ultimo quartel de sua vida, como uma vil e miseravel escrava.

— Quem morre por seu gosto, acaba por seu regalo, respondeu Irene.

— Aposto mil contra um, que os seus pretendentes, hão-de ser por força muito recommendaveis : um conheço eu, e elle tambem me conhece bem, porque já experimentou a força do meu braço, e o peso da minha bengala... chama-se Faustino... que diz ?... acertei ou não ?... oh ! é um rapaz tão nobre e desinteressado que me foi offerecer cincoenta por cento do seu dote para eu lhe arranjar o casamento !...

A viuva ficou pasmada a olhar para Daniel, que proseguio no mesmo tom.

— Quaes são os outros ?... faz o favor de me dizer ?... vamos, franqueza até o fim.

— Um dos outros, murmurou Irene que cedia sempre a influencia do honrado primo : um dos outros é seu proprio irmão.

— André !... bradou o ancião ; André !... oh, meu Deus !... que crime commetteu minha nobre mãe para que a castigasseis dando-lhe um filho como aquelle ?... André !... mulher desgraçada, mulher cega e douda, diga, já pensou um instante só em praticar o tremendo sacrificio de casar-se com o usurario ?...

Irene abaixou a cabeça. Daniel guardou silencio por alguns instantes, procurando socegar ; depois perguntou :

— Quaes são os outros ?...

— Falta um sómente ; é o commendador Sancho.

— O menos ruim dos tres... não passa por velhaco, mas deve mais do que possui, segundo dizem, e quer salvar-se da propria ruina... no entretanto é o menos ruim dos tres : se a virem casada com elle, juro que todos repetirão o antigo proverbio : « Deus os criou e elles se ajuntaram ! »

— Nesse caso aconselha-me que o prefira aos outros dous ?... perguntou a viuva timidamente.

— Qual aconselhar ! conserve-se viuva como está.

— Mas se eu lhe digo que me hei-de casar por força !... isto é uma cousa decidida.

— Já se vio que desespero ?... exclamou Daniel.

— Sim... sim... declaro que me hei-de casar.

— Pois case-se... case com... com quem fôr... com o primeiro que lhe apparecer.

— O que quer que faça !... disse Irene tristemente ; isto é um destino... é uma mania ; embora : não quero que as outras se riam de mim, e se julguem melhores do que eu... Quero ter um marido que me acompanhe, me defenda e me ame... e toda a minha desgraça é não ser pretendida por um homem melhor que esses tres ; porque eu confesso que não amo a nenhum delles.

Daniel ergueu-se desesperado. Durante uma longa hora passeou ao longo da sala, guardando um silencio que só era interrompido pelos suspiros de Irene; a viuva com os olhos embebidos no primo, via-o torcer as mãos, tornar-se de repente vermelho, e logo depois empallidecer de subito. Havia necessariamente uma lucta desabrida dentro do coração daquelle homem, que finalmente depois de longo meditar, parou inopinadamente no meio da sala, depois correu a pegar no chapéo, chamou com voz aspera os dous meninos; mas vendo-os aproximar-se tremulos e medrosos, hesitou um instante, e deixando cahir o chapéo no chão, deu dous passos para Irene, e disse solemnemente:

-- Deus é testemunha do que se passa dentro de mim, e do que me obriga ao passo que vou dar.

Avançou mais um passo, e continuou fallando com a viuva.

— Senhora!... eu lhe offereço o meu nome: proponho-me a ser seu marido, com a condição de que uma hora depois de realisado o nosso casamento havemos do assignar ambos um acto publico, adoptando por nossos filhos a estas duas crianças.

O braço do nobre ancião estendeu-se por cima das cabeças dos meninos, a quem acabava de designar; e elle ficou mudo, sério e immovel, olhando para a viuva Irene, que gaguejava e não sabia o que lhe cumpria responder.

XLIII

Amante, pai e filho.

O Juca não corre mais perigo : no fim de tres dias os receios se foram pouco a pouco dissipando, e no quinto declarou o medico que suspendia as suas visitas.

Voltaram com a vida as esperanças do amor.

Durante a sua molestia o estudante tivera constantemente a seu lado Rosa e seu pai. Em suas horas de maior perigo, quando na maior força da febre abria os olhos e lançava em torno de si um olhar ardente e desvairado, encontrára sempre o nobre rosto de um velho, e o formoso semblante de uma donzella : foram ambos elles, como dous anjos, que velaram incessantemente pela conservação de seus dias. Então os dous fieis enfermeiros união os seus esforços, ajudavão-se mutuamente, e dirigião-se um ao outro sem vexame algum, sempre que se tratava de alguma cousa que dissesse respeito ao doente. Reconhecião que a causa era de ambos, e despidos de todo o egoismo em face da morte que os ameaçava, respeitavão seus competentes direitos, e nunca nenhum delles se lembrou de pôr em duvida a competencia do outro : quando o pai tinha de sahir por instantes do lado do filho, estimava poder deixar ao pé d'elle a moça ; e esta se algumas vezes desviava seus olhos do mancebo, era para embebêl-os tímida e docemente no rosto daquelle velho, para quem olhava com o mais santo respeito.

Desde porém que as melhoras do Juca chegaram a tal ponto, que não houve mais fundamento para os temores daquelles que mais o amavão, o procedimento do velho para com a moça mudou completamente. Em vez de estimar vê-la ficar junto do filho, quando elle o deixava como acontecia até então, trabalhava com indizível cuidado para que isso não tivesse lugar ; de modo que Rosa não deu senão ao acaso, e a algum raro descuido do velho, uma ou outra occasião de se achar a sós com o Juca. Já lhe não era tambem permittido levar ella mesma o copo de remedio aos labios do doente nem trinchar-lhe e offerecer-lhe o frango, que lhe concedêra o medico : o pai não reconhecia mais outros direitos que não fossem os seus, e era quasi com aspereza que elle arrancava o copo ou o prato das mãos da moça que, submettendo-se silenciosa a tudo, apenas abaixava tristemente a cabeça, cravando seus olhos no chão.

Na manhã do sexto dia, Rosa aproveitou-se de um dos felizes acasos que tão poucas vezes lhe deixava apanhar o cuidadoso velho ; entrou no quarto do doente, e perguntou ainda na porta :

— Está dormindo ?...

— Não, disse o Juca levantando a cabeça; mas o que é verdade é que ainda ha pouco fingia estar.

— Olhe, Sr. Juca, eu creio que não é bom fingir : pelo menos... depois de um certo tempo... convem que se vá perdendo esse costume.

O estudante sorriu-se e respondeu :

— Às vezes se faz preciso fingir-se : se meu pai não me julgasse adormecido, não abandonava o seu posto.

Rosa tornou-se melancolica, e disse :

— Eu tenho uma cousa muito triste para lhe di-

zer : hesitei muito tempo... mas não posso vencer-me, e vou lh'a confiar..

— Então o que é ?...

— Creio que seu pai não gosta de mim, Sr. Juca.

— Oh ! não : faça justiça a meu pai ; é um homem da tempera de seu tio ; o exterior é rude e severo ; mas o coração... ah !... não ha coração melhor e mais sensível do que o de meu pai.

— É que elle me olha e me trata de um modo bem singular... ás vezes faz-me vir as lagrimas aos olhos.

— D. Rosinha, meu pai tem ciumes da senhora.

— Ciumes ?... ora... não se póde acreditar...

— Sim : eu sou o unico amor de meu pai, e elle teme que eu o ame menos do que á senhora.

— Era mais justo que seu pai repartisse comigo esse amor tão grande que lhe tem.

— Eu tambem sou da mesma opinião.

A moça abaixou os olhos ; fez-se muito corada e balbuciou :

— Em tal caso eu pensava que o senhor já deveria ter intercedido a meu favor...

O Juca sentio que os olhos se lhe arrasavão d'agua ; tomou entre as suas uma das mãos de Rosa, e arrojou sobre ella beijos e lagrimas de mistura.

— O senhor está chorando !... disse Rosa assustada.

— É de prazer !... respondeu o estudante : a senhora é o anjo que o céo destinou para me salvar !

— Quem sabe se seu pai pensará do mesmo modo ?

— Ha de pensar, eu lh'o juro ; o desejo de me fazer feliz de um lado, e do outro as suas graças, em que elle ainda não teve tempo de reparar, nos darão uma bem facil victoria.

— Oh ! Deus permitta !...

— No entanto, D. Rosinha, para que essa melancolia?... deixe brilhar a sua natural alegria; não se importe com a frieza de meu pai, e ria-se também com elle.

— Eu sinto passos; parece que é seu pai que chega... oh!... quasi que estou com medo.

— Não receie nada, mas deixe-me só com elle.

Com effeito um momento depois o pai do Juca entrou no quarto. Era um homem de estatura ordinaria, seu corpo não estava desfigurado por excessiva gordura, mas indicava o gozo de uma saúde de ferro. Quem visse esse homem, que já contava sessenta annos, dar-lhe-hia dous lustres de menos: os seus cabellos começavão apenas a embranquecer; tinha os olhos negros e bellos como os do Juca, e seu rosto, dados os descontos da idade, era um perfeito e completo retrato do rosto de seu filho, ou vice-versa. No entretanto o character de ambos se distinguia singularmente; um era alegre e vivo, o outro serio e grave; o moço ligeiro e voluvel, o velho pensador e firme. Sobretudo porém tornava-se admiravel a differença da expressão physionomica daquelles dous semblantes tão iguaes: no Juca todo indicava favor, tolerancia e confiança; no rosto de seu pai todos lião austeridade, reflexão e consumada prudencia; ninguem antipathisaria com elle, mas também era sempre hesitando que se lhe fallava pela primeira vez. Este homem chamava-se Marianno.

Entrando no quarto de seu filho, e encontrando ahí Rosa ao pé d'elle, Marianno franziu os supercilios e passou por diante da moça sem lhe dizer palavra; sentou-se depois nos pés da cama do Juca, cravando no rosto do filho um olhar austero e desconfiado.

— Passeou muito?... perguntou Rosa, querendo ensaiar-se na nova maneira de tratar o velho, con-

forme pouco antes lhe tinha aconselhado o estu-
dante.

— Sim, senhora, talvez demais : respondeu secca-
mente Marianno.

— O dia está fresco, e excellente para se pas-
sear...

— Mas a senhora parece que nos dias frescos
gosta mais de se deixar ficar em casa.

— Ao contrario ; não quiz que o Sr. Juca esti-
vesse muito tempo sósinho ; porém agora que o
senhor chegou, saio eu : até logo.

Rosa sahio e deixou os dous a sós.

— José, disse o velho depois de reflectir um ins-
tante, está visto que dormiste pouco...

— Não dormi nada, meu pai.

— Quando sahi deste quarto... julguei...

— Eu tinha os olhos fechados.

— E não dormias ?...

— Não, senhor.

Marianno tornou-se muito mais serio.

— Meu pai, continuou o Juca ; não fique enfadado
comigo ; não posso esconder-lhe a verdade, tenho
sido até hoje um rapaz extravagante ; mas estou no
firme proposito de corrigir-me...

— Estimarei muito...

— E principio por não lhe encobrir nada do que
se passa comigo.

— Não de haver cousas, que eu não quereirei
saber : contento-me que me obedeças em tudo.

— Juro fazê-lo, meu pai.

— Começo por dizer-te, que estou muito incom-
modado nesta casa, e quero me ir embora quanto
antes.

— Não era melhor esperar pelo meu completo
restabelecimento, meu pai !... pois havemos de nos
separar outro vez tão de pressa?...

— Separar-nos?... então pretendes ficar aqui, se
u me retirar?...

— Ah! não senhor, eu não tenho vontades: farei
o que meu pai quizer, mas como me acho ainda
muito fraco... pensava...

O velho guardou silencio: a prompta obediencia,
que ia sempre lhe promettendo o filho, o desarmava
todos os instantes.

— Meu pai.. vossa mercê tem soffrido muito por
mim... sou causa de seus desgostos, e...

— Basta: vim da fazenda para ralar comtigo, e
unir-te severamente; mas...

Os olhos do velho encheram-se de lagrimas.

— Mas o que?... diga tudo...

— Mas... apezar de todas as tuas extravaganzas...
adquiri a certeza de que me amas... e quasi
me te ia matando com uma falsa noticia... estou
hoje desarmado, e já te perdoei...

— Ah, meu pai!... obrigado!...

— Com a condição, porém, de me obedeceres de
hoje por diante cegamente...

— Sem duvida, meu pai; obedecer-lhe-hei em
tudo.

— É preciso que acabes de uma vez essa vida de
ociosas e de vadiagem, que levavas!... eu fui tes-
temunhadella durante alguns dias.. O desconhecido,
que te acompanhava por toda parte, e que em toda
arte encontravas, era eu, que vi tudo, e que tudo
queria ver para amaldiçoar-te, ou punir-te de que
tú és homem, e que servirás de peso á sociedade em
que vives, se fôres sempre, como até agora, ocioso
vadio?

— Meu pai, eu já lhe jurei que havia de me cor-
rigir completamente.

— Muito bem; mas vamos a ver, o que preten-
des que eu faça de ti. Vindo para a côrte eu tinha

a idéa de te levar comigo : já me bastavão tantos annos de despezas perdidas, queria agora experimentar se tens geito para lavrador.

— Vossa mercê pôde fazer de mim o que quizer ; porém julgo dever prevenil-o de que hei-de ser um pessimo fazendeiro.

— Visto isto, queres continuar nos teus estudos ?...

— Sim, senhor, se tal fôr a vontade de meu pai.

O velho ia cada vez mais se enchendo de alegria com aquella submissão completa do filho : o Juca, que conhecia a fundo o genio de seu pai, sabia bem o grande proveito que poderia tirar da sua, aliás mui justa, e louvavel obediencia.

— E tens a certeza, perguntou Marianno, de que serás capaz de vencer-te a ponto de seguir um caminho absolutamente contrario d'aquelle que até hoje tens seguido ?

— Creio que sim ; principalmente se vossa mercê me der licença para...

— Acaba...

— Eu declaro antes de tudo, que nada farei que não seja com approvação de vossa mercê...

— Vamos...

— Meu pai... eu amo...

O velho fez um movimento de surpresa, e olhou para o filho com severidade.

— Eu amo, meu pai ; e a mulher que amo, é digna de ser sua filha...

— Nesse caso ella te não quereria, por ora, ao menos, para seu marido : respondeu rispidamente o velho.

— Ah ! e porque, meu pai ?...

— Porque deve ser prudente para ver que um simples estudante ainda não tem com que a sustente e trate, como deve.

— Porém ella é rica, senhor!

— Que !... exclamou o pai batendo com o pé !.. Que !... meu filho calcula com o dote de uma mulher, e quer viver á custa della!

— Oh não !... não... meu pai; mas eu que não daria nunca este passo sem o seu consentimento, contava sempre com a protecção e soccorro de vossa mercê.

Marianno abafou dentro do coração o prazer, que lhe dêra aquella resposta, e disse:

— E eu não te darei mais essa protecção nem esses soccorros, se fizeres uma loucura tal !...

— Ah! então eu não pensarei mais nisso: meu pai não quer... e basta; no entretanto se vossa mercê conhecesse bem a pessoa, que com gloria lhe chamaria de pai...

— Seja quem fôr... não quero... não consinto.

— E offender-se-ha, se eu lhe disser quem é, meu pai !... ao menos quizera que a conhecesse..

— Que me importa ?...

— Esteve aqui ha pouco...

— É o mesmo; ou antes é uma razão de mais para nos irmos embora.

— Ah, senhor! tem tantas virtudes...

— Não duvido.

— Tanta pureza e tantas prendas !.. seu pai é um homem honrado como vossa mercê.

— Sim... tenho ouvido fazer-lhe muitos elogios; mas repito que não darei nunca o meu consentimento para uma loucura dessas... Casar-se não tendo futuro !... Casar-se sem ter casa! José, o homem que toma uma mulher deve ser capaz de sustentá-la independente de todos.

— Então jamais me casarei.

— Porque?

— Porque seja eu o que fôr na sociedade, tenha

a posição e as riquezas que tiver, sempre me considerarei dependente de meu pai.

Marianno voltou o rosto para esconder um sorriso : o filho o desarmava a todo o momento ; estava decidido que o velho não poderia ralhar com o Juca nesse dia.

Os dous guardaram silencio por algum tempo. Finalmente Marianno tornou dizendo :

— José, não tratemos mais disso : por ora nada de casamento : é esta a minha ultima decisão.

— Paciencia, meu pai ; farei por vencer o meu amor.

— Dentro em pouco partiremos daqui. Visto que ainda te achas fraco, demorar-me-hei ainda dous ou tres dias ; mas findos elles, nem mais um instante no seio desta boa familia, cujo socego poderíamos perturbar ; e isso fôra um crime que eu jamais te perdoaria. Agora descansa.

Marianno sahio do quarto ; comprehendeu que convinha dar ao filho occasião de desenganar a Rosa e deixou-o por isso em liberdade.

Pouco depois de sahir o velho, Rosa entrou pallida e trémula.

— O que tem, D. Rosinha ? . . . perguntou o Juca.

— Ouvi tudo ! exclamou ella ; perdoe-me ! . . . eu estava alli . . . pregada na porta . . . e ouvi tudo ! . . .

— Então o que pensa ? . . . o que receia ! . . .

— Ainda pergunta ? . . . o que posso eu esperar depois do que lhe disse seu pai, e de que o meu já não ignora ! . . .

— Ah ! D. Rosinha ! devemos esperar tudo : a senhora não conhece meu pai ! . . . elle quando não se exaspera, está sempre a ponto de ceder ; sobretudo ainda a não conhece . . . temos por nós tres dias . . . trabalhemos de accordo, que seremos felizes.

— Sr. Juca, quer saber uma cousa ?

- Diga.
- Eu estou com o pé na porta de um convento.
- D. Rosinha, quer saber uma cousa ?
- Falle.
- Nós estamos ambos com os pés na porta da reja.
- Resta saber para que !
- É boa essa ! para nos casarmos.

LXIV

Os dous velhos roceiros.

Marianno tinha descido para o jardim : a submissão de seu filho, e as atenções que lhe merecia e exigia mesmo na convalescença de uma perigosa enfermidade, não haviam sido os unicos motivos por que seu genio naturalmente irascivel não prorompera ouvindo fallar em casamento áquelle mesmo que até então vivêra vida tão reprehensivel e tantas extravagancias fizera. Outras considerações ainda obraram ao velho pai para moderar-se e ouvir a palavra fria as confissões amorosas de seu filho.

Primeiramente Marianno julgava dever uma compensação ao Juca, pois que estava convencido de que tinha praticado uma imprudencia indesculpavel crevendo aquella carta falsa para experimentar o coração de seu filho, e que no entretanto tão más consequências ia produzindo : em segundo lugar havia adivinhado o amor do estudante, e não podia deixar de reconhecer o merecimento da bella filha de

Mauricio. Os cuidados, os extremos que Rosa empregára durante a molestia do Juca, as lagrimas que chorára nas horas terriveis em que o proprio medico receiára ver expirar o doente, ficaram impressos na memoria do honrado velho : um pai nunca se esquece, e antes agradece do fundo do coração todos os obsequios que se fazem a seus filhos.

Marianno já estimava a Rosa ; mas o casamento é um facto tão importante na vida do homem, tem influencia tal no seu futuro, que jámais um pai desvelado e prudente deseja ver casado seu filho. sem que primeiro as mais evidentes provas do merito da mulher escolhida o venhão convencer que desse facto tenha de partir a felicidade para aquelle em cujas veias gira o seu proprio sangue , para aquelle emfim por quem trabalha e vive no mundo, e a quem aima como a continuação do seu mesmo ser, do seu —*eu*.

Era por isso que depois de resistir e de procurar destruir as idéas e projectos do Juca, estava Marianno passeando ao longo das ruas do jardim da chacara de Mauricio, reflectindo sobre o que acabava de lhe ser tão seriamente confiado.

O passeio do pai do estudante durava já meia hora, quando ao voltar de uma rua, o velho Anastacio o interrompeu.

Apezar de tudo quanto dissêra o Juca, Rosa tinha sahido do quarto afflictissima, e encontrando-se logo com seu tio, contou-lhe o que acabava de ouvir. Anastacio procurou socegar a sobrinha ; prometeu-lhe ir fallar a Marianno, e como era seu costume cumprir tão fiel como promptamente o que prometia, sem mais nada esperar, nem reflectir, foi explicar-se com o pai de Juca.

Os dous velhos encontraram-se, como dissemos, ao voltar de uma rua do jardim.

- Andava á sua procura, disse Anastacio.
- Estou á sua disposição, respondeu o outro.
- Amigo, sou da roça como o senhor; e lá nos lossos mattos, quando se quer dizer alguma cousa, não se procura rodeios; é tudo como deve ser: pão pão, queijo queijo.
- É como eu gosto: verdade núa.
- Pois bem; lá vai sem mais preambulos. Digo-lhe que o senhor tem um excellente filho, e eu uma sobrinha excellente!...
- Quanto á sua sobrinha, concordo; mas a respeito de meu filho, confesso-lhe com pezar que ainda me restam algumas duvidas.
- Isso agora é modestia que não tem lugar!
- Não: é certo que espero vê-lo seguir d'ora ávante um bom caminho; porém até hoje o rapaz tem sido um vadio dos quatro costados!...
- Embora... eu cá gosto d'elle como se fôra meu filho!... Quando estive ha pouco tempo ás portas da morte, velou junto de mim noites inteiras sem pregar olho!...
- Ao menos já fez alguma cousa boa em sua vida: os extravagantes apresentam ás vezes desses rasgos.
- E como não tenho a fortuna de ser pai de seu filho, entrou-me uma idéa na cabeça, que me tem dado immensa alegria: ora, a tal idéa não se póde realizar sem que o senhor entre na festa, e portanto...
- Vamos a saber.
- Visto que o Juca não é, nem póde ser meu filho, estou com vontade de fazê-lo meu sobrinho.
- Mas como?...
- É boa pergunta!... casando-o com minha sobrinha: penso que não ha outro meio.
- Sr. Anastacio, isto é um negocio muito serio!...

— Temos outra !... pois eu lhe disse que pretendia arranjar casamento de brincadeira ?

— Meu filho está ainda muito moço...

— Ah ! então guarda-o para casar-o depois que ficar velho !... olhe que se tem esse pensamento, vai por muito máo caminho.

— Mas o que quer dizer casar-se um rapaz que ainda não acabou os seus estudos?...

— Quer dizer felicital-o, pois que elle ama desesperadamente a minha sobrinha, que de sua parte paga-lhe na mesma moeda.

— Receio muito que meu filho não possa fazer a felicidade da mulher com quem se casar.

— Isso lá deixemos por conta da rapariga.

— O José por ora tem uma cabeça de vento.

— Minha sobrinha lhe fará assentar o juizo.

— Ponho-lhe minhas duvidas.

— Então porque?... Pensa o senhor que minha sobrinha é alguma dessas doudinhas, que não vivem senão á janella, e que não sabem senão dansar, e dar á taramella com os rapazes?...

O velho Anastacio tinha levantado a voz, e o outro, que não gostava que lhe gritassem, foi-se fazendo vermelho, e respondeu no mesmo tom.

— Não digo nada contra sua sobrinha, senhor ; mas vejo bem que é uma criança como meu filho !...

— É uma senhora de juizo !...

— Pois dou-lhe muitos parabens.

— Então o senhor não convém em que...

— Não !

— Peior vai ella ! O senhor me interrompe, e nem ao menos me deixa acabar a phrase ! !

— Quero cortar todas as duvidas de uma vez : para que gastar tempo?... declaro que não consinto que meu filho se case !

— Está no seu direito ; mas fique bem certo que

não lh'o estou pedindo de joelhos !... minha sobrinha póde fazer casamento muito mais brilhante.... digo-lh'o eu ; está dito !...

— Pois é bom que não corte sua fortuna !

— O senhor parece que pretende atirar-me sua ironiasinha de vez em quando....

— O que me parece é que sua mercê não tem nenhum direito de me estar a gritar nos ouvidos !...

— Fiz-lhe proposições muito honrosas !

— Mas faça de conta que eu sou maluco, e que por isso não as quero aceitar !

— É' a unica explicação possível !...

— Esta é boa !... Querem-me arrancar o rapaz á força !... ouvio !... deixe-me cá com meu filho !

— E quem mandou a seu filho apaixonar a rapariga !...

— E quem lhe pedio que não corressem com ella pela porta fóra !...

— O senhor é um homem desalmado !...

— O que é que diz !...

— O que digo !... digo-lhe e torno a dizer que a unica cousa que sinto é... é... ora adeus... falle-se claro logo... é ser amigo de coração do Juca, que não tem culpa do que se está passando ; aliás...

— Acabe... nada de reticencias...

— Aliás não estaria aqui a perder o meu tempo.

Marianno fazia indiziveis esforços para conter-se : a lembrança dos obsequios que na pessoa de seu filho e na sua propria recebêra da familia, em cuja casa ainda estava, punha um freio á sua colera.

— Senhor, disse elle emfim ; os favores que lhe devo e aos seus parentes...

— Não nos deve nada ; fique certo de que tudo que fizemos foi ao Juca.

— Pois é o mesmo : os favores que lhe deve meu filho, me impõem a obrigação de morder comigo e

de engulir um mundo de cousas que eu tinha para lhe dizer ; mas agradeça-me sempre a boa vontade, porque eu não sou homem de meias medidas.

— Achava outro, meu caro !...

— E para livrar-me de perder o resto de paciencia que por agora me contém, faço-lhe os meus compromentos, porque vou já e já pôr-me ao fresco.

O velho Anastacio ficou calado e foi depois seguindo vagarosamente a Marianno, que a largos passos se dirigia para a casa.

Quando Anastacio entrou na sala, encontrou a sobrinha que anciosa o esperava :

— O que ha meu tio !... perguntou ella.

— Não sei... tenho esta cabeça pelos ares.

— O Sr. Marianno entrou por aqui desesperado e foi logo ter com o filho.

— Estão provavelmente preparando-se para partir.

— Para partir ! !

— Sim.

— Meu tio ! conte-me o que se passou.

— Anastacio poz a sobrinha ao facto do que havia acontecido.

Rosa deixou-se cahir sobre uma cadeira , como fulminada por um raio ; no fim de um quarto de hora levantou a cabeça, e vendo ainda Anastacio diante della, disse :

— Meu tio, não procedeu bem.

— Sim... está-me parecendo que fui logo ás do cabo... mas agora o que está feito, está feito.

— O Sr. Juca tinha razão... murmurou a moça : elle sonhece bem o genio de seu pai... póde ser que eu podesse... porém agora... oh !... talvez já seja muito tarde...

Anastacio não comprehendendo nada do que Rosa estava dizendo, foi sentar-se em uma cadeira de braços, poz-se a ler para disfarçar a afflicção, e

talvez arrependimento de que se achava possuido.

Rosa meditou por alguns momentos, depois chegando-se a uma janella, percorreu o horisonte com os olhos e disse :

— Creio que vai chover : se houver tempestade hoje... oh ! sim !... farei que ella se torne em bonança para mim.

Pouco depois Marianno appareceu na sala.

— Senhor, disse Rosa ao pai do seu amante, posso merecer-lhe o obsequio de um instante de attenção !...

— Estou á sua ordem, minha senhora.

— Disseram-me, que se dispõe a deixar-nos...

— É verdade : já são demasiados os incommodos que temos dado.

— Não se trata de incommodos, e no entretanto sou a primeira a comprehender que não devo empregar meio algum para retê-lo entre nós.

Marianno não teve que responder ; olhou porém para Rosa, e não pôde deixar de sentir-se um pouco commovido ante aquelle formoso rosto de donzella a que um não sei que de melancolico e doce dava mais interesse ainda.

— Vai pois partir, continuou Rosa com uma voz repassada de ternura ; e por mais que tenhamos todos trabalhado em vão por agradar-lhe, convirá ao menos em que eu nem lhe offendi jámais, nem...

O velho começou a sentir-se incommodado, a voz de Rosa produzia-lhe uma impressão inexplicavel : estava com pena de parecer máo á pobre moça, e respondeu interrompendo-a...

— Oh ! não... não... menos isso : nós vamos captivos de tantos obsequios, e de tanta bondade.

— Pois bem... se é assim... faça de conta que eu sou muito interesseira, e que lhe peço um favor em paga dos meus pretendidos obsequios.

Marianno pensou que a moça lhe ia pedir para

ficar, e como que se doeu, sentindo que a agradável impressão que pouco antes recebêra, começava com essa idéa a desfazer-se.

Rosa adivinhou o que se passava no espirito do velho, e apressou-se a accrescentar...

— Observe que eu não lhe vou pedir para se demorar aqui nem cinco minutos, sem que o faça muito por sua vontade.

— A rapariga está forte ! murmurou lá consigo o velho Anastacio !

Marianno respirou ouvindo as ultimas palavras de Rosa, e disse :

— Póde dizer o que quer, minha senhora.

— Servir-me-ha ?

— Experimente.

— Poisbem : o senhor quer ir-se, e ir-se-ha embora ; mas não vá ao menos mal com nenhum de nós : já sei de tudo quanto se passou no jardim... Sr. Marianno... eu lhe juro por minha mãe, que está no céu, eu lhe juro que, por minha vontade, meu tio não faria o que fez ; digo-lhe mais, e com uma franqueza e uma verdade que me sahem do coração : approvo tão pouco aquillo que teve lugar no jardim, que eu lhe affirmo que jámais consentirei em ser mulher de seu filho, sem que venha o Sr. Marianno em pessoa pedir-me a meu pai, e a mim mesma. Oh !... não me interrompa , continuou a moça suspendendo o velho que queria fallar ; perdoe-me ; tratou-se de mim... era pois preciso que eu dissesse alguma coisa : conclua do fogo que me queima o rosto o quanto me custa a fallar !...

Com effeito, Rosa tinha córado fortemente.

— Socegue..., disse Marianno meio atrapalhado ; socegue..., eu cada vez lhe faço mais justiça... e creia que é só...

— Perdõe-me outra vez : ainda não disse o que lhe

ueria pedir, e não desejo que se trate de outra cousa.

— Pois falle, minha senhora : diga o que quer.

— Peço-lhe, disse Rosa docemente e com um sorriso tão feiticeiro, que não era possível resistir a elle! peço-lhe que faça as pazes com meu tio, e que ceite a mão que elle lhe vai offerecer.

E apenas o disse, Rosa correu á Anastacio, e o rouxe para junto de Marianno :

— Meu tio, offereça a mão, e abraçe o pai do nosso migo...

Os dous velhos olharam um para o outro durante um curto momento, depois abriram os braços ao mesmo tempo, e abraçaram-se apertadamente.

Quando Marianno pôde olhar outra vez para Rosa, caindo dos olhos da moça lagrimas, que corrião misturar-se com um sorriso encantador, que se erramára em seus labios!

Apezar de tudo isto, o pai do Juca teimava ainda tanto em partir, como a filha de Mauricio teimava em não lhe pedir que ficasse.

As tres horas da tarde chegou o carro, que devia conduzir á côrte Marianno e o Juca ! o velho declarou porém, que esperaria ainda uma hora para se despedir de Mauricio, que devia vir jantar na chacara.

As quatro horas da tarde o céu corou as esperanças de Rosa : rebentou uma horrorosa tempestade, que se prolongou até as oito horas da noite!...

Marianno foi pois obrigado a deixar a sua viagem para o dia seguinte.

Mauricio não tinha podido arrostrar a tormenta, e havia deixado ficar na cidade ; o Juca passava cada vez melhor ! não houve portanto inconveniente em sair-o só no seu quarto, reunindo-se na sala os dous velhos e a moça: era a primeira vez que tal succedia !

— Como havemos passar a noite de hoje?... perguntou Anastacio.

Marianno encolheu os hombros, como homem habituado ás noites monotonas da roça.

— Infelizmente enrouqueci de repente, disse Rosa! senão cantaria um pouco para matar o tempo... poderia talvez tocar! mas... é verdade, o Sr. Marianno não joga o gamão?...

Anastacio abriu uns olhos de metter medo!...

— Eu sempre movo com as pedras, disse Marianno.

— Pois olhe, tornou Rosa, meu tio tem a presumpção de não reconhecer superior no tal jogo.

— Engana-se, minha sobrinha! sempre abaixei a cabeça aos dous reis do gamão!...

— Quaes são elles?

— Os dados, meu caro senhor.

— Olhe... nisto mesmo se está conhecendo a presumpção de meu tio... eu desejaria vê-lo batido pelo Sr. Marianno.

— Se elle quizer experimentar...

Os olhos do velho Anastacio faiscavão : Rosa mandou vir o taboleiro.

— Eu não jogo sem uma condição, disse Anastacio arranjando logo as pedras.

— Qual é ella?... perguntou Marianno.

— É que se eu falhar muito, o Sr. não ha-de dar o cavaco, ouvindo-me dizer asneiras, descompol-o, descompor-me e descompor a todos que estiverem á roda de mim.

— Vá feito!

— O Sr. Marianno não se zanga no gamão?...

— Ralho um pouco, disse o pai do Juca.

Ralho um pouco, na boca de Marianno, queria dizer: ralho muito.

Os dous velhos começaram o combate. Dentro em pouco Anastacio reconheceu que tinha de se haver com um mestre : as primeiras partidas corre-

am regulares ; mas na terceira o tio de Rosa apahou em uma **pedra**, fahou dez vezes seguidas, e erdeu um **gamão cantado** !

— O que **foi** isso, meu tio ?... perguntou Rosa.

Anastacio estava mordendo os beiços, e não respondeu.

A seguinte **partida** teve o mesmo resultado : Rosa ão pôde conter-se, e rio-se :

— Olhe que você se põe a rir, eu digo lhe das **ltimas** ! bradou-lhe o tio.

— Não se exaspere...

— Ainda em cima de me estar encaiporando, quer e divertir á minha custa ?!!

— Basta, meu tio.

Os dados estavam decididos a maltratar o pobre anastacio, que além de perder as partidas mais bem aradas, falhava a fazer pena ! Dentro em pouco tempo elle perdeu toda paciencia, e foi descompondo os dados, a si proprio, ao parceiro e á sobrinha, e cada vez perdendo mais e mais se enfezando ; pois Marianno e Rosa não se podião conter, e rião-se com as juras e extravagantes insultos que lhe dirigia o infeliz jogador.

O suor corria em bicas pelo rosto de Anastacio, que **vermelho**, furioso e sempre resmoneando, descompondo, batendo com o copo, e machucando as mãos á força de querer machucar os dados estava cada vez mais preso ao maldito jogo !

Era já meia noite, e nenhum dos dous dava parte le cansado ; mas **emfim**.. Anastacio via chegar o momento da vingança... Marianno não podia escapar de um **gamão**... seria talvez um caso novo ver-se perder **aquelle** jogo.

— Pois ainda se atreve a lançar os dados ?... perguntou Anastacio.

— Porque não ?... respondeu o outro : se eu dei-

tasse dous e az agora, e o senhor lançasse depois quinas, e me viessem logo uns azes, batia-lhe eu uma pedra, o senhor podia falhar tres ou quatro vezes, e então... bastavão-me umas senas para sahir, e o mais ficava por minha conta.

— E o senhor não acha que isso seria um desaforo, uma pouca vergonha dos dados?... não acha que se tal acontecesse, eu como homem de vergonha, devia atirar com os dados no inferno ? diga !...

— Vamos ver, disse Rosa.

Marianno lançou os dados :

— Dous e az !... bem !... bem !

Anastacio deitou quinas logo depois, e ficou petrificado ; pareceu cousa de encanto !... os azes com que calculára Marianno, acudiram-lhe immediatamente : elle bateu em uma pedra de Anastacio.

— É dos seus olhos, minha senhora !.. disse Marianno alegremente.

Anastacio olhou para a sobrinha com uma especie de furor ; e lançando os dados, falhou ; no entretanto o outro sahio com senas, e recolheu-se todo, ao mesmo tempo que o parceiro infeliz foi sempre fallhando até o fim, em que levou novo gamão cantado !

— Bravo !... exclamou Rosa.

Anastacio lançou-se furioso sobre os dados, e correndo á janella, atirou-os fóra.

— Podem chamar-me um velho sem vergonha !... podem desprezar-me... insultar-me... podem ter-me na conta de um maluco, se eu pegar uma só vez mais na minha vida em semelhantes ossos de satanaz !!!

XLV

A feiticeira.

A lembrança que Rosa tivera do gamão havia sido uma verdadeira inspiração : sem o pensar ella tinha acertado em um dos fracos do velho. Marianno era perdido, como Anastacio, pelo tal jogo; e quando encontrava um parceiro prompto para o aturar, ficava dias inteiros grudado com o tableiro, sem que mais nada lhe importasse no mundo.

Depois de ter alcançado victoria tão estrondosa sobre o seu adversario, Marianno foi deitar-se e adormeceu immediatamente, passando a mais agradável e socegada noite. Pouco antes de amanhecer acordou, como era seu costume, e não querendo incomodar os donos da casa, e vendo o filho de frente delle dormindo tranquillamente, deixou-se ficar na cama, meditando sobre os acontecimentos do dia antecedente.

Exasperado com o procedimento que com elle tivera o velho Anastacio, tinha mandado vir da cidade, para retirar-se com seu filho, um carro que levava ainda estar ahi ás suas ordens: o que lhe cumpria fazer?... ficar?... demorar-se?... é certo que lhe parecia indispensavel esperar por Mauricio para agradecer-lhe sua obsequiosa hospitalidade; nãoodia no entanto a sua demora parecer fraqueza, ou um principio de disposição para ceder á proposta de casamento que havia sido feita para seu filho?...

Marianno hesitava muito diante desta idéa : não lhe era ainda possível tolerar o pensamento de ver o filho casado ; julgava-o com effeito ainda muito criança para ser marido ; e sobre tudo o casamento se lhe figurava como um rapto que lhe querião fazer do coração do Juca.

Todavia no meio de todas essas reflexões principiava a recordar-se com prazer da imagem de Rosa. A interessante moça tinha passado quasi despercebida ou mal comprehendida por elle até o dia anterior : durante a enfermidade do Juca não podêra, não tivera tempo de reparar bem nella, e nos ultimos dias, quando já o doente não inspirava mais receio algum, Rosa nunca se chegára a Marianno senão tremendo, nunca lhe fallára senão balbuciando, de modo que o velho trabalhou em vão para fazer della um juizo que correspondesse completamente aos elogios que ouvia da boca do filho : por ultimo Anastacio o tinha indisposto com Rosa.

No entretanto a maneira nobre e talvez altiva do proceder da moça ao encontral-o na sala logo depois da sua questão com o tio, o obrigára a reconhecer que Rosa não era uma mulher commum : a declaração formal que ella fizera de que jamais seria mulher do Juca, sem que o pai viesse em pessoa pedil-a e merecêl-a, havia produzido no animo de Marianno a mais agradável impressão.

Além disso o semblante vivo e encantador de Rosa, sua voz doce e insinuante, seu espirito que transluzio durante toda a partida do gamão, tudo emfim tinha sido observado e sentido por Marianno, que já confessava muito em segredo a si proprio, que estava sympathisando com a filha de Mauricio ; e no fundo do coração achava que o Juca não merecia a mais leve censura por se haver apaixonado por ella.

Por fim de contas, e apezar deste principio de

sympathia, entendeu Marianno, que era prudente retirar-se, e que sendo prejudicial qualquer demora, podia muito bem fazer suas despedidas e dar seus **agradecimentos** a Mauricio na cidade : com estas **disposições**, apenas ouvio rumor na casa, levantou-se **para mandar** apromptar o carro.

Passando pela sala, a primeira pessoa que vio foi o velho Anastacio...jogando o gamão sósinho!

— Oh !... isto é que se chama paixão pelo taboleiro, meu caro !...

Anastacio ficou meio vexado ; mas respondeu **imediatamente** :

— Estava vendo como tinha sido possivel, que eu perdesse aquelle jogo de hontem !... não pude dormir... passei a noite em claro, lembrando-me do desfôro daquelles dados infernaes, e apenas amanheceu, vim para aqui a ver se podia repetir os mesmos pontos, e... e..

— E o que, homem ?...

— Quer ver o que é um diabo infeliz ?...

— Sim.

— Comecei a jogar eu só por ambos os lados ; succedeu, que tanto as pretas como as brancas ficassem com pedra para entrar, e eis-me aqui ha meia hora a falhar tanto por um lado, como pelo outro ! ... Que me diz a esta !...

— Quer saber uma cousa ?... o senhor ainda está muito atrazado no gamão...

— Posso ensinar-lhe todas as regras delle!! exclamou Anastacio.

— Alli é que se vê! respondeu rindo-se Marianno.

— Pois caia! gritou-lhe o outro.

— E o meu carro ?!

— Leve o demo o carro !

— Vá feito.

Os dous velhos **agarraram-se** de novo ao tabo-

leiro ; mas apenas começavão a primeira partida, quando Rosa appareceu.

— Meu tio, disse ella depois de comprimentar a ambos os jogadores, meu tio, e os juramentos de hontem ?...

— Sai-te d'aqui, caipóra, e fica sabendo que jogador não tem vergonha.

Rosa quiz sentar-se ao pé delles.

— A senhora pôde fazer-me o favor de não vir atrapalhar-me !... disse o velho Anastacio, que fahlára nesse momento pela primeira vez.

— Está bem, meu tio, eu vou trabalhar alli naquelle canto da sala.

E mandando trazer uma mesa para defronte dos dous velhos, Rosa começou provavelmente a desenhá-la, posto que repetidas vezes parecesse embebida com os olhos fitos ora em Anastacio, ora em Marianno.

O jogo agenas se interrompeu por meia hora, que se gastou á mesa almoçando : logo que acabou o almoço, foi Marianno o primeiro a correr para o gamão, e não se lembraria mais do carro, se um criado não lh'o viesse trazer á memoria.

— O boleeiro, que hontem trouxe o carro manda perguntar se se deve ir embora ou ficar.

— Que espere : respondeu o pai do Juca, e accrescentou logo vendo o ponto, que acabava de lançar — *azes o que me trazes !...*

— Traz-lhe um dardo, que o atravesse !... exclamou Anastacio ; este homem é capaz de fazer desesperar um santo !...

— Agunte-se nas pernas, parceirinho de um anjo ; que nesta viagem ferro-lhe um gamão cantado ! cinco e quatro, dou-lhe em duas !...

Anastacio lançou os dados, e conforme costumava, fahou.

— Assim, carniça! bradou elle; apanha e falha; que mais falhas tens tu no juizo!... ora já se viu um lorpa maior do que eu?! está visto; preciso de um tutor, que me dê uma grosa de bolos de cada vez, que me sentar ao gamão!...

Anastacio estava infeliz, como de ordinario, e foi perdendo e ralhando sempre até o meio-dia, em que forão de novo interrompidos pelo criado em um momento decisivo de uma partida.

— O boleeiro manda lembrar a meu senhor, que está com o carro á espera...

— Pois se não quer esperar, que se vá embora, e não me atrapalhe mais! gritou Marianno.

O criado voltou-se para sahir, e Rosa disse-lhe em meia voz:

— Vai dizer ao boleeiro, que se vá embora.

Mauricio chegou ás tres horas da tarde; mas os dous parceiros apenas se levantaram ás quatro para ir jantar.

— É verdade! disse Marianno: como estará o Juca?...

— Passa ás mil maravilhas, respondeu Mauricio.

— E o meu carro?.. o meu carro?.. perguntou olhando para o criado.

— Eu disse ao boleeiro, que o Sr. o mandava embora...

— Como?... eu mandei-o embora?... e esta! aquelle maldito jogo!...

No emtanto, apezar desse maldito, logo que sahiram da mesa Anastacio e Marianno tornaram a elle; mas se até o jantar o primeiro dos dous velhos estivera infeliz nos dados, foi depois tão formal e decidida a conspiração da sorte contra o infeliz jogador, que o seu desespero não teve mais limites: tres vezes atirou com o copo e os dados ao chão,

tres vezes levantou-se, outras tantas voltou ao jogo ; finalmente porém Anastacio vio-se tão contrariado, tão torturado em uma partida, o seu furor chegou a tal extremo, que levantando-se de repente, agarrou com ambas as mãos no taboleiro, correu carregando com elle na cabeça para o jardim, e lá depois de atirar com os dados e todas as pedras dentro do lago poz-se aos tombos, e ás pancadas com o taboleiro até fazê-lo em pedaços.

Anastacio voltou arquejando para sala, e encontrando com Marianno a rir-se, disse-lhe com os dentes cerrados, e com furia concentrada :

— É mestre, meu senhor, é mestre !

E cahiu sobre uma cadeira sob o peso da fadiga e da colera.

Emquanto Mauricio procurava socegar o irmão, Marianno chegou-se para a mesa, onde trabalhava Rosa.

— Ora, vamos a ver ; o que é que tem feito, e em que tanto tem trabalhado hoje ?

A joven estendeu o braço e entregou uma folha de papel de desenho ao velho, o qual depois de alguns momentos de attenção desatou em gargalhadas tão estrepitosas, que Mauricio e Anastacio correram a ver o que era, e logo depois começaram a rir-se ambos, como o primeiro.

Rosa, que desenhava muito soffrivelmente, occupou-se durante o dia em retratar os dous velhos a jogar o gamão.

— Bravo !... bravissimo !... exclamou Marianno, quando pôde fallar : está superior !... aqui está o nariz todo inteiro do Sr. Anastacio, e a minha cabeça de ouriço cacheiro representada ao vivo !... exactissimo !... esta cara é a mesma do Sr. Anastacio quando falha !...

— E a sua ?... perguntou-lhe o outro.

— Que duvida ! é exactamente a cara que eu devia ter, quando lhe dava n'alguma pedra !

— O diabo do homem sempre se suppõe de cima !... bradou Anastacio.

Marianno estava entusiasmado com o desenho de Rosa, e sem saber o que fazia, correu com elle para mostral-o ao Juca. Quando voltou á sala, dirigindo-se á moça, disse :

— A senhora dá-me esta pintura ?...

— Com muito prazer.

— Obrigado : vou mandal-a pôr n'um quadro para me lembrar, primeiro da senhora, e depois da sova que dei no Sr. Anastacio.

Era já noite : acenderam-se as velas, e Rosa sentou-se ao piano e começou a tocar.

A filha de Mauricio não tocava para se fazer admirar, tocava para se sentir. Sentada ao piano, cada tecla, obedecendo ao toque de seus dedos, exprimia uma idéa e fallava ao coração ; ninguem a escutava que se não dobrasse á influencia do pensamento da musica que executava ; e ella nunca tocava peça alguma, sem que primeiro a tivesse comprehendido perfeitamente.

Desde que ouviu as primeiras harmonias que se escapavão docemente por entre os leves dedos côr de rosa da encantadora moça, Marianno ficou como que suspenso entre o céu e a terra ; levado de sensação em sensação, de surpresa em surpresa, de extase em extase, já Rosa tinha concluido e deixado o piano, e ainda o velho mudo, immovel e extatico, parecia estar bebendo os ultimos acordes espalhados pela sala.

— Então, que lhe parece ?... perguntou Mauricio orgulhoso de sua filha.

— É um prodigio !... balbuciou o velho.

Rosa tocou ainda diversas musicas, que ella soube

com arte escolher, produzindo sempre o mesmo, ou dobrado effeito.

Marianno não tirava mais os olhos da encantadora moça : quer ella tocasse, quer não, elle a estava contemplando sempre absorto, e preso por um encanto inexplicavel.

Logo depois de servido o chá, Mauricio convidou sua filha para cantar.

— Eurouqueci hontem com a chuva, meu pai, respondeu ella, e hoje não me acho ainda boa; receio que me falte a voz.

— Não faz mal; o nosso amigo te perdoará; não é assim, Sr. Marianno ?...

— Perdoar-lhe eu ?.. disse o velho atrapalhando-se todo; o que é que eu hei-de perdoar ?...

Rosa não se fez rogar, e tornou ao seu querido piano : d'ahi a pouco principiou a cantar.

A voz da filha de Mauricio era doce e melancolica ás vezes, e ás vezes vibrante e arrebatadora, conforme a natureza de seu canto. Se ainda ha pouco ouvindo-atocar, Marianno ficára suspenso e absorto, agora, escutando aquelle fallar do coração, aquelle conversar de anjos que se escapava do seio da donzela, não soube mais de si, e com todo o seu ser absorvido em harmonias, com os labios entreabertos e os olhos perdidos nos labios de Rosa, parecia temeroso de perder uma só nota, um suspiro só daquelles que em seu cantar de feiticeira vertia a encantadora moça.

Quando o canto acabou, Marianno foi despertado, arrancado de seu extase por uma exclamação de Mauricio.

— Oh !... Sr. Juca !...

O velho voltou os olhos e deu com o filho em pé na porta da sala ; em vez de reprehendê-lo, disse-lhe :

— Anda, José, vem sentar-te aqui ao pé de mim... isto cura a gente.

Rosa estava bemdizendo a seu pai, que lhe tinha mandado ensinar a musica.

— Meu pai, disse o Juca em voz baixa ; eu estou bom... e vossa mercê nunca me ouviu cantar....

— Pois tu és capaz, José?... tu?...

— Dá licença, meu pai?...

— Não ; depois della não ; talvez me fizesse mal....

— Pedir-lhe-hei para cantar comigo...

— Tu?... mas se te fosse nocivo...

— Juro-lhe que antes me fará bem...

— Está bom.. vai.. vai... já agora eu quero ver e ouvir tudo.

O Juca foi ter com Rosa, e d'ahi ha pouco estavam ambos junto do piano.

Era outra vez o dueto de Torquato. Elles cantaram, como o podem cantar dous amantes, que apaixonadamente se idolatram, e que se vêm em uma hora solemne e decisiva para o seu amor.

O que se passou durante esse canto no coração de Marianno, ninguem poderia explicar : quando a Rosa e o Juca deixaram o piano, elle estava chorando ; mas contendo o pranto de pressa correu a abraçar o filho, e depois de hesitar alguns momentos, abriu os braços, e foi apertar contra o seu peito a filha de Mauricio.

— Não posso mais, disse elle emfim ; isto é capaz de me fazer mal... basta... eu quero descansar... quero dormir.

Tambem já não era cedo, e todos se recolheram.

Ninguem por certo deixará de prever que naquella noite duas pessoas não dormiram : Juca, que tudo esperava, porque conhecia seu pai ; e Rosa, que se

lava os parabens pelos triumphos que havia alcançado; mas que todavia hesitava ainda entre a esperança e a duvida.

No entretanto não foram os dous jovens os unicos, que passaram a noite em claro. Marianno não pôde dormir um só instante : a imagem de Rosa com todas as suas prendas, com todos os seus encantos estava sem cessar presente á sua imaginação.

Apenas rompeu o dia, o velho vendo que o filho estava acordado, chamou-o, e disse :

— José, convém que se realize o teu casamento.

— Eu penso do mesmo modo, senhor.

— Olha, que esta moça é por força feiticeira, continuou o velho; e se tu te não casas com ella, não sei, o que será de mim... sou capaz de me apaixonar tambem !...

— Em tal caso, meu pai, creio que o mais acertado é tratar de me casar quanto antes !...

XLVI

O castigo do máo.

Os relogios dos templos acabavão de dar o signal das oito horas aos habitantes da cidade do Rio de Janeiro.

André, o velhousurario, estava só em sua immunda saleta como uma fera recolhida ao seu covil : a porta da rua tinha sido trancada desde o anoitecer, e o miseravel millionario sentado em sua cadeira de páo, com os cotovellos apoiados sobre a mesa, e a

cabeça pousada entre as mãos, meditava sobre os meios de triplicar a enorme fortuna que já possuía.

Uma fina vela de sebo presa em um velho castiçal de latão todo azinhavrado ardia diante d'elle : entre os seus calculos entrava sempre o dote de Irene, como um dado essencial. André contava como certa a realisação do seu casamento.

Oito dias se haviam passado depois das suas explicações com Irene : desde então elle não deixava de ir vê-la todas as tardes e em todas as tardes voltava o avarento da casa da prima para o feio casebre com o seio arfando de esperanças e de ambição.

Nesses oito dias porém Irene pozera a provas a docilidade e condescendencia do primo : uma vez exigira d'elle as suas contas, outra lhe pedira minuciosas explicações a respeito de todas as circumstancias, e estado em que se achava a sua fortuna e por ultimo, na manhã desse dia, lhe mandára pedir os seus papeis, e todas as clarezas e cadernetas de apolices.

André conhecia que naquellas exigencias entrava seu irmão Daniel, como conselheiro ; mas não podendo deixar de condescender com Irene, receiando desagradar-lhe por qualquer modo, e completamente illudido pelas promessas, e pelos juramentos da prima, foi, bem que a pezar seu, obedecendo a todas as ordens, que ella lhe transmittia.

No entretanto o coração do usurario se havia horriavelmente contrahido, quando fôra entregár as apolices, clarezas, e mais papeis a Irene ; e pedindo-lhe ella, que os fosse buscar na manhã do dia seguinte, estava André a contar as horas, ancioso por ver passar aquella noite.

Pouco depois das oito horas levantou-se, pegou no castiçal, e abrindo a porta do gabinete que lhe ficava á mão direita, entrou e foi parar diante de um

grande e velho cofre de madeira cercado de chapas de ferro. Esteve ahi muito tempo em pé contemplando aquelle cofre, que era para elle uma arca sagrada ; depois puxou uma banquinha, que estava perto, sentou-se, e abrindo as tres fechaduras, que cerravão o cofre, levantou-lhe a tampa.

Com um olhar magnetico e scintillante, com as mãos tremulas e a respiração anciada, o avarento foi tirando pouco a pouco de dentro daquella caixa tremenda, tão cheia de riquezas e de lagrimas, um numero prodigioso de pequenos embrulhos de moedas de ouro e uma quantidade enorme de letras e de escripturas. O velho usurario possuido de não sei que prazer infernal, que lhe rebentava dos olhos em chammas e dos labios em convulsivo sorrir, contou repetidas vezes, uma por uma, todas aquellas letras e escripturas ! no meio porém de sua ultima conta suspendeu-se ao ver, que a vela lançava, como em um soluço mortal, os derradeiros e intermitentes clarões : então ergueu-se, e indo buscar outra vela, acendeu a e deitou-a no castiçal, esmagando o pavio da que se acabára de extinguir : em sua ancia de contemplar de novo as riquezas que contava, o miseravel usurario nem reparou, nem sentiu, que queimára os dedos no castiçal que estava muito quente.

Mas apenas se ia outra vez assentando, André suspendeu-se ouvindo bater desesperadamente em sua porta : escutou por alguns instantes... as pancadas se repetião com dobrada força...

O usurario sahiu, pé por pé, do gabinete, cuja porta fechou, guardando a chave no bolso : e no escuro, pois tinha deixado a luz no gabinete, foi indo ás apalpadellas até a porta da rua, e poz-se a espreitar pelo buraco da chave.

A pessoa que batia mostrava estar no mais aper-

tado transe ; cansada de bater inutilmente, começou a gritar :

— Senhor André !... Senhor André !...

O usurario reconheceu a voz de Faustino.

— Quem está ahi ?... perguntou.

— Abra !... abra depressa !...

— Então o que ha ?...

— Uma desgraça horrorosa... abra...

— Mas o que aconteceu ?...

— Sua prima vai casar-se...

André, apenas ouviu o que acabava de dizer Faustino, deu volta á chave, e de um pulo achou-se em frente d'elle na rua.

— O que diz ? ! perguntou agarrando-o com ambas as mãos.

— Sua prima vai cassar-se... já... nesta mesma noite...

— É mentira !... e com quem ?...

— Com seu irmão Daniel.

Um grito horroroso, como o ultimo bramido do tigre mortalmente ferido, escapou do seio do usurario, que sem mais reflectir trancando a porta por fóra, e tirando a chave, deitou a correr para casa de Irene.

Faustino apenas podia acompanhar o velho, que arquejando e gemendo lhe levava comtudo sempre a dianteira: chegados á porta da casa da viuva, encontraram um escravo.

— Minha prima ?... bradou André.

— Sahio, meu senhor.

— Para onde foi ?...

-- Para a igreja.

— Que igreja ?...

O escravo acabava de satisfazer á ultima pergunta do usurario, e já elle corria outra vez para o templo, que tinha sido designado.

Apezar de toda a sua presteza, André e Faustino

chegaram tarde: o casamento se havia celebrado, e Daniel e Irene já tinham tornado para casa.

Ouvindo semelhante noticia, o misero publicista desanimou, e deixou-se cahir sentado na porta da igreja.

No entretanto o avarento só, sem chapéo, e quasi descalço voltava apressadamente para casa de Irene: sem tomar folego, sem descansar, e sem ao menos se fazer annunciar, subio com precipitação a escada, e entrando de repente na sala, parou e ficou extatico diante do que via.

Irene, estava vestida como quem tinha acabado de se casar, e Daniel tendo ao pé de si dous lindos meninos, apresentava uma penna e um papel á sua mulher: diversas pessoas elegantemente vestidas testemunhavam a scena.

— Quem está ahí?... perguntou Daniel.

A voz rebentou da garganta de André:

— Estão me roubando!... gritou elle.

— Não, disse o homem honrado; minha mulher e eu estamos apenas assignando um acto solemne, pelo qual adoptamos e reconhecemos por nossos filhos estas duas crianças.

André sentio-se como suffocado, a cabeça começou a andar-lhe á roda e ia de certo cahir por terra, se por acaso um outro acontecimento não lhe viesse dar novas forças.

Os sinos das igrejas começaram a dar signal de incendio.

Escutando aquelle dobre terrivel, o usurario tornou a si, e desprendendo um novo grito tão horroso, como o que soltára quando Faustino lhe dêra a noticia do casamento de Irene, precipitou-se pela escada abaixo, e foi correndo pela rua.

O coração do avarento havia adivinhado; a casa, que ardia, era a delle.

Sahindo do gabinete ao ouvir as pancadas que

lhe batião na porta, André não reparou que o castiçal, quente como estava, começára a derreter a pobre vela de sebo, que tinha acabado de accender. Succedeu o que era de prever : a vela tombou, os papeis arderam, o fogo passou para o soalho velho e podre do gabinete ; e logo depois começou a devorar a casa toda com rapidez espantosa.

Quando o usurario voltou á esquina da sua rua, e vio a casa em chammas, perdeu completamente a razão ; arrojou-se contra os soldados, que já cercavão a rua, e bradando — soccorro !... soccorro !... abriu caminho por entre elles, e como um louco furioso, foi atirar-se ao fogo, pretendendo entrar no velho casebre já completamente incendiado

Uma nuvem de fumo e um borbotão de flammas que prorompeu, como a lava de um vulcão pela porta da casa, fez recuar o misero avarento... tres vezes elle tentou de novo entrar para salvar o seu cofre, aliás já ha muito consumido, tres vezes o fogo e a fumaça o empurraram para traz... e o desgraçado ousava ainda avançar... quando vio o telhado abater com um estrondo medonho...

André não pôde gritar !... abriu a boca... levantou os braços, e cahio no meio da rua sem sentidos.

CONCLUSÃO

Noticias da Pacotilha.

Era uma segunda feira de tarde.

O commendador Sancho um pouco triste e abatido em consequencia do casamento de Irene, que tres dias antes tinha tido lugar, estava sentado junto de uma das janellas de sua casa, e procurava distrahir-se, ora observando o que na rua se passava, ora lendo um jornal que tinha nas mãos.

O que o commendador lia era a celebre *Pacotilha*, que então publicava o *Correio Mercantil* nas segundas feiras.

De repente o pobre Sancho deixou cahir o periodico e exclamou :

— Coitados !... em tal caso fui eu o menos infeliz dos tres pretendentes logrados... ao menos valha-me essa consolação.

E apanhando o jornal, tornou a ler em meia voz e pausadamente as seguintes noticias dadas ao publico pela *Pacotilha* desse dia.

« Duas tristes celebridades muito conhecidas no
« Rio de Janeiro acabam subitamente de desaparecer da scena.

« A primeira é o velho usurario André : esse homem notavel por sua avareza proverbial, endou-
« deceu de repente vendo o terrivel incendio, que
« em duas horas devorou a sua casa, e a enorme
« fortuna que nella guardava ; e hontem á tarde foi
« recolhido á casa dos alienados.

« A segunda, e não menos triste celebridade, é

« aquelle moço de nome Faustino, que em certa
« época escreveu na côrte tres jornaes a um tempo,
« dando a cada um delles uma côr politica absolu-
« tamente opposta á dos outros : esse publicista de
« nova especie reconhecendo que já não podia fazer
« fortuna no Rio de Janeiro, tomou a resolução de
« partir, e definitivamente sahio hontem no vapor
« americano *Mississipi* para *California*.

— O Faustino para California!.. disse o commendador admirado!..

E ia talvez continuar na sua leitura, quando o ruído de algumas carruagens chamou a sua attenção para a rua.

O commendador Sancho levantou-se, olhou, e quasi que tornou a cahir na cadeira desmaiado.

A carruagem que vinha adiante, conduzia a Rosa e o Juca : a moça trazia na cabeça um véo e uma corôa de noiva, e estava radiante e bella como um anjo ; no rosto do Juca resplandecia o amor e a felicidade.

As outras carruagens levavão os pais dos noivos e as testemunhas do casamento.

— Casados!.. exclamou o pobre Sancho quando pôde fallar : eil-a emfim tambem casada, e eu esquecido no isolamento do celibato!..

E depois, sahindo da janella, foi-se para dentro murmurando :

— Eis a dona Rosinha tambem casada!.. é a trigesima sexta noiva, que me escapa!.. mas o diabo me leve, se me escapar a trigesima setima!..

FIM DO ROMANCE

